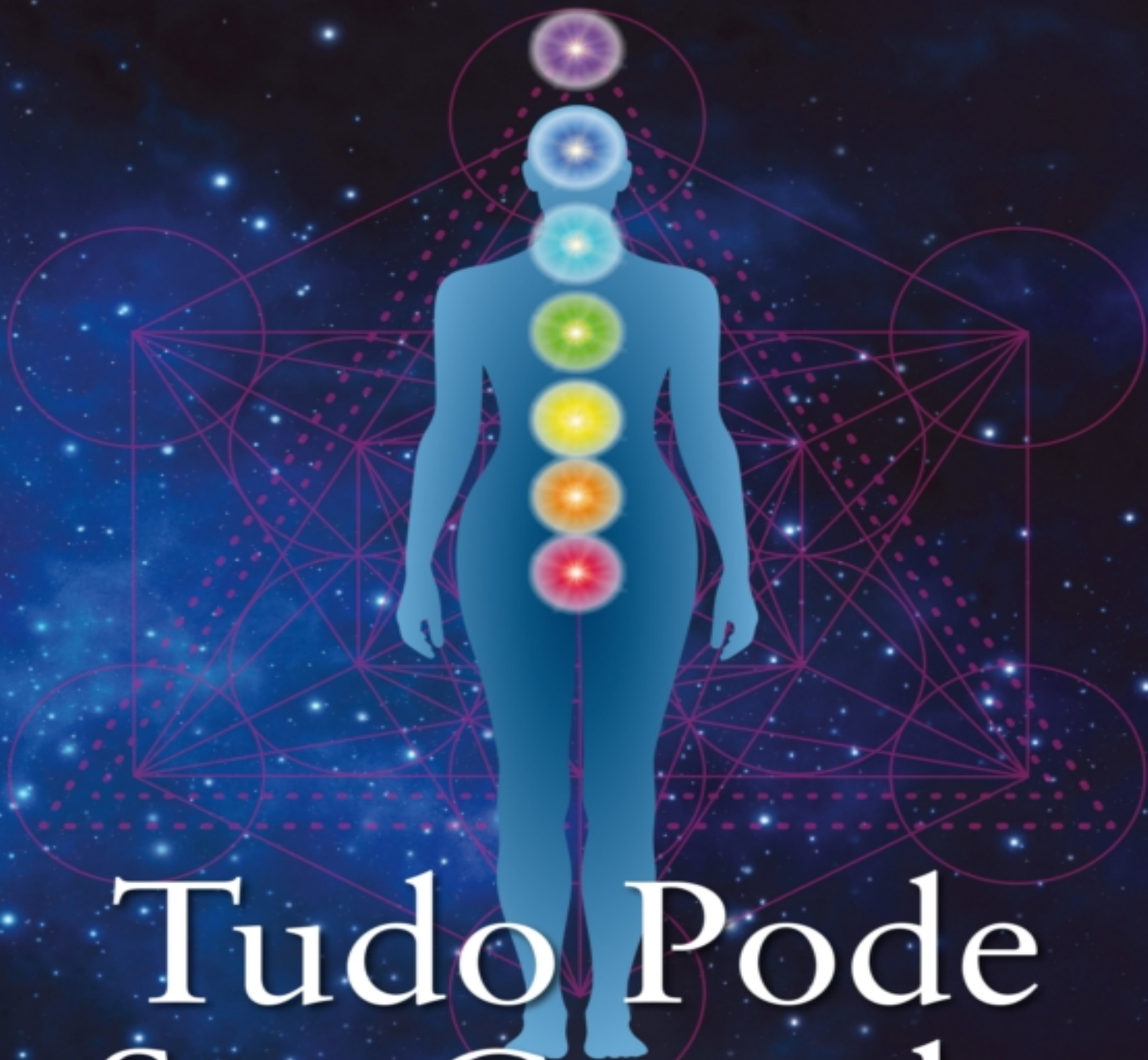


SIR MARTIN BROFMAN



Tudo Pode Ser Curado



APRENDA A USAR
O SISTEMA DO CORPO ESPELHO

Ficha Técnica

Título original: Anything Can Be Healed

Título: Tudo Pode Ser Curado

Autor: Martin Brofman

Traduzido do inglês por José de Freitas Cruz

Revisão: Emília Liliana Silva / Eda Lyra

Ilustrações: Nathalie Hughet

Capa: Maria Manuel Lacerda

ISBN: 9789892340487

LUA DE PAPEL

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2003, Martin Brofman

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

luadepapel@leya.pt

<http://editorialuadepapel.blogs.sapo.pt>

www.leya.pt

Sir Martin Brofman
TUDO PODE SER CURADO
Anything Can Be Healed
Traduzido do inglês por
José de Freitas Cruz

*Ao meu Espírito, que se voluntariou para esta tarefa e continua a
guiar-me no seu incessante brotar e dar fruto.*

TUDO PODE SER CURADO

Prefácio

Antes de 1975 eu não acreditava em nenhuma das ideias contidas neste livro. Foi unicamente o facto de me ter sido diagnosticado um tumor em estado terminal na espinal medula e de me restar, apenas, um ou dois meses de vida que me levou a pesquisar o relacionamento entre a minha consciência e o meu corpo tendo em vista poder curar-me.

Tomei, na altura, a decisão de trabalhar sobre mim mesmo, recorrendo a técnicas de relaxação, de visualização, de pensamento positivo, bem como a meditações e afirmações que me tinham sido ensinadas através de um programa chamado «Método Silva». Durante esse período, motivado pela necessidade de me curar, fiz várias pesquisas no domínio das religiões do Oriente e das filosofias esotéricas, bem como no campo da psicologia ocidental, numa busca a todos os níveis por aquilo que me oferecesse alguma informação que pudesse utilizar para salvar a minha vida.

Após dois meses de trabalho sobre mim mesmo, fui recompensado pelo meu esforço quando ouvi, por fim, os médicos afirmarem: «devemo-nos ter enganado». Já não tinha um tumor nem quaisquer sintomas.

Uma vez consumada a minha cura, comecei então a ensinar a outros as ferramentas de autocura, que eu tinha utilizado, e a partilhar o conhecimento intuitivo que tinha adquirido durante o meu processo individual.

Algumas das pessoas que vinham ter comigo pediam-me que as curasse. No início senti alguma relutância, dado que pensava que cada um de nós possui já o poder e a capacidade de se curar a si próprio. No entanto, certas pessoas sentiam alguma dificuldade em aceitar esse facto, ou então não sabiam como gerar por elas mesmas o grau de clareza e de objectividade necessário para encarar o processo. Acreditavam mais na minha capacidade em curá-las do que na sua habilidade para se curarem a si próprias. Por mais que eu insistisse com elas que o podiam fazer, elas agarravam-se à sua percepção de que deveria ser eu a fazê-lo por elas. Quando eu recusava, elas partiam sem estar curadas e eu não me sentia bem com essa situação.

Pensei que, se tivesse de reescrever o guião dessa cena, poderia fazer melhor, visualizando, porventura, um final no qual estariam curados quando se afastassem de mim e, por essa razão, acedi a tomar parte nos seus processos no papel de curador.

À medida que ia trabalhando com um número crescente de pessoas, podia ver cada vez mais a relação que existia entre aquilo que se passava nos seus corpos e aquilo que estava a acontecer nas suas consciências.

Aos poucos emergiu um modelo que aparentava conter todas as ideias que eu tinha explorado e que reflectia, igualmente, tanto as minhas experiências pessoais, como tudo aquilo que eu tinha visto nas curas em que participara. Esse modelo desenvolveu-se no sistema de cura a que resolvi dar o nome de Sistema do Corpo Espelho e que pretendia representar a ideia de que o corpo de uma pessoa é um espelho da sua vida.

Para aquelas pessoas que precisam de ser curadas de algo, as partes do corpo que não funcionam convenientemente reflectem os aspectos das suas vidas que não funcionam de maneira adequada, ou seja, os aspectos das suas vidas em relação aos quais existe alguma tensão ou *stress* ao nível da consciência. O *stress* relacionado com algum aspecto particular da vida da pessoa e acumulado na sua consciência é armazenado a nível físico sob a forma de uma tensão numa parte específica do seu corpo.

Desta maneira, o corpo pode ser encarado como um mapa da consciência. O processo de cura implica o libertar das tensões, não apenas do corpo, mas também da consciência, e o regresso ao nosso estado natural de equilíbrio.

Desde que existe, enquanto conceito, a cura tem sido, na maioria das vezes, mal-entendida e encarada com suspeição e com temor. A sociedade sempre considerou este processo como algo de extraordinário e de misterioso, acessível apenas a xamãs, curandeiros e pessoas dotadas de dons especiais ou possuindo uma linha directa com Deus ou uma qualquer outra condição não associada, em circunstâncias normais, ao comum dos mortais. Mas, em boa verdade, todos nós possuímos esses dons e todos somos curadores.

O objectivo do presente livro consiste em apresentar-vos a cura como sendo uma tecnologia da consciência, um conjunto de ferramentas acessíveis a toda e qualquer pessoa que deseje aprender o processo. Consiste num manual técnico do processo de cura que combina conceitos que se podem encontrar nas tradições do Oriente com os da psicologia ocidental. Aqueles leitores mais familiarizados com as filosofias esotéricas poderão encontrar uma clarificação dos conceitos que já

conhecem, enquanto aqueles que não possuem ainda quaisquer bases nestas matérias descobrirão ideias e técnicas apresentadas com uma simplicidade tal que lhes será fácil entender os conceitos e pô-los em prática.

Este livro encerra as ideias, os princípios e as filosofias que formam a base do Sistema do Corpo Espelho de Cura e do Conhecimento de Si Próprio. Possa ele vir a ser um auxílio para o conhecimento de si mesmo e para que venha a saber como curar-se a si e aos outros.

Não existe doença alguma da qual alguém, algures, não tenha ainda sido curado.

Aquilo que uma pessoa pode fazer, qualquer outra o pode fazer também.
Tudo pode ser curado.

Introdução

Tudo começa na sua consciência.

Tudo aquilo que acontece na sua vida e tudo aquilo que acontece no seu corpo tem a sua gênese em algo que acontece na sua própria consciência.

À medida que diferentes condições lhe são apresentadas no decorrer da sua vida, você opta por reagir a elas de um modo particular. Você toma as decisões. Você escolhe aquilo que quer sentir, aquilo que quer pensar e aquilo que pretende fazer. Ou então, você opta por não tomar qualquer decisão. Mas isso é também uma decisão sua. Este processo não é algo que comece apenas numa certa idade. Ele é sempre verdadeiro e sempre foi verdadeiro. Enquanto consciência, enquanto espírito, você tem estado a fazê-lo muito antes de ter encarnado neste seu corpo físico, ao longo de toda a sua infância e adolescência, e continuará a fazê-lo no decorrer de toda a sua vida de adulto e inclusivamente após deixar este seu veículo biológico humano.

Quando reage às condições de maneira ideal, permanece em equilíbrio e o processo continua. Quando, pelo contrário, reage de uma forma que resulta numa tensão ou no desenvolvimento de um sintoma físico, isso querará dizer que algo não foi bem-sucedido ou não tem estado a funcionar bem para si. Existe algo que não está em equilíbrio.

O estado natural da sua consciência é de equilíbrio. A cura consiste no regresso ao seu estado natural de equilíbrio e de integridade. Foi ensinado, pela sociedade em que vivemos, a orientar-se no sentido de acreditar que as causas de doença ou de lesão se encontram no exterior. Enquanto no plano físico isso é inquestionável, também é verdade, porém, que isso apenas acontece quando as condições na sua consciência o permitem.

Se persistir em orientar-se no sentido de procurar curas e medicamentos exteriores, terá tendência para não ver as condições na sua vida e as tensões na sua consciência que estão relacionadas e que, de facto, criam os sintomas ao nível físico. Nesse caso terá uma ideia de si próprio como sendo a vítima do seu meio envolvente. Terá igualmente tendência para não clarificar as tensões na sua consciência que se erguem entre si e a sua saúde e a felicidade que tanto procura.

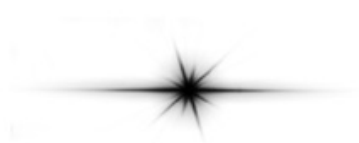
Caso opte por fazer alguma coisa a respeito dos sintomas, de um modo que seja diferente das tradicionais abordagens modernas, poderá fazê-lo ao orientar-se, de novo, no sentido da percepção de que tudo começa na sua

consciência. Desse modo, assume igualmente a responsabilidade por tudo aquilo que acontece no seu corpo e na sua vida, e por tudo aquilo que você introduz ou permite que entre na sua consciência. Será, então, capaz de se lembrar em que medida é que cria a sua realidade. Poderá igualmente lembrar a si próprio as suas ilimitadas habilidades naturais bem como das ferramentas interiores naturais que desde sempre possuiu para a cura, e como fazer uso delas. Poderá lembrar-se, por fim, de que tem a possibilidade de optar por reagir ao seu meio envolvente de uma maneira diferente – de uma maneira que resulte melhor para si.

O presente livro pretende ser a memória das conexões entre a sua consciência e o seu corpo. Serve simultaneamente de manual de usuário em relação a todo aquele equipamento que você possui desde o dia em que veio ao mundo, bem como para todas as ferramentas que lhe são auxiliares e que estão sempre à sua disposição e à disposição de todos nós.

Todos somos curadores e algures, no mais profundo do nosso Ser, sabemos que *tudo pode ser curado*.

PRIMEIRA PARTE



Orientação

Curadores e Cura

Definimos a cura como sendo o «regresso à experiência de equilíbrio (harmonia) e de saúde». Uma pessoa que cura outra está a ajudá-la a regressar à experiência da saúde. Uma pessoa que se cura a si própria ou que está empenhada na autocura, leva-se a si própria a reviver a experiência da saúde.

A palavra «cura» é usada para descrever o processo que tem como intenção o regresso do sujeito, daquela pessoa que recebe a cura, ao estado de saúde. É também o nome que atribuímos ao resultado final quando o processo é bem-sucedido. Afirmamos então que a pessoa recebeu uma cura.

O grau de sucesso de uma cura pode ser parcial ou total. Quando o sucesso é parcial, a pessoa apenas faz a experiência de uma parte da melhoria. Afirmamos, então, que ela fez a experiência de uma cura com resultados parciais (até esse momento). Quando os efeitos são totais, afirmamos que a pessoa foi curada, e que está curada.

Um «curador» é alguém que participa no processo de cura, com a intenção de ajudar o sujeito a regressar à experiência da saúde. Utilizamos igualmente o mesmo termo para descrever alguém que tenha sido bem-sucedido no passado no exercício desse papel. Dado que apenas curadores podem curar, alguém que tenha já feito uma cura com sucesso no passado é por força da razão um curador.

Aquilo que pretendemos dizer com isto é que aquelas pessoas a quem damos o nome de curadores *têm a habilidade* de ser bem-sucedidas neste processo. Acreditamos que todas as pessoas nascem com esta habilidade, e que apenas necessitam de aprender a utilizar essas ferramentas que já possuem. Com base nestas ideias acreditamos, portanto, que somos todos curadores, latentes ou já realizados.

Tal como acontece com a medicina, os resultados de curas não podem ser garantidos. Contudo, quando o processo é bem-sucedido, isso acontece apenas porque uma certa combinação de condições, susceptível de quantificação, se verificou. Estas incluem o grau de mestria do curador no manuseamento das ferramentas de que dispõe; o grau de receptividade por parte da pessoa necessitada ao processo de mudança que forçosamente acompanha a cura; bem como a dinâmica da interacção entre o curador e o

curado.

É certo que existem variadíssimos níveis de cura possíveis, nomeadamente a física, a mental, a emocional e a espiritual, e existem igualmente muitas categorias de curadores.

Alguns curadores trabalham com a energia vinda de Deus e sentem que são apenas canais para que o trabalho de Deus possa operar. Há outros que trabalham na cura com um maior sentido de envolvimento pessoal, sentindo que são eles que estão a fazer alguma coisa, podendo inclusivamente dar-se o caso de nem sequer acreditarem em Deus. Em ambas as situações, porém, existem pessoas que estão a ser curadas.

Não há razão alguma para que alguém continue a sofrer se existe uma maneira de o poder aliviar, que se manifesta sob a forma de um gesto humanitário oferecido gratuitamente por alguém que professe um credo diferente do nosso, mas que possua as ferramentas e habilidades apropriadas.

Alguns curadores trabalham com a ideia de preservar a pureza do veículo através do qual deverá passar a energia de cura, a saber, os seus corpos, e outros trabalham com a ideia de que o amor que cura é puro, independentemente dos requisitos energéticos individuais ou do estado do veículo a que chamam corpo.

Há curadores que comem carne, enquanto outros são vegetarianos. Existem técnicas xamânicas que envolvem a utilização de drogas, enquanto outros curadores evitam utilizá-las. Há curadores que recorrem a substâncias tais como ervas e medicamentos de natureza diversa, enquanto outros trabalham apenas com o poder da consciência. Há curadores que proporcionam óptima companhia e outros que é preferível amar à distância.

Aquilo que todos têm em comum é a capacidade de poderem ajudar outros seres a regressar à experiência da integridade. Todos eles são capazes de prestar um serviço à comunidade na qual estão inseridos na medida em que beneficiam os membros dessa comunidade.

Ao tomar tudo isto em conta deve-se, contudo, frisar que de forma alguma deverá alterar a sua maneira de ser para ingressar na comunidade de curadores. A primeira regra continua a ser permanecer fiel a si próprio e fazer aquilo que melhor funciona para si, mesmo que o faça de maneira diferente de todos os que o rodeiam.

Pouco importa os seus hábitos pessoais, as suas preferências alimentares, os seus hábitos sexuais ou as suas qualidades sociais. A sua utilidade para a comunidade consiste na sua habilidade em curar os outros. Quando é bem-sucedido nessa tarefa, você é um curador e nada nem ninguém jamais lhe poderá tirar isso por mais limitadoras que sejam as ideias de quem o pretenda fazer.

Quando exerce a sua função de curador passa a pertencer a uma comunidade de curadores que abrange todos os sectores da nossa população e que se adapta ao meio em que opera. Podemos encontrar curadores em todos os níveis da sociedade onde se verifique a necessidade de uma cura e, até ao momento, não há um único sector da nossa sociedade que esteja isento. Por vezes, mesmo os curadores necessitam de ser curados.

Existem curadores a trabalhar na comunidade científica e outros no seio da comunidade espiritual. Existem curadores na instituição militar e outros no campo da política. Há curadores inseridos nos estratos mais respeitados da sociedade e nos círculos socialmente aceites e há também aqueles que funcionam no seio das várias subculturas e contraculturas. Há os que são membros de clubes de motociclismo, há *punks*, prostitutas e membros das comunidades de toxicodependentes que são igualmente curadores.

A aptidão para usar com eficácia um determinado conjunto de ferramentas para curar uma pessoa não nos torna inerentemente mais poderosos ou melhores do que os outros, da mesma forma que a faculdade da leitura não nos torna mais poderosos ou melhores pessoas do que outros. Ambas são aptidões que qualquer pessoa pode aprender e que são, aliás, ensinadas a crianças. Ora como é possível que alguém se vanglorie de ser capaz de utilizar ferramentas que uma criança de seis anos também consegue aprender a usar?

É verdade que alguns curadores atingiram os seus objectivos pessoais à custa da superstição e da ignorância de quantos os rodeavam. Porém, essa situação vai-se tornando cada vez mais rara à medida que mais e mais pessoas vão descobrindo como a habilidade para utilizar essas ferramentas de cura, tais como as que apresentamos no presente livro, é fácil e acessível, como irá descobrir o leitor.

Não se trata tanto de uma questão de saber se a cura funciona, mas antes

de saber *como* é que funciona. Este livro pretende explicar a forma como funciona a cura.

Qualquer pessoa pode fazer uso destas ferramentas. Qualquer pessoa pode curar.

Tudo pode ser curado.

Realidades Alternativas

Para começar, temos de nos livrar da ideia de que há, apenas, uma única maneira de funcionamento das coisas, de que há, apenas, uma única «realidade». Iremos explorar aqui a ideia de que existem realidades alternativas nas quais as coisas acontecem de maneiras diferentes.

Somos, cada um de nós, uma consciência no interior de um corpo. Cada um decide aquilo que pensa e aquilo que sente. Somos nós que escolhemos as nossas percepções e as nossas percepções criam a nossa realidade.

As nossas percepções são a forma subjectiva como nós interpretamos toda a informação que entra na nossa consciência vinda do mundo que nos rodeia. É, de certa forma, como se houvesse uma bolha à volta de cada um de nós. Parte da informação que atravessa a bolha é filtrada até atingir a superfície e apresentada à nossa atenção consciente, para ser notada, enquanto a restante informação não é registada de forma consciente, mas viaja, apesar de tudo, através da bolha, sendo armazenada a níveis mais profundos da nossa consciência.

A bolha que serve de filtro às nossas percepções é colorida pelas nossas ideias, pelas nossas convicções, pelos nossos desejos e sentimentos, de forma que pessoas com bolhas diferentes e que olhem para uma mesma coisa podem ter percepções diferentes daquilo que estão a observar.

Uma pessoa que esteja numa bolha vermelha, por exemplo, irá ter uma visão do mundo como sendo vermelho, enquanto uma pessoa que se encontre numa bolha azul irá, com toda a certeza, vê-lo como sendo azul, e podemos ter uma ideia do diálogo que os dois teriam ao discutir a cor do mundo.

De um determinado ponto de vista, cada um deles terá razão acerca daquilo que relata, e todas as suas percepções confirmam a sua verdade.

De um outro ponto de vista, porém, podemos afirmar que talvez nenhuma das duas percepções representa a realidade objectiva. Talvez o mundo não seja vermelho nem azul. Tudo o que podemos dizer, com toda a certeza, é que uma pessoa vê o mundo vermelho e que outra o vê azul e, dessa maneira, ficamos a conhecer a natureza de cada uma das bolhas que os envolve e de cada um dos filtros. É desta forma que passamos a ter uma base para a comunicação e para uma troca de impressões.

Embora cada um de nós possa presenciar os mesmos acontecimentos no mundo exterior, as nossas bolhas respectivas tingem a nossa interpretação desses acontecimentos. Ao tomarmos nota da interpretação que fazemos das coisas podemos ter uma ideia da natureza das nossas convicções pessoais e das nossas percepções, dado que são elas que «dão cor» às nossas bolhas. Se alguém acredita que a competição e a conflituosidade são valores universais deparar-se-á apenas com esse tipo de situações, enquanto ao seu lado outra pessoa poderá ver o mundo povoado de pessoas motivadas pelo amor, exprimindo-o, e reagindo por vezes à percepção de que ele não existe.

É fácil, então, apercebermo-nos da forma como as nossas percepções nos podem predispor não apenas a agir de forma a participarmos activamente no cenário aparente do qual temos a percepção, mas também a criá-lo realmente e a perpetuá-lo. Uma pessoa que esteja insegura em relação à pessoa amada, por exemplo, poderá inclusivamente chegar a levar a pessoa amada a afastar-se em virtude das suas inseguranças, justificando desse modo as suas percepções e obtendo provas concretas de que afinal tinha razão, mas tendo ao mesmo tempo criado inicialmente todo o cenário.

Conta-se uma história de um homem que se viu forçado a parar numa remota comunidade agrícola, não longe de uma herdade, quando o carro em que seguia teve um furo. O homem pensou, então: «Há ali uma herdade. Terão lá com certeza ferramentas que poderei utilizar para remendar o pneu.»

Enquanto caminhava na direcção da herdade, pensou: «Será para mim realmente uma grande ajuda se puder utilizar essas ferramentas. Serei generoso para com o camponês e dar-lhe-ei dez euros por ele me deixar utilizar as suas ferramentas. Estou seguro de que ele o apreciará.»

Um pouco mais adiante, pensou: «Isto é realmente tão remoto e tão distante de qualquer civilização que se aquele camponês me quisesse pedir 25 euros pela utilização das suas ferramentas eu teria de os pagar.»

Mais adiante ainda, pensou, enraivecido: «Na verdade, estamos aqui muito isolados. Se aquele camponês me quisesse cobrar 50 euros para me deixar utilizar as suas ferramentas eu não teria outro remédio senão pagá-los!»

Quando finalmente chegou à herdade e bateu à porta estava já

completamente furioso e, quando o camponês lhe abriu a porta, perguntou-lhe a gritar: «Então, seu ladrão, quanto é que me vai cobrar afinal para me deixar utilizar as suas ferramentas?»

Não é difícil percebermos como as nossas percepções podem predispor-nos não apenas a agir de forma a participarmos activamente no cenário aparente do qual temos a percepção, mas igualmente a criá-lo.

Quando falamos a respeito do facto das nossas percepções criarem a nossa realidade, não nos referimos apenas aos nossos filtros de percepção, mas igualmente ao modo como as coisas acontecem. Queremos com isto dizer que, mesmo no que se refere a relações de causa e efeito aparentemente uniformes, elas divergem consoante as diferentes realidades e os diferentes paradigmas dentro dos quais operam.

Alguém, por exemplo, que pretenda emagrecer, poderá pensar que para fazê-lo deve ter em conta a relação entre as calorias que ingere com os alimentos e aquelas que queima nas suas actividades diárias. Caso ingira mais calorias do que aquelas que consegue queimar irá engordar, e se queimar mais do que aquelas que ingere, irá emagrecer.

Uma forma de emagrecer será, portanto, comer alimentos que forneçam menos calorias do que aquelas que são requeridas para o seu consumo. Um alimento de tal natureza é, por exemplo, a toranja. No interior desta realidade, então, se uma pessoa comer uma toranja, ela poderá manter a expectativa de vir a emagrecer.

Numa outra realidade, as calorias pouco ou nada têm que ver com o peso, dado que as calorias são consumidas de imediato. Aquilo que é fundamental é ter em conta os hidratos de carbono que são, esses sim, armazenados no corpo sob a forma de gordura. Alguém que pretenda emagrecer deverá portanto reduzir a ingestão de alimentos ricos em hidratos de carbono. Torna-se interessante verificar que um alimento considerado rico em hidratos de carbono seja a toranja e que no interior *desta* realidade, portanto, se uma pessoa comer muitas toranjas, ela irá engordar!

Ambas as realidades são verdadeiras e pessoas que acreditam em cada uma delas separadamente poderão testemunhar com facilidade que ambas têm razão. Uma realidade não exclui a outra. Uma delas não tem forçosamente de estar errada para que a outra seja válida. Ambas estão certas e, no entanto, as coisas acontecem de maneiras distintas em cada

uma dessas realidades.

O que irá acontecer, portanto, se você se dirigir a uma mercearia para comprar umas toranjas e em seguida as comer? Irá engordar ou emagrecer?

Antes de mais, tudo depende daquilo em que «acredita» que irá acontecer quando comer as toranjas. Caso acredite que irá engordar, é isso que acontecerá. Se acreditar que irá emagrecer, emagrecerá.

Se realmente não sabe o que lhe irá acontecer quando comer as toranjas, terá primeiro de as comer para vir a saber. Poderá em seguida identificar-se com uma ou com outra das realidades e passará a saber aquilo que é verdadeiro para si. Ao mesmo tempo, fique já a saber que para uma outra pessoa a verdade pode ser algo diferente.

O que quer que acredite ser verdadeiro, é verdadeiro – para si!

De onde é que lhe chegam as suas convicções?

Quando é confrontado com as convicções de uma outra pessoa, é livre de as aceitar ou de as rejeitar. No caso de optar por aceitar as convicções de outrem como sendo verdadeiras para si também, você passa a adoptá-las como suas. Poderá tomar a decisão pessoal de que, dado que um perito o afirma, o facto de comer toranjas o irá fazer engordar ou emagrecer. A opção é sua.

Uma outra maneira de criar uma convicção na sua consciência consiste em defini-la com base no modo como interpretou as suas experiências pessoais.

No início poderá não ter qualquer ideia acerca daquilo que é verdadeiro para si e nenhuma ideia daquilo em que deve acreditar. Começa apenas com uma experiência: come a toranja desconhecendo o que irá acontecer.

Em seguida, examina os efeitos dessa experiência. Interpreta de uma certa maneira a experiência que viveu, descrevendo-a a si mesmo através de determinadas palavras. Ao fazê-lo, cria uma determinada convicção. Decide, por exemplo, que «comer toranjas faz com que eu emagreça, porque quando comi muitas toranjas fiquei mais magro».

As palavras que usa para descrever a sua experiência criam as suas convicções e, portanto, a sua realidade.

Depois de as suas experiências terem definido as suas convicções, as suas convicções passam a definir e a criar a sua experiência, e você acabará por perceber que aquilo em que acredita se torna verdade para si.

Vai passar a atrair aquelas experiências que lhe dão uma oportunidade de afirmar a sua verdade (e vai notar que tem tendência para reparar nelas).

Isto implica que alguém que acredite em algo diferente poderá ter uma verdade diferente. Significa igualmente que através da alteração das suas convicções, você poderá mudar a forma como as coisas lhe acontecem no âmbito do seu paradigma, no interior da sua realidade. Assim sendo, se há algo que não tenha estado a funcionar da melhor maneira para si, você poderá descobrir, ao explorar diferentes convicções, uma forma como as coisas podem funcionar de maneira diferente, a maneira como gostaria que elas funcionassem. Poderá descobrir uma maneira de realizar aquilo que pretende.

No âmbito da realidade física das ciências médicas, é possível que seja afirmado a uma pessoa que ela padece de uma grave doença em relação à qual nada pode ser feito. Nessa realidade, se não ocorrer uma mudança, a pessoa morrerá com toda a certeza. Se essa pessoa tomar a decisão de explorar realidades alternativas no âmbito das quais uma saída dessa situação se vislumbra como possível, haverá então uma hipótese de que ela continue a viver em perfeita saúde e em harmonia.

Quando uma cura acontece, ela geralmente acontece de um modo que aparenta suspender ou violar certas leis da química, da biologia ou da física. Estas leis, porém, não são ditames absolutos, mas apenas tentativas para fazer uma previsão do comportamento com base em experiências anteriores e em informações empíricas. Elas apenas são consideradas leis enquanto não acontecer alguma coisa que torne necessário que se tomem em consideração factores adicionais que conduzirão eventualmente à sua alteração.

Se atirar um objecto para o ar, por exemplo, ele invariavelmente voltará a descer. Pouco importa o número de vezes que procure repetir esse processo, obterá sempre o mesmo resultado. Poderá tomar a decisão, enquanto lei, que «tudo aquilo que sobe, tem de descer». Isto acontecerá até que atire para o ar um objecto com tanta força que ele escape à força da gravidade da Terra, e nessa altura você será forçado a mudar essas leis para ter em conta esses outros factores.

Quando olhamos para o paradigma da cura, embora possa parecer que estamos a violar as «leis» da biologia, da química e da física, não existe na verdade lei alguma que esteja a ser violada. Simplesmente, outras leis

estão a ser observadas, dado que as coisas acontecem de maneiras diferentes no âmbito de realidades diferentes.

A cura é apresentada, então, como sendo uma bolha alternativa à realidade da ciência médica tradicional. A partir do interior de qualquer bolha tudo pode ser apresentado e olhado como se da única realidade existente se tratasse. Se deixarmos essa ideia de que apenas existe uma realidade, poderemos então considerar realidades alternativas que poderão existir individualmente ou em combinação com outras realidades.

Há quem opte por combinar as diferentes realidades, tomando apenas os elementos que funcionam melhor para elas. Outras pessoas, às quais foi dito pelas ciências tradicionais que nada mais poderia ser feito por elas, preferirão dedicar-se plenamente aos paradigmas alternativos.

O que é primordial é fazer o que melhor funciona para si, sem rejeitar qualquer ideia ou método que lhe possa de algum modo ser útil.

O presente manual pretende ser a exposição das verdades, da dinâmica e das relações de causa e efeito que existem no interior da bolha que representa a realidade, o paradigma do Sistema de Cura do Corpo Espelho.

Não invalida de forma alguma quaisquer outras realidades. Simplesmente, fornece uma alternativa.

No âmbito desta realidade, mantemos a percepção de que tudo pode ser curado.

O Sistema Energético Humano

Você é uma consciência.

Podemos definir a consciência como sendo «a experiência de ser».

Você é portanto um ser que vive a experiência de ser. Você sempre foi isso, e sempre o será. Enquanto na sua forma humana, você apelida-se a si próprio um ser humano.

A consciência pode igualmente ser descrita como uma forma de energia. Por vezes é conhecida como «energia vital». Quando a consciência ou a energia vital abandonam o corpo, este morre.

Aquilo a que aludimos como sendo o seu corpo físico não é quem você é, mas antes e apenas um veículo para a sua consciência. Simultaneamente, ele é uma extensão, um aspecto mais denso da sua consciência/energia, e por essa razão ele reflecte igualmente as condições da consciência que você é.

Juntos, você e o seu corpo (corpos, se incluirmos os corpos subtis) constituem um sistema energético, ou seja, diferentes densidades de energia, diferentes frequências de vibrações que se encontram numa relação dinâmica umas com as outras.

Embora as ideias que acabámos de mencionar sejam conhecidas há milénios, até muito recentemente não foi de todo possível demonstrá-las de modo científico. Agora, porém, graças a um processo chamado processo fotográfico Kirlian, é possível fazê-lo, e já foi feito.

Grças a este processo fotográfico, uma descarga eléctrica passa através da placa fotográfica enquanto é tirada uma fotografia de um objecto que está em contacto com a placa. No início, foram tiradas fotografias de folhas e, uma vez feita a revelação, a imagem da folha física estava rodeada de um campo energético que parecia irradiar da folha física.

Quando uma parte da folha foi cortada e foi tirada outra fotografia, podia ainda ver-se a folha física já sem a parte que havia sido retirada, mas o campo energético que envolvia a folha podia ser visto na íntegra sem qualquer parte retirada.

Tornou-se óbvio que o campo de energia não era simplesmente algo que irradiava da folha física, mas antes possuía uma existência separada.

Quando é feita uma fotografia Kirlian da mão de uma pessoa, torna-se visível um padrão de energia. Foi já demonstrado que curadores aos quais

foram tiradas fotografias Kirlian às mãos são capazes de induzir alterações no padrão de energia e que, quando eles enviam energia através das mãos de maneira consciente, o padrão revelado pela fotografia Kirlian fica alterado.

As fotografias Kirlian não reflectem, portanto, a estrutura física da mão, mas sim a consciência e o campo energético da pessoa cuja mão é fotografada. Uma alteração na consciência da pessoa é reflectida na fotografia Kirlian como uma alteração no campo energético dessa pessoa.

Praticantes de fotografia Kirlian foram capazes de quantificar o campo energético que dessa forma se revela, de maneira a identificar os «pontos fracos» no campo energético de determinada pessoa que estão correlacionados com as fraquezas físicas ou com os sintomas. De facto, as fraquezas no campo energético são detectáveis antes que surja algum vestígio de fraqueza a nível físico.

Uma alteração na consciência provoca uma alteração no campo energético. Uma alteração no campo energético surge antes que ocorra alguma alteração no nível físico. Assim, podemos afirmar que há uma direcção da manifestação que se dirige da consciência para o campo energético e deste para a estrutura física, para o corpo.

Consciência → Campo Energético → Corpo Físico

Quando olhamos para o processo desta forma, torna-se claro que não é o corpo físico que cria o campo energético, mas o campo energético, que é o efeito da consciência, que cria o corpo físico.

Aquilo que percebemos como sendo o corpo físico é o resultado final de um processo que começa na consciência.

A consciência, o campo energético e o corpo físico encontram-se todos num estado de equilíbrio em relação uns aos outros. Quando ocorre uma alteração suficientemente marcada na consciência, provocada por uma decisão ou por uma reacção que tenha dado origem a uma situação de tensão, o campo energético e o corpo físico irão procurar regressar a um novo equilíbrio com ela e, desse modo, o sintoma surgirá sob a forma de tensão no corpo, reflectindo-a na consciência.

No decorrer de uma cura, quando o campo energético está a ser reparado e reequilibrado, tanto a consciência como o corpo físico regressarão a um novo estado de equilíbrio com a nova configuração da energia, e tanto as tensões como os sintomas com ela relacionados

poderão ser eliminados.

Para podermos ver como é que isto acontece, temos de analisar outros níveis de detalhe da consciência, o sistema energético, bem como a estrutura biológica, o corpo.

Certo dia fui chamado a um hospital para ver uma paciente que tinha caído no poço de um elevador. Devido à queda, o corpo da senhora tinha sofrido várias fracturas e a espinal medula ficara também danificada de tal modo que ela tinha ficado paralisada e não sentia nada abaixo da região do torácica. Quando a toquei em sítios diferentes do corpo, ela não sentiu nada.

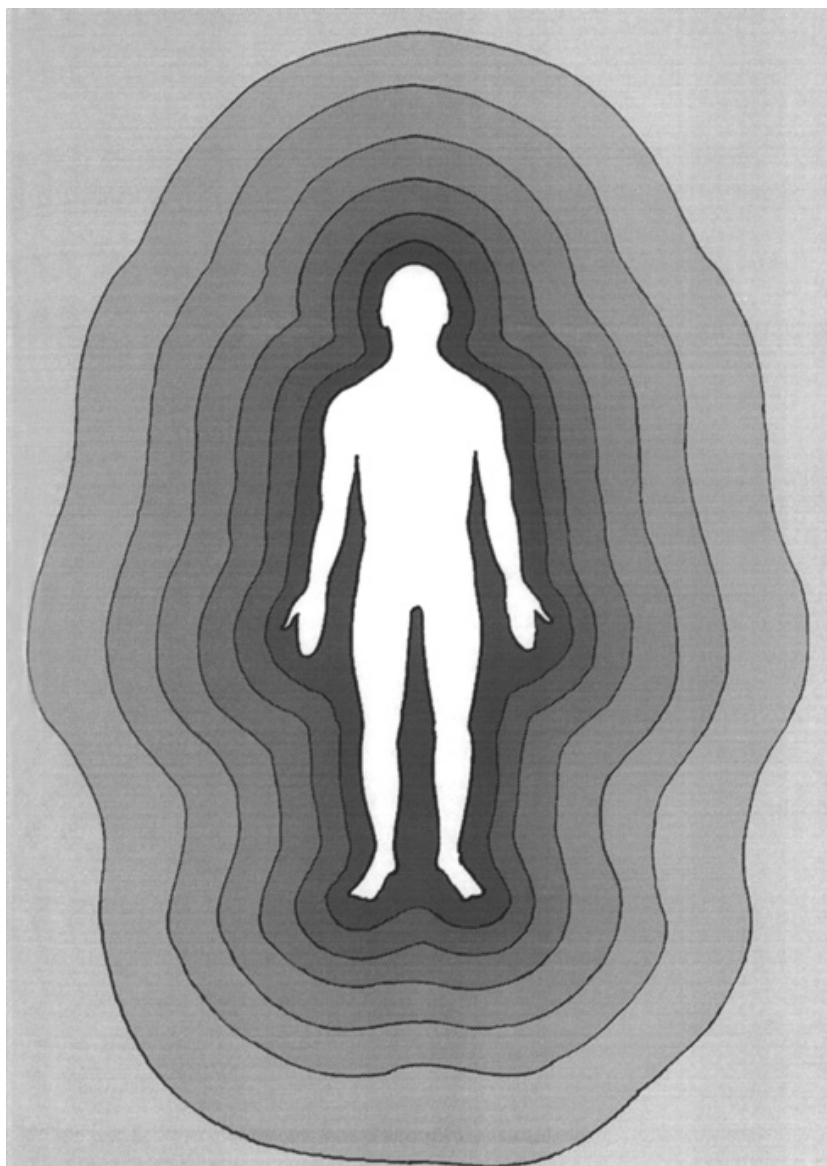


Figura 3.1 Interpenetração de Corpos Energéticos

Quando desloquei a minha mão ao longo da sua perna, sem contudo a tocar, ela descreveu que sentiu como se uma vaga estivesse a deslocar-se pela sua perna abaixo. Dado que eu não estava a tocá-la, não havia bases para que ocorresse uma sensação física. Quando a toquei, ela não sentiu nada em virtude dos danos sofridos pela espinal medula.

Para obter uma explicação coerente de como ela foi capaz de sentir o que descreveu, podemos imaginá-la como sendo um corpo de energia que ocupa um corpo físico, e imaginar ainda que o corpo de energia se tenha separado do corpo físico de tal modo que ela conseguiu ainda experimentar e sentir o corpo de energia, mas não o corpo físico.

Todas as experiências que vivemos, vivemo-las através do corpo de energia. Quando o corpo de energia e o corpo físico ocupam o mesmo espaço, ocorrem então processos paralelos no plano físico, tais como a estimulação de certos nervos, reacções químicas, impulsos eléctricos que se movem ao longo dos nervos, etc.

As ciências físicas estudam os processos no plano físico, mas estes são desnecessários para a experiência a nível da consciência. Quando uma pessoa vive a experiência da sua consciência se encontrar noutro lugar, como durante os sonhos ou aquando de viagens astrais, esse outro lugar é vivido como que através dos sentidos físicos, porém, os órgãos dos sentidos físicos nem sequer são envolvidos. Apesar disso, as memórias dessas experiências podem ser armazenadas a nível físico.

As ciências físicas assentam na ideia de que as causas dos sintomas se encontram no exterior (os micróbios causam doenças, os acidentes causam ferimentos, etc.). Porém, de acordo com princípios metafísicos, estas coisas apenas acontecem quando as condições adequadas se encontram reunidas na consciência. Do ponto de vista da metafísica, afirmamos que tudo aquilo que acontece no plano físico é um efeito e que as causas existem na consciência.

O modelo físico não está em contradição com o modelo metafísico, mas descreve antes os processos paralelos que acontecem no plano físico quando as condições da consciência criaram o ambiente adequado.

A consciência não ocupa apenas o cérebro, mas a totalidade do corpo, de tal modo que através da consciência você está em contacto com cada parte do seu corpo. De facto, a sua consciência estende-se para além do seu corpo, habitualmente até uma distância de aproximadamente um metro

e meio a dois metros em cada direcção (há quem diga mesmo, infinitamente). A este aspecto da sua consciência e, portanto, do seu campo energético é dado o nome de aura.

As porções exteriores da sua aura, do seu campo energético, são muito subtis e a energia vai ficando mais densa à medida que nos aproximamos do corpo físico. Podemos ver a aura como sendo composta de energias de diferentes densidades, que correspondem aos diferentes níveis de energia que irradiam dos diferentes corpos (físico, emocional, mental, astral, etéreo, búdico e causal) que se interpenetram, ocupando o mesmo espaço a diferentes níveis de vibração. Analisaremos mais detalhadamente estes vários corpos mais adiante.

Uma vez que a densidade da energia aumenta à medida que nos aproximamos do corpo físico, podemos optar por encarar o corpo físico como sendo apenas a forma mais densa de energia que se nos apresenta.

Em virtude da nossa orientação quase exclusiva para o plano físico, passámos a encarar-nos como uma estrutura biológica individual, mas, se analisarmos mais minuciosamente as peças que constituem a matéria, seremos igualmente capazes de nos vermos enquanto estruturas de energia.

A unidade biológica mais reduzida, a célula, é composta por moléculas que, por sua vez, são constituídas por átomos (ou iões). Estes são constituídos por partículas (neutrões, protões e electrões) formadas por partículas mais pequenas ainda (*quarks*, neutrinos, gluões, etc.) que, por sua vez, são compostas por ínfimos buracos negros e buracos brancos, cada um com uma carga negativa ou positiva.

Diversos padrões destes buracos negros e brancos, desta energia, formam as mais pequenas coisas a que damos o nome de partículas no universo físico. Conjugações destes padrões formam partículas maiores e conjugações destas últimas formam os átomos. Conjugações de átomos constituem moléculas e os diferentes padrões de moléculas formam as células. Conjugações de células formam tecidos e estes, consoante os padrões, criam órgãos. Uma conjugação de órgãos constitui o organismo.

Podemos então dizer que, na sua íntegra, o organismo é composto de nada mais do que ínfimos buracos negros e brancos organizados numa configuração específica. Mais não é do que energia.

Se viajarmos num foguetão para o espaço, poderemos ver a Terra a girar

em torno do Sol, em tudo semelhante à forma como um electrão gravita em torno de um núcleo. Poderemos ver o sistema solar como um átomo, possuindo as mesmas proporções de espaço e de matéria que um átomo, mas existindo numa molécula muito mais ampla que apelidamos de galáxia. Poderemos igualmente ver outras galáxias, outras moléculas, que formam parte de uma estrutura mais vasta. E assim por diante.

Aquilo que nos é igualmente possível ver no espaço são buracos negros e buracos brancos (*quasars*). Podemos ver «ali fora» as mesmas coisas que podemos ver «aqui dentro» e, de um ponto de vista específico, concordámos todos em chamar «físico» ao que vemos. Do mesmo modo, é fácil encarar aquilo que vemos como sendo simplesmente energia e só temos vantagens em fazê-lo. Na verdade, quando o fazemos deixamos de ficar limitados pelas «leis» da física.

Somos capazes de criar curas, efeitos que aparentam desafiar as «leis» da física, porque a energia se comporta de maneira diferente da estrutura física. Ela obedece a «leis» diferentes.

Quando encaramos a estrutura física como sendo apenas uma forma de energia mais densa do que aquela de que são compostas as auras que a rodeiam, podemos passar a olhar para nós mesmos como um sistema energético composto de energias de densidades diferentes.

Num indivíduo saudável e equilibrado, a energia flui com suavidade. A consciência é capaz de reagir com sucesso a cada uma das condições com a qual é confrontada. Quando o indivíduo bloqueia o fluxo dessa energia, em virtude de uma decisão sua ou de uma qualquer reacção às condições, e quando esse bloqueio é suficientemente forte, o efeito consiste num qualquer sintoma ao nível físico.

Consciência → Campo Energético → Corpo Físico

Decisão → Bloqueio → Sintoma

Figura 3.2 A Decisão Cria o Sintoma

Podemos afirmar, então, que todos os sintomas não passam de reflexos de energia bloqueada. Quando desbloqueamos a energia através da tomada de uma decisão diferente, ou devido a termos participado numa cura e a termos reequilibrado desse modo o nosso campo energético, o sintoma pode então ser eliminado.

Quando olhamos para o nosso modelo de consciência, de campo energético e de corpo físico, somos capazes de ver o corpo como o

resultado final de um processo que começa na consciência e se movimenta através do nosso campo energético. Se invertermos a decisão que inicialmente bloqueou o fluxo de energia, o campo energético regressará ao seu estado de equilíbrio e o sintoma poderá ser eliminado, em consonância com aquilo que nos permitimos acreditar que seja possível.

Consciência → Campo Energético → Corpo Físico
Alteração da Decisão → Desbloqueio → Eliminação do Sintoma

Figura 3.3 A Decisão Elimina o Sintoma

Quando efectuamos a cura do campo energético, os efeitos movem-se em ambos os sentidos, na direcção da consciência e na direcção do plano físico, de tal forma que a pessoa experimenta uma alteração na sua consciência (eliminando-se o *stress* a esse nível) e igualmente uma eliminação das tensões e dos sintomas a nível físico. Os pequenos buracos negros e brancos reorganizam-se por assim dizer. A estrutura biológica reorganiza-se e o sintoma é então eliminado. Isto tanto pode acontecer rápida ou lentamente, novamente em função daquilo que cada indivíduo se permite acreditar que seja possível.

Consciência ← Campo Energético → Corpo Físico
Libertação de Tensões ← Cura (Desbloqueio) → Eliminação do Sintoma

O sintoma serviu, apenas, para comunicar uma determinada condição à pessoa. Quando a condição deixa de existir ao nível da consciência, o sintoma deixa de ter qualquer razão para aí existir.

Quando existe tensão numa parte específica do seu corpo, ela reflecte a tensão numa parte específica da sua consciência, relacionada com um aspecto específico da sua vida. As partes do seu corpo que não funcionam convenientemente reflectem os aspectos da sua vida que não funcionam igualmente bem.

Quando a tensão relativa a esse aspecto da sua vida puder ser eliminada da sua consciência, ela poderá então ser eliminada igualmente da parte do seu corpo onde ela se manifesta. Tanto o seu corpo como a sua consciência, bem como esse aspecto da sua vida, poderão então regressar ao seu estado natural de harmonia. Você regressa desse modo à forma de ser que melhor funciona para si.

Toda a doença, todo o dano, é o resultado de energia que se encontra

bloqueada. Dado que podemos dirigir a nossa consciência, ou energia, através dos nossos pensamentos, temos a capacidade para desbloquear a energia onde quer que ela tenha ficado bloqueada em nós mesmos, ou nos outros. Quando o fazemos, o resultado consiste num regresso à experiência da plenitude. Acontece então a cura.

É óbvio, portanto, que tudo pode ser curado.

A Linguagem do Corpo

Algures no seu interior, tem ao seu dispor um estado de consciência na qual se encontra em perfeito equilíbrio a todos os níveis, vivendo a experiência da saúde perfeita. Este é, aliás, o seu estado natural. Quando vive a experiência desse estado de consciência é sinal de que está a corresponder com uma eficácia máxima às condições que se apresentam na sua vida, de que está em sintonia com a sua voz interior, com a sua intuição e de que está a prestar-lhe atenção. Está a ser autêntico e encontra-se bem de saúde.

A sua intuição possui uma linguagem muito simples – ou se sente bem ou não se sente bem. Todos parecem concordar que quando escutamos a intuição ela conduz-nos sempre ao sucesso. Por isso, é-lhe sempre dito para fazer aquilo que o faz sentir bem no seu interior e para deixar de fazer aquilo que não o faz sentir bem a esse nível.

Se aceitar a ideia de que tem um propósito a realizar na sua vida, deverá igualmente considerar que esse propósito deverá ser algo que o faça sentir bem. Caso contrário, não estaria motivado para o fazer.

Está aqui para ser feliz. Deverá portanto fazer aquilo que o faça feliz e não o que o faça infeliz.

Se é esta a regra do seu ser no seu nível mais profundo, ela deverá ser verdadeira em todos os níveis. Você está, portanto, a ser informado de que deve fazer aquilo que quer realmente fazer e aquilo que o faça sentir bem, e não fazer aquilo que não quer realmente fazer, aquilo que sente alguma resistência em fazer. Está a ser informado de que deve escutar a sua consciência.

Quando não presta atenção à sua voz interior, você vive a experiência da infelicidade e da tensão. Se insistir em se dirigir ainda mais no sentido daquilo que não o faz sentir-se bem, sentirá então uma crescente resistência emocional e confrontar-se-á com a tendência crescente de as coisas não acontecerem da forma como deseja.

Quando a resistência se torna suficientemente forte é possível que diga a si próprio «devia ter escutado aquela voz interior quando me disse para agir de outra maneira». Isso significa, portanto, que a deve ter ouvido, caso contrário não afirmaria: «devia ter escutado».

Quando faz aquilo que sabe que deveria ter feito logo à partida, dá-se

uma libertação da tensão e sente-se muito melhor, regressando de imediato a um estado de harmonia tanto consigo próprio como com o meio que o envolve.

Quando insiste, pelo contrário, em dirigir-se na direcção daquilo que não o faz sentir-se bem, experimenta uma tensão e uma resistência crescentes até ao ponto em que a tensão atinge o plano físico e você apresenta um sintoma ou atrai situações que podem provocar algum sintoma. O sintoma poderá ser então o resultado de uma doença, de um «acidente», de uma queda, de uma depressão nervosa, etc.

Aquilo que importa, para os nossos propósitos, é que se olhe para o sintoma, para o efeito. Do ponto de vista metafísico afirmamos que o resultado final que ocorreu era em si a intenção original. A experiência aconteceu para que o resultado pudesse ser vivido.

Não existem acidentes, nem coincidências. Se tudo começa na sua consciência, então, tudo aquilo que acontece no plano físico é o resultado daquilo que tem estado a acontecer na sua consciência.

Se o efeito do acontecimento foi um sintoma, o acontecimento terá ocorrido para que o sintoma pudesse ser criado, porque era importante para si que recebesse do seu Eu Superior a mensagem que não tinha estado a escutar ao nível da intuição ou da emoção.

Os sintomas falam-lhe na sua linguagem própria, contando-lhe aquilo que você tem estado a fazer a si próprio. Essa linguagem reflecte a ideia de que você cria totalmente a sua realidade. Quando você descreve um sintoma neste contexto, o significado metafórico desse sintoma torna-se-lhe óbvio.

Assim sendo, em vez de afirmar «eu não consigo ver» poderá antes dizer, «eu tenho-me impedido de ver algo», ou então, «eu tenho evitado ver algo». Em lugar de afirmar, «eu não consigo ouvir», diga antes, «eu não tenho querido ouvir, ou não quis escutar alguma coisa». E por aí adiante, desse modo.

Dessa forma o seu corpo está a dizer: «isto é o que tens estado a fazer a ti mesmo, graças à maneira de ser que adoptaste até ao momento e em virtude daquilo que tens estado a fazer na tua consciência». Aquilo que está implícito nessa afirmação é que poderá continuar a manter essa mesma forma de ser ou poderá, ao invés, fazer algo de diferente. Não se trata aqui de bem e de mal, mas antes de simples causa e efeito.

O processo não implica de forma alguma a culpabilidade, mas antes e simplesmente o reconhecimento e o assumir das responsabilidades. Uma maneira de ser provoca um sintoma. Uma outra maneira de ser resulta na libertação desse sintoma. É você que decide qual a maneira de ser que pretende adoptar.

Quando tiver entendido a mensagem que o seu corpo lhe quer dar, e quando efectuar as alterações necessárias na sua consciência e na sua forma de ser, de maneira a que deixe de fazer aquilo que provoca o desequilíbrio, o que não estava bem para si regressará nessa altura ao estado de harmonia em todos os níveis.

O sintoma, que apenas servia para lhe transmitir a mensagem, deixará de ter razão de existir e poderá então ser eliminado de acordo com a sua sensibilidade e com o seu sistema de convicções e, portanto, igualmente em função daquilo que você se permitir a si próprio acreditar que seja possível.

Tudo isto deve ser examinado no contexto daquilo que sucedia na sua vida na altura em que o sintoma se desenvolveu, dado que foi a sua reacção a essas condições que criou o sintoma.

Na minha experiência específica, eu tinha tido um cancro na espinal medula, ao nível do pescoço. Eu estava a morrer. Os meus sintomas eram paralisia, incapacidade de andar e muitas dores.

O cancro representa algo que é retido no íntimo e que não é expresso. Quando retemos alguma coisa no nosso íntimo sem a exprimirmos, ela cresce aos poucos dentro de nós. Esta é a metáfora perfeita para o cancro. A parte do corpo afectada revela o que tinha sido retido e não tinha sido expresso.

No meu caso, o cancro existia na parte do meu sistema energético que representa a comunicação e a expressão. Eu tinha-me impedido de exprimir aquilo que era verdadeiro para mim. Eu vivia um matrimónio infeliz e no qual eu não me sentia livre para comunicar sem que isso gerasse uma discussão.

Se eu descrevesse os meus sintomas do ponto de vista de que foram criados por mim, então, em vez de afirmar que estava paralisado, deveria dizer que me tinha estado a paralisar a mim próprio. Eu tentava ser aquilo que eu pensava que os outros queriam que eu fosse, em lugar de ser eu próprio. O verdadeiro eu estava encerrado no meu interior e eu não

permitia ao meu verdadeiro eu que exprimisse o meu modo de ser genuíno. Ao agir dessa maneira, eu causava muito sofrimento a mim mesmo.

Em vez de afirmar que eu não podia andar, deveria dizer que me tinha estado a impedir de andar. Eu tinha estado a manter-me em situações nas quais me sentia infeliz, e tinha estado a impedir-me de me afastar delas, quando na verdade era isso que eu mais desejava fazer. Os efeitos do *stress*, que suportei devido a tudo isso, atingiram então no meu corpo proporções catastróficas.

Apercebi-me, nessa altura, de que para me libertar dos sintomas eu teria de me libertar da maneira de ser que havia criado esses sintomas.

Em lugar de afirmar que estava a morrer, tive de passar a dizer que me estava a matar. Eu tive de reconhecer que, de acordo com a ideia de que tudo começa com uma decisão na nossa consciência, qualquer doença mortal tem o seu início numa decisão de morrer. Eu tinha, portanto, decidido que queria morrer.

As pessoas morrem por uma de duas razões. Por um lado, se a sua viagem chegou ao seu termo e elas concluíram tudo aquilo que se tinham proposto realizar nesta vida ou viveram já aquilo que queriam viver e se sentem por essa razão completas, ou por outro lado se elas se encontram numa situação ou experiência que lhes é particularmente penosa e da qual não vislumbram qualquer saída, a não ser através da morte. No meu caso tratava-se da segunda hipótese.

A dada altura apercebi-me de que, para continuar a viver, teria de exprimir o meu verdadeiro Eu, teria de comunicar aquilo que para mim era verdadeiro, e teria de me afastar daquelas situações em que me sentia infeliz e passar a considerar alternativas ao estilo de vida no qual me tinha estado a matar. Teria igualmente de procurar alternativas ao modelo de tratamento médico segundo o qual o meu caso era considerado desesperado. Eu fiz todas essas coisas e mudei a minha vida.

Dado que o modelo médico não apresentava qualquer solução, eu não recebi qualquer forma de tratamento e nenhuma medicação. Dado que aguardavam que morresse a cada instante, caso tossisse ou desse um espirro, cada refeição passou a ser a última que poderia vir a ter e optei portanto por comer tudo aquilo que me desse prazer e adorei fazê-lo. Não seguia qualquer dieta específica. Aquilo que na altura me apetecia comer,

aquilo que me dava prazer, eram muitos *hamburgers*, salsichas, piza e Coca-Cola. Aquilo de que na altura necessitava, portanto, era de muita energia *yang* e de um vasto espectro *yin-yang*.

Aquilo que alterei foi a minha dieta mental, as ideias que eu decidi aceitar na minha consciência. Quando tinha determinado pensamento e me sentia mal em seguida, eu sabia que estava a criar *stress* ao escolher esse pensamento. O *stress* cria a doença. Se quisesse sentir-me melhor, eu sabia que teria de escolher pensamentos diferentes que me fizessem sentir melhor.

Assumi a responsabilidade pela minha condição. Reconheci pessoalmente a importância de ser feliz e de fazer aquilo que me fazia sentir feliz. Entreguei-me igualmente com dedicação ao trabalho interior que era necessário para que me permitisse acreditar que o sintoma estava a ser eliminado. O efeito de tudo isso foi que a condição «desesperada» se inverteu. A cura aconteceu.

O processo levou dois meses de trabalho intenso comigo mesmo, porque eu tinha acreditado que levaria dois meses. Não sabia nessa altura aquilo que sei hoje. Graças às ferramentas apresentadas pelo Sistema do Corpo Espelho, o mesmo resultado pode ser obtido em duas semanas ou mesmo em duas horas. Na verdade, o momento de mudança de um estado de deterioração para um estado de melhoria demora apenas um breve instante. A seguir a isso apenas é necessário que se mantenha a percepção de que a cura vem a caminho e de que está a acontecer, e reparar nas alterações que ocorrem no plano físico à medida que se vão tornando visíveis.

O fundamental é que nos apercebamos de que *tudo pode ser curado*. Não é uma questão de saber se pode ou não acontecer, mas antes e apenas uma questão de saber como fazê-lo.

Então, faça-o apenas.

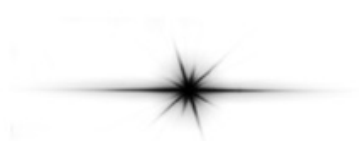
À medida que for entendendo a linguagem do seu corpo será capaz de escutar cada vez mais cedo as mensagens que ele lhe envia, até ser capaz de funcionar completamente em concordância com o seu ser interior, com o seu Eu Superior. Nessa altura, poderá deixar de se preocupar com a sua cura, porque deixará de haver razão para que continue a receber mensagens através de sintomas. Você será capaz de funcionar cada vez mais a partir do seu próprio centro, escutando a sua voz interior, e fazendo

aquilo que é acertado para si fazer.

Será muito mais saudável. E mais feliz.

Tudo pode ser curado.

SEGUNDA PARTE



**O Sistema
do Corpo Espelho
Definição da Linguagem**

Os Chacras

Chakra é uma palavra do sânscrito que quer dizer roda, ou vórtice, e refere-se a cada um dos sete centros energéticos de que é composta a sua consciência, o seu sistema energético.

A sua consciência representa tudo aquilo que lhe é possível viver. Todas as suas percepções, todos os seus sentidos, a totalidade dos seus processos mentais, e todos os estados de ser de que é capaz acontecem no âmbito daquilo que se apelida de sua consciência.

Tudo isso pode ser dividido em sete categorias e cada uma dessas sete partes da sua consciência está relacionada com um centro energético específico, ou chakra.

A sua consciência é um sistema energético. Ela é composta de energias de diferentes densidades que se encontram num estado de movimento constante ou de fluxo. Quando a energia flui com suavidade, você vive a experiência da plenitude. Quando a energia fica bloqueada, você vive tensões que podem vir a manifestar-se sob a forma de sintomas.

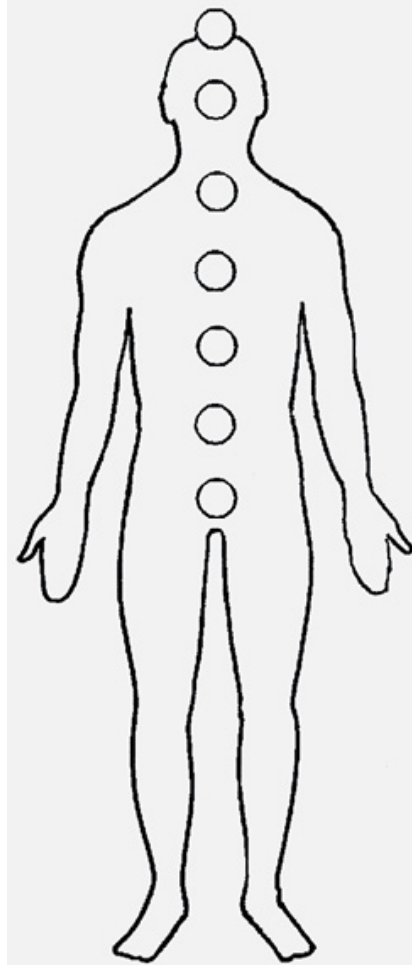


Figura 5.1 Os Chacras

Os chacras funcionam como bombas, ou válvulas, que regulam o fluxo da energia através do seu sistema energético. O grau de fluidez da energia da sua consciência é portanto determinado pelo estado dos seus chacras.

O funcionamento dos chacras reflecte as decisões que você toma em relação à forma como decide reagir às condições que se apresentam na sua vida. Você abre e fecha essas válvulas quando decide o que pensar e o que sentir, e através de que filtro de percepção opta por viver a experiência do mundo que o rodeia.

A ideia, claro, consiste em manter todas as válvulas a funcionar com suavidade, tal como as válvulas de uma flauta. Quando há algum resíduo de tensão na sua consciência em relação a algo que tenha acontecido na sua vida, acontece, de certa forma, como se essa tensão tivesse um efeito nefasto sobre o funcionamento das válvulas no seu sistema energético. Elas podem vir a ficar «presas» e deixarão portanto de abrir e de fechar

com suavidade.

Os chacras são aspectos da consciência tal como as auras. Os chacras são mais densos do que as auras, mas não tão densos quanto o corpo físico. São como bolas de energia sólidas que interpenetram o corpo físico, tal como um campo magnético pode interpenetrar o corpo físico.

Cada chacra está associado a uma glândula endócrina bem como a um grupo de nervos ou plexo.

Quando sente uma tensão numa parte da sua consciência, sente-a no chacra que está associado a essa parte da sua consciência. A tensão é transmitida em seguida à glândula endócrina que está associada ao chacra em questão. As glândulas endócrinas segregam hormonas que provocam uma alteração química no corpo. É desta forma que uma alteração da consciência cria uma alteração da química do corpo em função das necessidades do momento.

Se estiver a caminhar por uma floresta e se cruzar com um urso, por exemplo, a percepção da ameaça à sua sobrevivência irá estimular a secreção de adrenalina, preparando desse modo o seu corpo para a luta ou para a fuga. As percepções que dizem respeito à sobrevivência estão associadas ao chacra que apelidamos de Chakra Vermelho, conhecido igualmente por Chakra da Raiz, e associadas também com este chacra estão as cápsulas supra-renais.

Podemos, portanto, dizer que a tensão da ameaça à sobrevivência foi sentida no Chakra Vermelho, que por sua vez a transmitiu para as cápsulas supra-renais, que reagiram à percepção da ameaça segregando adrenalina.

A tensão é igualmente transmitida, por via do chacra em questão, ao plexo de nervos que está associado a esse chacra e desse modo às partes do corpo que são controladas por esse plexo, por esse grupo de nervos. No caso do exemplo que demos, o Chakra Vermelho controla as pernas graças ao plexo sacro. Podemos dizer que as tensões, que estavam relacionadas com a ameaça à sobrevivência da qual se teve a percepção, foram transmitidas pelo Chakra Vermelho através do plexo sacro para as pernas, que assim receberam a energia necessária para poderem correr.

As tensões no corpo podem, portanto, ser associadas a tensões na consciência, e desta maneira podemos encarar o corpo como sendo um mapa da consciência que ele encerra.

Eis um exercício que poderá fazer agora. Imagine uma situação em

relação à qual sinta ou tenha sentido no passado alguma tensão. Enquanto pensa nessa situação, e sinta o que sentir quanto a ela, poderá aperceber-se do local no seu corpo onde sente as tensões.

Se tivesse de desenhar um círculo em torno dessa parte do seu corpo, de que tamanho seria o círculo?

Se tivesse de imaginar alguma cor específica no interior desse círculo, qual seria a cor que imaginaria?

Que palavras é que utilizaria se tivesse de descrever as sensações físicas que experimenta no interior do círculo? (É possível descrever as tensões como sendo uma resistência ao fluxo de energia, como sendo lugares onde tem estado a resistir ao fluxo de energia através do seu sistema energético.)

Caso tenha resistido ao fluxo de energia, pode agora remover a resistência, relaxando de modo consciente o local que tem mantido sob tensão. À medida que o faz, consegue sentir essa parte do corpo a relaxar de novo, abrindo-se cada vez mais ao fluxo de energia até se sentir de novo num estado de clareza, um canal límpido para o fluir da energia uma vez mais.

O local onde sentiu a tensão estava dependente da razão pela qual a sentiu. Sendo assim, se a resistência foi sentida ao nível do períneo, entre o ânus e os seus órgãos sexuais, terá sido devido a uma tensão na sua consciência relacionada com aspectos de segurança, sobrevivência e confiança. Para a maioria das pessoas, estes aspectos representam o seu relacionamento com o dinheiro, com o lar e com o emprego.

Se o local onde a resistência foi sentida se situou na zona do abdómen, a tensão tinha que ver com as percepções que tinha da alimentação ou do sexo. Caso a tenha sentido ao nível do plexo solar, a tensão estava relacionada com as percepções do poder, do controlo e da liberdade de ser você mesmo.

Se sentiu uma resistência ao nível do coração, a tensão tinha a ver com a sua percepção do amor e dos relacionamentos que possui na sua vida. Se a sentiu ao nível da garganta, a tensão manifestou-se aí porque havia algo que queria exprimir mas não o fez.

Se sentiu a tensão na sua testa, foi porque teve a sensação de que não estava a ser reconhecido por quem era na realidade, mas apenas no papel que estava a representar. E se a tensão sentida foi no topo da cabeça foi

por se sentir separado das outras pessoas, querendo contudo sentir-se em união com elas, ou por se sentir em união quando na realidade queria estar separado. Pode igualmente ser por ter um problema com a autoridade.

Se as afirmações, que foram expostas, descrevem com precisão aquilo que sentiu, podemos portanto afirmar que as tensões que sentiu na sua consciência estavam a ser sentidas nos centros energéticos que representam a sua consciência – nos seus chacras.

Você sempre foi capaz de sentir os seus chacras. Simplesmente nunca aprendeu a examinar as suas experiências de maneira adequada.

Há milhares de anos que os chacras têm sido objecto de estudo, muitas vezes pela sua importância esotérica e pelos estados de consciência especiais que representam, estados esses considerados não-ordinários. Podemos ver aqui, no entanto, que eles têm igualmente uma utilidade prática no nosso dia-a-dia; eles revelam-nos através do nosso corpo aquilo que temos vivido na nossa consciência.

Quando a tensão na sua consciência (e portanto nos seus chacras) atinge uma determinada intensidade, ou perdura por algum tempo, a tensão é comunicada pelo grupo de nervos às partes do corpo controladas por esse grupo de nervos e essas partes do corpo, bem como as funções do corpo controladas por esse grupo de nervos, poderão vir a ser afectadas. Caso opte por descrever os sintomas de uma forma que reflecta a ideia de que é você que os cria, poderá dizer então que dessa maneira poderá desenvolver sintomas que sejam o reflexo daquilo que tem feito a si próprio.

Cada chacra está associado a um elemento e a um sentido específicos, bem como a sistemas específicos do corpo. É apenas quando atingem uma determinada intensidade que as tensões na consciência resultam num sintoma físico. Podemos portanto «ler» os sintomas de maneira a entendermos quais os aspectos da consciência que têm estado sob tensão e requerem, portanto, uma mudança para que possamos regressar a um estado de plenitude.

Nunca será demais lembrarmos que os chacras não são mais do que um aspecto da consciência, e que é você quem decide qual o estado dos seus chacras. À medida que vai dançando no meio das condições que se lhe vão apresentando ao longo da vida, é você quem decide como reagir a elas. Abra e feche os seus chacras, tal como um músico toca uma peça

musical abrindo e fechando as válvulas da sua flauta.

É fundamental, portanto, que nenhuma das válvulas fique presa numa posição de abertura ou de fecho dado que isso predispô-lo-ia a padrões de reacção já determinados. É apenas quando todos os chacras funcionam livremente da maneira como deveriam funcionar que se torna possível fazer o exame da sua vida de maneira consciente, decidindo a cada momento a forma correcta de agir, e a reacção que pretende ter. Nessa altura será verdadeiramente livre.

Aquilo que pretendemos afirmar com tudo isto é que possui no seu íntimo, e tem à sua disposição, um estado de consciência no qual vive já a experiência da sua plenitude e funciona da melhor maneira. Este é um estado a que podemos dar o nome de perfeição.

Quando você vive a experiência deste estado, pode continuar a funcionar até que a sua tarefa tenha terminado e escolha deixar o planeta. A questão passa, portanto, a ser se pretende viver em conforto até esse momento ou em desconforto, e também por quanto mais tempo irá esperar antes de almejar a perfeição e o funcionamento ideal.

Se até ao momento tiver tido sintomas, poderá agora tomar a decisão de fazer aquilo que é necessário para regressar a uma situação de equilíbrio, recordando a si mesmo que tudo pode ser curado e que é você quem decide aquilo que acontece na sua consciência e, portanto, no seu corpo.

Muitos de quantos trilham a via espiritual buscam a iluminação, mas devemos recordar que a iluminação não é a perfeição. Existem seres iluminados que ainda são afectados por sintomas, o que quer dizer que não estão a viver a experiência da totalidade das suas consciências e dos seus sistemas energéticos com clareza.

Por outro lado, existem seres que funcionam na perfeição, mas que talvez não tenham ainda atingido o processo conhecido pelo nome de iluminação. Isso significa que o que quer que esses seres tenham estado a fazer, de maneira instintiva, tem estado a funcionar para eles.

Se bem que os chacras sejam na maioria das vezes associados às mais variadas práticas espirituais e processos de evolução acelerada, deve ser frisado que, no presente sistema, os chacras são simplesmente explorados como um mapa da consciência e como ferramentas que podem ser utilizadas no âmbito da tecnologia de cura. O objectivo é, em cada momento, regressar ao equilíbrio sempre que necessário e compreender o

melhor possível a forma como funciona a nossa consciência para que possamos permanecer em equilíbrio e aceitar esse equilíbrio como sendo o nosso estado natural.

Há quem afirme que a chave para a felicidade reside na via do desprendimento, evitando os apegos e aversões que nos impedem de viver plenamente o momento presente da vida e aquilo que ela tem para oferecer.

O apego tem que ver com a necessidade de possuir alguma coisa e uma aversão tem que ver com a necessidade de não ter coisa alguma. O apego pode manifestar-se na sua consciência como estando excessivamente ocupado com alguma coisa, tendo impreterivelmente de a possuir ou de a evitar, a tal ponto que a tensão na consciência é vivida como uma constante preocupação, como se de um vício se tratasse. Desse modo, estando sempre presente enquanto tensão de fundo, pode tornar-se numa intromissão à experiência do momento presente, ao aqui e agora onde você se encontra.

Quando está apegado a alguma coisa e não a consegue obter, sente-se mal, e o grau de mal-estar que sente revela-lhe a que ponto está apegado, ou viciado. O apego pode situar-se ao nível de qualquer chacra, e uma tensão constante num chacra pode ser lido quer como uma necessidade de soltar as tensões ao nível do chacra em questão, resolvendo alguma questão da sua vida, quer como uma necessidade de largar o apego em relação a alguma coisa por forma a poder vir a gozar plenamente o aqui e o agora da vida.

Mais adiante, noutros capítulos deste livro descreverei os métodos para largar estes apegos ou aversões.

Trabalhamos sempre em relação à situação em que você se encontra no seu desenvolvimento pessoal. Se estiver na primeira classe, a única questão que nos interessa é saber se está equipado para funcionar a esse nível. Se tiver já a sua licenciatura de alguma universidade, continuamos a interessar-nos em saber se você conseguirá funcionar da melhor maneira ao nível da experiência perpétua de aprendizagem a que damos o nome de Vida.

Se algo funciona bem, não interfira.

Se não funciona adequadamente, cure-o.

Tudo pode ser curado.

Outros Aspectos dos Chacras

Cada um dos chacras é energia que vibra a uma determinada frequência, e está relacionado com outros chacras que vibram noutras frequências, numa sequência lógica e ordenada de sete vibrações.

Nesta sequência de sete vibrações, a mais pesada, a mais densa, é a que se encontra na base e a mais leve é a que se encontra no topo.

Cada chacra está associado a um elemento específico e a sequência desses elementos segue a mesma lógica e ordem. O elemento mais pesado, a terra, está associado ao Chakra da Raiz ou Chakra Vermelho situado na base. O elemento seguinte, em leveza, é a água que está associada ao segundo chacra, o Chakra Laranja que por sua vez é seguido pelos elementos do fogo, do ar, do éter, do som interior e da luz interior, associados por ordem crescente de leveza aos restantes chacras.

Em função do seu relacionamento com os diferentes elementos, torna-se possível aperceber-se do relacionamento que possui com os aspectos da sua consciência que estão associados a esses elementos.

Por exemplo, alguém que não tenha um relacionamento claramente definido com a água, por exemplo, e que tenha medo de nadar ou de andar de barco, poderá aperceber-se de que a forma como se sente em relação à água reflecte os seus sentimentos em relação aos aspectos de consciência representados pela água (nomeadamente a alimentação e a sexualidade).

Cada chacra está igualmente associado a um determinado nível de experiência. Visto pelo prisma de que você é uma consciência num corpo, o nível mais profundo de experiência interior situa-se no plano daquilo a que chamamos Alma, enquanto o nível mais profundo de experiência exterior processa-se nos limites do seu corpo físico. Entre estes dois planos, cada um dos níveis de experiência possíveis está associado a um corpo subtil diferente, e cada um destes está ligado a um chacra específico.

Assim, o Chakra Vermelho está associado ao corpo físico, que é o mais denso. O Chakra Laranja está associado ao corpo emocional que é aquele que se segue em leveza. Segue o Chakra Amarelo, ao nível do plexo solar e associado ao corpo mental; o Verde, conhecido também como Chakra do Coração, associado ao corpo astral; o Azul ou Chakra da Garganta, ligado ao corpo etéreo; o Frontal ou Chakra Índigo que está associado ao corpo

búdico (o Espírito); e a Coroa ou Chakra Violeta, associada ao corpo causal (a alma).

Terá reparado que cada nível de existência, e portanto cada corpo subtil, está associado a um chakra específico. A evolução da sua alma pode ser vista como a aprendizagem para viver a níveis cada vez mais profundos do seu ser, até chegar a viver ao nível da sua alma em vez de viver ao nível considerado «normal» pela sociedade e que dista bastante do nível mais profundo do seu ser. Aqueles que aprenderam a fazê-lo e que vivem no seu nível mais profundo são considerados seres extraordinários a que chamamos «evoluídos».

Dado que cada chakra está associado a um nível específico do ser, podemos afirmar que a evolução da sua alma é representada pelos chacras, que lhe revelam igualmente tudo o que acontece na sua consciência.

Se o propósito principal de estar na Terra consiste na evolução da sua alma e no conhecimento da sua consciência, se esse é o objectivo do filme em que você é o principal interveniente, então tudo nesse filme tem forçosamente que ver com isso.

Olhe à sua volta e pergunte a si mesmo o que é que lhe está a ser revelado a respeito do seu ser interior e da evolução da sua alma, bem como acerca daquilo que se está a passar na sua consciência.

Verifique por si outros exemplos de energia que vibrem a frequências diferentes, numa sequência lógica e ordenada de sete, e considere a possibilidade de que estes outros exemplos de sete vibrações lhe revelam algo a seu respeito.

Repare como o arco-íris, por exemplo, é uma série de sete vibrações – cores – numa sequência lógica e ordenada. Se associar o comprimento de onda mais longo, a cor mais «pesada», o vermelho, com o chakra de base (Chakra da Raiz) e o comprimento de onda mais curto, a cor mais «leve», o violeta, com o chakra de cima (Chakra da Coroa), cada cor pode ser utilizada para representar um chakra no seu estado de clareza.

Poderá, então, aperceber-se de que o seu relacionamento com uma cor específica reflecte o seu relacionamento com a parte da sua consciência que a cor representa.

As cores do espectro representam, pois, os diferentes aspectos da consciência humana, sendo igualmente uma linguagem universal profundamente enraizada na consciência de cada indivíduo.

Muitas pessoas não sabem que conhecem esta linguagem, mas dado que a forma como elas descrevem o seu relacionamento com as cores descreve com precisão o seu relacionamento com o aspecto correspondente das suas consciências, podemos portanto ver que algures nas suas profundezas elas conhecem *de facto* esta linguagem.

Podemo-nos então referir aos chacras através das cores que lhes são associadas – Vermelho, Laranja, Amarelo, Verde, Azul, Índigo e Violeta.

Para além da escala vertical representada pelos chacras, desde o períneo ao topo da cabeça, pode olhar para si como sendo uma polaridade *Yin* e *Yang*, contendo características femininas e masculinas.

Para a maioria das pessoas o lado direito é o seu lado *Yang* e representa as características consideradas masculinas. O lado esquerdo é o seu lado *Yin* e representa as características que consideramos femininas. A polaridade é invertida nos casos das pessoas que são canhotas de nascença, passando o lado esquerdo a ser o seu lado *Yang* e o seu lado direito o lado *Yin*.

Podemos descrever essa polaridade em termos de *Yang* e *Yin*, Masculino e Feminino, Vontade e Espírito, Acção e Sentimento, Intelecto e Emoção, etc.

Podemos portanto descrever partes do corpo recorrendo a este modelo, referindo-nos à perna da vontade e à perna do sentimento ou à perna masculina e à perna feminina, etc.

Cada chacra pode igualmente ser descrito nos termos do seu aspecto *Yang* ou *Yin* ou do seu lado *Yang* ou *Yin*.

Uma vez definida a linguagem podemos agora passar à exploração do mapa da sua consciência que os chacras e o seu corpo representam.

Nos próximos capítulos iremos explorar vários aspectos dos chacras no contexto da cura. Para esse efeito, em cada um dos capítulos, descrevendo cada um dos chacras, será incluída uma descrição de vários sintomas associados ao chacra em análise. Desse modo, o leitor poderá vir a adquirir um entendimento mais aprofundado do que são os chacras, o que representam, bem como a forma como estão intimamente ligados ao nosso estado de equilíbrio e de saúde.

Assim, as tensões nos chacras poderão ser libertadas e os sintomas poderão ser curados.

Tudo pode ser curado.

O Chakra Vermelho

Outras designações: Chakra da Raiz, Centro de Segurança, Muladhara.

Localização: No períneo, o ponto entre o ânus e os órgãos sexuais.

Partes do corpo: As partes do corpo que estão associadas a este chakra incluem os sistemas linfático e do esqueleto (dentes e ossos), a glândula da próstata nos homens, o plexo sacro, bem como aquelas partes e funções do corpo que são controladas pelo plexo sacro. Estas incluem a bexiga e o sistema excretor, bem como as extremidades inferiores (as pernas e as diferentes partes das pernas – os pés, tornozelos, etc.).

Nota: Quando afirmamos que este chakra está associado a um sistema específico, queremos com isso dizer que algo que afecte esse sistema na íntegra pode ser devido à tensão nesse chakra. Por exemplo, algo que afecta o sistema do esqueleto na íntegra, como é o caso da artrite infecciosa, tem a sua origem numa tensão no Chakra Vermelho, mas já um braço partido, que é um problema do esqueleto numa parte específica do corpo e não no corpo todo, terá a sua origem numa tensão no chakra que controla essa zona do corpo, a zona do braço, neste caso, que está relacionada com o Chakra Azul.

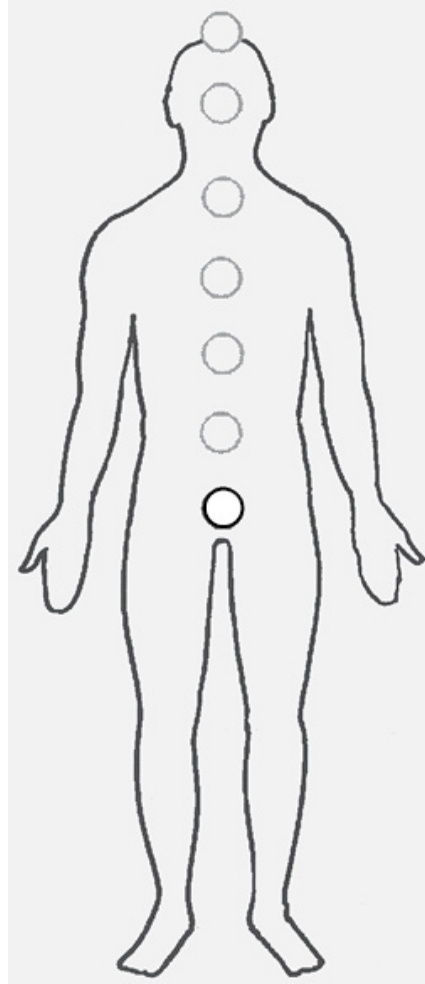


Figura 7.1 Chakra Vermelho

No que diz respeito ao sistema endócrino, o Chakra Vermelho está associado às glândulas supra-renais. Do ponto de vista técnico, as secreções das glândulas supra-renais podem ser associadas tanto ao Chakra Vermelho como ao Chakra Amarelo, mas o facto de serem desencadeadas por uma ameaça à sobrevivência revela a sua associação primária ao Chakra Vermelho.

Sentido: O sentido físico associado a este chakra é o sentido do olfacto, o sentido básico associado à sobrevivência. Por essa razão, o órgão que está associado ao sentido do olfacto, o nariz, está igualmente ligado ao Chakra Vermelho.

Aspectos da consciência: O Chakra Vermelho está associado aos aspectos de consciência que se referem à segurança, sobrevivência, confiança e à sensação de se sentir a salvo e seguro. Para a maioria das pessoas os aspectos das suas vidas que estão relacionados com a

segurança têm que ver sobretudo com o relacionamento que elas têm com o dinheiro, com os seus lares e com o seu emprego. A capacidade de se sentir «em casa» bem como a capacidade de estar presente no aqui e agora também estão associadas a este chacra.

Elemento: O elemento associado ao Chakra Vermelho é o elemento Terra. Pode por conseguinte dizer-se que o Chakra Vermelho reflecte, entre outras coisas, o relacionamento do indivíduo com a Terra ou a forma como ele se sente pelo facto de estar na Terra.

O Chakra Vermelho reflecte ainda o relacionamento do indivíduo com a mãe.

É a mãe que, na estrutura familiar tradicional, fornece a alimentação e um local seguro ao indivíduo. Um bebé que se alimenta do peito materno toma certas decisões em relação à forma como as coisas são («Há sempre abundância» ou «Nunca há que chegue» ou então «Tens de lutar para obteres aquilo que queres», etc.). O relacionamento que esse bebé tem com a mãe estabelece nessa altura o padrão para o seu relacionamento com tudo aquilo que representa a segurança (a casa, o emprego e o dinheiro enquanto aspectos de segurança).

Quando uma pessoa experimenta uma sensação de separação em relação à mãe, sem ter a percepção de ser amada ou nutrida pela mãe, é ela própria que corta as suas raízes com essas percepções e cria um bloqueio ao nível do Chakra de Raiz, ou Chakra Vermelho. O efeito, a forma como a pessoa vive essa experiência na sua consciência, é ela passar a ver o mundo através de um filtro de insegurança ou de medo, até ao momento em que se permita ser nutrida de novo pelo amor da mãe.

Outros sintomas, que uma pessoa desenraizada pode experimentar, incluem sentir que não tem lar, não se sentir «em casa», sentir que não tem bases, não possuir percepções baseadas nas suas próprias experiências no mundo físico, e ter dificuldade em estar presente no aqui e agora.

As motivações de uma pessoa que vê o mundo através do Chakra Vermelho têm que ver antes de mais com a segurança, com a sobrevivência, com o sentir-se em segurança ou com a satisfação das necessidades materiais. Podem ainda ter que ver com a procura de nutrientes para o ser no interior do corpo, não de comida, mas daquelas coisas que podem dar a esse ser um sentimento de solidez e de satisfação.

Quando a motivação primária na vida de uma pessoa é segurança ou

sobrevivência, podemos afirmar que durante essa parte da sua vida o seu lar se situa no seu Chakra Vermelho e que a partir desse chakra ela dirige a sua consciência para outros chacras em função daquilo que está a pensar ou a sentir em determinado momento. A motivação primária é definida como a base a partir da qual todas as decisões são tomadas, aquilo que motiva o indivíduo.

Quando o Chakra Vermelho se encontra no seu estado de clareza, o indivíduo consegue sentir-se em segurança e «em casa», sólido e enraizado. Ele é capaz de se sentir presente no seu corpo físico, de estar presente no aqui e agora e de funcionar no mundo físico e material. O indivíduo é capaz de confiar nas suas percepções e, em geral, não tem qualquer problema em relação à confiança enquanto processo.

A tensão no Chakra Vermelho é vivida emocionalmente como insegurança. Um acréscimo de tensão a esse nível é vivido como medo. Uma maior tensão aí é vivida como uma ameaça à sobrevivência.

Quando essa tensão perdura por algum tempo ou atinge uma intensidade considerada extrema, a pessoa cria um sintoma numa parte ou função do corpo que está associada ou controlada pelo Chakra Vermelho.

Deste modo, qualquer condição de desequilíbrio ou sintoma que afecte partes ou funções do corpo associadas ao Chakra Vermelho reflectirá uma tensão na consciência ao nível do Chakra Vermelho no que diz respeito a questões de segurança, sobrevivência, confiança ou ainda em relação à disposição ou capacidade de se deixar nutrir, e/ou ao relacionamento com a mãe.

Devemos frisar desde já que a maneira de ser da mãe, ou as suas acções, nada têm que ver com os sintomas da pessoa. É, antes, o modo como a pessoa escolheu reagir às condições na sua vida que resultaram em *stress* e em tensão para ela. Duas crianças no seio de uma mesma família, por exemplo, poderão estar expostas às mesmas condições externas, reagindo contudo de maneiras distintas, de tal modo que uma irá sentir sintomas e a outra não.

Nós não afirmamos que certas condições provocam certos sintomas. Avançamos, sim, que dados determinados sintomas podemos compreender as condições que a pessoa estava a viver sob *stress*.

Caso se verifique algum problema no Chakra Vermelho, em qualquer dos lados do corpo, examinamo-lo à luz da nossa polaridade do lado da

vontade ou do lado das emoções, ou do lado masculino ou feminino. Conforme referimos anteriormente, no caso das pessoas que nasceram destras, o lado direito é o lado da vontade, enquanto para as que nasceram canhotas, é o lado esquerdo o seu lado da vontade.

Assim, caso se tenha verificado algum problema com a perna da vontade, este pode ser interpretado em termos de efeitos dos sintomas. Se a pessoa precisa de se apoiar (com muletas ou com uma bengala, por exemplo), podemos afirmar que isso descreve precisamente aquilo que a pessoa tem estado a fazer ao nível da sua consciência – tendo procurado e solicitado apoio para as suas decisões sem confiar na sua própria vontade. Ela toma a decisão de fazer alguma coisa, mas não põe o seu plano em acção enquanto não obtém o apoio suficiente de outras pessoas no sentido de que a decisão que tomou é acertada.

Se descrevermos a perna afectada ou bloqueada como sendo a perna masculina, ela representa um bloqueio de confiança (que é o aspecto do Chakra Vermelho) no homem. Se a perna afectada pertencer a um homem, podemos igualmente descrever os sintomas como espelhando uma falta de confiança em si mesmo enquanto homem.

Se a perna afectada for a perna das emoções, podemos dizer que ela representa uma tensão nas bases das emoções dessa pessoa, ou uma dependência emocional em relação a outra pessoa. A pessoa toma decisões destinadas a deixá-lo agarrado a outra, em vez de decidir o que é melhor para si. Ou, então, a pessoa poderá ter vivido um choque emocional relacionado com os aspectos do dinheiro, do lar ou do emprego a que se refere o Chakra Vermelho.

Se descrevermos essa perna como sendo a perna feminina, ela poderá representar uma falta de confiança nas mulheres. Caso se trate de uma mulher cuja perna feminina esteja afectada, podemos dizer que isso espelha o facto de ela não ter confiança em si própria enquanto mulher.

Podemos igualmente ler os sintomas em termos daquilo que a pessoa requer para poder regressar ao estado de equilíbrio. Se a perna de uma pessoa não se dobra, por exemplo, afectando a sua mobilidade, podemos afirmar que aquilo que ela precisa como cura é de maior flexibilidade e liberdade de movimentos.

Se houver algum problema com os rins, embora estes se situem ao nível do plexo solar, consideramo-los no seu papel concernente ao sistema

excretor. Podemos combinar a sua localização ao nível que nós associamos com as percepções do poder ou da liberdade (o Chakra Amarelo) com o nível que associamos com a confiança (o Chakra Vermelho) e poderemos então fazer a leitura do sintoma como tratando-se de insegurança em relação ao poder (uma percepção de falta de poder fazendo-o parecer indefeso), ou ainda a percepção de falta de liberdade, insegurança em relação à liberdade.

Ao fazermos a leitura dos sintomas, podemos igualmente ter em conta a função dos rins. Os rins limpam o sangue de toxinas. O sangue é representativo do coração, ou por outras palavras, das percepções que se tem do amor, e as toxinas representam atitudes que interferem com as percepções que uma pessoa tem do amor. Quando estas atitudes atingem uma intensidade tal, que ponham em causa a sobrevivência do indivíduo, elas têm de ser alteradas. A pessoa em questão terá de permitir que o amor que a rodeia a alimente e deverá libertar-se daquelas atitudes que ameaçam a sua sobrevivência.

Alergias a substâncias que associamos à maternidade, como o leite e produtos lácteos, ou ainda aos produtos que associamos à Terra, como os cereais, e todas as alergias que afectam o nariz, como a febre dos fenos, todas elas reflectem tensões no Chakra Vermelho e no relacionamento da pessoa com a sua mãe, em que se proíbe a si própria de receber a alimentação. Quando essas atitudes se alterarem, os sintomas libertar-se-ão.

Tudo pode ser curado.

O Chakra Laranja

Outras designações: Centro de Sensações, Chakra do Baço, Hara, Svadhistana.

Localização: No centro do abdómen.

Partes do corpo: As partes do corpo associadas a este chakra incluem o sistema reprodutor, os órgãos sexuais, o plexo lombar e as partes e funções do corpo que são controladas pelo plexo lombar, bem como aquelas que se encontram na região abdominal. A glândula endócrina associada a este chakra é a gónada (os testículos e os ovários).

Sentidos: O sentido físico associado a este chakra é o sentido do paladar e o apetite. Por isso, podemos afirmar que a língua enquanto órgão do paladar está associada ao segundo chakra. Este chakra também está associado com o aspecto do sentido do tacto que tem que ver com as sensações.

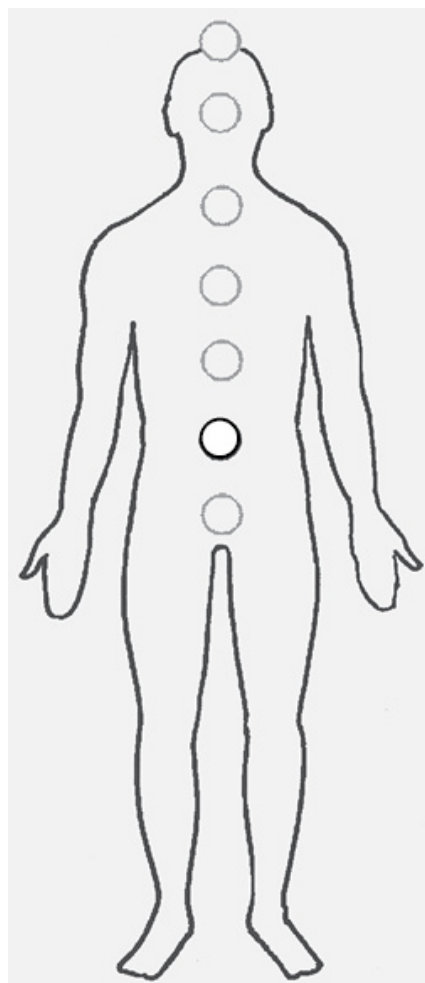


Figura 8.1 Chakra Laranja

Aspectos de consciência: O Chakra Laranja está associado aos aspectos de consciência relacionados com a alimentação e com a sexualidade, bem como a procriação. Quando existe alguma tensão nas partes do corpo controladas por este chakra, ela espelha uma tensão ao nível da consciência, que tanto pode ser um apego como uma aversão, que diz respeito à alimentação, à sexualidade, à procriação ou a todas elas. Poderá igualmente espelhar emoções reprimidas relacionadas com algum incidente que tenha ocorrido na vida da pessoa em questão, na altura em que surgiu o sintoma.

Elemento: A água é o elemento que está associado ao Chakra Laranja. O Chakra Laranja reflecte por conseguinte, o relacionamento de um indivíduo com a água. Se houver um relacionamento desarmonioso com a água (em relação a nadar ou a estar num barco, por exemplo), torna-se patente que o seu relacionamento com a água espelha a relação que

determinada pessoa tem com os aspectos de consciência representados pela água, a saber, a alimentação e a sexualidade.

Quando se nos apresenta um sintoma que resulta na incapacidade da pessoa afectada poder procriar, afirmamos que essa incapacidade tem início numa decisão de não querer ter filhos. Isto porque tudo começa na nossa própria consciência e o corpo limita-se a cumprir as decisões tomadas pela consciência. Dado que acreditamos que tudo pode ser curado, é perfeitamente possível inverter decisões passadas, ao reconhecê-las e ao substituí-las por novas decisões a níveis profundos do nosso ser, e ao observarmos em seguida a forma como o corpo cumpre essas novas decisões.

Este chacra representa a comunicação entre o corpo e a consciência que nele reside. O corpo começa por comunicar aquilo que quer e de que necessita. As suas necessidades são em seguida comunicadas, graças ao apetite, de tal modo que se o corpo necessitar de potássio ao nível físico, por exemplo, comunicará através do apetite um desejo de comer uma banana ou qualquer outro alimento que contenha potássio nas quantidades que o corpo necessitar. O ser no interior desse corpo poderá em seguida agir como bem entender.

O corpo é o veículo da consciência, tal como um automóvel o é para o condutor no seu interior. Se, através dos seus instrumentos, o automóvel comunica ao seu condutor que precisa de gasolina, a reacção inteligente consiste em aceder ao seu pedido e não decidir que lhe deve dar algo diferente.

Na nossa sociedade foi-nos ensinado a não confiar no nosso apetite, mas a sermos cada vez mais dependentes daquilo que os peritos dizem que devemos comer. Contudo, diferentes peritos possuem ideias diferentes e diferentes actividades geram necessidades individuais distintas. Uma secretária tem necessidades alimentares diferentes das de um mineiro, por exemplo. Um bom relacionamento com o Chacra Laranja implica uma boa comunicação entre o corpo e a consciência no seu interior a respeito daquilo que o corpo deve receber, e implica igualmente que essa comunicação seja escutada.

O Chacra Laranja está associado ao princípio do prazer. Quer isto dizer que somos atraídos para o que nos apraz no campo da alimentação e da sexualidade. Deve, contudo, manter-se sempre presente o aspecto da

comunicação entre o corpo e a consciência. É muito possível, por exemplo, que desejemos por prazer algo que não interesse minimamente ao nosso corpo. Após termos comido um litro de gelado de chocolate, o nosso apego à sensação aprazível poderá parecer dizer-nos que ainda conseguimos encaixar um pouco mais na barriga, mas simultaneamente o nosso corpo dir-nos-á que já comeu o suficiente. Se lhe dermos mais, em lugar de prazer obteremos desconforto.

Devemos escutar o nosso corpo no tocante àquilo que o faz sentir-se bem. Se, quando lhe damos ouvidos, o nosso apetite provoca ao nosso corpo algum desconforto físico, nessa altura ele terá deixado de servir o seu propósito principal no sentido de prover o combustível requerido para o veículo físico e deveremos então procurar restabelecer uma comunicação mais clara, libertando-nos de determinados apegos, até que de novo funcionemos com clareza nessa parte da nossa consciência e em relação ao que os nossos corpos pedem.

Podemos ainda considerar que o apetite funciona sempre como deve e que os desconfortos físicos provocados por determinados hábitos alimentares apenas nos revelam quais os aspectos da nossa consciência e do nosso corpo energético que se encontram em desequilíbrio. Por exemplo, uma pessoa poderá perguntar-se a si própria qual é o chacra que está localizado no lugar onde sente o desconforto, e aperceber-se de que não tinha tido clareza nessa parte da sua consciência.

Em todo o caso, a dor e o desconforto são sinais de que existe algum desequilíbrio e de que há algo que tem de ser alterado, de maneira a que a pessoa possa regressar ao seu estado natural de harmonia.

Da mesma forma como funcionam os nossos apetites, os nossos corpos reagem sexualmente a certas coisas e a outras não. Se prestarmos atenção ao nosso corpo, ele informa-nos acerca do que lhe dá prazer, liberto dos ditames morais que nos são impostos ou das ideias que os outros possam ter do que está ou não correcto. No presente sistema, preocupamo-nos apenas com a questão de saber o que é que funciona e o que é que não funciona em relação a cada caso particular.

Caso se verifique algum sintoma que afecte a nossa actividade sexual, será uma indicação clara de que temos estado a fazer coisas ou a tomar atitudes que não têm estado a funcionar para nós e que devem ser alteradas.

No âmbito do Sistema do Corpo Espelho, fazemos a distinção entre o amor e o sexo. Ambos são aspectos diferentes do nosso sistema energético e somos nós que decidimos se os juntamos ou não, e como os juntamos. O Chakra Laranja representa a nossa relação com o prazer que recebemos do nosso próprio corpo físico. Ele preocupa-se, portanto, com a sensação pura e com aquilo que sente e não com as ideias que possamos ter acerca daquilo que ele *deveria* sentir.

Quando ocorre algum sintoma de um lado ou outro do Chakra Laranja, podemos ver qual a tensão ao nível da consciência que é espelhada pelo referido sintoma, ao considerarmos o Chakra Laranja enquanto comunicador entre o corpo e a pessoa no interior.

Um problema com o ovário da vontade (o ovário situado no lado da vontade), por exemplo, representa, ao nível da consciência, uma tensão na área da sexualidade (dado que os ovários controlam a sexualidade), referente a uma conflituosidade (a tensão em si é um conflito) entre aquilo que o corpo pede e aquilo que a pessoa quer. O corpo está a dizer, «Eu quero *aquilo*» e a vontade da pessoa está a retorquir «Eu não quero que tu queiras isso».

Se a tensão se verificasse no lado das emoções, poderíamos interpretá-la como sendo o resultado de um conflito entre aquilo que lhe pede o corpo e as suas emoções. Deve aqui ser salientado que o problema não tem que ver com o que a pessoa se permite a si própria fazer ou não fazer, mas antes com o que ela se permite a si própria sentir e aceitar como sendo o que para ela é verdadeiro.

Quando as sensações, o prazer que se pode obter através do corpo, constituem a motivação primária na vida de uma pessoa, podemos afirmar que é aí, no Chakra Laranja, que ela mora durante esse período da sua vida. É a partir desse chakra que ela dirige a sua consciência para outros chacras, em função de onde escolhe focar a sua atenção em determinado momento.

Embora o nosso relacionamento com a alimentação e com o sexo pertença ao domínio do Chakra Laranja, há contudo certos sintomas que envolvem a alimentação e o sexo que não estão relacionados com este chakra. A bulimia, por exemplo, consiste numa perturbação em que a pessoa afectada não recebe a nutrição que requer da comida que ingere. Os chacras responsáveis por essa perturbação são na verdade o Chakra

Vermelho, que tem que ver com a vontade do indivíduo em deixar-se alimentar, e o Chakra Amarelo que, através do vômito, rejeita a alimentação. As tensões a este nível podem estar relacionadas com uma sensibilidade extrema em relação à liberdade.

Uma pessoa que sofra de um grave bloqueio ao nível do Chakra Vermelho poderá não funcionar bem sexualmente sem todavia ter qualquer espécie de problema ao nível do Chakra Laranja. Enquanto os ovários, por exemplo, são controlados pelo Chakra Laranja, os lábios da vagina estão sob o controlo do Chakra Vermelho. O processo correspondente no homem envolve a glândula da próstata controlada pelo Chakra Vermelho enquanto o Chakra Laranja controla os testículos e portanto o impulso sexual.

Quando uma pessoa se sente muito insegura, ela poderá não funcionar convenientemente no plano sexual, mas esta situação alterar-se-á mal o Chakra Vermelho seja curado. É precisamente por esta razão que o Chakra Vermelho é visto de forma errada em muitos sistemas enquanto chakra sexual. Um mapa dos nervos revelará que a gónada é controlada pelo Plexo Lombar, que está associado ao Chakra Laranja, e não pelo Plexo Sacro que está associado ao Chakra Vermelho.

Embora o Chakra Verde, o Chakra do Coração, esteja associado aos aspectos relacionais do sentido do tacto, é contudo o Chakra Laranja que está em causa quando este sentido tem que ver com sensações e sentimentos ao nível físico e emocional, enquanto forma de comunicação entre o corpo físico e a consciência no seu interior e quando este sentido está primariamente envolvido na nossa experiência pessoal daquilo que nos possa dar prazer ou não. O Chakra Laranja está relacionado com o prazer que sentimos através do nosso corpo.

No que concerne os vários corpos, o Chakra Laranja está associado ao corpo emocional e à disposição do indivíduo em sentir as suas emoções. As emoções que a pessoa sente estão relacionadas e dependem igualmente dos outros chacras envolvidos na experiência em causa, mas aquilo a que nos referimos neste momento é apenas ao processo em geral de nos permitirmos sentir.

Podemos, por exemplo, escutar música de maneira perfeitamente mecânica ou podemos permitir-nos ser tocados pela música e senti-la. Esta decisão de a sentirmos está geralmente associada ao Chakra Laranja,

enquanto o que sentimos dependerá do conteúdo da música e da clave em que é tocada.

Quando uma pessoa vive uma experiência geradora de emoções muito fortes e difíceis de enfrentar, por exemplo, uma sensação de traição por parte de alguém muito próximo e em quem confiava, pode ser tão traumático a ponto de a poder levar a tomar, a um nível profundo, a decisão de não sentir as resistências que para ela são de natureza tão traumática.

Certa mulher, após ter passado por uma experiência particularmente penosa com o seu ex-genro, passou em seguida a viver uma sensação de frieza, impedindo-se a si mesma de sentir as mensagens que lhe enviava o seu corpo em relação ao sexo com o seu marido. Ela tinha desligado todos os aspectos do Chakra Laranja.

Desta forma, alguém que esteja afectado por sintomas que apontem para tensões no seu Chakra Laranja e nos aspectos de consciência que estão ligados a este chakra, poderá examinar o relacionamento de todos estes aspectos em causa. Poderá examinar, por exemplo, as semelhanças que existem no tocante às suas relações com a alimentação, a sexualidade e as suas emoções.

Dessa forma a pessoa poderá vir a descobrir que esses relacionamentos se espelham todos uns aos outros, ou que um se evidencia mais enquanto outro é minimizado. Se, por exemplo, a satisfação sexual for de algum modo suprimida, o apetite por comida poderá aumentar. A pessoa opta assim por uma forma diferente de satisfazer os desejos do Chakra Laranja.

Se ingerirmos mais comida do que a que nos pede o corpo físico através do Chakra Laranja, este poderá desligar-se por si só, afectando desse modo o apetite sexual.

Embora possamos dizer que há uma convergência de atenção para essa área, apercebemo-nos de que têm existido maneiras diferentes de lidar com essa atenção.

Olhando para nós mesmos desta forma, podemos ver o que devemos fazer para regressar à experiência daquilo que reconhecemos como sendo o nosso estado individual de equilíbrio e de integridade. Actividades por excesso ou por carência podem ser reequilibradas e podemos decidir fazer o que for necessário para regressar ao nosso estado natural de harmonia.

Sabemos que *tudo pode ser curado*.

O Chakra Amarelo

Outras designações: Chakra do Plexo Solar, Centro de Poder, Manipura.

Localização: Plexo Solar.

Partes do corpo: As partes do corpo associadas a este chakra incluem o sistema muscular, a pele enquanto sistema, o plexo solar, o intestino grosso, o estômago, o fígado e ainda outros órgãos e glândulas situados na região do plexo solar. A glândula endócrina associada a este chakra é o pâncreas.

Sentido: O sentido físico associado a este chakra é a visão. Os órgãos da visão, os olhos, estão também associados ao Chakra Amarelo.

Aspectos de consciência: Os aspectos de consciência associados ao Chakra Amarelo incluem as percepções relacionadas com o poder, o controlo, a liberdade, a facilidade de uma pessoa ser ela própria – de estar à vontade. A este chakra está igualmente ligada a actividade mental.

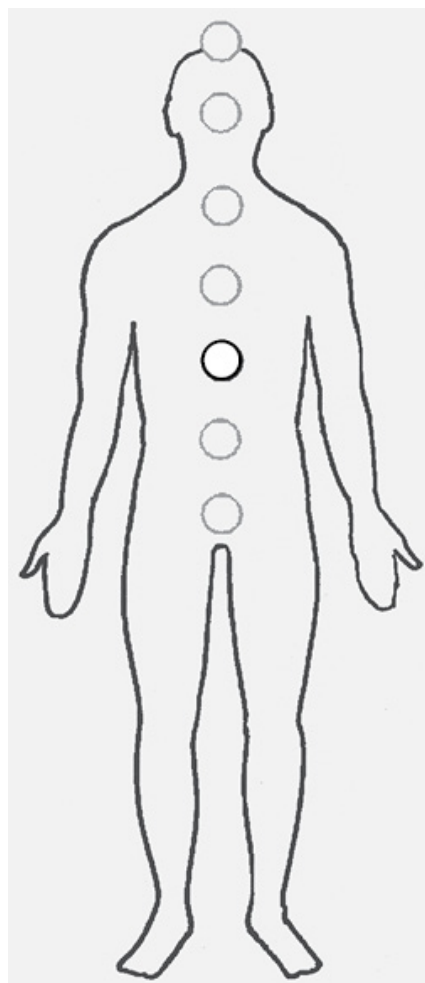


Figura 9.1 Chakra Amarelo

Uma vez que o Chakra Amarelo está associado ao sentido da visão, pode dizer-se que todas as pessoas que sofrem de perturbações da visão sofrem uma tensão na consciência em relação aos aspectos de consciência associados a este chakra.

A natureza da sua visão no plano físico é um reflexo do seu modo de ser. O míope vê com maior facilidade o que está próximo de si do que o que está afastado. A direcção da sua atenção é para o interior ou afastada do exterior. A sua resposta a um mundo ameaçador é retrair-se para o interior, vendo o mundo através de um filtro perceptual de insegurança ou medo. Existe tensão não só no Chakra Amarelo, mas também no Vermelho.

A pessoa com hipermetropia vê o que está longe em vez do que está próximo. A sua atenção dirige-se para o exterior, expandindo e afastando-se do interior, mantendo à distância aquilo que lhe é exterior. A sua

resposta a um mundo ameaçador é mantê-lo à distância e passa a ver o mundo através de um filtro perceptual de raiva ou culpa. Existe tensão não só no Chakra Amarelo, mas igualmente no Chakra Azul.

Uma pessoa que sofra de astigmatismo tem uma visão deturpada do que quer ou do que sente, em função do olho afectado ser o da Vontade ou o do Espírito (o olho das emoções). Ela decide que o que realmente quer ou sente é inapropriado por qualquer razão e decide que deve ser algo diferente, passando a acreditar naquilo que decidiu e não naquilo que era verdadeiro para ela inicialmente. A sua visão revela-lhe que essa é uma visão distorcida das coisas. Há outros chacras para além do Chakra Amarelo que são afectados e a questão de saber quais são depende de quais as percepções que estão a ser distorcidas.

Uma incapacidade para ver, quando analisada pelo prisma de que foi a pessoa que a criou, pode ser descrita como uma recusa em ver alguma coisa. Qualquer sintoma que afecte a visão pode, aliás, ser descrito como tendo a sua génese numa recusa em ver alguma coisa ou no facto de não querer enfrentar alguma questão referente à sua vida em relação à qual não está satisfeita. Se a pessoa estivesse disposta a enfrentar a questão e a ver como é que se sente a esse respeito, seria forçada a fazer alguma coisa para a mudar.

O daltonismo descreve a relação da pessoa com os vários chacras. Por exemplo, a incapacidade de distinguir entre o Vermelho e o Verde pode ser lida como o reflexo de uma incapacidade de distinguir entre a segurança e o amor, aspectos respectivamente dos Chacras Vermelho e Verde. Quando essas questões tiverem sido esclarecidas, a percepção correcta das cores será restabelecida.

No sistema endócrino, quando o pâncreas se encontra afectado (como acontece no caso de diabetes), o sintoma costuma ser descrito como uma incapacidade de tolerar o açúcar. Mas descrevendo as coisas do ponto de vista de que foi a própria pessoa que criou o sintoma, diríamos antes que ela própria mantém a doçura à distância. Quando alguém se aproxima demasiado com doçura, sente de imediato uma ameaça ao seu poder de ser ela própria e emerge então uma emoção que tem como função criar um distanciamento seguro. A emoção é a ira. Aos diabetes está, pois, associada uma supressão da raiva e manifesta-se numa altura da vida da pessoa em que está zangada com alguma coisa, mas não se sente livre para

o exprimir.

Dado que o pâncreas se situa no lado dos sentimentos ou no lado emocional do Chakra Amarelo, é possível vê-lo como uma tensão ou conflito entre as suas emoções e o seu à-vontade. Trata-se, pois, de uma reacção emocional. Caso se manifeste no lado da vontade, poderíamos vê-lo como um conflito com a sua vontade.

Os diabetes são considerados uma doença hereditária, mas apesar disso temos a possibilidade de escolher ver qualquer doença como estando associada a uma maneira de ser. No seio de determinada família, se uma criança imitar a maneira de ser que predispõe o seu progenitor a padecer de um sintoma específico ela será capaz de criar em si o mesmo sintoma. Quando alterar essa maneira de ser, conseguirá libertar-se do sintoma.

Se os diabetes podem ser vistos como representação da rejeição da doçura, a hipoglicemia representa o oposto. A pessoa busca a doçura ou expressões de amor e afecto sob a capa de uma pretensa fraqueza e perceptível desamparo.

Os sintomas que se manifestam noutros órgãos associados a este chakra (fígado, vesícula biliar, baço) estão associados de igual modo a formas insatisfatórias de lidar com a ira.

O elemento a que está associado o Chakra Amarelo é o fogo e, por conseguinte, o relacionamento que a pessoa tem com o fogo, ou com o Sol, pode ser revelador de um paralelo com os relacionamentos que essa pessoa possa ter com os aspectos de consciência representados por este chakra. Assim sendo, alguém que seja sensível ao Sol, pode ser visto como alguém que possui uma sensibilidade particular em relação ao poder, ou controlo, ou liberdade. Caso se verifique algum problema de pele revelador de que a pessoa esteve exposta ao sol em demasia, podemos interpretá-lo como um excesso de energia ou de atenção ao nível do chakra do plexo solar.

Quando a motivação primária na vida de uma pessoa é a sua liberdade, ou o poder, podemos afirmar que durante esse período da sua vida ela reside no seu Chakra Amarelo.

O Chakra Amarelo está igualmente associado ao corpo mental, e portanto à actividade da mente. Quando uma pessoa tem uma actividade excessiva na sua mente, sente igualmente uma tensão no seu Chakra Amarelo.

A mente é uma ferramenta da consciência e é apenas uma parte da consciência. Possuímos outras partes, é óbvio, nomeadamente a alma e o espírito.

Quando uma criança vem ao mundo, ela é uma alma que se manifesta através de uma consciência individualizada, a saber, o espírito. Possui de igual modo uma mente que está associada ao Chakra Amarelo e que ela utiliza no seu processo de aprendizagem. Quando ela aprende a reagir a certos sons (o seu nome) ou a comportar-se de certa forma, ela é recompensada com amor. Depressa ela começa a identificar-se com as coisas que conhece, em vez de se identificar com aquilo que ela é, e dessa forma desenvolve, igualmente ao nível do Chakra Amarelo, aquilo a que apelidamos de personalidade.

Esta personalidade consiste, portanto, para a criança, na sua identificação com a sua mente, situação essa que tem sido definida no ocidente como sendo norma da sociedade, a nossa definição da «normalidade».

Por vezes, a personalidade está em concordância com o espírito e, por outras, parece estar a querer puxar noutra direcção, criando uma tensão, até que ambas possam de novo ficar alinhadas. O ser interior, o espírito, poderá desejar uma coisa, enquanto a personalidade poderá sentir alguma dificuldade a esse respeito, dado que ela vive pressionada pelas inibições que lhe são impostas pela sociedade. Algumas das referidas inibições podem ser de algum valor, no sentido de que protegem a sociedade, mas outras, ao invés, apenas impedem as pessoas de serem elas próprias e de viverem as suas verdades. As tensões assim criadas podem dar origem eventualmente a sintomas, até ao momento em que a pessoa consiga regressar a ser quem ela é na verdade, e passe a viver a sua verdade, optando por deixar de estar à mercê de ideias autolimitadoras.

Ela pode igualmente optar por viver num sector da sociedade que dê valor àquela maneira de ser que a faz sentir feliz e que para ela é natural.

Embora o desejo de viver a paz interior seja grande, devido a uma forte identificação com a actividade mental, um sem-número de pessoas na nossa sociedade ocidental sente-se muito pouco à vontade com a ideia de permitir que a mente descanse. As suas mentes deixaram já de ser meras ferramentas e passaram a ser os seus mestres.

A reconquista da mestria da nossa própria mente passa pela tomada de

decisão consciente de quais as ideias que aceitamos ou rejeitamos, escolhendo as percepções em vez de permanecermos à sua mercê, e desenvolvendo a capacidade de permitir que a mente descanse na inactividade até ao momento em que ela seja de novo requerida para o processo analítico. Ao procedermos dessa maneira, advirá uma faculdade acrescida de estarmos presentes e de vermos as coisas tal como elas são, em vez de as vermos através do filtro de percepção das ideias preconcebidas que possuímos acerca do que é a verdade.

Dessa forma passa a haver, igualmente na consciência, mais paz e mais calma e uma capacidade acrescida de comunicação com outros níveis de consciência, em vez da negação dos impulsos intuitivos por ideias preconcebidas e por elaborações racionais para não os seguir.

Quando a personalidade puxa num outro sentido que não aquele em que segue o espírito, atribui-se-lhe frequentemente o nome de ego. Enquanto muitas disciplinas espirituais estão vocacionadas no sentido da destruição ou subjugação do ego, podemos igualmente ver esta postura como sendo uma forma de combate contra algo que faz parte de nós, criando tensões adicionais pelo facto de discriminar essa parte de nós, tornando assim mais difícil ainda a tarefa de nos libertarmos de todo esse processo.

Faz mais sentido uma aceitação de todos os aspectos de nós mesmos, combinada com uma opção consciente de nos alinharmos com aquilo que, a níveis profundos do nosso ser, é verdadeiro para nós, alinhando a personalidade com o espírito e removendo desse modo a tensão, sem minimizar ou destruir um qualquer aspecto daquilo que somos.

Uma forma de o fazermos é através da tomada de consciência de que aquilo que tem acontecido nas nossas vidas não tem sido mais do que aquilo que realmente queríamos que acontecesse, o reflexo de decisões que tomámos a um nível profundo. Ao admitirmos este facto, reconhecemos desse modo que o espírito nos tem guiado e que é possível libertarmo-nos de tensões passadas, ao situarmo-nos no momento presente reorientados de maneira mais positiva em relação ao futuro.

Podemos igualmente decidir que temos estado de algum modo a fazer a coisa acertada, embora possamos não ter tido consciência das boas intenções das nossas acções. Estas têm sido feitas em perfeita concordância com as nossas sensibilidades e com os nossos valores, os quais formam as bases das nossas prioridades e de todas as nossas

decisões.

O que acaba de ser dito está em conformidade com a filosofia tibetana que afirma que em virtude daquilo que você é, sempre foi e sempre será, não há jamais qualquer necessidade de se desculpar ou de se justificar pelas acções que tenha assumido. Por esse prisma, você tem sido sempre guiado pelo espírito e tem sempre feito a coisa acertada, de acordo com os valores pelos quais tem vivido.

Poderá também, claro, reconhecer certos modos de ser passados que não tenham tido resultados satisfatórios para si, independentemente da justificação que possa ter criado em apoio dessas maneiras de ser, e tomar em seguida a decisão de que já não precisa de fazer as coisas dessa maneira. Poderá, então, reconhecer prioridades diferentes e, com base nelas, estabelecer valores diversos, passando a ter a possibilidade de ter uma vivência diferente de quem você é.

Ao fazê-lo, aceita uma outra maneira de ser que funciona melhor para si, e passa a sentir uma paz acrescida no seu íntimo. Não precisa de continuar a identificar-se com as acções do ser que deixou de existir, nem sequer a justificá-las. Passa, ao invés, a encarar esse ser com maior compaixão e a viver o que resta da sua nova vida. Liberta-se desse modo do sofrimento que impôs a si próprio e renasce nesse mesmo instante numa outra experiência de vida que o faz sentir-se muito melhor e na qual vive uma felicidade acrescida.

Será, então, igualmente capaz de viver na sua consciência a liberdade que lhe permitirá explorar níveis mais profundos do seu ser, considerados mais elevados.

No decorrer de algumas curas, se o sujeito tiver náuseas, esse facto revelar-lhe-á que, embora ao seu nível mais profundo ele tenha pedido a cura e a tenha já recebido, a personalidade persiste contudo em agarrar-se aos padrões antigos, gerando assim as consequentes tensões ao nível do plexo solar. A reafirmação da decisão de aceitar a cura que é requerida a níveis profundos do ser, bem como das alterações de consciência que inevitavelmente acompanham a cura, servem enormemente para facilitar o decorrer deste processo, tornando-o muito mais suave.

Isto serve também como ilustração do processo de alinhamento da personalidade, o ego, com aquelas decisões que foram tomadas a níveis profundos da consciência, o espírito, para que o ser na sua íntegra fique

alinhado com essa intenção. A personalidade tem assim a possibilidade de concordar com uma decisão que ela sabe ser o verdadeiro reflexo daquilo que a totalidade do ser deseja a um nível profundo, e que ela sabe ser benéfico para o ser na sua totalidade. A personalidade passa dessa forma a estar alinhada quanto à sua intenção, espírito e alma, possuindo além disso um sentido de cooperação.

Em resumo, faça sempre aquilo que, no mais fundo de si, deseja realmente fazer. Não faça aquilo que realmente não deseja fazer, no mais fundo de si. Ao longo do processo, seja sempre quem você é realmente e confie na sua viagem.

Se esqueceu esta regra básica da vida e passou a estar em desequilíbrio, poderá reassumir-se ao recordar para si a sua verdade interior, de que se encontra aqui para ser feliz, e de que *tudo pode ser curado*.

O Chakra Verde

Outras designações: Chakra do Coração, Centro do Amor Vivo, Anahata.

Localização: Centro do tórax.

Partes do corpo: Este chakra está associado ao coração, ao sistema circulatório e ao plexo cardíaco, bem como aos pulmões e à zona do tórax em geral. A glândula endócrina associada ao Chakra Verde é o timo, o qual controla o sistema imunológico.

Sentido: O sentido físico associado a este chakra é o sentido do tacto. Este sentido (o toque) pode, enquanto sensação, relacionar-se com o Chakra Laranja, mas no caso presente tem que ver com a forma como a pessoa se sente ao ser tocada e com o modo como o indivíduo se relaciona no interior do seu corpo.

Nota: Quando alguém é sensível a ser tocado, nós consideramos esse facto como estando relacionado com algo que se está a passar no seu Chakra Verde. De igual modo, as pessoas que gostam de tocar nas outras enquanto falam com elas revelam algo do que se passa no seu Chakra Verde enquanto comunicam. Quanto àquelas pessoas insensíveis nalguma parte do corpo ou da pele, ou que sintam um entorpecimento, podemos afirmar em relação a elas que se estão a impedir de sentir alguma coisa, o que se relaciona mais com o Chakra Laranja, no seu papel de predisposição para sentir, como é o caso das emoções.

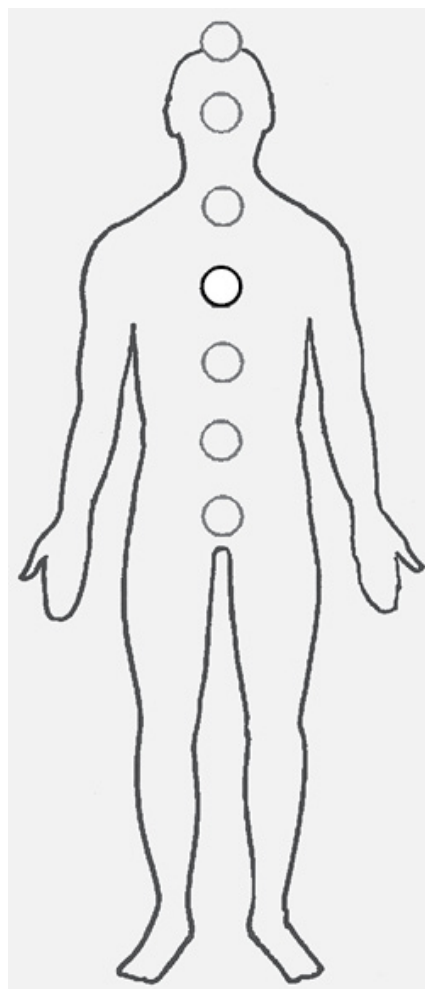


Figura 10.1 Chakra Verde

Quando alguém recebe uma massagem, esta poderá não passar de uma experiência puramente física, não muito diferente de ser tratado como um pedaço de carne, através de uma manipulação puramente física, ou, pelo contrário, o massagista poderá ser sensível ao ser no interior do corpo, possuindo um sentido daquilo que a pessoa sente ao ser tocada desse modo, e modificando as técnicas que vai aplicando com base na comunicação com o ser no interior do corpo. Quando esse relacionamento se verifica, trata-se nessa altura do sentido do tacto que associamos ao Chakra do Coração.

Aspectos de consciência: Todos os chakras anteriores diziam respeito ao indivíduo em si, às suas experiências íntimas e a ele mesmo. A partir do Chakra Verde passamos a estar envolvidos com o relacionamento do indivíduo com o meio envolvente. Aqui a palavra chave é Relacionamento.

O Chakra Verde tem que ver com o relacionamento, com a área da vida de uma pessoa que tem que ver com as suas relações e com as percepções que ela tem do amor. Quanto ao tipo de relações, tanto podem ser as amorosas como pode tratar-se do relacionamento com qualquer pessoa que lhe esteja próxima do coração, como sejam pais, filhos ou irmãos.

Quando têm que ver com o amor, ou com a percepção de ser amado, pode ser percebido como sendo um processo de dádiva e de recebimento de amor. Pode igualmente ser vivido como sendo um espaço partilhado no qual o amor é sentido, fluindo simplesmente, acompanhado de um sentimento de «inclusão» e de «nós», e não necessariamente de um sentimento de dar ou de receber.

Elemento: O elemento que está associado a este chakra é o ar, e podemos afirmar que o relacionamento que a pessoa tem com o ar reflecte o seu relacionamento com o amor. No caso daqueles indivíduos que suportam mal o ar e que sofrem de problemas respiratórios, como a asma ou um enfisema, a sua «incapacidade» para inspirar ou para expirar reflecte respectivamente as decisões que eles tomaram em relação a deixarem entrar ou sair o amor.

Dado que a glândula do timo, associada ao Chakra Verde, controla o sistema imunológico, aquelas pessoas cujos sistemas imunológicos se encontram afectados (sida ou HIV positivo) têm uma maneira de ser que afecta as percepções que possuem do amor. Os seus estilos de vida separam-nos daquelas pessoas que amam.

Os detalhes dos seus estilos de vida poderão divergir, desde preferências sexuais distintas ao recurso a drogas não aceites socialmente. Poderá ter que ver igualmente com o facto de viverem numa sociedade repressiva, como aconteceu no Haiti durante a ditadura de Duvalier, altura em que o vírus aí surgiu pela primeira vez em virtude das pessoas terem deixado de confiar umas nas outras no seio da mesma família. O factor constante, porém, no surgimento do vírus da sida, reside na forma como a pessoa percebe o amor, e o modo como ela sente esse amor.

É claro que problemas cardíacos ou circulatórios, ou ainda quaisquer problemas que afectem o sistema circulatório integralmente, podem ser reconduzidos a tensões no Chakra Verde, bem como às percepções que a pessoa tem do amor e do modo como ele flui.

Outros sintomas que espelham tensões no Chakra Verde são aqueles que

aparecem na região do tórax ou nas costas, ao nível deste chacra. O cancro da mama e outros tumores ou problemas dermatológicos na área do Chakra Verde são exemplos disso.

O cancro é uma metáfora de coisas que são retidas e que não são expressas, e a parte do corpo afectada revela aquilo que foi retido e ficou por exprimir. Quando o seio de uma mulher fica afectado, podemos dizer que isso representa algo acerca dos seus sentimentos em relação a ser mulher e a ser mãe.

Se seguirmos o possível desenvolvimento lógico desta doença, podemos vislumbrar a possibilidade do seio vir a ser removido. Quando descrito do ponto de vista de que foi a própria mulher que criou o sintoma, diríamos antes que ela se tem separado da sua feminilidade, manifestando mais características masculinas do que seria normal no seu estado de equilíbrio natural.

A razão de ser para a sua atitude de dureza é bastante clara. Ela precisa de retirar um peso do peito, um qualquer ressentimento que ela tem mantido preso ao nível do Chakra Verde, na área que diz respeito aos relacionamentos. Ela sente-se mal em relação a algo que aconteceu e tomou a decisão de que não quer mais viver com essa situação.

Se o sintoma se manifestar no lado dos sentimentos, ou das emoções, do Chakra Verde, podemos afirmar que existe um conflito no seio de um relacionamento envolvendo as emoções. Se for do lado da vontade, tratar-se-á de um conflito envolvendo a vontade ou aquilo que a pessoa deseja. Podemos igualmente fazer a leitura do sintoma pelo ponto de vista do lado masculino e feminino do corpo, e indagar se faz sentido analisá-lo como tratando-se de um conflito com um homem ou com uma mulher.

Os mesmos sintomas podem afectar um homem, mas é muito menos usual. Quando isso sucede, o significado é idêntico no que se refere à questão do equilíbrio entre as características que definimos como masculinas e as que definimos como femininas do indivíduo em causa.

Quando o Chakra Verde necessita de uma maior abertura, poderá tratar-se simplesmente de um processo de evolução, em virtude de o indivíduo ter tomado a decisão de que deseja sentir mais amor do que as definições de amor tradicionalmente aceites têm permitido, ou porque o indivíduo tomou a decisão de mudar para o Chakra Verde o local onde residia a sua consciência.

Poderá igualmente ser ditada por uma necessidade do indivíduo curar um qualquer sintoma que tenha estado relacionado com as suas percepções do amor ou de falta desse amor, em virtude de se ter permitido que ressentimentos, juízos de valor ou expectativas tivessem interferido com essas percepções do amor.

Qualquer que seja a nossa justificação para fecharmos as nossas portas ao amor ou para não o sentirmos, não será uma razão suficientemente boa. Através da associação que existe entre o Chakra Verde e o sistema imunológico, podemos aperceber-nos do papel importante que o amor desempenha nas nossas vidas. Podemos ver que ele é imprescindível para a nossa sobrevivência e que sem amor as pessoas tomam a decisão de deixar de viver.

Quando o Chakra do Coração, o Chakra Verde, se fechou, podemos recorrer à Aceitação como uma chave e como um ponto de referência para o processo da sua abertura. Esta palavra pode ter significados diferentes, dependendo da forma como é entendida através do filtro de percepção, da bolha, de cada indivíduo. Assim, pode ser relacionada com as percepções individuais que têm de ser alteradas para que a pessoa possa vir a sentir mais do amor que tem à sua disposição, através do modo como o indivíduo pode optar por ver as coisas.

A cura começa pela aceitação, ao nível emocional, de que há algo que tem de ser curado. Caso contrário, haverá tanta negação que a resistência à situação irá retirar atenção e energia da que estiver a ser dirigida para a cura.

A aceitação de que algo precisa de ser curado permite o acto de amor-próprio de desejar que a cura aconteça. Por sua vez, a aceitação da cura permite a aceitação do estado de consciência através do qual o sintoma pode ser libertado e deixa de existir. Pode também ser utilizada como lembrança de que o amor que se encontra em redor do indivíduo tem de ser aceite por ele por forma a que possa vir a ter o efeito de cura pelo qual é conhecido.

A abertura do Chakra Verde pode ser um processo de auto-aceitação, substituindo a autocrítica pelo amor-próprio. Em vez de dar a si próprio razões para acreditar que existe uma maneira de alterar o seu modo de ser natural e de alterar aquilo que é verdadeiro para si, poderá aperceber-se da importância da aceitação da sua individualidade e da sua singularidade.



Figura 10.2 Símbolo da Aceitação

Reconheça a maneira de ser que sente ser a mais natural para si, sem fazer qualquer tipo de juízo de valor acerca dessa maneira de ser, e em seguida aperceba-se de como ela é apreciada pelos outros. Poderá dessa forma optar por passar mais tempo na companhia daqueles que apreciam e amam quem você é na realidade.

Esta auto-aceitação vem acompanhada da aceitação da individualidade dos demais e com o sentido de apreço que lhe é própria. À medida que for aceitando os outros pelo que realmente são, sem qualquer tipo de julgamentos acerca da sua maneira de ser, o apreço por esses seres e por quem eles realmente são tem espaço para crescer no seu interior e é você próprio que, ao proceder dessa maneira, passa a sentir-se melhor.

Quando não há qualquer expectativa, não se aguarda que os outros alterem um qualquer aspecto da sua maneira de ser que para eles seja natural. Podem ser vistos tal como se apresentam no momento da experiência. Esta ausência de críticas e expectativas na sua percepção dá-lhe uma sensação agradável que é vivida no coração, e trata-se, sabemos-lo, de aceitação, conhecida também como amor.

Quando você registra as suas percepções ao nível do Chakra Verde,

parece-lhe, à medida que observa à sua volta, que o mundo inteiro está a funcionar a partir desse espaço. Você tem a impressão de que as acções de todas as pessoas têm como força motivadora de base o amor. Afigura-se-lhe que todos estão motivados pelo amor e que, por vezes, reagem apenas à percepção que o amor lhes falta, dado que pessoas diferentes aprenderam maneiras diferentes de exprimir o amor que sentem.

Para uns, a expressão do amor poderá manifestar-se dizendo aos outros aquilo que devem fazer, uma vez que, quando isso aconteceu com eles, entenderam tratar-se de uma expressão de amor. É óbvio que outros poderão fazer a leitura dessa expressão de modo diferente, uma vez que poderão sentir que se alguém os ama de verdade não quererá de forma alguma controlar as suas vidas, mas antes reconhecerá a sua capacidade para tomarem as suas próprias decisões e para serem a expressão plena de quem realmente podem ser.

Neste campo, por exemplo, os pais exprimem o seu amor pelos filhos educando-os, mas quando estes crescem e se tornam adultos poderão deixar de querer que lhes seja ministrada educação. Se os filhos (agora já crescidos) rejeitarem essa expressão do amor dos pais, estes esforçar-se-ão mais ainda e poderão vir com grande facilidade a ter a percepção de que os seus filhos deixaram de os amar.

O filho dirá: «Se os meus pais realmente me amassem, não me diriam aquilo que eu devia fazer. Dado que me estão a dizer aquilo que eu devo fazer, eles não me aceitam tal como eu sou.» Os pais dirão: «O meu filho já não escuta o que lhe dizemos. Ele deixou de nos amar.»

É fundamental, para que se mantenha a percepção do amor, que se olhe para lá da sua expressão, para o sentimento que lhe serve de base. Por exemplo, o adulto (criança em tempos) poderá dizer aos pais: «Obrigado por me quererem ajudar, mas eu prefiro fazer as coisas à minha maneira. Eu sei que vocês me amam e que apenas desejam a minha felicidade. Isto é o que me fará sentir feliz. Obrigado pelo vosso amor. Eu também vos amo.»

Graças à percepção de que o amor está presente, as tensões que acompanham a percepção errónea da sua falta podem ser libertadas. Sem estas tensões, e sem os sintomas que as acompanhavam, a pessoa pode ver de novo o mundo à sua volta de um modo que funcione melhor para ela, estando curada.

O amor cura.

Tudo pode ser curado.

O Chakra Azul

Outras designações: Chakra da Garganta, Centro da Cornucópia, Visuddha.

Localização: Base da garganta.

Partes do corpo: Ao nível físico este chakra controla a garganta e o pescoço, os braços e as mãos, e está associado ao plexo braquial ou cervical. A glândula endócrina associada a este chakra é a tiróide.

Sentido: O sentido físico associado a este chakra é o sentido da audição e, portanto, igualmente os órgãos desse sentido de audição, os ouvidos.

Aspectos de consciência: O Chakra Azul está relacionado com os aspectos do expressar e do receber, bem como com as convicções que dizem respeito à manifestação dos objectivos. Está igualmente ligado ao processo da escuta da intuição, bem como ao estado de consciência que é vivido quando nos deixamos fluir juntamente com o processo. Há quem o apelide de abundância, enquanto outros conhecem-no como sendo o estado de graça. Este é também o primeiro estado de consciência a partir do qual é possível viver de forma directa um sentido de interacção com aquilo a que alguns chamam a Inteligência Superior, e um relacionamento com o «espaço» à sua volta, o seu «espaço».

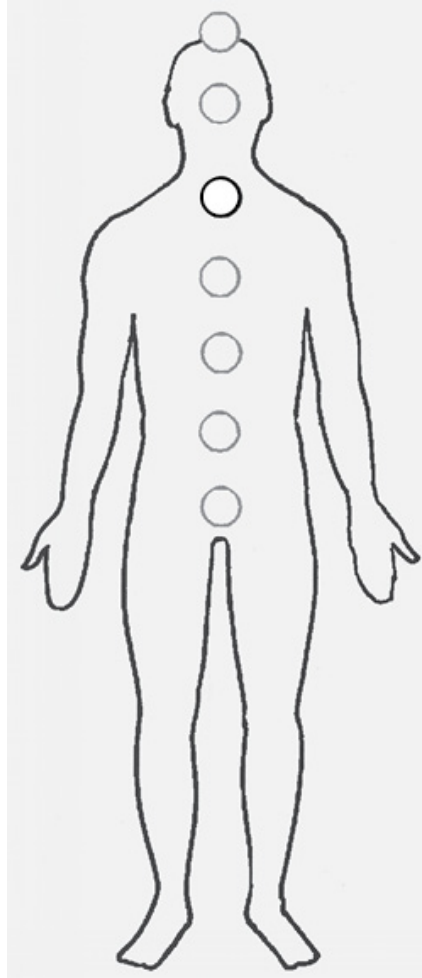


Figura 11.1 Chakra Azul

Elemento: O elemento associado a este chakra é conhecido como o éter, o qual é definido como sendo o elemento físico mais subtil e que corresponde, no nível físico, ao espaço profundo. Consiste num vazio, um vácuo é certo, mas que é contudo considerado uma parte do universo físico.

No que se refere ao processo de expressão que associamos ao Chakra Azul, poderá representar o processo da comunicação e do diálogo. Poderá igualmente representar a expressão por parte de alguém daquilo que lhe é verdadeiro, ou a expressão daquilo que lhe é íntimo. Neste sentido, refere-se também às mais variadas formas de expressão, tais como a dança, a música, a pintura ou qualquer outro processo que vise exteriorizar aquilo que está no interior, quando o propósito principal dessa actividade visa realmente exprimir algo.

No seu aspecto de receber, o Chakra Azul controla os braços e as mãos,

que representam respectivamente tentar alcançar algo e possuí-lo. Quando alguém magoa o braço, por exemplo, sendo assim incapaz de o estender, se descrevêssemos o sintoma pelo prisma de que foi a própria pessoa que o criou, diríamos que ela se impede a si própria de alcançar algo. Isso significa que se tem estado a dar razões para não atingir os seus objectivos. Que tem estado a retrair-se e a encontrar razões para não acreditar que os possa vir a alcançar.

Caso o braço atingido seja o braço da vontade, a pessoa ter-se-á impedido de alcançar aquilo que deseja, e se for o braço dos sentimentos ou da emoção, ela ter-se-á impedido a si própria de alcançar aquilo que a faz feliz.

Funcionamos da melhor maneira quando aquilo que queremos é também aquilo que nos faz felizes.

Se for a garganta que está afectada no lado da vontade, a pessoa terá sentido uma resistência em relação a exprimir aquilo que quer, enquanto se o lado afectado for o lado dos sentimentos será uma indicação de que há uma resistência em exprimir os seus sentimentos.

O Chakra Azul espelha as afirmações bíblicas do género, «Procura e encontrarás» ou «Bate à minha porta e ela ser-te-á aberta» ou ainda «Pede e receberás», no que se refere à expressão daquilo que se quer para poder vir a obtê-lo, e ao expressar os seus sentimentos para poder vir a obter o que o faz feliz.

O estado de consciência ao nível do Chakra Azul está associado à abundância, a qual está obviamente relacionada com o quanto a pessoa se permite receber.

Tal como mencionámos, o Chakra Azul está associado à escuta da intuição, a qual, segundo nos é dito, nos conduz com sucesso à realização dos nossos objectivos. É-nos dito igualmente que podemos sempre ter confiança nela. Ela surge da parte mais profunda do nosso ser, vem da Consciência Universal, o lugar onde tudo é conhecido, e é moldada à nossa medida graças à nossa consciência individualizada, o nosso espírito. Ela respeita os nossos objectivos e as nossas sensibilidades de maneira que possamos permitir deixarmo-nos conduzir na direcção daquilo que queremos, e afastarmo-nos daquelas situações que representam para nós pontos sensíveis ou resistências.

Quando escutamos a nossa intuição, somos levados sem esforço pela

corrente, movendo-nos com aquelas coisas que têm tendência para acontecer e aceitando, sem quaisquer resistências, a tendência que demonstram algumas outras para não acontecerem. Permanecemos sendo nós próprios e reconhecemos igualmente, a cada instante, aquilo que para nós é verdadeiro.

É óbvio que se a nossa intuição nos guia no momento presente, ela tem que ver apenas com aquilo que se está a passar no momento presente e com aquelas decisões que temos de tomar no momento presente.

Quando nos deixamos levar desta forma pela corrente, as coisas acontecem-nos de uma maneira que cria a percepção de que a vida satisfaz todas as nossas necessidades sem o menor esforço da nossa parte. Basta-nos apenas pensar nas coisas e elas acontecem. É um estado de fluxo no qual as coisas se manifestam.

Trata-se de um espaço mágico, havendo quem o considere como sendo um estado de consciência místico, devido à percepção directa da interacção que se opera com um outro estado de consciência que alguns apelidam de Deus. Outros haverá que preferem chamar a este estado de consciência o Espírito Santo, ou o Universo, ou o Supraconsciente ou ainda a Inteligência Superior. Contudo, o aspecto mais importante desta percepção não é tanto o nome que lhe atribuímos, mas sim o sentido de uma interacção com um nível superior.

Algumas pessoas apelidam este estado de consciência de estado de Graça, no qual o indivíduo tem a impressão de que Deus quer para ele tudo aquilo que ele próprio deseja, e lho entrega.

Vistas as coisas a partir deste estado de consciência, o Universo é uma entidade benévola e poderá parecer que acontecimentos aparentemente desconexos possuam um padrão e uma ordem que os una, como uma conspiração que visa fazer o indivíduo feliz. Há quem o descreva como tratando-se de uma paranóia positiva. Outros ainda procurarão personificar a entidade benévola que percebem, tal como o fez Jesus com o Seu Pai.

Ele pôde assim dizer: «Não sou eu que faço tais coisas, mas sim o Meu Pai.» Era para Cristo evidente que tudo aquilo que estava a acontecer ultrapassava aquilo que Ele fazia a um nível pessoal, e que um outro nível de inteligência cooperava com Ele. Esta é então a visão a partir do Chakra Azul.

O Chakra Azul pode funcionar neste estado de Graça ou de abundância por si só, ou em cooperação com o Chakra Verde.

Quando o Chakra Azul funciona em conjunto com o Chakra Verde, aquilo que o Universo oferece surge através de uma expressão de amor. O indivíduo segue o seu fluxo, imbuído de um sentido de amor e exprimindo esse seu amor, provendo desse modo às necessidades das outras pessoas sem qualquer esforço da parte delas, e desse modo também as *suas* próprias necessidades são saciadas da mesma maneira, através de uma expressão de amor. O facto de fazer boas acções em prol dos outros, motivado por uma genuína vontade de o fazer, encoraja os demais a quererem igualmente fazer boas acções em retorno. Faz aos outros aquilo que gostarias que te fizessem a ti.

A chave para permanecer neste espaço consiste em continuar no fluxo da expressão do seu amor, e em reconhecer e aceitar aquilo que recebe como tratando-se da resposta àquilo que havia pedido na sua consciência. De reconhecer que se tratou de uma prenda do Espírito, entregue pelo indivíduo que se sentiu motivado a agir de tal forma através da expressão do *seu* amor.

No âmbito do nosso modelo do universo físico, definido através dos chacras, e no que diz respeito à associação do elemento éter com o Chakra Azul, alcançamos o elemento físico mais subtil. Restam-nos, porém, outros dois chacras por discutir. Os elementos que estão associados aos dois chacras seguintes devem então ser elementos não físicos, ou elementos espirituais, não existentes no universo físico.

No âmbito do presente sistema podemos afirmar que o universo físico é projectado para uma outra dimensão que nós apelidamos de espiritual.

A partir do ponto de vista espiritual, definimos o éter como sendo a matriz sobre a qual se opera essa projecção do universo físico. É o lugar onde existem, sob o aspecto de hologramas, as formas de pensamento¹ e é sobre essas formas de pensamento tridimensionais que os elementos físicos são projectados de maneira a que seja concretizada a plena manifestação no universo físico.

O éter pode, assim, ser visto também como a ponte entre os universos espiritual e físico. Quando a consciência de uma pessoa se encontra neste local, ela vive o estado de Graça há pouco descrito.

Existe uma ligação entre o Chakra Vermelho e o Chakra Azul. Enquanto

se pode afirmar que o Chakra Vermelho representa as convicções do indivíduo em relação à satisfação das suas necessidades, o Chakra Azul tem que ver com a satisfação dos desejos, daquilo que o indivíduo quer. Se o indivíduo em causa não tiver grande confiança em relação à satisfação das suas necessidades básicas de sobrevivência, ser-lhe-á muito difícil acreditar no estado de abundância que é representado pelo Chakra Azul.

Isto pode reflectir-se na atitude que uma pessoa tem com o dinheiro. No âmbito do Chakra Vermelho, o dinheiro representa a segurança. Já no domínio do Chakra Azul, o dinheiro representa uma recompensa por um trabalho bem executado. Uma pessoa exerce uma qualquer actividade pelo simples prazer de a fazer, tendo prazer em a poder exercer, e o Universo dá-lhe todo o seu apoio. A pessoa aceita esse apoio ao deixar que lhe pagem por aquilo que faz, embora não tenha sido essa a razão que a tivesse levado a desempenhar essa actividade. Ou, então, ela pode permitir a si própria receber algo em troca daquilo que faz, sentindo-se à vontade com esse processo.

Ao nível do Chakra Azul, portanto, uma pessoa toma uma decisão a respeito do estilo de vida que pretende viver e repara na forma como o Universo a apoia nessa sua opção de estilo de vida. Ela continua apenas a fazer aquilo que realmente deseja fazer e a não fazer aquilo que não quer fazer, e apercebe-se de que as suas necessidades são sempre satisfeitas no momento, sem qualquer tipo de esforço da sua parte. À medida que vai pensando nas coisas, essas coisas vão acontecendo.

Nessa altura, a pessoa estará a viver a abundância e a vida no Chakra Azul.

[1.](#) O conceito da expressão «forma de pensamento», no original inglês *thought-form*, encontra-se explicado no capítulo 16 do presente livro (*N. do E.*).

O Chakra Índigo

Outras designações: Chakra da Fronte, Centro da Consciência Desperta, Terceiro Olho, Ajna.

Localização: Centro da fronte.

Partes do corpo: Este chakra está associado à fronte e às têmporas, bem como ao plexo carótico e ao controlador principal de todo o sistema endócrino que é a hipófise. A disfunção deste chakra está associada a problemas de crescimento, provocando casos de gigantismo e nanismo.

Sentido: O sentido associado ao Chakra Índigo é o conjunto de todos os sentidos internos que correspondem a cada um dos sentidos físicos externos. Ao sentido externo da visão, por exemplo, está associada a clarividência, ao sentido externo da audição está associado o sentido interno da clariaudiência, etc. A combinação de todos estes sentidos internos é conhecida como Percepção Extra-Sensorial, ou P.E.S., como sendo o conjunto dos sentidos para além do nível físico. Trata-se do meio de comunicação entre um espírito e outro.

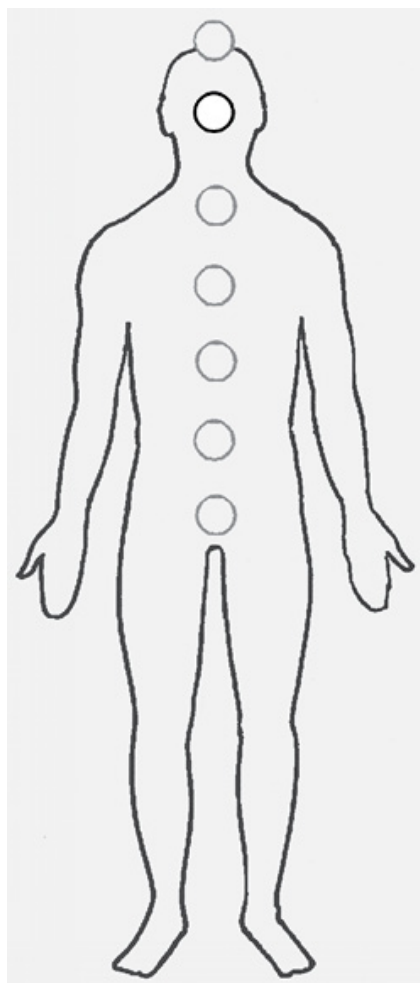


Figura 12.1 Chakra Índigo

A sua habilidade natural para comunicar com o espírito ou com espíritos, para sentir e ver energias subtis e para trabalhar com elas está associada a este chakra.

Aspectos de consciência: Este chakra está associado ao nível mais profundo que apelidamos Espírito, o lugar onde residem as nossas verdadeiras motivações e que a sociedade ocidental conhece sob o nome de subconsciente ou inconsciente. Está igualmente ligado àquilo que consideramos ser a espiritualidade e com a perspectiva espiritual das coisas.

Elemento: O elemento associado a este chakra consiste numa vibração, é um elemento que não é físico, conhecido por Som Interior. É o som que se pode escutar nos ouvidos, mas que não depende de uma fonte no mundo físico. Enquanto a sociedade ocidental o encara como uma condição patológica cuja causa é desconhecida, a capacidade de o escutar é

considerada por algumas tradições orientais (nomeadamente o Kriya Ioga, no qual fui iniciado) como um requisito prévio para um crescimento espiritual posterior.

Em algumas destas tradições existe inclusivamente um conjunto de sons interiores, cada um dos quais possui um significado particular que serve para comunicar ao indivíduo algo acerca daquilo que está a acontecer na sua experiência do momento. Poderá tratar-se de uma experiência transcendente acompanhada de música cósmica que alguns associarão ao canto de anjos ou à música que terá inspirado compositores como Mozart. Poderá ainda ser o som que, durante o processo de transformação e de movimentação entre dois paradigmas, assinala a intensificação da energia. O som interior pode ainda assemelhar-se a um assobio, ao som de uma torrente ou a uma campainha.

Na maioria das vezes, e quando é sentido como um problema, trata-se do espírito, aquele aspecto mais profundo da pessoa, que está a atrair a sua atenção como um despertador, pedindo-lhe que reexamine aquilo que, a níveis mais profundos, é verdadeiro para ele, quando se tenha verificado o caso de não ter estado a prestar atenção a esse aspecto e de não se ter escutado a si próprio.

Uma mulher dos Estados Unidos, por exemplo, tinha ido visitar a sua filha que vivia na Europa e quando chegou a altura de regressar, porque ela achava que o «deveria fazer», começou a ouvir uma campainha a tocar nos ouvidos. O seu ser interior, que ela na altura tinha estado a descurar, pretendia dessa forma captar a sua atenção e perguntar-lhe o que ela realmente queria fazer. Na realidade, ela desejava permanecer na Europa e quando tomou essa decisão o som deixou de existir.

Deste modo, pode ver a associação deste chacra com níveis mais profundos da sua consciência, desde o nível chamado Espírito, ou espiritual, e ver o que é verdade para si a esse nível, uma vez que é ele que realmente dirige a sua vida.

A partir deste nível de percepção, você consegue observar as suas acções, o seu teatro exterior, tendo consciência do seu teatro interior, ou seja, das motivações que estão por detrás dessas suas acções. Consegue ver quando é que as suas acções visam a obtenção de um efeito específico ou quando visam suscitar uma reacção particular.

O Chacra Índigo pode igualmente representar o relacionamento que

você tem com as suas opiniões filosóficas, espirituais ou religiosas, uma vez que são estas que lhe podem proporcionar um entendimento deste nível particular do seu ser. Não importa aqui conhecer os detalhes dessas opiniões espirituais, apenas interessa o facto de saber se você está em harmonia com elas ou não.

Numa perspectiva espiritual associada ao Chakra Índigo, é-lhe possível observar que é você quem atrai a si aquelas experiências que reflectem os seus desejos, os seus medos, as suas crenças e as imagens que você coloca na sua consciência, e é possível aperceber-se de que os outros procedem da mesma maneira. É-lhe possível ainda reconhecer que todos os acontecimentos na sua vida reflectem decisões que foram por si tomadas, quer se recorde ou não de ter tomado essas decisões no momento em que ocorrem os acontecimentos. As suas decisões criam acontecimentos no mundo exterior que por sua vez se movem por forma a levar a bom termo as referidas decisões.

Dado que cada um de nós cria a sua própria realidade, pode ver desde já as interacções incríveis que, enquanto criadores que somos, criamos entre nós. É de certo modo como se fosse o actor principal no seu próprio filme, sendo os actores secundários todos os seus amigos, representando cada um o papel que prefere, e sendo você, ao mesmo tempo, um actor secundário no filme de cada um dos seus amigos que, por sua vez, são os actores principais dos seus próprios filmes.

Esta interacção complexa funciona na perfeição, segundo o que cada um de nós cria e concorda em representar.

Quando encaramos a cura como sendo um processo de co-criação, estamos a vê-la a partir do ponto de vista deste chakra, e desse modo podemos igualmente aperceber-nos de que aquilo que acontece durante uma cura é uma função do que cada um dos intervenientes traz consigo.

Podemos dizer que cada um de nós é, de certa forma, como um sonhador que sonha o seu sonho, projectando-o à sua volta, como uma bolha.

Ao considerarmo-nos criadores, podemos reconhecer que cada um de nós, e todos nós, somos criadores projectando no exterior as nossas bolhas respectivas. Quando estas bolhas se interpenetram, elas formam, em virtude da nossa co-criação, um holograma tridimensional que todos concordamos em denominar a realidade física externa. Os acontecimentos

nessa realidade física externa reflectem aquilo que estava a acontecer na consciência de todos os indivíduos envolvidos nesse evento.

Dado que é a partir deste lugar que criamos os acontecimentos no mundo físico, é-nos possível trabalhar de maneiras que aparentam contradizer as leis da física, ou ainda criar sequências de eventos físicos extraordinários, que executam as decisões tomadas por nós em relação à cura. A estrutura biológica altera-se de acordo com as nossas percepções e em virtude do efeito delas.

Quando encaramos a co-criação da cura sob este ponto de vista, podemos igualmente ver outros acontecimentos da nossa vida do mesmo modo, o que nos proporciona níveis de entendimento adicionais, bem como os meios para avançarmos para além de adicionais limites auto-impostos, permitindo-nos verdadeiramente encararmo-nos como criadores.

No decorrer de uma cura, o trabalho sobre o sujeito (aquele que recebe a cura) ao nível deste chakra, revelar-lhe-á como é que ele, enquanto ser, se sente no interior do veículo físico que representa o seu corpo, a forma como ele se sente a respeito desse seu veículo e aquilo que lhe está a acontecer ao nível do espírito.

Durante uma cura, certa mulher recordou a experiência do seu nascimento, que foi por cesariana. Ao operar a mãe, o médico cortou igualmente o bebé, de forma que a primeira experiência dela, antes mesmo de vir ao mundo, foi de dor. Quando ela foi capaz de regressar ao nível de consciência que havia vivido mesmo antes do nascimento, ela passou a sentir-se melhor acerca daquilo que viera fazer a este mundo. Além disso, durante os dias que se seguiram cresceu mais sete centímetros e a cor dos seus olhos alterou-se.

Quando ocorrem casos admiráveis como este, podemos ver que não estamos limitados pelas chamadas leis da genética, da física, da química ou da biologia, e que a força mais poderosa que existe no universo é a consciência que reside em cada um de nós.

É precisamente esta consciência no nosso interior que é quem nós realmente somos, e não o veículo, o corpo com o qual nos possamos ter vindo a identificar. Nós somos o espírito no interior do corpo, que ingressou neste corpo à nascença e que o deixará após o processo a que chamamos morte. Este ser que afinal todos nós somos é, na verdade,

imortal, continuando a viver outras dimensões uma vez completada esta vida, seguindo um processo de duração indefinida.

As percepções que possamos ter após deixarmos o nosso corpo são as da visão espiritual, as quais proporcionam uma sensação mais agradável do que os mesquinhos valores humanos aos quais nos possamos ter acostumado em vida. O lugar onde sentimos esses valores espirituais é aquilo a que alguns apelidam o «Paraíso».

Não é necessário deixarmos o nosso corpo, porém, para podermos apreciar estas percepções mais evoluídas, nem temos de procurar no nosso exterior pelo Reino dos Céus. Tal como nos foi já recordado, este nível de percepção encontra-se no interior de cada um de nós, enquanto parte do equipamento de base do nosso sistema energético.

Podemos vivê-lo sempre que o entendermos. Podemos, por exemplo, vivê-lo neste preciso momento. É possível vivermos agora o paraíso na Terra, enquanto criadores aprendendo a reconhecermo-nos uns aos outros, para podermos então relacionarmo-nos uns com os outros enquanto co-criadores. Podemos ajudar, ao recordarmo-nos mutuamente (e a nós mesmos) quem somos realmente, e curando aqueles que estão à nossa volta se a cura for necessária e solicitada, mantendo sempre a percepção de que *tudo pode ser curado*.

O Chakra Violeta

Outras Denominações: Chakra da Coroa, Centro da Consciência Cósmica, Centro do «Eu Sou», Sahasrara.

Localização: Alto do crânio.

Partes do corpo: Enquanto cada um dos outros chacras está associado a um plexo específico, este chakra está relacionado com o cérebro e com o sistema nervoso na sua íntegra. Qualquer sintoma que afecte o sistema nervoso no seu conjunto, tal como a esclerose múltipla ou a doença de Parkinson, reflecte uma tensão no Chakra Violeta e nos aspectos de consciência associados a esse chakra. O cabelo e as unhas que são essencialmente compostos de tecido nervoso, estão igualmente ligados a este chakra, tal como o alto do crânio.

O Chakra Violeta está associado à glândula pineal, cujas funções, na sua maioria, permanecem um mistério para as ciências exactas, mas que é conhecida por produzir a melanina, substância que reage à luz e que é responsável pela criação da pigmentação na nossa pele.

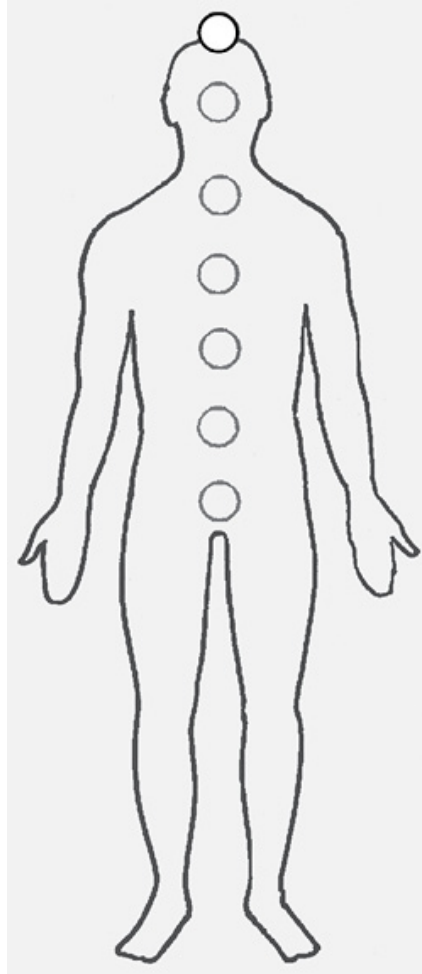


Figura 13.1 Chakra Violeta

Alguns acreditam que quando certas substâncias psico-ativas são ingeridas, elas não permanecem no corpo enquanto tais, mas são convertidas numa outra substância que se assemelha muito às secreções da glândula pineal, e que é precisamente por essa razão que elas têm esse efeito psico-activo. Naturalmente não encorajamos aqui, nem pretendemos de forma alguma promover, a utilização destas substâncias poderosíssimas, apenas explicar a sua acção.

Sentido: O sentido que está associado a este chakra é a empatia, que podemos definir como o sentir da experiência do próximo como se fosse a nossa. É um aspecto da experiência da união com essa pessoa.

Aspectos de consciência: O Chakra Violeta representa parte da nossa consciência que diz respeito às percepções que temos da união e da separação. Representa igualmente o nosso relacionamento com o nosso pai e com a autoridade em geral.

Elemento: O elemento associado a este chacra é uma vibração espiritual muito sutil conhecida por Luz Interior. É o que uma pessoa sente quando se encontra no mais fundo de si, fazendo a experiência de si própria enquanto foco de consciência irradiando inteligência. Esta irradiação, ainda que não seja branca, e que nem propriamente se trate de uma luz, é também conhecida como Luz Branca, porque é essa a descrição mais aproximada em termos dos nossos sentidos físicos.

A Luz Interior é considerada, de um ponto de vista esotérico, como o elemento mais sutil do qual é criado o universo físico na sua íntegra, tornando-se cada vez mais densa através dos elementos do Som Interior, do Éter, do Ar, do Fogo, da Água e da Terra.

No processo de cura, quando o curador entra na consciência da pessoa que recebe a cura, acontece-lhe por vezes sentir aquilo que a outra pessoa sente, como se isso lhe estivesse a acontecer a ele. É fácil compreender porque razão algumas pessoas acreditam que seja possível contrair os sintomas das pessoas que estão a curar. Elas poderão, na verdade, sentir aquilo que a outra sente, na experiência que apelidamos de empatia, contudo, se o curador não tiver criado na sua consciência as condições que estão associadas ao sintoma, ele jamais desenvolverá qualquer sintoma ao nível físico.

Se um curador estiver a trabalhar com alguém que tenha, por exemplo, um braço partido, ou que sofra de hemorróidas, é óbvio que o curador não passará a desenvolver estes sintomas. Então, o mesmo terá de ser igualmente verdade em relação aos demais sintomas.

Em virtude da empatia, o curador poderá vir a sentir não apenas as sensações físicas, mas muito possivelmente o estado de espírito e as emoções que sente a pessoa que está a curar, embora seja raro isso acontecer. Quando os sintomas são eliminados no interior da outra pessoa, o curador sente igualmente essa eliminação. Trata-se de uma espécie de sistema de *feedback* que permite ao curador saber aquilo que se está a passar no interior da outra pessoa.

Se um curador possuir esta sensibilidade, e sentir estas coisas na altura em que se deixa «fluir para dentro» da consciência da pessoa que está a curar, ele poderá posteriormente «despir» a consciência dessa pessoa, como quem despe um casaco, ou poderá ainda «fluir para dentro» de si próprio de novo, por forma a restabelecer a consciência que ele conhece.

Pode dizer-se que qualquer dos chamados estados de consciência «místicos», que podem ser descritos como estados de união, estão relacionados igualmente com o funcionamento deste chacra. Estes estados poderão incluir, por exemplo, sentir a interacção da realidade física na sua íntegra como um filme, como um jogo de sombras e de luz, projectado no interesse da consciência única conhecida por «Eu Sou», que é você mesmo, tal como um sonho é projectado no interesse do sonhador. Neste caso, o sonho parece estar a acontecer no exterior de si, mas não passa na verdade de uma projecção de um aspecto mais profundo da sua consciência. Sendo assim, tudo aquilo que sucede neste sonho mais não é do que uma extensão da sua própria consciência enquanto sonhador. Verifica-se deste modo um sentido de união com todos os demais seres e objectos no sonho, dado que todos eles são partes e extensões de uma mesma consciência, a sua.

Ou então, cada pessoa pode ver-se a si própria como sendo um órgão de um organismo maior. Uma pessoa pode ser um ouvido, outra o nariz, outra ainda o estômago, etc., e nessa altura torna-se evidente que a melhor forma de servir o organismo consiste no ouvido ser totalmente ouvido, no nariz ser totalmente nariz, e por aí adiante. Não faria o menor dos sentidos que o ouvido dissesse: «Preferia ser um nariz.»

Enquanto pareceria que a unicidade de cada uma das partes é de uma importância essencial, parece contudo ser igualmente evidente que cada uma se encontra ligada e constituindo uma parte do todo, tal como no caso dos dedos de uma mão, os quais, sendo cada um deles único, estão contudo todos ligados ao ser a quem pertence a mão, fazendo esta também parte integrante desse mesmo ser. Também aqui se pode ler um sentido de união ligado ao Chakra Violeta, em combinação com as percepções da consciência individualizada e da co-criação que associamos ao Chakra Índigo.

O Chakra Violeta representa o nível do ser que definimos como a alma, o aspecto mais profundo de quem você é. É aquela parte de si que transmigra de vida em vida. No âmbito de uma vida específica, a alma assume uma consciência individualizada a que chamamos espírito, o qual viverá experiências específicas que o prepararão para a função individualizada que você terá nessa vida.

Quando você sente esse aspecto mais profundo de si, poderá parecer-lhe

que a única coisa que existe é a sua consciência. É-lhe possível sentir a consciência «Eu Sou» fundamental. É claro que de um outro ponto de vista, sabemos que a mesma capacidade existe no interior de todo e qualquer Ser. Os outros também possuem essa capacidade de sentir o seu próprio «Eu Sou» como sendo a única coisa existente.

Se o aspecto mais profundo de quem somos, ao nível mais profundo do Chakra Violeta ou da alma, é a mesma consciência «Eu Sou», torna-se nesse caso bastante claro que em última análise somos todos Um Só.

Neste nível de consciência estamos todos ligados. Sendo assim, é forçoso que tenhamos consciência de tudo aquilo que se está a passar na consciência de todos, e que tudo nos seja conhecido, é por isso que o Chakra Violeta ou da Coroa está associado à Consciência Universal e aos Arquivos de Akashic. É igualmente conhecido como o Inconsciente Colectivo ou o Subconsciente Colectivo pelos especialistas ocidentais em matéria da consciência.

É a partir deste local, portanto, que a intuição tem a sua génese. É claro que ela tem de vir de um sítio onde tudo é conhecido para poder ser sempre 100% correcta. Conforme foi descrito, a intuição é individualizada através do espírito para cada ser, o qual, por livre opção da sua parte, seguirá então essa voz intuitiva pela via de menor resistência ou de fluxo ideal, passando a intuição a estar associada ao Chakra Azul.

Enquanto o Chakra Vermelho reflecte o nosso relacionamento com a Terra Mãe, o Chakra Violeta representa o nosso relacionamento com o Pai (Nosso Que Estais No Céu). Na tradicional estrutura familiar, é a mãe quem providencia a nutrição, o conforto e a segurança do lar, enquanto o pai é quem define uma direcção. O relacionamento que determinada pessoa tem com o seu pai biológico, ou com a figura que representa para ela o pai, estabelece o padrão do relacionamento que ela tem com a autoridade, o qual por sua vez, e no âmbito de um paradigma que inclua uma crença em Deus, irá definir as bases do relacionamento dessa pessoa com Deus.

Quando uma pessoa vive uma sensação de separação em relação ao seu pai, ou um sentimento de não ser amada por ele, ela fecha o Chakra Violeta. Do ponto de vista mecânico, ou seja, nos termos do funcionamento do sistema energético, isso gera um sentido de isolamento. A pessoa passa a estar como que escondida numa concha, tornando-se

difícil para os que estão no exterior contactarem com o ser que está no interior, e sendo difícil para o ser no interior sentir o contacto com o mundo exterior. Ela sente-se sempre de alguma forma diferente das outras pessoas que a rodeiam.

Poderá igualmente perder o sentido de orientação, deixando de saber para onde é que se dirige. As suas atitudes para com a autoridade irão espelhar o seu relacionamento com o seu pai, até à altura em que seja outra vez capaz de se tornar receptiva ao amor do pai e tenha uma percepção de si própria como sendo amada pelo pai, ou por Deus.

Por vezes, fechar o Chakra Violeta não resulta de um processo patológico, embora possa proporcionar o mesmo sentido de isolamento. Pode tratar-se de um processo espiritual que afecte uma pessoa educada no seio das tradições ocidentais, mas que possui uma vocação essencialmente oriental. As tradições ocidentais apresentam-nos Deus como sendo uma autoridade que está no exterior de nós e, nesse caso, a separação e o sentimento de isolamento poderão vir a ter o efeito positivo de levarem o indivíduo a descobrir Deus no seu íntimo, passando a ser a sua própria autoridade e reafirmando a crença em si próprio, mas funcionando sempre em conformidade com a autoridade e não mais contra ela.

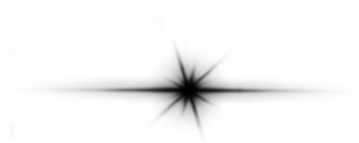
Uma vez que tenham sido estabelecidas as bases filosóficas da crença em si próprio e da autonomia, em combinação com o alinhamento com a autoridade, e uma vez cumprido o propósito positivo do processo, o indivíduo poderá de novo abrir o seu Chakra Violeta e sentir os benefícios de poder optar entre a união ou a separação, em função das necessidades do momento.

Haverá, sem dúvida, momentos em que permanecer só será a decisão apropriada a tomar. Durante um período de meditação, por exemplo, não será de todo conveniente para o indivíduo ter todos os seus amigos e familiares a galoparem através da sua consciência, sendo preferível restabelecer uma concentração e tranquilidade que o prepare para poder funcionar de novo no mundo, com os demais, com clareza.

A questão, claro, gira em torno de termos ou não uma opção. A opção é sempre nossa. Se o esquecemos, poderá ser-nos recordado e lembrar-mo-nos de que podemos ser curados.

Tudo pode ser curado.

TERCEIRA PARTE



Conceitos e Ferramentas

A Luz Branca

Quando se encontrar no mais profundo de si, enquanto foco de consciência irradiando inteligência, estará a sentir a Luz Branca. Dito por outras palavras, a fonte da Luz Branca é você mesmo no aspecto mais profundo de quem é, embora algumas pessoas prefiram senti-la como vindo de «mais alto».

É precisamente por vir dessa parte mais profunda de si, e por representá-la, que ela pode ser utilizada para a «purificação» e para a libertação de tudo aquilo que não seja você mesmo. Alguns curadores, quando sentem que contraíram a vibração ou a consciência da outra pessoa, gostam de se «purificar» após a cura. Se for este o seu caso, poderá fazê-lo enchendo-se da sua própria Luz Branca e regressando à consciência que conhece e que reconhece como sendo você próprio quando está em equilíbrio.

No esoterismo, a Luz Branca é conhecida como a forma mais elevada de protecção espiritual, sendo muitas vezes utilizada para criar a percepção de ser protegido das ameaças apreendidas.

É-lhe possível sentir-se em segurança quando se enche e se envolve por completo de Luz Branca. Quando a sente, sente-se seguro e mais descontraído. Por sua vez, quando se relaxa e quando se abre mais, irradia ainda mais Luz Branca e sente-se ainda mais seguro. O processo desenvolve-se desta forma até que você esteja completamente receptivo e relaxado, sentindo-se completamente protegido e imerso na Luz Branca.

Quando tiver a percepção de que alguém tem ou pode vir a ter um problema («Estou preocupado com ele, espero que ele esteja bem.»), imagine essa pessoa repleta e envolta em Luz Branca, e em seguida mantenha a percepção de que essa pessoa está de facto bem. As suas percepções criam a sua realidade. Em lugar de se agarrar à percepção de que há um problema, veja a outra pessoa na Luz Branca, feliz e saudável, fazendo algo que ela goste de fazer, e insista em manter essa percepção, contribuindo desse modo para a co-criação dessa mesma imagem naquilo que apelidamos de realidade física exterior.

Dado que cada um de nós é uma consciência, dotada do mesmo equipamento espiritual e das mesmas capacidades, somos todos seres iguais do ponto de vista espiritual. Ninguém detém poder sobre si a não ser que você lhe tenha entregue o seu poder através das suas percepções.

Quando teme alguém, é justamente essa percepção de medo, e de se sentir ameaçado, que confere à outra pessoa o poder que ela exerce sobre si. A resistência e o medo são os mecanismos que o possibilitam. Se não tivesse medo da outra pessoa, deixaria de manter a percepção de que ela é mais forte do que você. E se conseguisse ter a percepção de que ela não é mais forte do que você, deixaria de a temer.

Quando você se coloca a si próprio e ao outro na Luz Branca, cria-se uma percepção de igualdade, bem como uma base para a comunicação sem qualquer percepção de ameaça. A resistência é removida e sente-se uma clareza na consciência. É justamente desta forma que alguns curadores preferem comunicar com os espíritos, sem qualquer necessidade de se sentirem ameaçados pelos mesmos. Para fazê-lo, também, poderá encher-se e envolver-se em Luz Branca, vendo igualmente o espírito envolvido e repleto de Luz Branca, e nessa altura será capaz de lhe perguntar: «Quem és tu, e o que é que tu queres?»

Afinal, tem de haver uma razão positiva para que um espírito tenha resolvido apresentar-se para efeitos de comunicação. Por vezes pretendem apenas que saiba que eles estão ali, e que estão a observar, como no caso de um parente que tenha «passado para o lado de lá», tal um pai cujo espírito deseja que o seu filho saiba que não está só, apesar do pai ter «morrido».

Por vezes, surgem para nos ajudar, ou para nos dar alguma informação, ou ainda para uma visão do lado de lá, que nos pode ser de alguma utilidade. E por outras, são eles que precisam de ajuda para resolver algum assunto inacabado, para poderem em seguida prosseguir a sua viagem. A cura assume variadíssimas formas.

Dado que a Luz Branca é composta por todas as cores do espectro, podemos afirmar que a consciência, cujas partes são compostas por todos os chacras em conjunto, numa combinação de todas as cores, pode ser referida como Luz Branca. Podemos, assim, afirmar que a Luz Branca representa a consciência que decide qual o chacra através do qual veremos e viveremos a experiência do momento, ou que canal escolhe para ver a sua televisão.

Em 1975, no decorrer de uma intervenção cirúrgica mal sucedida e destinada a remover o tumor da minha espinal medula, eu atravessei o túnel de que falam certas pessoas quando descrevem o processo de

abandono do corpo no momento da morte, ou durante aquilo a que se dá o nome de «experiências próximas da morte».

No lado de lá desse túnel conheci um Ser de Luz que ali se encontrava para me informar que tinha chegado o momento de eu prosseguir. O Ser em questão não possuía qualquer forma humana, mas aparentava ser apenas uma consciência que irradiava energia e inteligência, e era dessa mesma forma que eu me sentia. Nas profundezas do nosso Ser, naquele plano que apelidamos de alma, é isso que cada um de nós é, no âmbito da estrutura filosófica e espiritual na qual eu acredito. Cada um de nós é constituído de luz, uma Luz Branca que se manifesta.

Por vezes, se uma pessoa fecha o Chakra Violeta, em virtude de não ter a percepção de ser amada pelo pai, ela tentará justificar essa percepção («não sou digna do seu amor», ou «eu não valho nada», ou então «eu fiz algo de muito errado e agora tenho de ser castigada», etc.), passando assim a viver à mercê dessas decisões que tomou. Dado que o Chakra Violeta representa a parte mais profunda de quem somos, enquanto luz, podemos afirmar que uma tal pessoa está nesse caso a impedir-se a si mesma de se ver enquanto luz.

Ela constrói para si uma personificação baseada numa falsa percepção, uma imagem de si própria enquanto ser sombrio, um ser de escuridão.

As dificuldades no relacionamento dessa pessoa com o seu pai, reflectem-se desse modo nas dificuldades que tem em sentir a Luz Branca durante a meditação, por exemplo, até que se consiga de novo abrir a esse relacionamento. Nessa altura conseguirá sentir aquilo que considera ser a redenção, permitindo uma vez mais que o amor do pai chegue a ela.

Visto que a Luz Branca representa o aspecto mais profundo de cada um de nós, ela representa aquela parte de nós que existe por detrás e para além de qualquer sintoma. Nós não somos os sintomas. Estes são apenas aquilo que temos estado a sentir, mas não a partir do aspecto mais profundo do nosso ser.

Quando os curadores vêem a pessoa que estão a curar cheia de Luz Branca, eles são então capazes de insistir em manter as suas percepções sobre esse nível mais profundo da pessoa com a qual estão a trabalhar. Deve ser aqui recordado que a cura está a ser criada pelas percepções do curador às quais, por sua vez, o sujeito dá a sua anuência. A Luz Branca é assim utilizada como um mecanismo que visa desencadear a criação da

percepção de que a outra pessoa está curada.

De igual modo, quando sentir que está a ficar demasiado envolvido num determinado filme, sentindo que está à mercê de um qualquer sintoma ou de alguma experiência que não seja a da sua integridade, poderá recordar-se de quem é realmente, mergulhando no seu centro e sentindo-se como o Ser de Luz que você é na realidade.

À medida que o for fazendo, identificar-se-á cada vez mais com esse nível, até que se torne um novo hábito e a sua nova e habitual maneira de ser. É você quem decide quais as percepções que acha necessárias para que possa ver a libertação dos sintomas, e para que se possa identificar cada vez mais com o sentir da sua integridade.

Ao ser aquilo que você realmente é, será capaz, mais e mais, de se identificar com o Deus no seu interior, com a Luz e com a fonte no seu interior.

Para afirmar «Eu Sou», basta-lhe apenas ser.

Seja apenas.

E saiba que tudo pode ser curado.

A Passagem

Cada um dos chacras é como uma lente através da qual você escolhe fazer uma interpretação dos acontecimentos que ocorrem no mundo exterior. Você pode sempre escolher se prefere interpretar esses acontecimentos através do filtro de percepção da segurança, das sensações, da liberdade ou do poder, do amor, da expressão ou da abundância, do espírito ou, por fim, da união.

Quando olha o mundo através de um filtro específico, ou chacra, é de certa forma como se estivesse no centro de uma bolha tingida pela cor desse filtro, e toda a informação que chega à sua consciência tem de passar através dessa bolha. Poderá parecer-lhe, na ocasião, que as suas percepções reflectem uma verdade universal, e que todas as pessoas que vê têm as suas motivações centradas no mesmo chacra.

Quando, em determinado momento, a sua preocupação principal é, por exemplo, a segurança, podemos afirmar que estará a olhar o mundo através do Chakra Vermelho. Parecer-lhe-á, então, que todas as pessoas se movem motivadas pela segurança ou sentindo-se ameaçadas pela falta dela. Não estará necessariamente a ver o mundo tal como ele é, mas tal como *você* é.

À medida que as suas percepções forem mudando, o mesmo acontecerá com o seu filtro. Quando a sua motivação passa a ser a sensação, por exemplo, os acontecimentos no mundo exterior passam a ter um outro sentido do que quando vistos através do filtro da segurança. Poderá ter-se apercebido já que, em certas ocasiões, quando o seu desejo foi satisfeito pela sensação, muitas vezes se surpreendeu com a forma como na manhã seguinte via as coisas de maneira diferente.

Ao longo do dia, você movimenta-se através dos vários chacras, vendo o mundo através de filtros diferentes, em função da motivação que escolhe para cada momento. Você tem sempre sete programas no seu televisor aos quais pode aceder, sete cenários aparentemente distintos, e você está constantemente a escolher qual o programa que pretende ver a cada momento que passa.

A ideia consiste em não deixar que qualquer um dos canais venha a ser afectado por electricidade estática ou por outras interferências. Quando você está a ver através de um chacra no qual tem uma tensão, a imagem

fica distorcida em virtude dessa tensão. Quando as tensões são removidas, as distorções desaparecem também.

Tal como acontece com qualquer aparelho televisivo, se não gosta do programa que está a ver, basta-lhe mudar de canal, decidindo apenas olhar o mundo através de outro chacra para passar então a ver um outro cenário.

Podemos dizer que um chacra em particular é como se fosse o seu *lar*. Você decide onde quer o seu lar quando opta por uma motivação principal em determinado período da sua vida. Ficarà a saber em que chacra é que estabeleceu o seu lar quando, olhando para aquilo que é mais importante para si em determinado momento, se aperceber de qual a sua motivação principal para agir.

A partir do seu lar, você viaja através dos outros chacras, dependendo das suas motivações a cada instante em particular, regressando em seguida ao seu estado de consciência de «base», ao seu lar. É este o local onde a sua consciência reside quando não lhe sucede nada de especial que desvie a sua atenção para outro local.

Quando você altera a principal força motivadora na sua vida, muda igualmente o seu estado de consciência de base. Isto implica sempre uma alteração correspondente nas suas percepções. A mudança do chacra do plexo solar (Chacra Amarelo) para o chacra do coração (Chacra Verde) implica, contudo, uma alteração particularmente considerável. Para um grande número de pessoas, é como se entre estes dois chacras houvesse uma membrana, que ao nível físico corresponde ao diafragma.

Abaixo desta membrana situam-se os três chacras inferiores, e as percepções a esses níveis são consideradas «ordinárias», segundo os padrões da sociedade. De facto, a nossa sociedade rotulou de «normais» as percepções motivadas pela Segurança, pela Sensação e pelo Poder. Todas as percepções obtidas através dos chacras superiores são consideradas percepções não-ordinárias, e muitas vezes são consideradas pouco usuais ou como tratando-se de estados de consciência místicos.

Referimos já que os chacras representam uma sequência lógica e ordenada de sete vibrações, e que podemos verificar igualmente no mundo que nos rodeia outras sequências lógicas e ordenadas de sete vibrações que representam a evolução da nossa alma e que nos revelam coisas a respeito da nossa consciência.

As sete notas da escala musical (Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si) formam

uma sequência de sete vibrações logicamente ordenadas, e cada nota pode ser associada a um chacra específico. Uma peça musical tocada numa clave específica provoca a vibração de um chacra específico, despertando uma emoção específica.

Entre as frequências representadas por cada uma das notas existe um relacionamento matemático muito preciso. Trata-se de uma progressão matemática. Nessa progressão existem, contudo, dois locais onde acontece algo diferente. A progressão, que até então era suave, é aí interrompida. No Nada Ioga, por exemplo, cada nota musical é dividida em várias partes, do seguinte modo: Dó=4 compassos, Ré=3 compassos, Mi=2 compassos, Fá=4 compassos, Sol=4 compassos, Lá=3 compassos, Si=2 compassos, Dó=4 compassos. Ou seja 4 – 3 – 2 – 4 – 4 – 3 – 2 – 4, etc. Verifica-se uma mudança de registo entre Mi e Fá e entre Si e o primeiro Dó da oitava seguinte.

Podemos então dizer que a mudança ocorre entre o Chacra Amarelo e o Chacra Verde, e também acima do Chacra Violeta. Quando encaramos os chacras como uma representação da evolução da humanidade, estas duas regiões de mudança são consideradas como pontos de choque, membranas que temos de trespassar no nosso processo evolutivo. Esse processo poderá ser brutal ou suave dependendo das percepções que queiramos escolher.

Para a passagem através da membrana entre o Chacra Amarelo e o Chacra Verde, a pessoa tem primeiro de operar as alterações de percepção que são necessárias para se abrir a uma percepção mais clara do amor. Para a passagem através da membrana do Chacra Violeta, as percepções devem estar alinhadas por forma a resolver o paradoxo, ou conflito aparente, entre conceitos de autonomia e uma concordância com a autoridade.

Quando alguém toma a decisão de passar através de uma ou outra destas membranas, algum tempo é necessário para que todas as suas percepções se alinhem com a sua decisão de evoluir. Durante esse tempo, a pessoa reconhece cada vez mais as novas prioridades que formam as bases das decisões por ela tomadas. Ela continua a reagir às condições na sua vida que foram estimuladas pela sua profunda decisão interior.

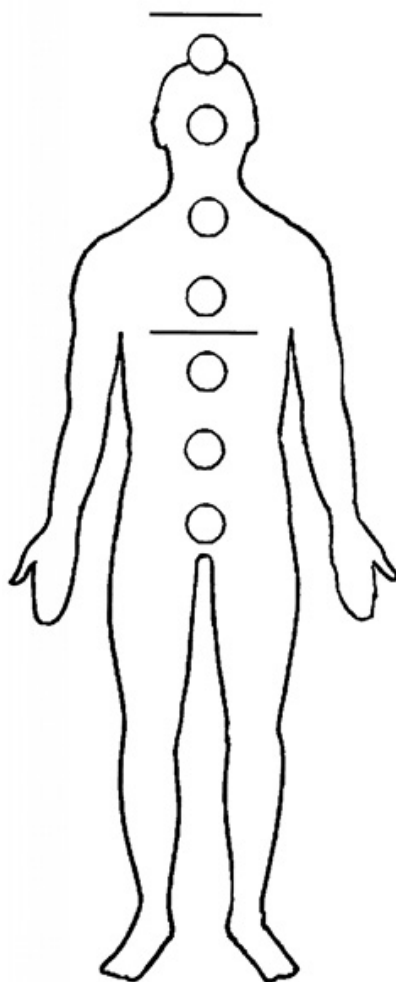


Figura 15.1 Pontos de Choque Evolutivos

Uma pessoa que esteja a efectuar a passagem do Chakra Amarelo para o Chakra Verde e que tenha vivido até ao presente o aspecto do controlo, poderá vir a sentir algumas dificuldades caso insista em agarrar-se ao controlo após ter já tomado a decisão de avançar em direcção à aceitação. Parecer-lhe-á que os acontecimentos na sua vida estarão a ficar ainda mais descontrolados. Poderá inclusivamente ter a impressão de que o mundo está a chegar ao fim, e a destruição afigurar-se-lhe-á iminente, até ao momento em que ela abandone o controlo e se torne receptiva à aceitação.

Por vezes, para estimular a receptividade à aceitação, ocorre um choque que a obriga a abandonar o controlo. Esse choque poderá ser de natureza física ou emocional. Quando o choque é de natureza emocional, e particularmente forte, poderá ser sentido como aquilo que é conhecido como «esgotamento mental», o qual provoca o desmoronamento dos processos mentais de cognição, fazendo com que a pessoa se sinta

descontrolada. Enquanto o tratamento tradicional nestes casos visa reconduzir o indivíduo às suas percepções «normais», essa poderá todavia não ser a melhor abordagem, nem sequer a mais benéfica para o indivíduo no seu processo de evolução.

O mais eficaz, mais rápido e igualmente mais fácil seria encorajar a pessoa a focar a sua atenção sobre novas percepções que a façam sentir-se melhor, passando nessa altura todo este processo espiritual a ser sentido como um processo de ruptura e de avanço, em vez de esgotamento.

Em seguida, vendo a vida a partir de um novo ponto de vista, a pessoa poderá vir a aperceber-se de que as suas dificuldades não eram mais do que o resultado do grau de intensidade com que se agarrara ao controlo. Ela aperceber-se-á deste modo de que tinha sido ela a criar o seu próprio desconforto e o seu próprio sofrimento. Será capaz de se encarar com compaixão (tal como havia sido capaz de o fazer até esse momento), sem qualquer necessidade de se justificar por uma maneira de ser que não funcionava para ela e que aliás já não existia.

Quando há casos extremos de passagens difíceis, é muito possível que a pessoa sinta que está a morrer. Ainda que a sensação seja real, não há aqui qualquer perigo de morte. Trata-se apenas de um processo que se desenvolve na consciência. A pessoa identificara-se com uma determinada maneira de ser, enquanto simultaneamente desejava ver as coisas de uma outra maneira. Para que as coisas possam passar a ter um novo sentido, é claro que em primeiro lugar elas têm de deixar de fazer sentido à maneira antiga. E justamente aquilo que está a morrer é uma antiga maneira de ser.

Se a pessoa insistir em se agarrar à antiga visão das coisas, e à sua velha personificação, o processo poderá ser sentido como a morte do ego. Isto será verdadeiro enquanto a pessoa mantiver a sua perspectiva no passado e naquilo que pretende abandonar. Se o foco de atenção for, ao invés, desviado para o momento presente, com uma orientação para o futuro, a pessoa toma consciência da nova maneira de ser que emerge e o processo passa, a partir dessa altura, a ser sentido como um renascimento.

Podemos encarar este processo como tratando-se da movimentação de uma realidade para outra, ou ainda de uma bolha para outra. Se as imaginarmos como bolhas de sabão que se tocam, podemos ver a membrana que existe entre as duas bolhas, no lugar onde estas se tocam, como sendo a representação daquela outra membrana a que nos temos

referido.

Havia, na bolha antiga, certas percepções com as quais a pessoa se havia identificado. Ela podia afirmar: «Isto sou eu. Eu defino-me a mim própria como tendo estas percepções, mas eu quero que as coisas façam sentido de outra maneira.»

Em virtude deste desejo de mudança, a pessoa inicia a sua movimentação de uma bolha para a outra. Ela chega então à membrana entre as duas, onde as coisas deixaram de fazer sentido à luz da maneira de ser antiga e onde ainda não fazem qualquer sentido na nova maneira de ser. No espaço dessa estreita faixa de tempo, no decorrer da passagem através do campo energético que conseguimos ver enquanto membrana que separa as duas bolhas, as percepções obtidas podem ser de confusão e de caos, até que se inicie a entrada na nova bolha.

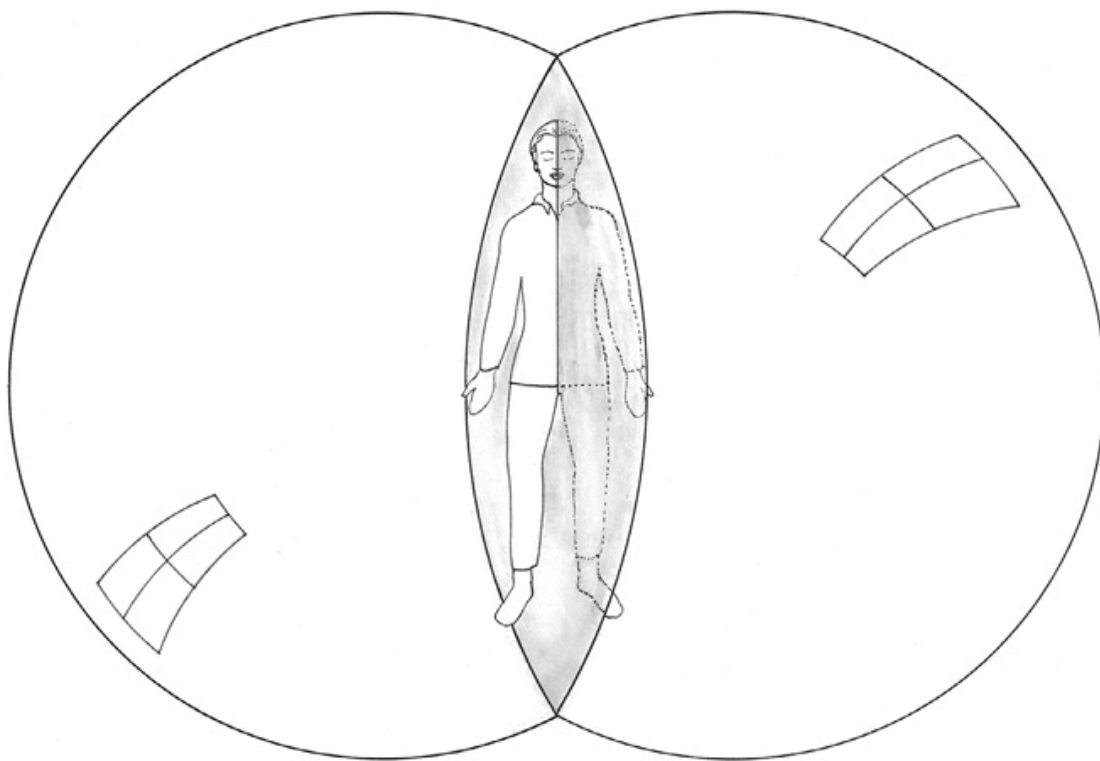


Figura 15.2 Movimentação Através da Membrana

Se, nessa altura, a pessoa orientar as suas percepções em direcção ao passado, para a forma como as coisas faziam sentido nessa altura, isso não resultará. Ao fazê-lo ela tomará consciência daquilo que tem de abandonar. A ideia consiste, portanto, em reconhecer o processo como uma passagem e orientar as percepções para o futuro, na direcção da nova bolha.

À medida que isso for acontecendo, novas percepções revelar-se-ão, emergindo da nova realidade. As coisas começarão então a fazer sentido de novo, mas de uma maneira diferente da anterior. À medida que prossegue a movimentação para o interior da nova bolha, o processo avança e o indivíduo passa a ser capaz de se definir a si próprio à luz das suas novas percepções, vivendo todo o processo como um renascimento. Alguém que tenha dificuldade em ultrapassar este processo poderá sentir uma pressão no plano físico, ao nível da membrana, entre o plexo solar e a zona do coração, que poderá ser extrema, mas que ao mesmo tempo é fácil de eliminar durante uma cura.

Todo este processo é muito mais suave quando a pessoa tem estado a

viver o aspecto da liberdade, em vez do controlo, no chacra do plexo solar. A transição da liberdade para a aceitação é muito mais fácil do que a transição do controlo para a aceitação. Não existe, na movimentação de uma bolha para a outra, um conflito tão acentuado na consciência entre a percepção velha e a nova. E as percepções, que a pessoa sente durante a movimentação através da membrana, não são tão caóticas, mas antes vividas como uma evolução lógica e suave.

Estes processos de passagem podem igualmente verificar-se ao nível da consciência de grupo planetária, a qual é composta pela população de consciências humanas que habitam o planeta. Pode dizer-se que esta consciência de grupo possui chakras, tal como qualquer outra consciência, podendo igualmente dizer-se que também ela atravessa a sua evolução, tal como as demais consciências.

Esta consciência de grupo passa aproximadamente 2000 anos em cada chacra, e os acontecimentos que ocorrem no mundo podem espelhar o chacra no qual se encontra a consciência de grupo planetária.

Nestes últimos 2000 anos temos vivido na Era de Peixes, conhecida também como a era do Chakra do Plexo Solar ou do Chakra Amarelo. No mundo, os acontecimentos têm sido orientados no sentido do poder e do controlo, preocupando-se os diversos países com os seus problemas apenas e com os seus próprios interesses. Isto tem conduzido a guerras numa escala que em muito ultrapassa as da antiguidade. Chegámos inclusivamente a desenvolver o poder suficiente para nos destruirmos a nós próprios, vezes sem conta.

Quando o Ser conhecido por Jesus caminhou sobre a terra há dois mil anos, ele representava o aspecto do Chakra do Coração ou do Chakra Verde, o qual na altura não era de todo comum. Aquilo que viu ao olhar em seu redor eram provas de desordens típicas do Chakra Amarelo. Prevalencia na altura a lepra, uma doença da pele que provoca a deterioração da face. Os sintomas, pessoas que escondem os seus rostos, têm em si implícitos uma culpabilidade como fundamento da maneira de ser que vem a gerar a condição física, e torna-se fácil, então, entender o desejo por parte desse Ser, Jesus, de libertar a humanidade desse fardo desnecessário que ela se impôs a si própria.

Entrámos agora na era que alguns apelidam do Aquário, a era do Chakra do Coração, o Chakra Verde, e as condições que nos envolvem obrigam-

nos a focar a nossa atenção sobre o Chakra Verde. Criámos inclusivamente como condição dos nossos tempos a doença chamada sida, por exemplo. Enquanto a comunidade médica insiste em procurar soluções para este flagelo apenas no plano físico, a comunidade alternativa tem vindo a acumular alguns êxitos ao tratar esta doença mediante a alteração da percepção do amor por parte do indivíduo.

As nações estão mais preocupadas hoje em dia com a questão de uma consciência global e com o nosso desempenho enquanto comunidade global. Vimo-nos forçados a olhar para lá das fronteiras nacionais e os choques de barbaridades passadas e presentes tem vindo a motivar-nos no sentido de passarmos a fazer as coisas de maneira diferente do passado.

Ainda há muitos que não fizeram essa passagem, e cujas percepções lhes têm apresentado imagens de catástrofes globais, mas estas podem ser vistas como acontecimentos que visam estimular um maior sentido de pertença a uma comunidade global, razão por que não acontecem de maneira mais suave.

Essas mesmas percepções podem igualmente ser vistas como sendo os efeitos naturais de ver o mundo através do Chakra Amarelo e darão com toda a certeza lugar a novas percepções de uma consciência global e da necessidade de servir as carências dos demais para que as nossas próprias carências possam vir a ser satisfeitas, assim que o mundo passe a ser encarado pelo prisma mais evoluído do Chakra Verde.

Quanto maior for o número de seres que tiverem efectuado esta passagem, maior e mais acelerado será o efeito que poderão vir a exercer sobre a restante consciência de grupo até que o movimento se tenha consumado e que sejamos então capazes de funcionar com eficácia enquanto comunidade global, tendo todos os seus membros encontrado uma maneira de viverem juntos em harmonia. Então a cura estará consumada.

Nessa altura, se houver realmente uma comunidade mais ampla da qual a humanidade e as outras formas de vida neste planeta apenas representam uma ínfima parte, poderemos deixar que os seus elementos se aproximem de nós sem que nos sintamos ameaçados e talvez então possamos estar preparados para sermos membros no activo com eles nessa comunidade.

Tudo pode ser curado.

Formas de Pensamento

Quando uma pessoa não se está a sentir bem, quando sente algum sintoma, descreverá por vezes o sintoma como tratando-se de uma coisa. Ela poderá dizer que o sente como um peso assente sobre a sua cabeça, ou como uma faca espetada num dos lados do seu corpo. Em termos daquilo que sente, há realmente algo nesse lugar, e ela sente-o de maneira tão real como se de facto existisse no universo físico.

Trabalhamos aqui com a ideia de que estes pensamentos são coisas e de que são de facto reais. Elas existem enquanto formas de pensamento ao nível que conhecemos como o éter, a ponte entre o universo físico e o espiritual. Do ponto de vista esotérico a partir do universo espiritual, o éter é a matriz sobre a qual é feita a projecção do universo físico. Os nossos pensamentos, os nossos objectivos, as imagens que criamos através da nossa consciência e que deixamos nela entrar, são lançados no éter sob a forma de hologramas, aguardando a sua manifestação no mundo físico uma vez reunidas as condições apropriadas.

Durante uma cura, o curador penetra, não sem a anuência do sujeito, no universo deste, na sua bolha, para auxiliar o sujeito a regressar a um estado de saúde. Aquilo que estiver a ser sentido como sendo verdadeiro pelo sujeito, enquanto forma de pensamento, poderá então ser igualmente sentido como verdadeiro pelo curador. Se o sujeito sentir algo semelhante a um peso sobre a cabeça, o curador conseguirá ver esse peso sobre a cabeça como algo de verdadeiro.

Ao nível etéreo as formas de pensamento são constituídas por energia. O curador é capaz de ver e de sentir a energia. Quanto maior for o número de sentidos que o curador conseguir focar sobre a forma de pensamento com que se depara, mais conseguirá torná-la verídica para si. Quando ela for tão verídica para o curador como é para o indivíduo que a sente enquanto sintoma, o curador poderá nessa altura retirar a forma de pensamento da experiência do sujeito. Ao sentir que a forma de pensamento se liberta do seu corpo, o sujeito poderá voltar de novo a sentir a integridade.

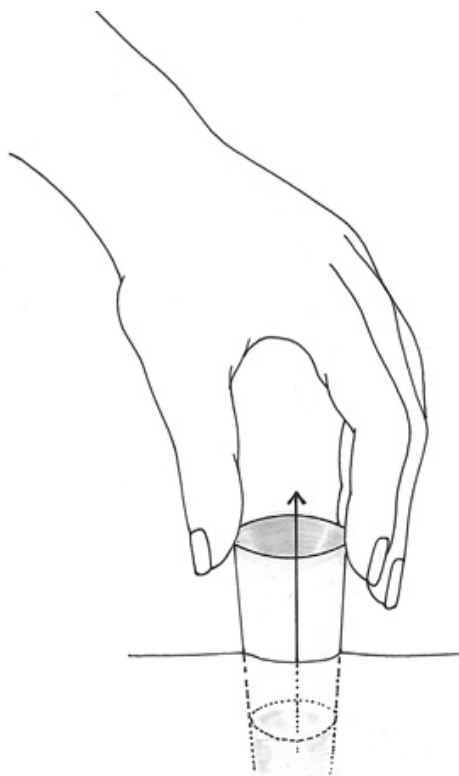


Figura 16.1 Removendo o Buraco

Se havia algum suporte biológico para a ocorrência do sintoma e o sentir da forma de pensamento, e que o sintoma e a forma de pensamento foram libertados e deixaram de ser sentidos, devemos concluir que o suporte biológico foi igualmente libertado.

Recorrendo aos exemplos acima referidos, se alguém sente uma dor de cabeça que se lhe afigura como um peso sobre a cabeça, o curador pode tomar a decisão de ver esse peso, e de sentir a sua gravidade, e ao senti-lo assim como algo de verídico será então capaz de o eliminar. Ao fazê-lo, a experiência à qual se atribuía o nome de uma dor de cabeça deixa de ser sentida. O sujeito sente-a partir e regressa à experiência da saúde. E se havia um suporte orgânico para a dor de cabeça, terá sido impreterivelmente libertado na mesma altura.

Se o sujeito relata que sente uma faca aguçada, é porque de facto *existe* uma faca aguçada. O curador poderá decidir que a consegue sentir, que a consegue ver, e removê-la da experiência do sujeito. Ao proceder desta forma, a cura acontece.

Ao trabalhar deste modo, o curador tem de encarar estas coisas como sendo verídicas. Por exemplo, quando a faca é retirada, pode imaginar que

ela deixou um buraco e que é necessário fazer alguma coisa a esse respeito. O curador poderá preencher o buraco, fechá-lo ou mesmo removê-lo. Afinal, um buraco também é uma coisa. Se começarmos o nosso trabalho com uma pessoa que tenha um buraco, e o retirarmos, resta-nos uma pessoa sem um buraco. Ela fica de novo intacta².

Não existem limites para o que se consegue fazer ao trabalhar no plano de existência etéreo. Podemos imaginar qualquer história que queiramos e insistir em deixarmo-nos acreditar na história que sabemos perfeitamente estarmos apenas a imaginar. Quando o fazemos, a cura acontece.

Os curadores xamânicos trabalham desta maneira, vendo os sintomas como pedras, como vermes ou outros objectos que eles removem do corpo, criando em si próprios, curadores, a percepção de que a cura se consumou. Os curadores psíquicos das Filipinas e da América Latina trabalham da mesma maneira.

Quando estas coisas são tratadas como se de coisas verdadeiras se tratassem, algo tem de ser feito com elas quando são retiradas do sujeito.

Visto que as palavras que utilizamos para descrever aquilo que sentimos criam a nossa realidade, podemos decidir que o objecto em causa quando atirado para o chão se autodestruirá no curto espaço de dois segundos, e que podemos inclusivamente vê-lo a fazer isso. Ou, então, podemos tomar a decisão de devolver esse objecto à grande bola de energia de onde tudo nos chega, ou ainda que as sensações que sentimos enquanto seguramos nesse objecto podem ser reinterpretadas de outra maneira e que ele se transforma, por exemplo, em Luz Branca que poderá vir a ser útil para a cura.

Prosseguindo agora com o nosso exemplo anterior, quando o buraco é retirado do sujeito, deixando-o de novo intacto, o curador poderá guardar esse buraco, colocando-o no seu bolso. Ele fica então com um buraco no bolso. Se, mais tarde, ele der consigo a trabalhar com alguém que tenha uma imensa muralha de pedras à volta do coração, por exemplo, poderá retirar o buraco do bolso e colocá-lo no muro. Dessa forma, passa a haver um buraco no muro através do qual ele poderá então estabelecer o contacto com a pessoa. Um buraco pode ser uma ferramenta muito útil.

É óbvio que a este nível nos é permitido a máxima criatividade. Podemos fazer qualquer coisa que seja, e imaginar tudo o que quisermos para ajudar a eliminar o sintoma, desde que estejamos dispostos a

deixarmo-nos acreditar na história que estamos a imaginar.

Para aliviar a dor, podemos recorrer a válvulas de pressão, se imaginarmos que a dor consiste na experiência de um bloqueio de energia que não flui livremente, em virtude de um excesso de pressão no interior que necessita de sair. Graças a esta técnica é-nos possível aliviar com bastante rapidez qualquer tipo de dor, se bem que as dores de cabeça, mesmo crónicas, pareçam ser particularmente fáceis de tratar.

2. O autor pretende, no original, fazer um jogo de palavras. Em inglês a palavra buraco, *hole*, tem a mesma pronúncia que inteiro ou intacto, *whole* (*N. do T.*).

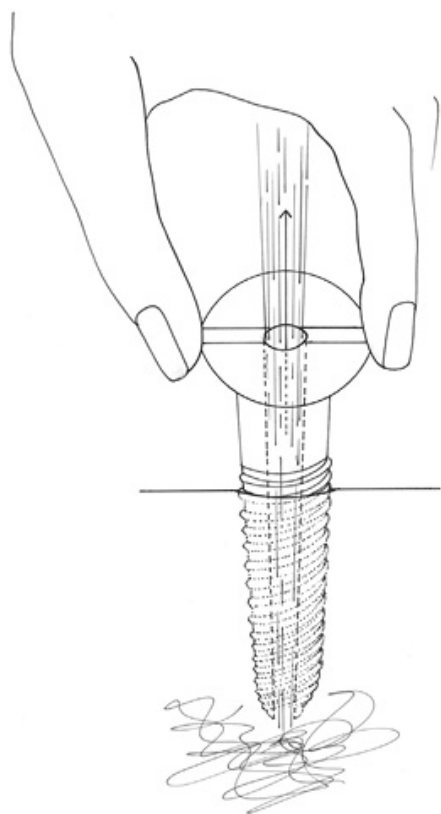


Figura 16.2 Válvula de Pressão

A válvula de pressão pode ter a aparência de um parafuso com um buraco no meio, o qual é atarraxado na cabeça da pessoa, no sítio onde ela sente a tensão. Quando o parafuso atinge esse sítio, o curador poderá então ver a tensão a ser libertada para o exterior, ouvindo um leve «pffffff», e o sujeito sentirá ao mesmo tempo a libertação da tensão. Tanto o curador como o sujeito sentirão a forma de pensamento como verídica embora desta vez ela tenha nascido na consciência do curador.

O curador deverá sempre lembrar-se de retirar a válvula após o trabalho para a poder utilizar de novo caso ela venha a ser necessária.

As formas de pensamento tornam-se um objecto, seguindo a descrição que é feita pelo sujeito da forma como ele sente o sintoma, e é fundamental, portanto, que o curador trabalhe com esse objecto dado que, na consciência do sujeito, foi esse objecto que se intrometeu entre ele e a possibilidade de viver a sua integridade.

A forma de pensamento pode igualmente ser algo que o curador imagina adaptar-se à descrição que lhe é feita pelo sujeito. O curador poderá imaginar, por exemplo, que os joelhos que tenham perdido a sua

mobilidade estejam «enferrujados», e poderá nesse caso recorrer a óleo etéreo para curar o sujeito. Podem ainda ser outras coisas que o curador consiga imaginar para o ajudar a libertar o sintoma, tal como com as válvulas de pressão.

Se tiver alguns conhecimentos de anatomia ou de fisiologia, estes também podem ser utilizados, de maneira a que órgãos defeituosos, ou que tenham deixado de funcionar, possam ser reparados. As chamas de músculos «inflamados» podem ser apagadas. Órgãos que estão «adormecidos» podem ser despertados.

O trabalho com formas de pensamento dá-nos a possibilidade de libertar pessoas das suas dependências, quer estas sejam em relação a substâncias, a ideias ou a relacionamentos. Quando há uma dependência ou uma viciação afirmamos que uma pessoa está «enganchada³». Quando ela não consegue obter aquilo que quer, sente-se mal, e o quão mal se sente reflecte o grau em que está viciada. Quando se sente mal, sente-se mal num determinado sítio. Ao olhar para o sujeito nesse sítio, o curador poderá então ver um gancho e retirá-lo, e uma vez retirado o gancho a pessoa deixa de estar viciada.

Obviamente que isto apenas funciona quando o sujeito deseja sinceramente libertar-se da sua dependência. Se ele não for sincero, mas estiver apenas a fazê-lo para agradar a pessoas que querem o seu bem, o grau de sucesso do processo não será tão grande como no caso de alguém que esteja genuinamente cansado da sua dependência e disposto a largá-la.

Mesmo quando a dependência é em relação a uma substância, o gancho revelar-se-á num chacra ou noutro. Não nos esqueçamos de que o problema não é a substância, mas sim a personalidade viciada que insiste em focar essa substância. O gancho revelar-se-á então no local da verdadeira dependência, que poderá realmente ser a segurança, ou o poder, etc., e é a esse nível que poderá ser solto.

Embora a nossa orientação com os chacras implique um modelo vertical de integridade, com um equilíbrio individual ao longo de um eixo vertical, certas pessoas requerem ainda um acerto horizontal. Queremos com isto dizer que existe um desequilíbrio entre o seu lado masculino e o seu lado feminino. Isso poderá manifestar-se com um dos lados do corpo sentindo habitualmente sintomas ou paralisia, ou os dois olhos não funcionando em uníssono, ou com a dislexia, em que é evidente que os dois lados do

cérebro não «falam» um com o outro.

Quando se verifica que o lado masculino e o lado feminino do cérebro não têm estado a falar, na maioria das vezes isso é uma representação de uma falta de comunicação entre o homem e a mulher, ou entre o pai e a mãe. É fácil imaginar como poderá ter sido difícil para uma criança se tiver existido uma acentuada polaridade desarmoniosa entre os seus pais. Para se ligar a um deles, ter-se-ia visto forçada a romper com o outro, e vice versa. Dificilmente uma criança conseguiria permanecer receptiva às duas energias simultaneamente.

3. O termo mais comum no português é «agarrado», no sentido de se estar preso. (*N. do E.*)



Figura 16.3 Cirurgia Cerebral A



Figura 16.4 Cirurgia Cerebral B

Para resolver esta situação, podemos efectuar uma rápida cirurgia cerebral. Enquanto curador poderá olhar para a cabeça do sujeito e imaginar que consegue ver as duas metades do cérebro. Poderá, então, imaginar um dos lados do cérebro a entrar no outro, aí permanecendo um pouco antes de voltar a sair. Em seguida, poderá repetir este processo no sentido inverso.

Depois de fazer isto, cada lado do cérebro terá tido a oportunidade de sentir o outro e passará a haver uma possibilidade de comunicação entre ambos, quando até esse momento se erguera entre eles uma muralha de incompreensão. Em vez da falta de comunicação entre as duas metades do cérebro, que havia sido a base para o surgimento do sintoma, estão agora estabelecidas as condições para a eliminação desse sintoma.

Alguns dos exemplos que foram aqui mencionados poderão parecer-lhe ridículos e inacreditáveis, ou talvez anedóticos, mas todos foram já utilizados com sucesso por curadores. Nós acreditamos que aquilo que uma pessoa consegue fazer, qualquer outra pode igualmente fazer, e que qualquer ser que consideremos como sendo extraordinário apenas nos mostra um exemplo daquilo que cada um de nós também é capaz de fazer. Acreditamos que você pode também utilizar estas ferramentas com sucesso, no grau em que permita a si próprio acreditar nelas.

Afinal de contas, aquilo que acredita ser verdade, é verdade – para si.

Tudo pode ser curado.

Raízes, Ramificações e Coroa

Quando vive o bem-estar, não está apenas em equilíbrio ao nível dos chacras, mas está igualmente integrado em termos da sua ligação com a terra, através do Chakra Vermelho, e da sua receptividade às energias cósmicas que associamos ao Chakra Violeta.

No decorrer de uma cura, assim que tivermos em equilíbrio o Chakra Vermelho, pedimos em seguida que este envie, através das pernas, raízes que penetrem na terra, e observamos com cuidado para verificar o que aí ocorre quando o fazemos. O cenário que se apresentar, revelar-nos-á a vontade da pessoa em busca de nutrição, de uma fonte de nutrição considerada válida, tal como uma planta pode enviar as suas raízes para o interior da terra e manter uma expectativa razoável de que dessa forma as suas necessidades serão saciadas.

Quando as raízes manifestarem alguma relutância em descerem pelas pernas, será uma indicação de que a pessoa tem tido relutância em procurar no seu exterior a satisfação das suas necessidades, e de que a orientação pessoal de auto-suficiência deixou de ser necessária ou não está a funcionar muito bem para o indivíduo em questão. É claro que é bom ser-se auto-suficiente quando é necessário, mas se uma pessoa insistir em ser auto-suficiente quando não é necessário, isso poderá reflectir uma relutância baseada em experiências prévias, uma relutância que não serve de todo o indivíduo, mas antes reflecte a sua crença básica de que se procurar no seu exterior as suas necessidades não serão satisfeitas.

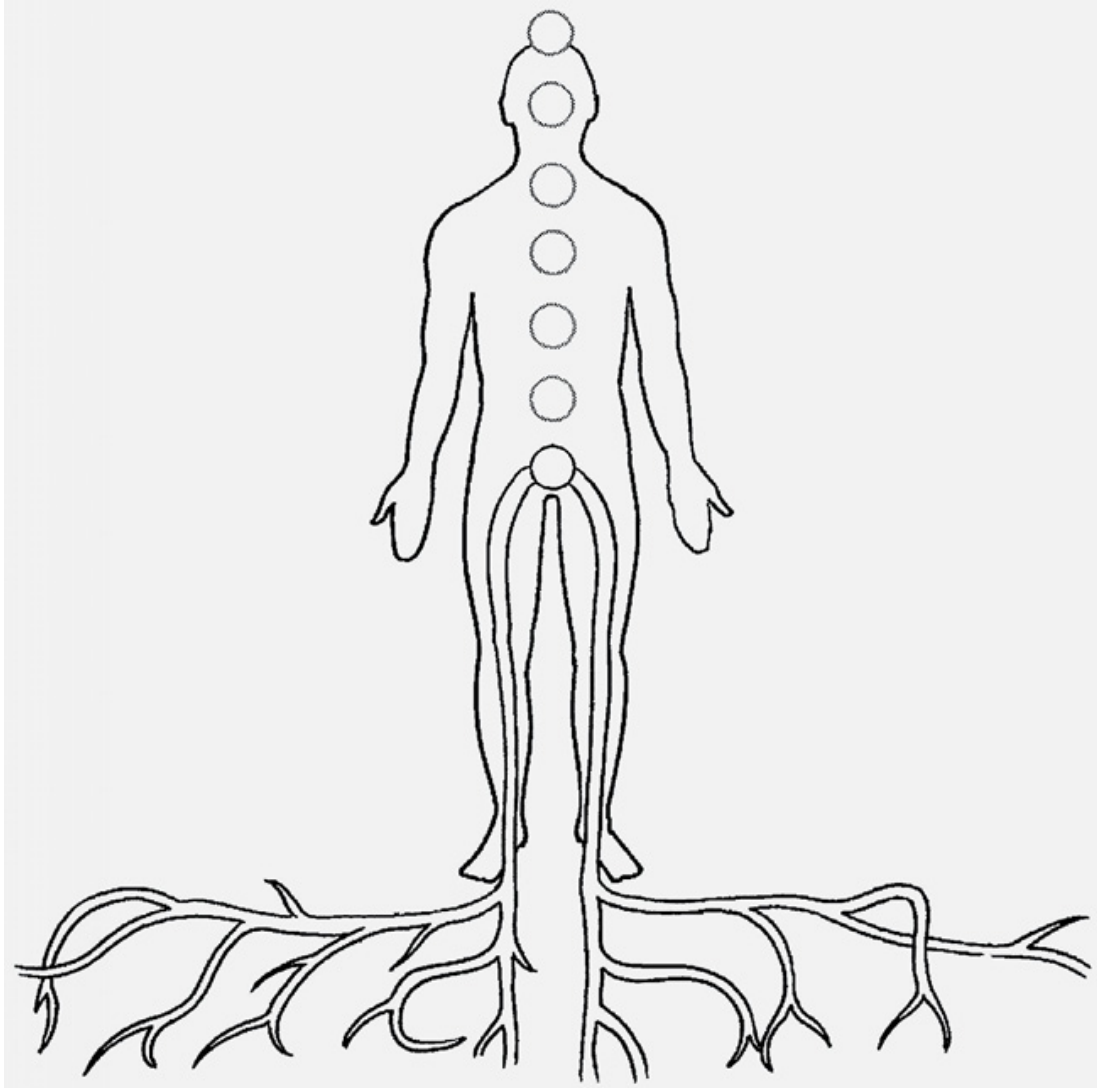


Figura 17.1 Raízes

Nota: Não nos esqueçamos de que a cura tem sempre que ver com o estado de equilíbrio do indivíduo em função de quem é e do ponto em que se encontra na sua evolução. Sendo assim, ele não revelaria ao seu curador algo que necessitasse de ser curado a não ser que o seu eu superior, o seu ser interior, assim o quisesse. Em todo o caso, após a cura, tanto o curador como aquele que recebe a cura terão a oportunidade de verificar que o problema, qualquer que tenha sido, deixou de existir.

Se a relutância se verificar nas duas pernas, na perna esquerda e na direita, isso reflectirá as crenças básicas em relação ao processo de se deixar alimentar. Se for no lado masculino, reflectirá uma falta de confiança em relação a deixar-se alimentar por um homem, e se for no lado feminino, uma falta de confiança em relação a deixar-se alimentar

por uma mulher. Se o bloqueio se verifica há já algum tempo, é possível que reflecta crenças básicas que foram estabelecidas em relação ao pai ou à mãe e, se for mais recente, o curador e o sujeito poderão procurar analisar o acontecimento na vida deste último que corresponda ao despertar do sintoma para descobrir a explicação aplicável.

Em todo caso, o curador deverá insistir em encorajar as raízes a prosseguirem o seu caminho através das pernas até chegarem aos pés, removendo quaisquer obstáculos que se apresentem pelo caminho, quer vendo como as próprias raízes afastam quaisquer barreiras ao seu avanço, quer recorrendo ao trabalho com formas de pensamento.

Quando as raízes tiverem alcançado os pés, o curador imagina o cenário que se apresenta sob os pés da pessoa. Um cenário positivo, no qual as raízes possam apreciar estar, será por exemplo uma floresta, uma quinta, um jardim, um prado ou qualquer outro cenário em que haja um solo rico e nutritivo e no qual as raízes possam penetrar confortavelmente. Qualquer outro cenário que se apresente deverá ser removido e substituído pelo curador.

O cenário que se apresentar revelar-lhe-á os sentimentos da pessoa em relação à sua permanência sobre a terra nesse momento, e/ou o seu relacionamento com a sua mãe enquanto fonte de energia nutritiva. Poderá representar também a relação da pessoa com o seu lar nesse momento ou com qualquer outro aspecto relacionado com segurança, sobrevivência e confiança.

Se houver uma pedra sob as raízes, isso revelar-lhe-á certamente um sentido de estabilidade, mas não será porventura muito nutritivo. Um oceano revelaria que a pessoa acredita que se afogaria em tudo o que possa representar a segurança. Um vulcão, por exemplo, revelar-lhe-ia que a pessoa acredita que esta vida terrena lhe reserva apenas experiências desagradáveis. O espaço profundo revelar-lhe-ia um distanciamento entre o indivíduo e a sua mãe, ou a sua fonte de nutrição.

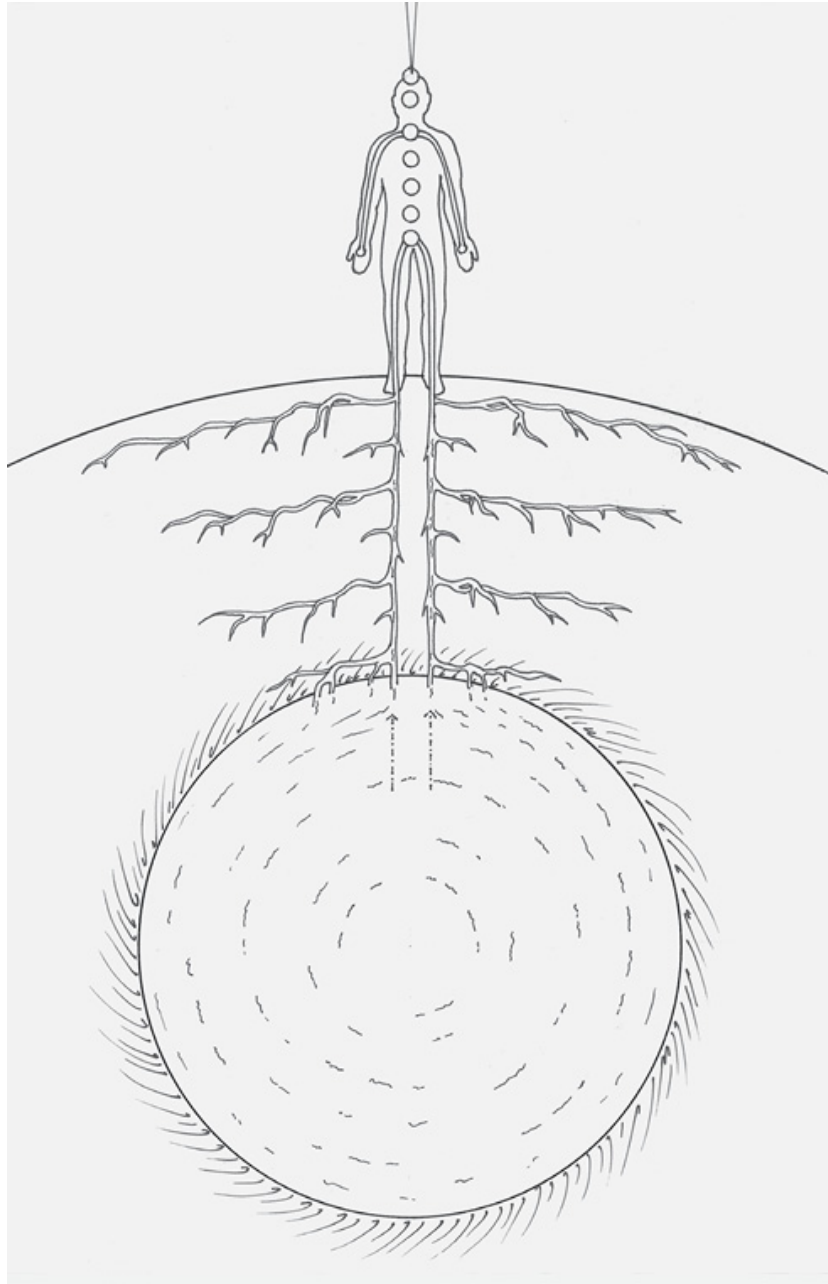


Figura 17.2 Recebendo a Nutrição: Raízes na Terra

Todo e qualquer cenário que não seja positivo pode ser modificado pelo curador da forma que ele melhor entender. O curador pode remover obstáculos, alterar os detalhes do cenário (trocando o Inverno pelo Verão, a noite pelo dia, um deserto por um oásis, etc.), ou pode decidir colocar as raízes num cenário mais acolhedor (trocando um cemitério por um parque, fazendo chegar um barco à margem, alterando a situação geográfica, etc.). Ao proceder dessa maneira ele substitui a imagem que, na consciência do sujeito, representava um sistema de crenças que não funcionava para ele por uma outra imagem que resultará em sucesso.

Quando sentir que o cenário é positivo, o curador pede em seguida às raízes que penetrem a terra, e aqui, a imagem ideal que se deve obter é a de uma bola de nutrição de um vermelho vivo e claro no centro da Terra, que reage ao toque das raízes subindo, como que sugada, por elas acima até chegar à superfície, subindo em seguida pelas pernas até atingir o Chakra Vermelho.

Este cenário reflecte (originalmente) as crenças que o sujeito alimenta em relação à sua mãe como fonte de nutrição, e (subsequentemente) o relacionamento do sujeito com as fontes de nutrição em geral, quer tenham que ver com dinheiro, quer tenham que ver com a sua disposição em deixar que o seu ser interior seja alimentado.

Novamente, se o cenário não for dos melhores, o curador poderá substituí-lo, e quando o fizer, o sujeito sentirá uma alteração na sua consciência e, a julgar por frequentes testemunhos, uma sensação diferente nos pés, sentindo um contacto mais firme com a terra e sentindo-se mais presente no seu corpo.

Tal como pedimos ao Chakra Vermelho para enviar raízes para o interior da terra, pedimos ao Chakra Azul para enviar ramos através dos braços. Quando o fazemos, conseguimos ver as crenças que a pessoa tem em relação à expressão dos seus desejos e sentimentos, bem como à possibilidade que ela pensa ter de poder alcançar e vir a obter aquilo que deseja e aquilo que lhe traz felicidade, e ficamos igualmente a saber o que se está a passar na sua consciência a esse respeito.

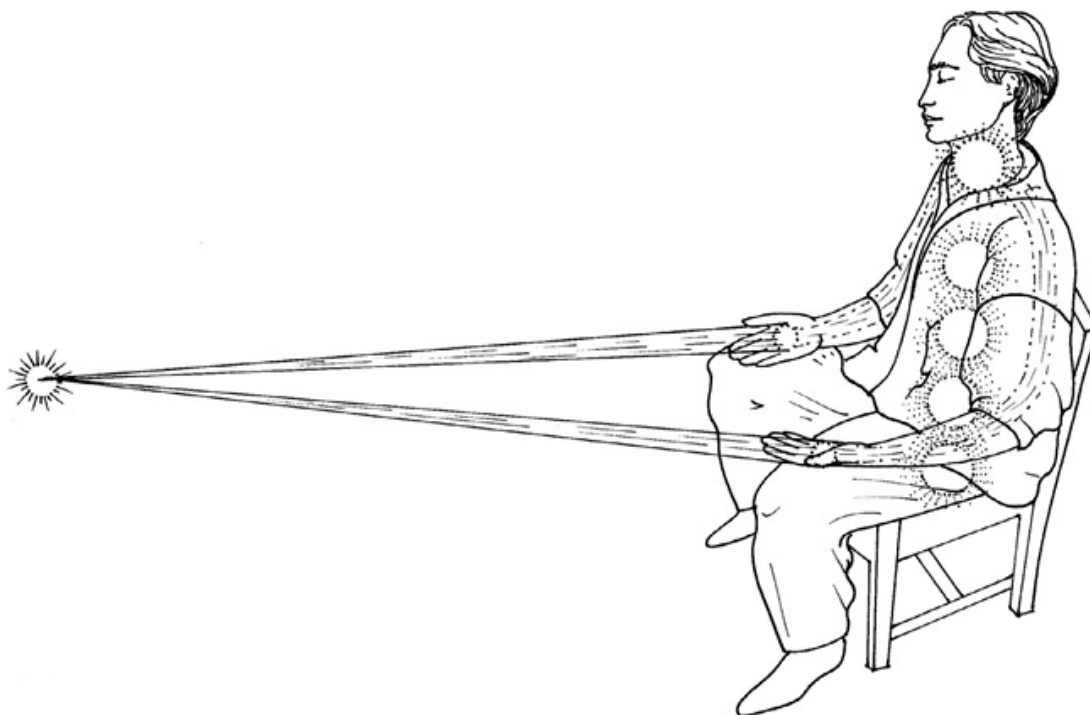


Figura 17.3 Estabelecendo Objectivos

Os ramos não param nas palmas das mãos, mas estendem-se para lá delas, sob a forma de raios laser azuis que se encontram em frente da pessoa a uma certa distância desta. Eles revelam-nos a capacidade da pessoa em estabelecer os seus objectivos, e aquilo que ela pensa que virá a acontecer quando o faz. O Chakra Azul, associado ao éter, a matriz sobre a qual é projectada a realidade, e a ponte entre a realidade física e a realidade espiritual, representa a capacidade de uma pessoa manifestar os seus objectivos, criando-os na realidade física.

Se os raios não se expandem para lá das mãos, isso revelar-nos-á que a pessoa não se preocupa em estabelecer objectivos que para ela são importantes, porque não acredita que possam vir a acontecer. O facto de que isso nos seja revelado durante uma cura é uma forte indicação de que não se trata de algo que espelhe aquilo que é verdadeiro para a pessoa em causa ou que reflecta equilíbrio em termos daquilo que ela é e do ponto em que se encontra na sua evolução. Requer uma mudança.

Se os raios não focarem o mesmo ponto, podemos interpretar esse facto como não sendo os desejos que a pessoa nutre aquilo que lhe pode trazer a felicidade. Quando isto sucede, o curador deverá direccionar os dois raios, tal como dirigiria os faróis de um carro, até que ambos foquem o mesmo

ponto. Esse ponto deverá estar a uma distância que o curador considere «certa». Aquém desse ponto representa objectivos a curto prazo, para lá desse ponto representa metas mais distantes. O ideal é que o indivíduo tenha a flexibilidade de estabelecer objectivos a qualquer distância.

Ver os raios de energia fluírem através dos braços terá um efeito benéfico sobre os sintomas que afectavam os braços e os ombros, tal como ver as raízes descenderem pelas pernas terá um efeito benéfico sobre os sintomas que afectavam as pernas.



Figura 17.4 A Cura do Chacra Violeta. – A

Quando o curador estiver a trabalhar no Chacra Violeta, quando o tiver visualizado no seu estado ideal enquanto bola de energia violeta, clara e viva, tocando suavemente o cimo do Chacra Violeta, o curador pede ao Chacra Violeta para se abrir, e observa aquilo que se passa quando o faz.

Idealmente, o Chacra Violeta abre em cima, desabrochando em seguida camada após camada de pétalas violetas de uma grande beleza, tal como um lótus que floresce. Se não o fizer, o curador deverá retirar o que tenha obstruído esse procedimento.

Visto que o Chacra Violeta representa o aspecto mais profundo da consciência da pessoa, quando está aberto, o curador consegue olhar através dele até ao Chacra Vermelho que se encontra no fundo. Assim que o tenha conseguido, chamará do alto a Luz Branca para que entre através do Chacra Violeta e desça até aos dedos dos pés, enchendo a pessoa totalmente. À medida que a Luz branca vai chegando a cada chacra, esse chacra irradia a sua própria cor com maior brilho e clareza do que antes.



Figura 17.5 A Cura do Chakra Violeta. – B

Quando a Luz Branca transborda através do Chakra Violeta, ela envolve o sujeito por completo, tal como já o enche, e o curador fica nessa altura a saber que a cura se consumou.

A imagem final deve ser a do sujeito, repleto de Luz Branca, com cada chakra a irradiar a sua cor natural com vivacidade, tendo as raízes bem assentes e sugando nutrição desde o centro da Terra, dois raios laser que saem das palmas das mãos encontram-se num certo ponto à sua frente, e o seu Chakra da Coroa está aberto como um lótus, continuando a Luz Branca a fluir para dentro e a transbordar em redor do sujeito.

Nessa altura o sujeito deverá sentir-se bastante diferente de como se sentia antes da cura. Basta perguntar-lhe.

Verifique até que ponto a cura resultou.
Tudo pode ser curado.

Viagens no Tempo e Vidas Passadas

De acordo com a nossa definição de consciência, identificamos três níveis, que apelidamos de alma, de espírito e de personalidade.

A *alma* é aquela parte de si que viaja de vida em vida, e que durante cada uma dessas vidas assume formas diferentes, formas essas a que chamamos espírito. O *espírito* é, portanto, a forma individualizada que a sua consciência assume em determinada vida, com experiências e talentos individualizados, adequados aos propósitos individualizados do espírito que você é durante essa vida.

A natureza da consciência consiste em dirigir-se no sentido da concretização das imagens que representam os seus objectivos. Quando possui um objectivo ou um desejo, a concretização desse desejo existe já, e você apenas se movimenta no sentido da sua realização. Simultaneamente, acontecimentos aparentemente externos fazem com que essa concretização se aproxime de si.

No decorrer de uma determinada vida, quando as circunstâncias lhe apresentam a oportunidade para aceitar que lhe seja dado viver a experiência que tanto desejou, você tem sempre a possibilidade de aceitar vivê-la ou de rejeitar aquilo que lhe é oferecido. Desse modo, vive a sua vida aceitando ou rejeitando as experiências que haviam sido o resultado de imagens que você colocara na sua consciência, e que representavam desejos que tinha tido ou objectivos que havia estabelecido.

Ao chegar ao termo de uma vida, tendo ainda objectivos por concretizar, é-lhe dada a oportunidade de escolher uma outra vida que se destina a proporcionar a concretização desses objectivos não realizados, e a manifestar a sua alma sob a forma de outro espírito. Ao fazê-lo, e ao criar mais objectivos no decorrer dessa nova vida, este processo prossegue até que tenha vivido tudo o que tenha desejado. Em seguida, irá para outro lugar e fará outras coisas num universo diferente. O processo é infinito.

A única constante é a mudança. Graças à mudança aprendemos e, graças à aprendizagem, crescemos. A natureza da consciência, que é o que somos, é crescer através da aprendizagem e da mudança.

Ao assumir uma forma humana, você é um espírito que se manifesta com uma mente. À medida que vai aprendendo e que é recompensado

com amor por esse facto, começa a identificar-se de um modo crescente com o que sabe e deixa de se identificar com o que é, e passa dessa forma a construir para si um sentido de identidade que apelidamos de *personalidade*.

Por vezes, a personalidade e o espírito não se encontram alinhados. Cada um deles pode puxar para direcções diferentes, criando desse modo uma tensão e podemos afirmar que, quando essa tensão é curada, a cura sucede ao nível da personalidade, passando esta a estar alinhada novamente com o espírito.

Cada espírito tem as suas sensibilidades, e quando a condição de desequilíbrio que requer cura acontece em virtude dessa sensibilidade ter sido tocada, podemos afirmar que a cura se operou ao nível do espírito.

Diz-se que o pensamento, que se tem em mente no momento da morte, permanece com o ser à medida que ele deixa o corpo. O aspecto da nossa consciência, que abandona uma vida e decide ingressar noutra, é aquilo que definimos como sendo a *alma*. Por essa razão, uma condição de desequilíbrio que seja transportada de uma vida para outra tem de ser curada ao nível da alma.

Ainda que a condição seja resultante de tensões de uma vida anterior, essas tensões têm igualmente correlações na vida presente.

Por exemplo, alguém que tenha escolhido vir à Terra como curador há centenas de anos, numa altura em que isso não fosse tão aceite quanto hoje, terá talvez sido perseguido, torturado ou morto por ter escolhido uma vida dedicada a ajudar os demais. Para se protegerem, esses curadores organizaram-se em grupos que se revoltaram contra as camadas da sociedade que os haviam oprimido.

As tradições ocidentais ensinam-nos que Deus é um Ser que se encontra no exterior de nós e que decide por nós aquilo que nos irá acontecer. À luz dessas ideias, esses curadores foram incapazes de se aperceber de que, do ponto de vista de que tudo se inicia na nossa própria consciência e no Deus que reside no nosso interior, foram eles próprios que decidiram vir à Terra motivados por essa missão de cura, e não um qualquer outro ser que lhes incumbiu tal tarefa.

Muitos decidiram revoltar-se contra Deus por Ele ter permitido essa injustiça, essa perseguição de seres que vieram à Terra para ajudar os outros, e morreram com esses pensamentos nas suas consciências. O

resultado dessa decisão de se revoltar e de se zangar com Deus foi o fecho do Chakra Violeta ao nível da alma. (É o Chakra Violeta que diz respeito à relação da pessoa com o pai, com a autoridade e com Deus.) Chegada a altura de regressar ao plano terrestre, tiveram então de escolher progenitores que reflectissem o estado de desequilíbrio que na altura sentiam no seu sistema energético, por forma a poderem vir a curar esse desequilíbrio.

Assim, essa escolha recaiu numa vida na qual os pais não tiveram tempo para eles ou que lhes deram razões válidas para estarem zangados. A cura poderia, então, chegar através da realização de que tudo o que ocorre na experiência de uma pessoa começa de facto na sua própria consciência, ou através da cura da sua relação com o pai no decorrer dessa vida, ou através de uma combinação das duas coisas.

Podemos ver, então, que embora a decisão original que havia criado o desequilíbrio tivesse sido tomada numa vida anterior, havia contudo razões reais na vida seguinte para que as mesmas decisões fossem tomadas. Quando a cura acontece na vida presente, ela elimina igualmente os efeitos das vidas anteriores.

Ainda que a exploração de vidas anteriores possa ajudar a pessoa a aperceber-se da imortalidade da natureza espiritual do seu ser, ela pode igualmente fornecer-lhe razões para não encarar os problemas correntes da sua vida actual e por essa razão podemos considerá-la como contraproducente para a sua evolução. Se ela insistir em fazê-lo, uma vez chegada à vida seguinte, esta de agora será uma vida anterior carregada de tensões ainda por eliminar. O conhecimento de vidas anteriores apenas é benéfico quando pode vir em auxílio de uma pessoa, no sentido de a ajudar a resolver as questões que deve resolver nesta vida presente, sendo dessa forma útil em termos de cura.

Dado que nem o espaço nem o tempo nos limitam, podemos imaginar-nos a viajar até essas experiências anteriores para aí alterarmos algo que tinha de ser modificado, regressando em seguida ao corpo actual para aí verificarmos os efeitos positivos da cura.

Uma mulher contou-me, certa vez, que tinha pertencido à realeza europeia numa das suas vidas anteriores, e que tinha tido uma criança que, no decurso de uma das numerosas guerras da altura, lhe havia sido tirada pelas tropas invasoras. Embora ela quisesse gritar na altura, jamais

conseguiu soltar o grito, porque foi morta nesse instante. Ela atribuía a esse episódio, todos os problemas que tinha tido com a garganta em toda a sua vida actual.

Durante a cura, consegui ver o campo de batalha perto do castelo e o soldado que levava consigo o bebé, enquanto outro se preparava para matar a mãe com uma lança. Soprei algum fumo para dentro dos olhos do segundo soldado, provocando um momento de hesitação antes que ele lançasse a arma. O grito soltou-se e em seguida a mãe morreu. Era, afinal, a altura para ela partir, e ela não desejava continuar a viver sem o seu bebé. Mas ela teve a oportunidade de soltar o grito da sua garganta. Após a cura, a sua garganta estava óptima.

Durante uma outra cura, senti a emoção do paciente, um homem adulto, enquanto menino cujo pai acabara de morrer. O meu primeiro impulso foi no sentido de pegar na criança ao colo e de a abraçar, para de alguma forma o confortar, mas não era de todo isso que ele desejava ou necessitava e, por isso, permaneci ali simplesmente oferecendo-lhe a minha mão. O menino deu-me a mão e sentiu-se feliz. Caminhámos um pouco, olhando numa certa direcção. Tínhamos apenas consciência da presença um do outro e a nossa atenção concentrava-se no que sentíamos e na percepção de que o sentíamos juntos.

Em seguida, caminhámos um pouco mais e olhámos numa outra direcção, simplesmente ficando ali, juntos nessa experiência. Depois disso regressámos ao lugar de onde havíamos começado. Isso satisfez o menino, o qual, em seguida, cresceu rapidamente até atingir a idade adulta do homem que eu estava a curar.

Aquela criança havia crescido sentindo-se incompleta, em virtude de não ter tido a oportunidade de partilhar as suas experiências com o seu pai e quando através da cura ela foi capaz de as viver, pôde então avançar até ao presente com a consciência de alguém a quem essa experiência não tinha faltado. Poderíamos dizer igualmente que o espírito do seu pai estava presente na cura, agindo através do curador.

Quando estes cenários nos são apresentados, eles são na verdade experiências subjectivas, um pouco como a participação e a visão de minifilmes criados por uma imaginação activa. O facto interessante, claro, é que estes pequenos filmes imaginários são muitas vezes vividos tanto pelo curador como pelo sujeito, e resultam igualmente numa cura. Quando

o paradigma, ainda que inventado, resulta na eliminação de sintomas, temos de reconhecê-lo como sendo uma realidade válida.

O que importa aqui é a compreensão de que não há quaisquer limites ao processo de cura. Ainda que o curador possa iniciar a sua experiência sem qualquer intenção de viajar pelo tempo, as condições por ele encontradas durante a cura poderão encaminhá-lo nesse sentido. Se tal acontecer, o curador deverá permanecer confiante de que qualquer que seja a coisa que se apresente durante a cura faz parte dessa cura e deverá reagir no momento da experiência da maneira que sinta ser a mais apropriada nesse momento. A seguir, poderá olhar para trás, para o cenário que se lhe havia apresentado, e para os efeitos daquilo que ele próprio fez, e ficar espantado com o jogo da consciência e com as dimensões da cura, e com aquilo que aprendeu dessa experiência.

Isto é, poderá ficar espantado até ao momento em que passe a considerar ser essa a sua nova realidade usual, e possa aguardar com entusiasmo que novas dimensões da consciência e da cura se apresentem.

O processo prossegue, infinitamente.

É algo que podemos fazer enquanto aqui estamos.

Tudo pode ser curado.

Níveis de Experiência

Cada um dos chacras não representa apenas uma parte da sua consciência, mas está igualmente associado a um dos vários corpos de que você é composto. Representa igualmente um plano de consciência, um nível de experiência a partir do qual você consegue ver as coisas de maneira diferente e um nível do ser que está relacionado com o centro do seu ser.

Assim, e sob o ponto de vista de que você é uma consciência num corpo, a sua mais profunda experiência de si próprio não pode ser outra coisa senão aquilo que descrevemos como um foco singular de consciência irradiando inteligência, no centro do Chakra Violeta.

Tratando-se do aspecto mais profundo da sua consciência, está associado ao corpo causal e ao plano de consciência, causal, porque se tudo começa na sua própria consciência, a parte mais profunda dessa consciência, que representa os seus desejos e objectivos mais profundos, deve ser a causa de tudo o que acontece. Reflecte igualmente a ideia de que é a casa de Deus e de que Deus reside em si, vendo o mundo através dos seus olhos.

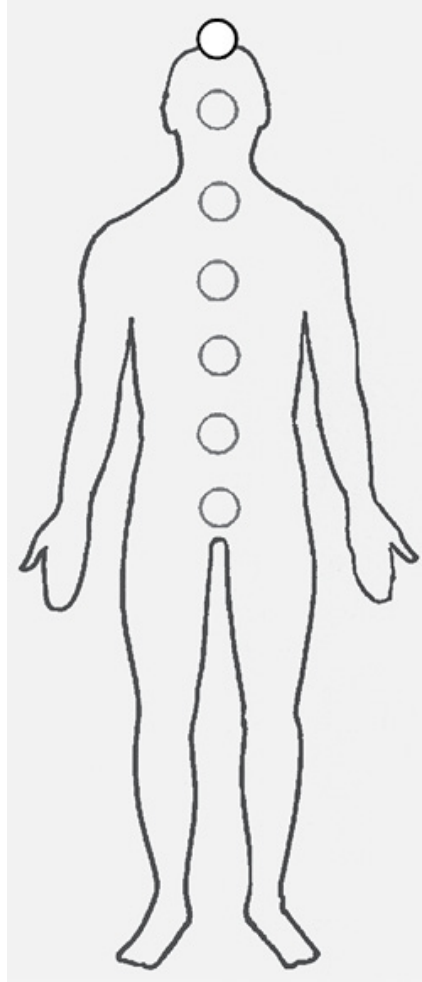


Figura 19.1 Chakra Violeta – Alma – Corpo Causal

No caso de uma vida específica, a alma assume a forma de uma consciência individualizada que apelidamos de espírito. É como se fosse um casaco, que a alma enverga durante essa vida, e é, por assim dizer, o primeiro nível de experiência que se segue ao viver a partir do centro.

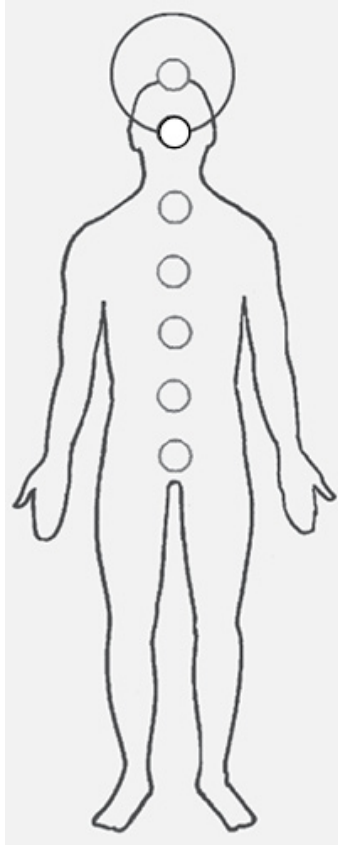


Figura 19.2 Chakra Índigo – Corpo Búdico (Espírito)

Está associado ao Chakra Índigo e àquilo que é conhecido pelo corpo búdico e com o plano de consciência que este representa – o nível de percepção vivido por Buda e por aqueles outros seres que atingiram um estado de consciência idêntico. Sabemos, obviamente, que representa também os vários níveis de comunicação de espírito para espírito, bem como o nível a partir do qual observamos a manifestação no exterior daquilo que se está a passar no nosso interior.

Seguindo sempre na mesma direcção, o nível seguinte ao afastarmo-nos do centro deverá ser aquele que está associado ao Chakra Azul e, portanto, ao éter, a matriz sobre a qual é projectada a realidade, a ponte entre os universos espiritual e físico. Chama-se, claro, corpo etéreo e representa o plano de consciência etéreo. Trata-se do plano da manifestação no mundo físico, e é aí que existem as formas de pensamentos.

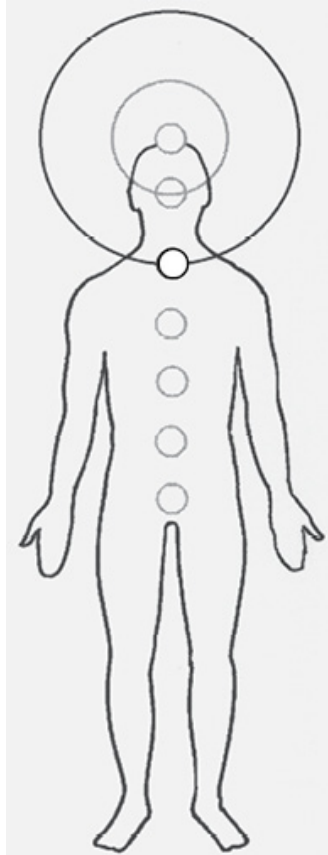


Figura 19.3 Chakra Azul – Corpo Etéreo

Afastando-nos ainda mais do centro, o nível de experiência seguinte está associado ao Chakra Verde, e consiste no plano astral e no corpo astral. Diz-se que a chave para aceder ao plano astral consiste na inocência, um aspecto da questão do relacionamento, a qual é representada pelo Chakra Verde, conhecido aliás como Chakra do Coração.

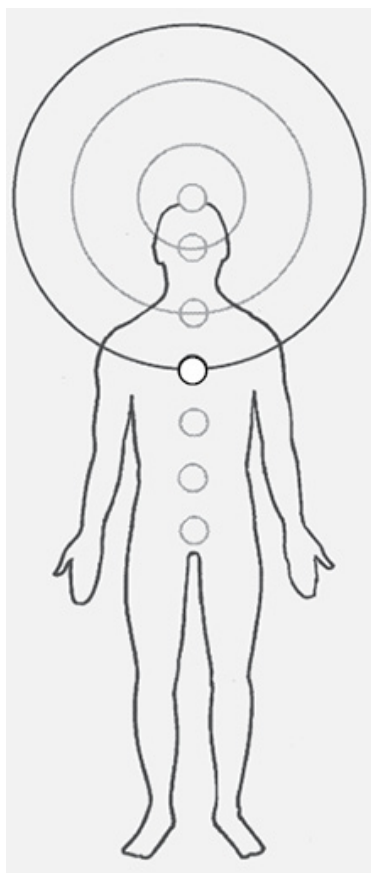


Figura 19.4 Chakra Verde – Corpo Astral

Mais afastado ainda do centro encontra-se o corpo mental, associado ao Chakra Amarelo e à mente, bem como ao nível que associamos com a mente e que apelidamos de personalidade. É o nível que a sociedade ocidental considera a normalidade, o lugar onde residem as percepções «normais». Preferimos considerá-las habituais e ordinárias, embora não normais. Parece que o que é a nossa maneira de pensar normal continua todavia a ser considerada pela sociedade tradicional como extraordinária.

Em seguida, temos o corpo emocional e o plano emocional como nível de experiência um pouco mais afastado ainda, ligado ao Chakra Laranja, e por fim, e representando o nível de experiência mais exteriorizado, afigura-se-nos o corpo físico e o plano físico, associados ao Chakra Vermelho.

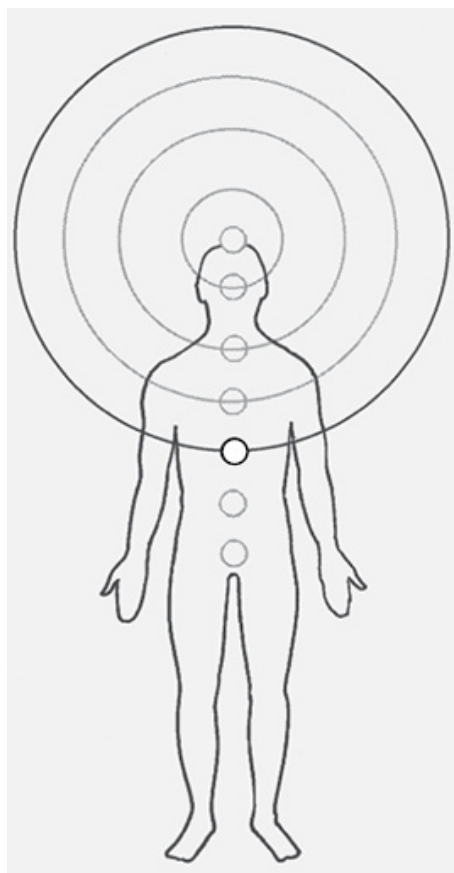


Figura 19.5 Chakra Amarelo – Corpo Mental

Quando a sua atenção se fixa sobre o corpo físico, podemos dizer que você está envolvido ao nível do Chakra Vermelho, e ao nível da vibração mais densa do seu ser. Podemos ainda afirmar que a energia que emana a partir desse nível do seu ser é relativamente escassa. Quando você se abre e mergulha no nível de profundidade seguinte do seu ser, o corpo emocional associado ao Chakra Laranja passa a sentir igualmente uma vibração mais sutil, menos densa, e irradiando por essa razão mais energia. Isto sucede em virtude de você se tornar cada vez mais receptivo.

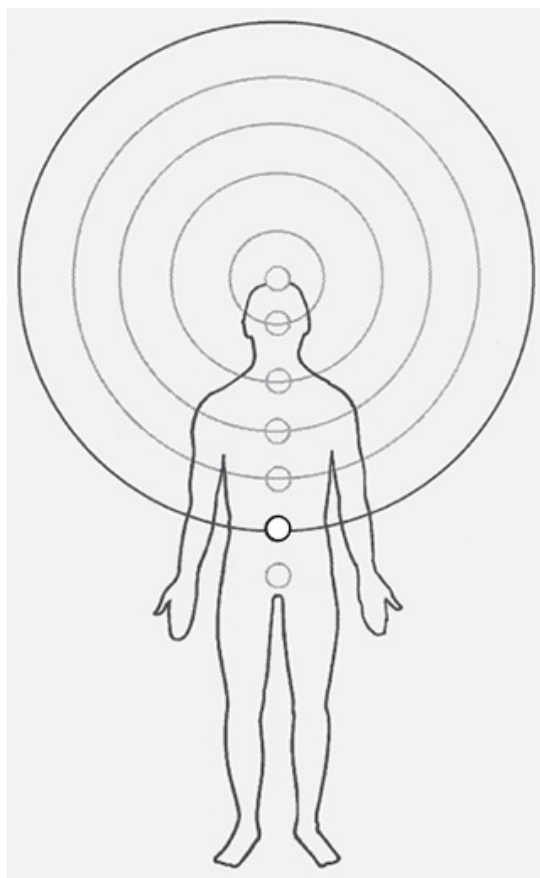


Figura 19.6. Chakra Laranja – Corpo Emocional

Ao prosseguir nessa direcção, aperceber-se-á de que ao abrir-se ainda mais, e à medida que for mergulhando mais profundamente nos níveis do seu ser que representam chakras mais «elevados» e vibrações mais subtis, entrando dessa forma nos corpos menos densos, a quantidade de energia que pode fluir através de si aumentará até que atinja por fim o corpo causal. Nessa altura, você será um foco singular de consciência irradiando energia infinita.

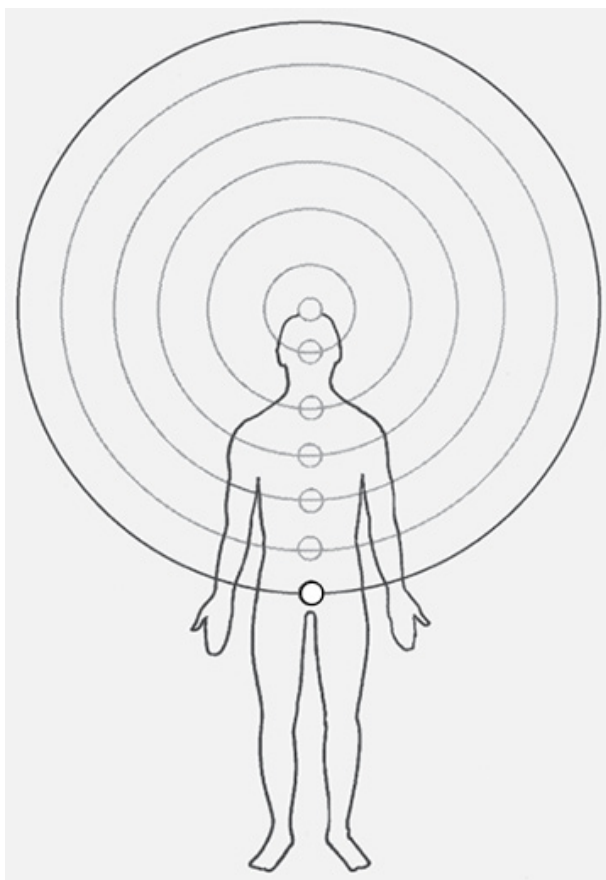


Figura 19.7 Chakra Vermelho – Corpo Físico

Cada um dos seus vários corpos encontra-se no interior dos outros interpenetrando-os, cada um deles assemelhando-se e coexistindo com os outros a níveis de frequência distintos.

Quando as pessoas mencionam experiências «fora do corpo», podemos entendê-las como referindo-se a estarem fora do corpo físico, podendo essas experiências ser categorizadas em função dos corpos envolvidos. Deste modo, uma experiência em que uma pessoa sentada numa sala, descrevendo aquilo que se passa no mesmo instante num outro local que ela visita, permanecendo fisicamente funcional, pode ser observada como um caso do corpo mental visitando quer o corpo astral quer o etéreo, dependendo do cenário aparente que experimenta.

Um outro tipo de experiência, em que a consciência da pessoa se encontra presente noutra local enquanto o seu corpo se encontra não funcional, poderá ser descrita como tratando-se do seu espírito que viaja, e quando a pessoa deixa o seu corpo e não regressa, podemos descrever esse acontecimento como a partida do corpo causal, a alma.

A experiência de um desmaio ou de abandonar o corpo durante um acesso de epilepsia, é um desprendimento a nível do Chakra Vermelho, que nós associamos ao corpo físico. Nestes casos, a pessoa pode ser reconduzida para dentro do seu corpo físico através do restabelecimento do Chakra Vermelho, enviando raízes para dentro da terra, fazendo com que ela seja nutrida por esta, através das pernas, até atingir o Chakra Vermelho.

Quando a sua consciência se encontra num determinado chakra, podemos dizer que você está a ocupar o corpo associado a esse chakra, e ver o mundo através desse chakra pode igualmente ser descrito como vendo o mundo a partir do plano de experiência a ele associado.

Experimentar diferentes níveis de existência é um pouco como viver em diferentes países, onde as coisas acontecem de maneiras diferentes, em função de princípios diferentes. Os relacionamentos de causa e efeito diferem.

Ao nível do Chakra Amarelo, o indivíduo está preocupado consigo próprio e com as suas necessidades, com a causalidade ao nível da realidade física, bem como com as suas necessidades emocionais e com o princípio do prazer, orientando-se para o que o faz sentir bem.

A este nível, as coisas acontecem de uma certa forma. Quando sente qualquer carência, algo que deseja e que não possui, há uma forma de a satisfazer, mas há algo que tem de fazer para que isso aconteça. Terá de trabalhar para a obter, ou terá de a visualizar, ou terá de recorrer a afirmações, mas em todo o caso terá de fazer alguma coisa. Se não faz, não tem.

Diz-se que um dos aspectos do plano astral é a inocência, e vistas as coisas por esse prisma torna-se claro que todos exprimem o amor à sua maneira, reagindo por vezes à percepção de que ele não existe, até ao momento em que sejam capazes de resolver essa percepção errónea. Torna-se então claro que o amor é a força unificadora que nos une e a cola cósmica que liga todo o universo. A partir deste plano, é possível encarar a forma como os propósitos individuais de cada um podem ser solucionados sem causar dano aos demais. É possível ver, aliás, como o facto de satisfazer as necessidades de outrem pode ser a chave para a obtenção daquilo que queremos.

Ao nível do Chakra Azul, as coisas funcionam de maneira diferente do

Chakra Amarelo. Nunca se tem aqui a percepção de uma carência, porque se apreende um universo abundante. Você pensa nas coisas e elas acontecem sem qualquer esforço da sua parte. Se se esforçar, você coloca-se de imediato no Chakra Amarelo e aquilo que se manifestava através do Chakra Azul deixa de existir. O fluir sem esforço, o seguir o caminho de menor resistência, apreço por receber, é a chave para aceder ao estado de abundância que é representado pelo Chakra Azul. A esse nível tem de deixar de fazer, para ter.

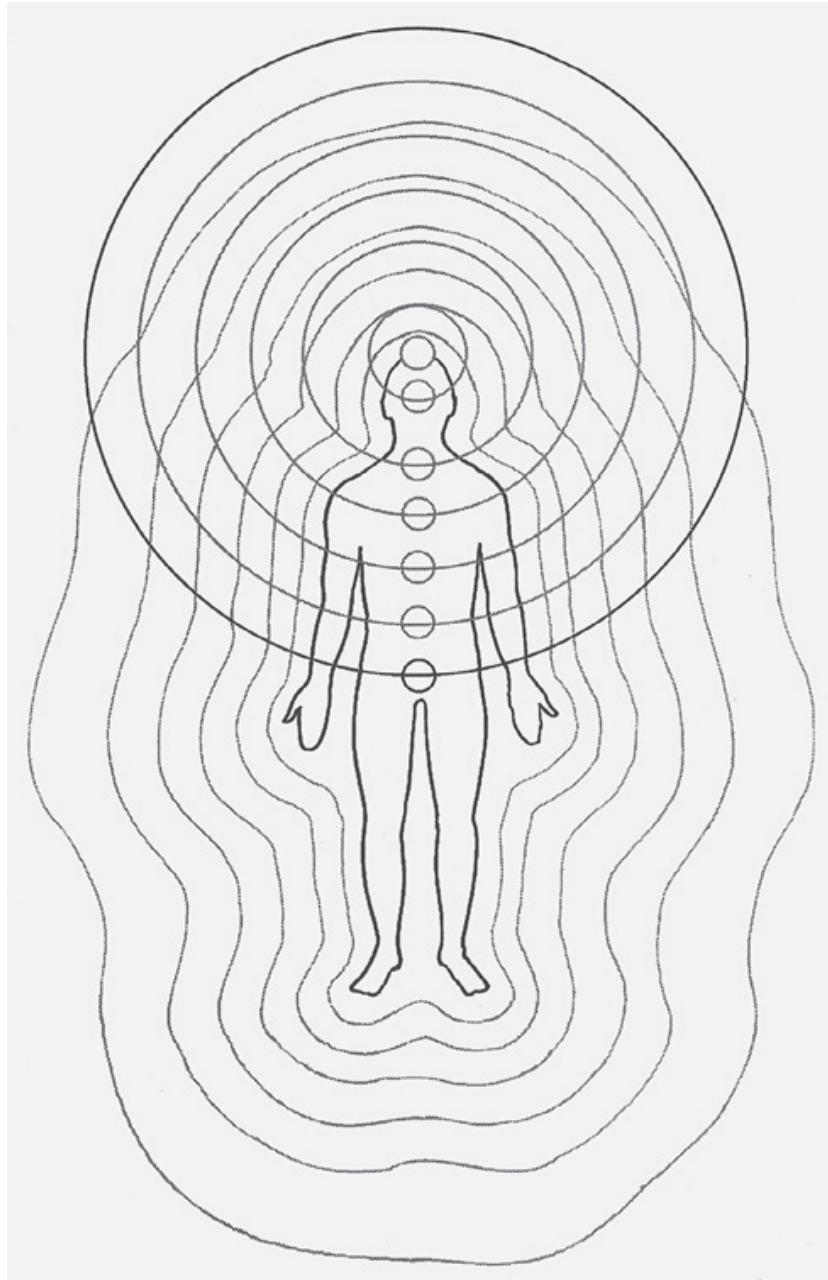


Figura 19.8 Auras e Níveis de Experiência Física

No Chakra Azul sente-se a perfeição, a sensação de que as coisas acontecem de maneira perfeita, e a pessoa sente que está exactamente onde deveria estar nesse momento, com as pessoas com quem gostaria precisamente de estar, ou sozinho se nessa altura era isso que deveria acontecer, fazendo exactamente aquilo que deveriam estar a fazer na altura. Com facilidade ela pode afirmar: «Eu gosto de estar onde estou. Eu gosto das pessoas com quem estou. Eu gosto daquilo que faço.»

A vida começa a assumir contornos de sonho e o sentido da perfeição intensifica-se ao nível do Chakra Índigo. A pessoa passa igualmente a identificar-se com o espírito que até aí julgava ser exterior a ela, mas que queria para ela tudo o que ela mais desejava para si própria, satisfazendo todos os seus desejos, enquanto ela própria sentia que era apenas o instrumento do espírito realizando os desejos deste. Este é o nível a partir do qual Jesus pôde afirmar: «O Meu Pai e Eu Somos Um.»

Ela passa também a ter um conhecimento directo da comunicação que existe entre espíritos, quer estes ocupem igualmente uma forma física, quer representem outras entidades tais como espíritos da natureza, o espírito de uma consciência de grupo, por exemplo, como um país, ou ainda objectos inanimados, tais como automóveis, prédios e máquinas.

Ela toma consciência da dinâmica da co-criação, da interacção entre os espíritos e, dessa forma, da manifestação no mundo físico daquilo que existe na sua consciência. Ela consegue ver directamente a relação entre aquilo que sucede na sua consciência e aquilo que se passa no exterior, no mundo físico, não apenas no seu caso mas também no caso dos demais curadores.

Ao nível do plano causal, e a partir do ponto de vista da consciência individual criando tudo aquilo que percepção como se fosse um filme rodado no seu próprio interesse, ela consegue aperceber-se de que tudo acontece apenas em virtude da sua consciência. Ela consegue ver tudo o que existe e tudo o que ela é, como sendo uma parte de uma consciência apenas.

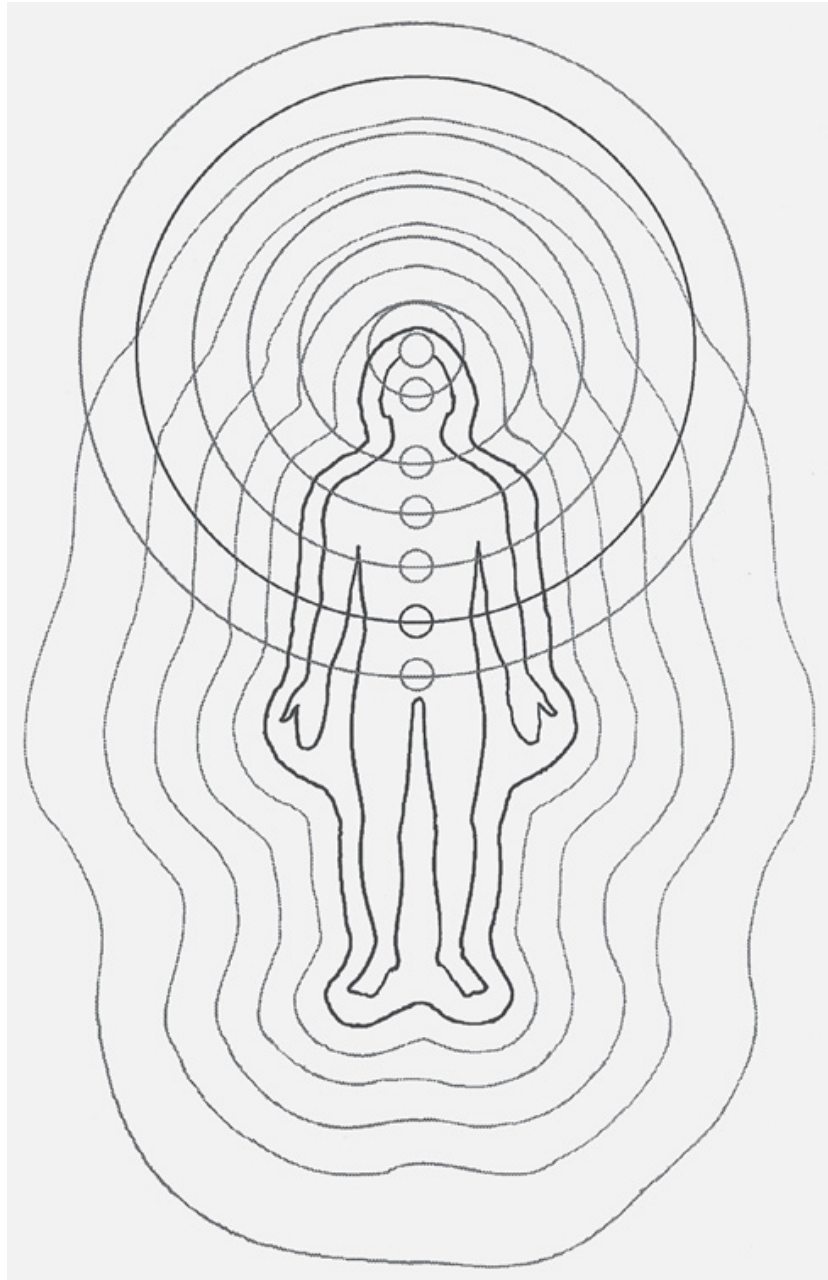


Figura 19.9 Auras e Níveis de Experiência Emocional

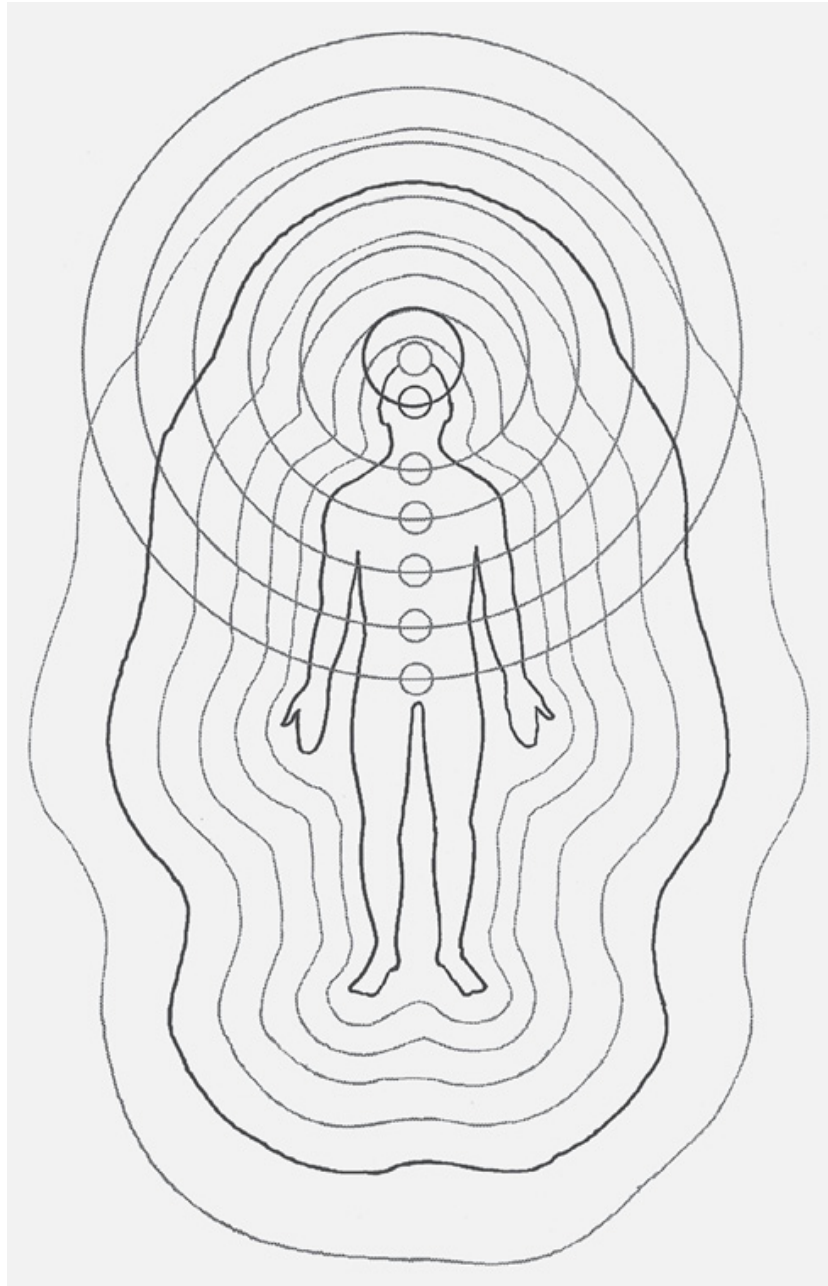


Figura 19.10 Auras e Níveis de Experiência Espiritual

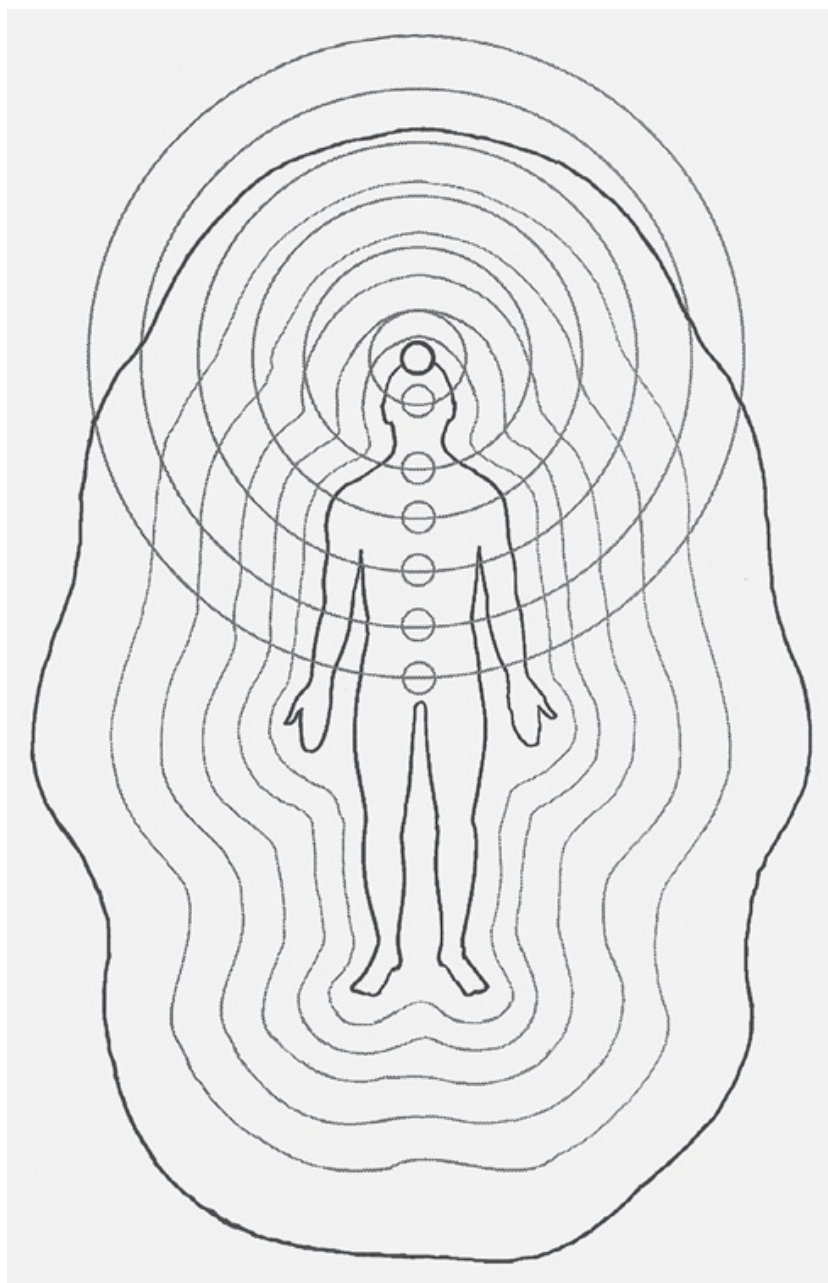


Figura 19.11 Auras e Níveis de Experiência da Alma

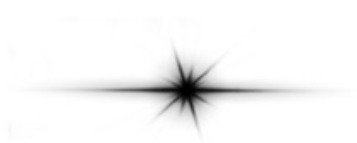
A união não é apenas um conceito, mas uma experiência directa. É evidente que tudo se passa no interior e que com a liberdade que temos de adoptar qualquer estado de consciência que escolhemos, sem qualquer espécie de limite, temos a possibilidade de adoptar a consciência de um qualquer outro ser, ou objecto, ou mesmo Deus, e de sentir essa consciência no nosso íntimo como se da nossa própria consciência se tratasse.

As palavras «Nós somos eu sou» adquirem um sentido renovado em virtude da experiência directa.

Podemos sentirmo-nos como uma única consciência criando um sonho, e vivendo a experiência de que toda a criação é a manifestação desse sonho. Podemos ter consciência de que estamos a sonhar no interior desse sonho, tal como o fazemos durante os sonhos despertos e decidir, então, tudo o que irá acontecer no decurso desse sonho, sem limites.

É-nos possível sonhar que os ossos se podem reconstituir, que os tumores podem desaparecer, que um paralítico pode voltar a andar, que um cego consegue realmente ver. Num sonho não existem regras. Podemos sonhar aquilo que queremos. Podemos sonhar que temos capacidades ilimitadas para curar qualquer coisa que se apresente para ser curada, sabendo desde já que, no sonho que estamos a sonhar, no cenário que estamos a criar na nossa própria consciência, na realidade que criamos através das nossas percepções no nosso próprio sonho, *tudo pode ser curado*.

QUARTA PARTE



Procedimento

Recebendo a Sua Cura

Conta-se uma história acerca de uma mulher que tinha um cancro e a quem os médicos tinham dito que lhe restavam duas semanas de vida. Ela resolveu deslocar-se até às Filipinas para aí ter uma consulta com os cirurgiões psíquicos, que lhe fizeram uma cura e lhe disseram que ela estava curada. Ela não acreditou neles e, em conformidade, duas semanas mais tarde ela morreu. No decorrer da sua autópsia, porém, os médicos não detectaram qualquer cancro no seu corpo.

As nossas percepções criam a nossa realidade. É uma verdade que se aplica a cada um de nós, e é, claro, uma afirmação que é tão verdadeira para aquele que está a ser curado, o sujeito, como para o curador. Quando encaramos a cura como sendo um processo de co-criação, podemos ver que existem duas possibilidades: ou interferimos no processo, ou criamos as condições ideais na nossa consciência para que a cura possa vir a acontecer. No presente capítulo examinaremos as percepções por parte do sujeito, a pessoa que recebe a cura, que encorajam o processo de cura e aumentam as probabilidades e o grau de sucesso.

Quando nos referimos a percepções, estamos a falar daquilo que o sujeito escolhe sentir ou pensar, e o modo como ele resolve interpretar os acontecimentos. Como todos sabemos, há sempre uma escolha.

O sujeito poderá escolher admitir passivamente que a cura se processe, ou encorajar o processo de cura de maneira activa. Não há qualquer necessidade que ele acredite em tudo aquilo que lhe está a acontecer, ou na estrutura da realidade do curador, mas é importante apenas que não interfira. O factor mais importante consiste em deixar uma porta aberta para que possam manifestar-se possibilidades positivas. Poderá, por exemplo, dizer para si: «Bem, não tenho nada a perder ao fazê-lo, e talvez aconteça de facto algo positivo. Ainda que eu não o consiga entender, talvez me possa ajudar.» Desse modo, ele estará passivo, aberto e receptivo.

Para assumir um papel mais activo, o sujeito poderá encorajar a percepção de que a cura acontece agora.

1. PRELIMINARES.

Durante a interacção entre curador e sujeito, as condições ideais são estabelecidas quando é o sujeito que pede a sua cura. Acontece, por vezes,

que amigos ou familiares bem-intencionados peçam uma cura ao curador em nome do sujeito. Contudo, isso nem sempre reflecte os desejos ou as intenções da pessoa em questão. Muitas vezes, dá-se o caso de que a pessoa que tem de receber uma cura não reconheceu ainda que necessita de curar alguma coisa, ou sente-se pouco à vontade em participar no processo de trabalhar com o curador. Essa posição deve ser respeitada.

Curar alguém que não deseje ser curado é como ensinar um porco a assobiar. É um desperdício de tempo e além do mais aborrece o porco.

Quando é o sujeito que pede a cura, poderá ser ele a iniciar a interacção, ou poderá funcionar respondendo à proposta de ajuda por parte do curador. Se um curador perguntar a alguém que não se esteja a sentir bem: «O que é que eu posso fazer por ti?» ou «Eu sou curador. Posso ajudarte?», a outra pessoa poderá responder manifestando o desejo de receber uma cura. Ou, então, o sujeito poderá ir ter com o curador e pedir-lhe uma cura.

O desejo, que se exprime no sentido de receber uma cura, deve idealmente ser explícito, e não apenas subentendido. É como um contrato entre duas partes, com vista a fazer algo que satisfará as necessidades do sujeito. Quanto mais explícitos forem os termos utilizados, maior clareza terá o sujeito de que aquilo que se passa no seu corpo e/ou consciência requer mudança. Se sofrer de hemorróidas, por exemplo, deverá afirmá-lo e não apenas dizer: «Bem, eu tenho um ligeiro problema no meu Chacra Vermelho.» Se tiver sida, o sujeito tem de o afirmar, exprimindo o desejo de se curar, e mantendo a expectativa de que isso irá acontecer. Por outras palavras, há uma maior eficácia quando o sujeito relata ao curador, com precisão, aquilo que necessita de ser curado, e quando o faz da forma mais aberta, directa, clara e sucinta que lhe seja possível.

As palavras «Eu quero ser curado» implicam que uma cura seja necessária. Ao proferi-las, a pessoa está a reconhecer que algo não tem estado a funcionar da maneira que desejaria, quer ao nível do corpo quer na vida em geral, e que ela aceitou que essas são as condições do momento que antecede a cura. Ela reconhece igualmente que deseja a cura, que ela *quer* que essa situação se altere, e que está *preparada* para que a alteração aconteça agora. Está igualmente a afirmar que mantém a *expectativa* de que acontecerá *agora*.

Compete ao curador concordar com o pedido de cura do sujeito,

mantendo igualmente a expectativa de que venha a acontecer, criando desse modo um acordo quanto aos objetivos, um alinhamento das consciências dos seres que participam nesse evento.

Quando isso estiver estabelecido, as coisas passam-se então como num filme que se iniciou e do qual se conhece o fim. O final desse filme consiste na cura ter acontecido. Simplesmente o filme ainda não decorreu na íntegra.

É um pouco como ver um filme do James Bond. Antes de nos sentarmos, sabemos já como é que vai acabar. Os bons vencem sempre e os maus perdem sempre, o mundo é salvo dos perigos que o ameaçavam e James Bond e aquelas lindas mulheres acabam sempre por ficar juntos (geralmente num barco). É sempre a mesma história e, no entanto, sentamo-nos cheios de interesse para saber como as coisas irão acontecer *desta vez*.

A cura funciona um pouco da mesma maneira. O fim já foi definido, a cura já aconteceu no futuro, e tudo o que resta fazer é representar o papel até ao final, observando os efeitos da cura à medida que se vão manifestando aos poucos na realidade física. A intenção foi já determinada.

Tendo estabelecido desse modo os aspectos preliminares, a cura em si pode então prosseguir.

Diferentes curadores possuem métodos de cura diferentes com os quais trabalham. Alguns preferem trabalhar com o sujeito deitado ou sentado, para que possa permanecer descontraído e aberto ao processo. Mas é óbvio que a cura pode processar-se encontrando-se o sujeito em qualquer posição. Se tiver ocorrido um acidente e um curador se encontra no local, poderá não ser muito apropriado que ele decida que só poderá trabalhar quando a pessoa acidentada estiver numa mesa ou numa cadeira, com uma luz ténue, incenso e música, permanecendo todos em silêncio ao seu redor. Mas independentemente destes casos extremos de primeiros socorros, cada curador poderá escolher a forma ideal de trabalhar com a pessoa.

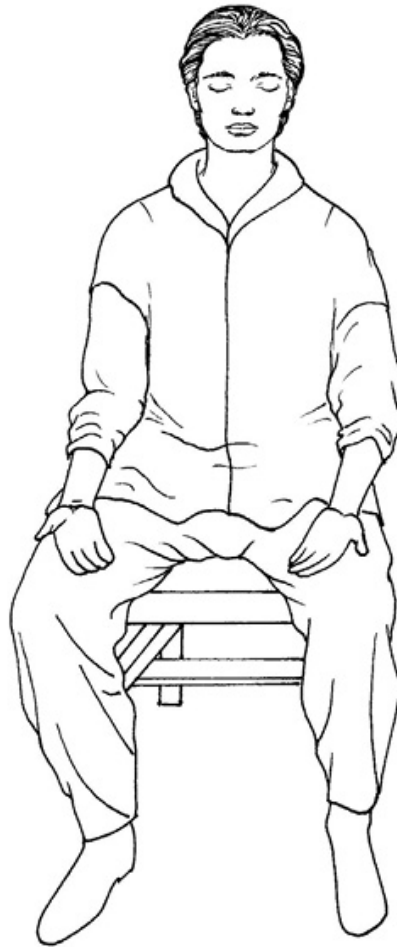


Figura 20.1 Sujeito Receptivo à Cura

No Sistema do Corpo Espelho, a posição preferida é aquela em que o sujeito está sentado numa cadeira, que tenha uma abertura nas costas para que o curador possa ter fácil acesso a elas e à base da coluna. Achamos que dessa forma é possível ter acesso virtualmente a todas as partes do corpo da pessoa.

O sujeito senta-se, com os pés assentes no chão, as mãos com as palmas viradas para cima, colocadas sobre as coxas e os olhos fechados. Esta é a posição física que espelha a postura interior de abertura e de expectativa positiva. Os olhos permanecem fechados para permitir focar a sua atenção em estar presente e receptiva à cura. A pessoa abre a sua consciência ao curador, permitindo estar totalmente visível. Um desejo de ocultar qualquer coisa do curador reflectirá uma decisão de não querer curar esse aspecto da consciência, ou de não querer sentir a integridade nessa parte da sua consciência. A abertura total é mais eficaz.

2. AS PERCEPÇÕES DO SUJEITO EM RELAÇÃO AO CURADOR.

Não faria sentido que o sujeito tivesse do seu curador a percepção de que este não sabe realmente aquilo que está a fazer, ou de que ele não irá fazer um bom trabalho. Não é de todo essa a realidade que a pessoa deve desejar criar, por força das suas percepções e das palavras que utiliza para descrever a si próprio a experiência na qual vai ingressar.

No que se refere à visão que o sujeito tem do curador com o qual concordou trabalhar, a opção mais inteligente seria decidir que este é o melhor curador que o universo alguma vez conheceu, quer o curador tenha consciência disso ou não, e de que ele é absolutamente perfeito para a cura que tem que acontecer, e que, aliás, está quase a acontecer.

No decorrer da cura, o sujeito deverá continuar a lembrar-se de que a sua cura está a acontecer agora, e de que o seu curador perfeito está a empreender tudo o que é necessário para que assim seja. Não conheci ainda nenhum curador que necessitasse, de algum modo, da ajuda do seu paciente durante a cura. A pessoa que está a ser curada não precisa de visualizar algo, ou ter outro pensamento que não seja: «A minha cura perfeita está a acontecer agora.»

Afinal, se é o melhor curador que o Universo alguma vez tenha conhecido que o está a curar, não necessita com toda a certeza da sua ajuda. Ou será que precisa?

3. TEM REALMENTE A EXPECTATIVA DE VIR A SER CURADO?

Se o sujeito desejar trabalhar numa outra cura que possa vir a acontecer a seguir àquela que recebe no momento, ele não espera que tudo fique curado com a que recebe neste momento. Quando uma pessoa quer realmente ser curada, ela quer que isso aconteça agora.

Concordar, antes de iniciar a cura presente, em fazer uma série de curas que se revelarão essenciais para a resolução do problema, é decidir de antemão que a cura não ficará completa desta vez. Preferimos trabalhar com condições que possam criar a cura numa só consulta. Potencialmente, é isso que é possível.

Logo que todos os efeitos da cura tenham sido sentidos, o que poderá vir a acontecer ao longo de, ou após, um período de duas semanas, poderá verificar-se se os efeitos foram totais ou apenas parciais e, neste último

caso, poderá efectuar-se uma outra cura, mas novamente com a expectativa de que dessa vez os efeitos serão totais.

Se o sujeito deseja trabalhar com outro curador, após ter trabalhado com aquele com quem está neste momento, mantém igualmente a expectativa de não ficar curado no decurso desta cura.

Se o sujeito usar óculos ou um aparelho auditivo durante a cura, isso implica que mantém a expectativa de vir ainda a precisar deles após a cura, e nessa medida não mantém realmente a expectativa de que a cura total possa acontecer.

A pessoa deve manter a expectativa de que, uma vez concluída a cura, algo estará diferente, e deve ter um sentido positivo de expectativa e de antecipação, para observar no momento imediato à cura aquilo que a sua experiência lhe revelará acerca da experiência que acabou de viver.

4. COMPLETANDO A CURA.

Quando o sujeito abrir os olhos, os seus primeiros pensamentos devem ser de que a cura aconteceu. A pessoa poderá fazer um inventário pessoal imediato da maneira como se sente no seu corpo, e na sua consciência, e de quaisquer sentidos ou funções previamente afectados, e tomar nota de como se encontra o seu estado agora em relação àquele que vivia antes da cura. Os seus primeiros pensamentos devem dirigir-se para aquilo que está diferente, no sentido de um melhoramento, ainda que se trate apenas de uma sensação de «maior desconstracção».

A cada melhoria que for reconhecendo, outras tornam-se evidentes. É como se a pessoa estivesse a entrar cada vez mais profundamente na nova bolha, a cada novo reconhecimento que faz dos efeitos positivos da sua cura. Mesmo aquelas melhorias que são apenas parciais devem ser reconhecidas, e indicar-lhe-ão o grau de melhoria verificado até ao momento. A pessoa deve igualmente ter o entendimento de que qualquer melhoria que tenha verificado de imediato, prosseguirá com toda a probabilidade, e de que poderá reconhecer posteriormente mais efeitos da cura.

Após o *feedback* positivo, o sujeito poderá comunicar ao curador quaisquer sintomas que ainda precisem de ser eliminados. Muitas vezes, o curador concorda em completar a cura, alinhando as suas percepções com o *feedback* que lhe foi fornecido pelo sujeito, verificando em que grau estão os restantes sintomas preparados para ser eliminados.

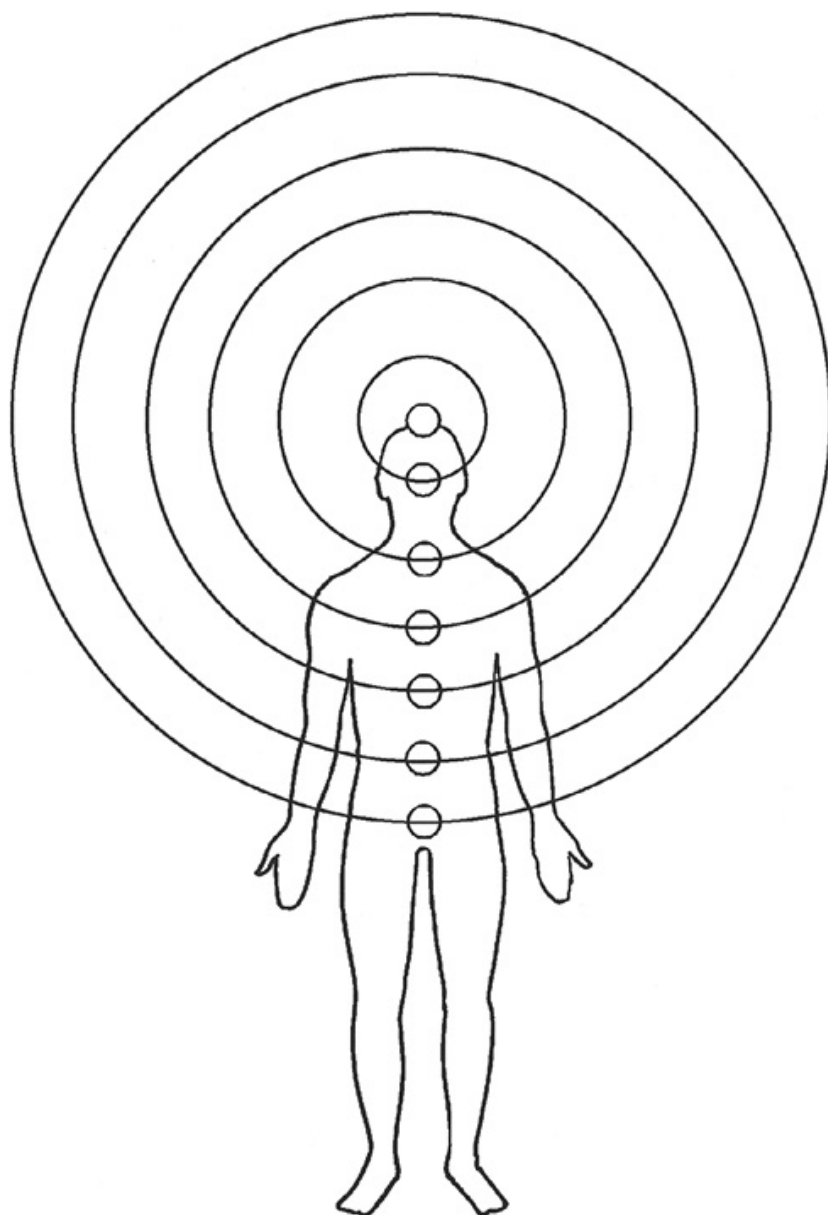


Figura 20.2 Chacras e Níveis de Experiência

O sujeito poderá dizer por exemplo: «O meu joelho está melhor do que antes, mas ainda não está completamente curado. Sinto que ainda me resta 30% do incómodo que sentia antes.» O curador poderá então dirigir-se directamente ao local onde ainda resta algum incómodo, e fazer aquilo que puder para o aliviar o mais rapidamente possível. Se o que resta do sintoma for eliminado depressa o processo estará completo. Caso contrário, o curador poderá prosseguir o seu trabalho relatando o seu *feedback* ao sujeito, da forma descrita noutro capítulo mais adiante, deixando que o tempo se encarregue de libertar os restantes sintomas. Na maioria das vezes, após o *feedback*, os restantes sintomas já não existem, mas se isso não tiver acontecido, o curador poderá ainda eliminar rapidamente aquilo que subsistir.

Através do seu reconhecimento verbal da cura e dos efeitos positivos desta, o sujeito poderá então manter a sua atenção no momento presente, tendo uma visão mais positiva do futuro do que aquela que possuía no passado. Os acontecimentos no mundo físico que se revelarão claramente como melhoramentos em relação àquilo que acontecia anteriormente reforçarão essa visão das coisas e tornarão mais evidente ainda a consumação da cura.

5. APÓS A CURA.

Durante a cura temos de criar a expectativa de que os efeitos desta serão imediatos, mas temos de aprender igualmente a encarar a situação quando todos os efeitos não são imediatamente aparentes, mantendo todavia a percepção de que a cura aconteceu. Desta maneira, o sujeito, a pessoa que recebeu a cura, será igualmente capaz de manter uma expectativa positiva em relação aos efeitos vindouros.

Durante a cura trabalhamos a níveis muito profundos de consciência. Os efeitos da cura têm primeiro que passar através dos nossos níveis de consciência e de experiência diferentes, até que se manifestem plenamente no nível físico.

Isto requer um certo tempo, mas o tempo que leva pode variar. Para certas pessoas, a manifestação completa de uma cura pode ser uma questão de minutos. Para outras, poderá levar horas, dias, ou semanas, consoante as sensibilidades da pessoa que recebeu a cura e as suas convicções acerca daquilo que é possível. Normalmente, podemos esperar que os efeitos todos se manifestem num espaço de tempo que varia entre

os três dias e as duas semanas após ter sido efectuada a cura.

A experiência interior mais profunda que é possível sentir é no nível que chamamos alma, associada ao Chakra Violeta. O nível de experiência mais exteriorizado é através do corpo, o qual está associado ao Chakra Vermelho. Entre estes dois, encontramos os restantes níveis de experiência que associamos a diferentes níveis de consciência, aos diferentes corpos subtis e aos diferentes chacras.

Durante o tempo que demora para que os efeitos completos da cura se manifestem, os efeitos movem-se como uma ondulação suave através dos diferentes níveis da consciência da pessoa, que sente em si as alterações correspondentes na consciência sob a forma de uma alteração da sua maneira de pensar. A entrada de novas ideias torna-se possível, e estas revelam um novo sentido às coisas, eliminando tensões antigas que estavam associadas às ideias antigas.

A pessoa é capaz de examinar as suas interações com o mundo que a rodeia, o modo como escolhe reagir às diferentes condições e se apercebe daquelas que são diferentes, reconhecendo o processo como tratando-se dos efeitos contínuos da cura que recebeu.

À medida que a estrutura física se vai reorganizando para passar a estar em sintonia com a nova configuração energética, a pessoa poderá vir a sentir certas sensações, como se coisas se estivessem a movimentar no interior do seu corpo, até que os efeitos completos da cura se tenham feito sentir.

Caso, após duas semanas, ainda subsista algum vestígio de sintoma, o sujeito poderá aceitar o grau de cura que se tenha já verificado até esse momento, e preparar-se para eliminar aquilo que resta.

Nessa altura, uma vez completada a cura, a pessoa poderá prosseguir com a sua vida, preocupando-se com outras prioridades, como sejam viver os seus sonhos e procurar a felicidade à sua maneira. Ela está curada, e não há nada mais a fazer a esse respeito.

O que é curado, está curado.

Tudo pode ser curado.

Cura e Transformação (Aceitando a Sua Cura)

Cada tipo de doença está associado a uma maneira de ser particular. Há um tipo de personalidade que está associado a doenças cardíco-vasculares, há um outro tipo associado ao cancro, um outro ainda associado à miopia, etc. À maneira de ser da pessoa esteve associada uma carga de *stress*, e é esse *stress* que, chegando ao nível físico, se manifesta como um sintoma.

Quando alguém deseja libertar-se de um sintoma, é necessário em primeiro lugar que se liberte da maneira de ser que estava associada a esse sintoma, e que, aliás, o criou. Ao eliminar o *stress* da consciência, a pessoa pode passar a ter percepções diferentes e uma maneira de ser diferente. Ocorre uma alteração na natureza da bolha que a envolve, o filtro de percepção através do qual ela vê o mundo. Dito de outra maneira, dado que são as nossas percepções que criam a nossa realidade, dá-se uma alteração, ou uma movimentação, de uma bolha para outra, de uma realidade para outra, de um paradigma para outro.

Deste modo, podemos dizer que o processo da cura implica um processo de transformação. Na experiência do presente autor, o restabelecimento de uma doença catastrófica é sempre acompanhado de uma alteração na maneira de ser do paciente. Ou mudamos, ou o sintoma continua a manifestar-se até que acabamos por morrer. A pessoa que muda é capaz de ver as coisas na sua vida de maneira diferente, e começa a aperceber-se de que as coisas acontecem de maneiras diferentes das do passado. Em virtude de passar a ter experiências diferentes, ela passa a ser capaz de definir para si próprias convicções diferentes. Ou então, é possível que primeiro defina as convicções diferentes e em seguida lhe sejam proporcionadas experiências diferentes.

Aquilo que importa, em qualquer destes casos, é que as velhas percepções baseadas em experiências antigas sejam eliminadas, caso elas tenham sido responsáveis por uma interacção tensa com o meio envolvente.

Uma das formas de operar esta reprogramação, esta modificação das percepções, consiste em reconhecer o elemento tempo como uma possível influência de distorção nos nossos programas interiores e nas nossas percepções, e optar por não prejudicar a visão positiva do presente e do

futuro por causa de uma experiência negativa do passado.

Por exemplo, alguém poderá ter um programa no seu biocomputador humano que diz: «De cada vez que vejo aquela pessoa, fico com dores de cabeça!» Desse modo, uma vez em face da pessoa, ela aguarda que chegue a dor de cabeça, por forma a ter a oportunidade de afirmar a veracidade de um programa que ela *acredita* ser verdadeiro e que por essa razão passa a ser verdadeiro para ela. Infelizmente, o programa resulta sempre numa dor de cabeça e, portanto, apesar de ser um programa muito eficaz, o resultado é sempre algo de desagradável.

Por forma a eliminarmos esse programa sem deixarmos de reconhecer aquilo que é verdadeiro, podemos descrever os seus resultados como tendo sido verdade *no passado*. Desse modo o programa poderia antes dizer: «Todas as vezes que via aquela pessoa no passado, *ficava* com uma dor de cabeça – mas para a próxima poderá ser diferente. Talvez ela tenha já reconhecido os erros que cometeu, ou tenha atingido a iluminação, ou sofrido uma transformação (em todo caso, sempre uma alteração na outra pessoa). Da próxima vez, verei o que se passa e verificarei o que é verdade nessa altura.»

Ao agirmos desta forma, a experiência directa poderá revelar-nos que, de facto, algo de diferente é verdade. «Ena! Esta pessoa *é* realmente diferente – e agrada-me até estar na sua companhia! Estou certo de que não voltarei a ter dores de cabeça quando me encontrar com ela.» A partir desse momento, e graças a essas palavras, criamos uma nova convicção, e permitimo-nos novas percepções, criando-se desse modo uma nova realidade graças à nova convicção.

Se tiver interesse em experimentar o processo de cura e, portanto, o processo de transformação, aquilo que importa particularmente é o modo como se descreve a si próprio, para si próprio. Isto sucede porque as palavras, que utiliza para descrever a sua experiência criam a sua realidade, e você está interessado em criar uma realidade diferente na qual se sinta melhor do que anteriormente.

Então, é importante que preste atenção às palavras que utiliza para se descrever. Se tiver de descrever alguma característica sua que não ache particularmente bem-sucedida (Sou tímido, ou, o sucesso mete-me medo, ou, sou irritável por natureza, etc.), então, com as suas palavras, deixe tudo no passado, deixando espaço para que possa ter uma percepção

diferente no momento presente e no futuro também (Eu *era* tímido, ou, *tinha* medo do sucesso, ou, *deixava-me* irritar porque *não estava* realmente a ser eu próprio, etc.).

Desta maneira, será capaz de deixar de se identificar com ideias antigas, e de as eliminar, tal como será capaz de eliminar as velhas tensões associadas aos sintomas que pretende eliminar.

A mesma coisa se aplica às palavras que utiliza para descrever o sintoma que não deseja mais viver. Considere o elemento do tempo, e torne-se capaz de descrever a si próprio o sintoma da forma como o sente *no momento presente*. Se afirmar «dói-me o dia todo», poderá não estar a aperceber-se de que, de facto, não estará a doer tanto quanto isso *neste momento*. Por outro lado, se disser «O sintoma vai e vem», então, caso não o sinta no momento presente, terá contudo a expectativa de que possa regressar brevemente.

Será porventura mais eficaz descrever aquilo que sente no momento presente, reconhecendo aquilo que é verdade agora, mantendo uma orientação positiva em relação ao futuro («Está melhor agora do que já estive. De facto, parece que está a ficar cada vez melhor.»)

Uma atitude mental positiva é, claro, um elemento de grande utilidade para podermos gozar a melhor qualidade de vida que nos é possível alcançar. No processo de cura, porém, ela é essencial.

Qualquer que seja a coisa que visualize, aumenta a probabilidade de ela vir a acontecer. As imagens que colocamos na nossa consciência têm, assim, uma tendência maior para acontecerem. Se insistir em colocar na sua mente uma imagem de si sofredora, tenderá a perpetuar essa condição. Nem importa sequer a emoção que acompanha essa imagem – o que importa é a imagem em si. Desse modo, se tiver na sua mente uma imagem daquilo que *não* quer, continua a insistir em preencher a sua consciência com essa imagem e, dessa forma, será *isso* que acabará por criar. É fundamental, portanto, que mantenha na sua consciência uma imagem do resultado final positivo para o qual se propõe trabalhar, para se recordar do seu objectivo.

Idealmente, quando recebe uma cura, deve fazê-lo com a expectativa de que ficará curado. Pelo menos não deverá fazê-lo com incredulidade e resistência, que provocam a paragem do processo. Não é necessário que acredite no método ou no sistema, apenas deverá permanecer receptivo à

possibilidade de que ela venha a funcionar para si, e caso acredite na cura, poderá recordar-se de que ela acontece agora.

Após a cura ter acontecido, poderá verificar se os efeitos foram parciais ou totais, até esse momento. Por vezes, os efeitos completos da cura tornam-se evidentes de imediato, embora muitas vezes haja efeitos positivos continuados que se manifestam ao longo dos dias e das semanas que se seguem ao acto da cura. Quando a cura é total, e você não sente qualquer sintoma, saiba que está curado, e prossiga então com a sua vida.

Quando os efeitos totais da cura ainda não foram sentidos, é importante que continue a recordar-se de que a cura aconteceu e de que os efeitos vêm a caminho. Em vez de continuar a sentir que ainda está na sua bolha antiga, veja-se já na sua nova bolha, para a qual se está a deslocar. Veja-se curado, no futuro.

Ao mudar de bolha, ou quando se verifica uma movimentação de uma realidade para outra, existem sempre três passos:

1. DECIDA AQUILO QUE SERÁ VERDADE NA NOVA REALIDADE.

Poderá decidir, por exemplo, que: «Na nova realidade, quando a cura estiver completa, a dor terá desaparecido», ou «Será mais fácil ler», ou «O tumor terá desaparecido.»

2. ENCORAJE A PERCEPÇÃO DE QUE SUCEDE AGORA.

Se bem que seja verdade que você se esteja a deslocar na direcção de um objectivo futuro, e que esteja a manter a percepção de vir a atingir o sucesso em determinado momento no futuro, o processo de reforço tem de acontecer no momento presente. A ideia consiste em examinar as suas percepções acerca daquilo que está a acontecer agora, no momento da experiência. «A dor é menos intensa agora do que há pouco. A cura deve estar a acontecer agora», ou «Vejo agora as letras com maior clareza do que antes», ou então, «Talvez o cancro esteja realmente mais pequeno agora. Em todo caso sinto a consciência mais clara agora, por isso sei que algo de positivo deve estar a acontecer.»

O pensamento positivo não é autodecepção. Mesmo quando existem altos e baixos na forma como os sintomas são sentidos, é importante verificar que os momentos baixos se encontram no nível em que estavam antes os momentos altos, de tal forma que inclusivamente nos seus piores dias sentir-se-á sempre melhor do que nos seus dias melhores anteriores.

Por outras palavras, mesmo nos dias em que os sintomas se fazem sentir, poderá verificar que não são tão pronunciados como até ao momento presente (caso seja de facto verdade), e desse modo será capaz de manter a percepção de que segue numa direcção positiva.

A ideia consiste em dar-se a si próprio razões para acreditar no processo, enquanto reconhece simultaneamente que no plano físico assim acontece. É, afinal, a medida da repercussão no plano físico que revela os efeitos do trabalho que se vai desenvolvendo na consciência. Cada melhoria da condição no plano físico deve ser reconhecida e apropriada por si enquanto prova de que a cura está a acontecer agora.

Se essa avaliação indicar que as condições no plano físico continuam a deteriorar-se, torna-se claro que algo não está a funcionar correctamente, e será necessário que se tomem medidas no sentido de corrigir a situação, e dar continuidade ao processo de cura. Mesmo esta correcção necessária pode ser vista como parte da cura e é-o, aliás, na verdade. Ela coloca a pessoa um pouco mais próxima do resultado final que consiste em ficar curada.

3. DECIDA, E SAIBA, QUE AGORA É VERDADE.

Continue a encorajar o processo até deixar de sentir qualquer sintoma. Quando isso acontecer, terá de considerar com seriedade a possibilidade de que jamais terá de sentir esse sintoma novamente. Quando a dor desaparecer poderá ser para sempre. Quando voltar a ver as coisas com clareza, aceitará essa condição como sendo a sua condição normal. Quando a cura estiver completa, é impreterível que se veja a si próprio como estando curado, e é nesse sentido que afirmamos que você passa a ser senhor da sua cura. Você identifica o estado de consciência, que sente nessa altura, e a sua visão do mundo a partir desse estado de consciência como sendo normais e usuais para si, ainda que seja todavia a sua *nova* maneira normal de ser.

Se os sintomas foram comprovados por testes médicos, aguarde com expectativa a oportunidade de vir a fazer novos testes que o revelem como estando livre desses sintomas. Afinal, o que está curado, curado está, e a todos os níveis. Se os novos testes revelarem alguma melhoria, mas não ainda resultados completos, saiba que se movimenta numa direcção positiva e que ainda lhe falta percorrer algum caminho. Se tiver trabalhado sobre si mesmo, continue a fazê-lo, aceitando os progressos que tenha já

feito até ao momento. Se tiver trabalhado com outros que lhe fizeram curas, saiba que se trataram apenas de curas parciais, e que a próxima poderá levá-lo mais longe, ou será mesmo a última de que necessita.

Quando receber o *feedback* no nível físico que lhe revela os efeitos do trabalho de cura que tem estado a fazer, aceite-o e confie nele, e uma vez resolvidos os problemas da sua saúde, descubra as outras coisas que poderá fazer com a sua consciência para além de corrigir problemas. Torne-se mais criativo, estabeleça objectivos, e observe-os a manifestarem-se, criando, graças às ferramentas que aprendeu a utilizar, uma vida na qual se sinta feliz e realizado.

Poderá, aliás, considerar partilhar a sua história de sucesso com outros. Um grande número de curadores e de professores de técnicas de cura deram os seus primeiros passos por este mesmo caminho, devido a uma necessidade de se curarem a si próprios. Portanto, quando partilham as suas histórias, eles falam-nos das suas próprias experiências.

Foi assim que aconteceu comigo.

Talvez consigo possa acontecer da mesma maneira.

Faça saber a toda a gente que *tudo pode ser curado*.

Feedback

Para cada sintoma existe sempre uma causa interior. Algo que o sujeito tem feito no nível da sua consciência que resultou na manifestação do sintoma. Quando o sujeito fica curado, e regressa portanto ao estado de integridade, ele encontra-se de novo num estado de consciência de clareza.

O modo como o sujeito experimenta inicialmente a cura poderá fazê-lo sentir-se algo diferente do usual, sem possuir contudo uma ideia clara em que consiste essa diferença. As tensões foram eliminadas, e as coisas agora são vistas de outra maneira, mas enquanto não examinar as questões que anteriormente encarava com tensão, ele poderá não ter consciência dessa nova maneira de ver as coisas.

Se o sujeito insistir em ver as coisas como anteriormente e em tomar decisões à luz dessa maneira antiga, por uma questão de hábito ou por querer agarrar-se a velhas ideias, ele poderá vir a recriar os sintomas na medida correspondente àquela em que assim fizer. A pessoa apenas conseguirá continuar a ver as coisas de uma maneira nova e será capaz de permanecer livre de sintomas, na medida em que consiga permanecer na nova consciência de clareza.

É útil, portanto, que se informe o sujeito de quais as áreas de consciência que foram clareadas, e de quais as formas de pensar específicas que tinham estado associadas ao sintoma que precisava de ser curado. Desse modo, ele poderá optar conscientemente por agir de maneira diferente, sabendo que é para o bem da sua própria saúde e felicidade.

É um pouco como levar o carro ao mecânico para reparar o mesmo problema que o carro tem há anos, e que já foi reparado vezes sem conta. Se o mecânico lhe disser porque é que o problema acontece, possivelmente por causa de um mau hábito de condução, você saberá que se continuar a insistir nesse hábito, daí resultará o mesmo problema, e que se optar por fazer algo de maneira diferente deixará de ter esse problema.

Sendo assim, o *feedback* é um elemento fundamental no processo da cura, informando o sujeito sobre o relacionamento existente entre aquilo que se passava na sua consciência e aquilo que acontecia no seu corpo, ou sobre a relação que existia entre certas convicções de base e a maneira como as coisas tinham tendência para acontecer na sua vida.

O *feedback* tem lugar após o termo da cura. O curador descreve ao sujeito aquilo que ele, curador, viu e aquilo que fez, bem como o significado de tudo, com a intenção de ajudar o sujeito a orientar-se novamente na direcção da nova bolha, na qual sentirá maior clareza, estando curado e tendo disso conhecimento.

O curador comunica-lhe as formas de pensamento que foram vistas e retiradas e aquilo que elas representavam para ele, curador. Ainda que não haja qualquer significado para o curador, deverá haver algum para o sujeito.

Aquilo que é visto tem de ter um significado para um, pelo menos, dos dois participantes, caso contrário essas imagens não se teriam apresentado. Por vezes, porém, o significado é vislumbrado apenas após algum tempo. Claro que o curador não irá alterar a imagem que se lhe apresentou, com base na aceitação ou não do *feedback* por parte do sujeito. Afinal, aquilo que ele viu foi visto. A única variável é a interpretação. Se a interpretação não se afigurar clara, o curador poderá contentar-se apenas em transmitir a imagem que viu.

Se o curador trabalhou sobre os chacras, ele pode comunicar o que aí viu, bem como a sua interpretação daquilo que viu. Poderá, por exemplo, afirmar: «Vi azul no teu Chakra Vermelho. Isso revela-me que tinhas um forte desejo de segurança. Retirei o azul e tornei-o vermelho. Deverias sentir-te mais seguro agora, e acho que poderás aguardar que a satisfação das tuas necessidades de segurança se venham a realizar, nomeadamente no que diz respeito ao teu relacionamento com o dinheiro.»

Ao que o sujeito poderá responder: «Foi desde a morte da minha mãe que todas estas outras coisas passaram a ser problemas. Consigo, agora, ver a ligação. Deixei também de sentir as saudades da forma como as sentia no passado, e passei simplesmente a amá-la por aquilo que ela tinha sido para mim ao longo da vida, sentindo a necessidade de levar a minha vida adiante. De qualquer forma, continuo a sentir-me envolto pelo amor dela, e isso alegra-me.»

Deste modo, deve ficar aqui bem claro que o *feedback* não representa, de forma alguma, algo que ainda constitui um problema, mas tem antes que ver com o problema que aí se encontrava antes da cura, e que em seguida foi eliminado, bem como com os resultados positivos que o sujeito poderá aguardar que lhe advenham após a cura.

Como outro exemplo, o curador poderá dizer: «Eu vi uma espécie de concha em torno do teu Chakra do Plexo Solar, e eliminei-a. Pareceu-me como se te tivesses sentido preso no passado, fechado sobre ti próprio, e agora deverias sentir-te mais à vontade.» E uma resposta possível do sujeito poderia ser: « Sim, isso diz-me qualquer coisa. Eu sentia-me de facto dessa maneira em relação a certas circunstâncias na minha vida, e agora parece-me que sinto um maior sentido de espaço. Muito obrigado.»

Se o curador disser: «Não te permitias ser alimentado. É possível que isso estivesse associado ao teu relacionamento com a tua mãe», o sujeito poderá ficar com a impressão de que ainda tem um problema com a sua mãe, e que se deve ao facto de ela ter feito algo de errado. Poderá igualmente continuar a pensar que ainda tem um problema em se deixar alimentar, e persistirá em encontrar razões para confirmar o problema.

Contudo, se o curador acrescentar: «Agora, ser-te-á mais fácil, e parecer-te-á mais natural alimentares o teu ser interior, e além disso poderás desejar um melhor relacionamento com a tua mãe e uma facilidade maior em deixares entrar em ti o seu amor», o sujeito poderá partir com uma expectativa positiva em relação à nova realidade, e com a percepção de ter sido realmente curado.

Poderíamos dizer que nem sempre o *feedback* é necessário, dado que estamos sempre em contacto com a nossa voz interior e que algures no nosso íntimo sabemos já tudo. É claro que isso é verdade, mas o facto de o escutarmos vindo do exterior apenas ajuda a reforçar a mensagem.

Por vezes, a mensagem foi já compreendida pelo sujeito, e são apenas convicções antigas, como a incapacidade de entender e de acreditar na forma como um sintoma possa vir a ser libertado, que o continuam a prender ao sintoma. A cura pode ser, portanto, a «desculpa» à qual o sujeito pode recorrer para eliminar o sintoma, tendo já recebido e posto em prática a mensagem no que diz respeito ao que tem de mudar na sua vida para que seja feliz.

Quando o curador proporciona ao sujeito um *feedback*, não lhe está a dizer algo que ele ainda não saiba. Algo ecoa nas profundezas do sujeito, ao escutar aquilo que lhe é transmitido, e ele reconhece a validade da comunicação. Se isso não acontecer, deverá informar o curador.

Quando o curador está a dar o *feedback* ao sujeito, este pode responder de duas maneiras possíveis. Ou responderá: «Isso diz-me qualquer coisa»,

e desse modo reconhece a validade do *feedback*, em termos daquilo que sabe ter sido a verdade acerca de si próprio, ou então «Eu não senti isso, mas agradeço-te na mesma pelo teu *feedback*», querendo com isso dizer que pelo menos nesse momento ainda não se identificou com o *feedback*, mas poderá, passado algum tempo, vir a reconhecê-lo.

Uma outra possibilidade, claro, é de que o *feedback* não se adapta ao sujeito e consiste numa interpretação errónea por parte do curador. Quando o curador vê as coisas, as imagens poderão ser perfeitamente nítidas, mas talvez o mesmo não aconteça em relação à sua interpretação. Se for este o caso, tanto o sujeito como o curador beneficiarão do facto que o primeiro relate ao segundo que o *feedback* nada lhe diz. Então, juntos poderão procurar desvendar uma interpretação das imagens que foram vistas pelo curador que seja mais apropriada.

É, sem dúvida, no interesse do curador que, aquando do *feedback*, ele se exprima com a maior clareza possível, por forma a que este seja o mais eficaz possível. Afinal, se nos propomos fazer uma coisa, o ideal é que procuremos fazê-la o melhor possível. Se o sujeito disser ao curador, «Eu não senti isso», o curador terá de analisar a natureza das suas próprias percepções, e considerar que terá interpretado as imagens à luz da sua própria bolha e não da do sujeito. Se assim for, ele poderá fazer nesse caso os ajustamentos necessários ao *feedback* e às suas próprias percepções.

Quem quer que represente o papel de curador terá de examinar cuidadosamente os efeitos antecipados que a sua comunicação poderá vir a ter sobre o sujeito, e zelar para que a comunicação deixe o sujeito com a impressão final de que algo ficou curado, e não com um novo problema previamente não percebido e ainda por curar. Dizer a alguém, «Toma cuidado com aquela mulher de chapéu vermelho. Ela não é tua amiga» ou, «Eu vejo um acidente que envolve um carro» apenas servirá para plantar na consciência da pessoa as sementes do medo, da dúvida e da suspeita, bem como um sentido de dependência em relação às percepções do curador, para «o bem» do sujeito.

Revelar-se-ia porventura mais do interesse do sujeito que o curador o deixasse com um sentimento de confiança nas suas próprias percepções, e na sua própria habilidade para criar para si próprio uma vida positiva, sem necessidade de qualquer ajuda posterior do curador. Essa deve ser, portanto, a orientação do curador quando do *feedback*, tal como deverá

reforçar a percepção (tanto a sua como a do sujeito) de que este agora está curado.

As nossas percepções criam a nossa realidade.

Tudo pode ser curado.

Curando Outros – Preliminares

Dado que são as nossas percepções que criam a nossa realidade, a pessoa que funciona como curador deve criar em si própria a percepção de que a outra pessoa está curada. Existem várias maneiras de o fazer.

Uma maneira de criar a percepção de que a outra pessoa está curada consiste em utilizar um modelo de saúde ou de integridade. Recorrendo às ferramentas que examinámos neste livro temos três possibilidades, nomeadamente a Luz Branca, os Chacras e as Formas de Pensamento. Contudo, qualquer que seja a ferramenta à qual resolvemos recorrer, não nos devemos esquecer de que elas são mais eficazes quando utilizadas mantendo uma expectativa positiva.

A pessoa que está a ser curada está a criar o curador com as suas percepções. É fundamental, portanto, que o curador represente esse papel, nem que seja por esse curto período de tempo que requer a cura. Em seguida, o curador poderá deixar-se maravilhar pelos resultados milagrosos que tenha criado, até uma altura em que consiga encarar esse estado de coisas como sendo a sua nova realidade usual.

Na interacção entre o curador e o sujeito, no momento que antecede de imediato a cura, ou será o sujeito que se dirigirá ao curador e lhe pedirá que lhe cure alguma coisa, ou será o curador que proporá os seus serviços, ao que o sujeito poderá responder pedindo que algo lhe seja curado.

Ao concordar de forma implícita ou explícita em participar na cura, o curador concorda em alinhar-se com as intenções do sujeito. Nessa situação, o curador é o factor *yin* relativamente ao *yang* do sujeito. Aquilo que estabelece a direcção é aquilo que definimos como sendo *yang*, e aquilo que acede a encorajar e a ser o suporte dessa direcção definimos como sendo *yin*.

Em seguida, durante a cura, é o curador que passa a ser *yang* e que estabelece o decorrer dos procedimentos, enquanto o sujeito concorda em se abrir à cura e a ser receptivo (*yin*) de maneira a que ambos satisfaçam as suas próprias necessidades, tal como as haviam previamente definido.

O curador não pergunta, portanto, ao sujeito como é que a cura se deve processar, nem segue as instruções deste. Se o fizer, estará a deixar o processo nas mãos do sujeito. Dado que a cura acontece nas percepções do curador, é o curador quem tem de dirigir as actividades durante a cura. Isto

poderá ser feito, claro, tendo em conta as sensibilidades do sujeito, mas isso não impede que seja o curador a criar a cura, anuindo o sujeito com essa percepção.

Se o sujeito não confiar nas técnicas do curador, ou se ele não concordar com essas técnicas, deverá de imediato pôr termo ao processo e procurar a sua cura de outra forma, ou de um outro curador.

Existe sempre uma outra maneira.

As funções e as percepções do curador podem ser aplicadas consoante as duas categorias de cura existentes, a cura clássica e a cura enquanto primeiros socorros. A cura clássica estabelece as condições ideais para a cura, mas com o entendimento de que essas condições não são necessariamente requisitos prévios. Ainda que eles não se verifiquem, como seja nos casos de primeiros socorros, podemos funcionar na mesma como curadores. Mesmo em tais circunstâncias, temos de manter a percepção de que a cura está a acontecer.

Ao mesmo tempo que dizemos que um ambiente, suavemente iluminado e com música, por exemplo, estimula a cura ideal, sabemos também que caso seja preciso poderemos proceder a uma cura em pleno Times Square com os *Rolling Stones* a cantarem *Brown Sugar* ali mesmo ao nosso lado.

Enquanto curadores, temos sempre de manter a percepção de que a cura está a acontecer e de que ela está a ser eficaz.

Qualquer que seja a forma que a cura assuma, seja ela clássica ou de primeiros socorros, quer utilizemos a Luz Branca, os chacras ou as formas de pensamento, a forma como nos preparamos é sempre idêntica, ou seja, colocando-nos num estado de consciência no qual sentimos a energia e no qual uma cura pode acontecer. Este procedimento é descrito, mais adiante, nos capítulos intitulados «Exercício Básico de Energia» e «Dirigindo a Energia». Sem a leitura desses capítulos, e sem a prática prévia dos exercícios que aí são descritos, os seus conhecimentos dos preliminares da cura não ficarão completos.

Após ter feito esses exercícios, estará então preparado para compreender e seguir os procedimentos que iremos descrever nos capítulos seguintes. Por essa razão peço-vos que reservem agora algum tempo para fazerem esses exercícios.

Sempre, e como passo final da preparação para a cura na qual vai tomar parte, recorde-se de que nunca lhe é apresentada uma cura que não seja

capaz de fazer.

Tudo pode ser curado.

Cura Com a Luz Branca

Nesta cura, o curador utilizará a Luz Branca enquanto modelo de integridade e de saúde, com vista a criar a percepção de que a cura aconteceu. Quando o curador tiver imaginado que o sujeito está repleto de Luz Branca, isso desencadeará a percepção de que ele está curado.

A razão por que se recorre à Luz Branca para efeitos de cura tem origem em todas as associações positivas que ela possui com a pureza e com a espiritualidade. Além disso, a Luz Branca, por encerrar em si todas as demais cores do espectro, representa igualmente a integridade. E a integridade é saúde.

Quando se pensa num tubo de luz fluorescente, é possível verificar que, quando a energia flui através do tubo, o tubo brilha. Podemos, portanto, dizer que a Luz Branca pode representar igualmente a energia que flui livremente, adaptando-se bem à nossa definição de que a cura consiste num regresso à experiência da saúde graças à eliminação de bloqueios.

Claro que, se o curador sentir tensões no corpo do sujeito (por exemplo nos ombros), ou se souber que existem tensões no interior do corpo do sujeito, ele saberá igualmente que, quando olhar no seu interior, irá ver sombras. Se não as vir, terá de ajustar as suas percepções até que estas estejam de acordo com aquilo que ele, enquanto curador, sabe ser verdade no nível físico. Nessa altura, e começando então com aquilo que de facto é, as sombras podem ser eliminadas e a cura poderá manifestar-se.

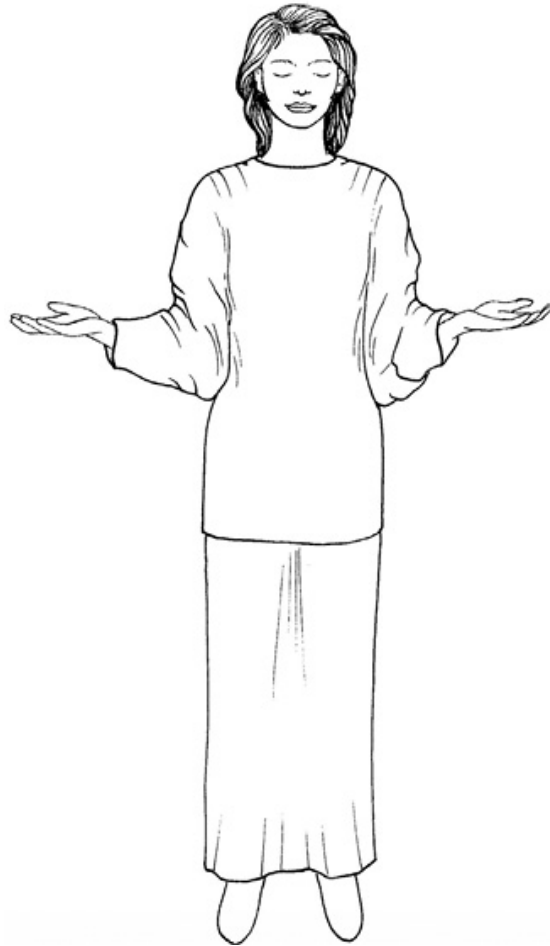


Figura 24.1 Posição de Partida Para a Cura

Na cura clássica da Luz Branca, o curador deverá verificar se o sujeito se encontra sentado de maneira confortável, com os pés bem assentes no solo, e com as mãos descontraídas, abertas em cima das pernas e com as palmas viradas para cima. Naturalmente, o sujeito não deverá usar óculos ou quaisquer outras próteses. Em seguida, e tendo verificado que o sujeito está aberto e receptivo à cura, o curador poderá iniciá-la, colocando-se na Posição de Partida Para a Cura, descrita no capítulo «Exercícios Básicos de Energia».

Ao sentir a energia nas mãos, o curador sabe que se encontra no estado de consciência ideal em que sente a energia e no qual uma cura pode acontecer. O curador decide, então, que aquilo que sente é Luz Branca que irradia das suas mãos.

O curador coloca as mãos com suavidade sobre os ombros da pessoa que está a curar. Embora o toque não seja imprescindível ao processo da

cura, o facto de se tocar no sujeito permite transmitir a este uma maior segurança e, além disso, estabelece certos níveis de comunicação directa entre o curador e o sujeito.

O sentido do tacto, recordem-se, está associado ao Chakra Verde (o Chakra do Coração) e ao aspecto do relacionamento com a pessoa no interior do corpo. Os ombros estão relacionados com o Chakra Azul, o qual tem que ver com a disposição do sujeito em estar aberto e receptivo.

Deste modo, quando o curador coloca as suas mãos sobre os ombros do sujeito, ele pode ter uma percepção directa do grau de abertura ao processo de cura por parte do sujeito.

Deve enfatizar-se aqui que o toque deve ser leve, e de que não há qualquer pressão, ou qualquer manipulação física neste tipo de cura.

O curador, cujas mãos irradiam Luz Branca, imagina então que está a encher o sujeito com esta luz através dos ombros, para dentro da cabeça e em seguida pelo corpo inteiro até atingir os dedos dos pés, enchendo igualmente os braços e atingindo a pele. Tudo isto pode ser feito sem tirar as mãos dos ombros do sujeito.



Figura 24.2 Sentindo a Energia

Se o curador sentir que tem dificuldade em penetrar no corpo do sujeito e (portanto) na sua consciência, deverá comunicá-lo de espírito a espírito, em silêncio, ao sujeito.

Processa-se um pouco como numa conversa imaginária como por exemplo: «Eu estou aqui para a tua cura, mas estou a ter alguma dificuldade em chegar a ti. Podes abrir-te, por favor, para que eu te possa ajudar da maneira como sei?» Normalmente, o fluxo torna-se mais fácil em seguida. Se isso não acontecer comunique-o em voz alta. Se ainda houver resistências, reconheça-as e informe o sujeito de que ele terá de trabalhar com outro curador, ou de uma outra maneira, ou numa outra altura.

O curador pode imaginar que está a preencher o sujeito de Luz Branca da maneira que bem entender. Poderá imaginar que uma substância branca escorre das suas mãos e preenche o sujeito. Ou poderá, por outro lado, imaginar que o sujeito está cheio de milhões de pequenos tubos fluorescentes, e que, quando a energia que sai das suas mãos toca nos tubinhos numa parte específica do corpo, essa parte do corpo brilha.



Figura 24.3 Iniciando a Cura

Se, ao colocar as mãos sobre os ombros do sujeito, o curador sentir que os músculos estão tensos, ele saberá que, quando «olhar», verá sombras. Afinal, as sombras são tensões. O curador não precisa de fazer uma massagem aos ombros do sujeito, mas deixar apenas que Luz Branca irradie das suas mãos, e reparar em seguida como ela derrete as sombras, tal como uma lâmpada que emana calor derrete o gelo. Quando o fizer, o curador sentirá os ombros do sujeito relaxarem sob as suas mãos, por si sós, sem que qualquer pressão seja exercida por ele.

À medida que o sujeito se vai enchendo de Luz Branca, se o curador imaginar que vê sombras e as dissipa através da Luz Branca, ele poderá recordar-se do lugar onde foram vistas as sombras. Esta informação

poderá ser comunicada em seguida ao sujeito durante o *feedback* após a cura, fazendo desse modo que ele fique a saber onde residiam as tensões que foram eliminadas.

Quando o curador vir o sujeito repleto de Luz Branca, e irradiando Luz Branca, terá criado a percepção de que a cura aconteceu. Nessa altura a cura estará consumada, e o curador deverá comunicá-la ao sujeito, dizendo-lhe em voz alta, «Podes abrir os olhos quando quiseres», aguardando em seguida a resposta do sujeito.

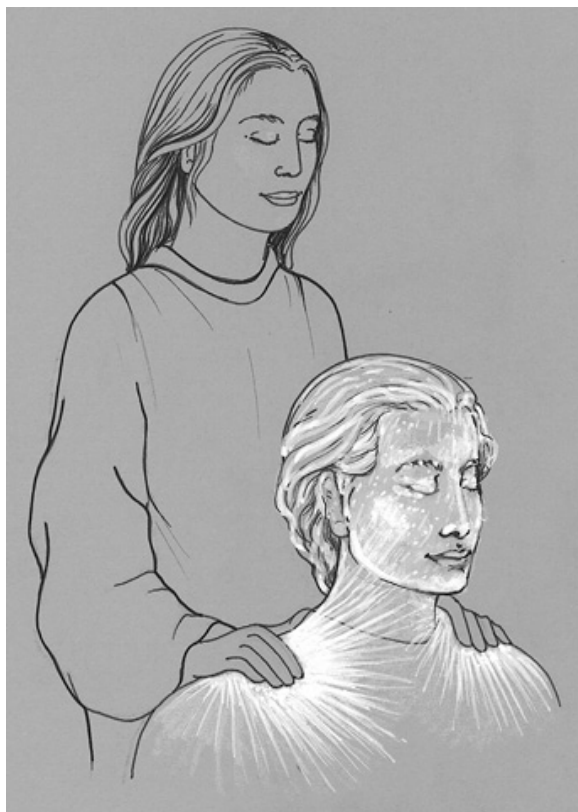


Figura 24.4 Preenchendo a Cabeça

O curador criou a percepção de que a cura aconteceu, e precisa agora de saber até que ponto é que o sujeito concordou com as suas percepções. Poderá vir a descobri-lo perguntando-lhe: «Como te sentes, igual ou diferente?» Para responder a esta pergunta o sujeito tem primeiro de examinar a sua experiência do momento presente e compará-la em seguida com a situação anterior, por forma a formular ao seu curador uma comunicação positiva em relação àquilo que sentiu até ao momento.

Se a resposta do sujeito não for conforme o que acima descrevemos, o curador deverá dirigir a atenção do sujeito para aquilo que está a sentir no momento, e deverá encorajar uma resposta que inclua algum efeito positivo da cura que o sujeito possa ter notado até esse momento, algo que seja de facto verdade.

Em seguida, se o sintoma ainda subsistir em parte, o sujeito poderá então comunicá-lo, e o curador poderá novamente pedir-lhe que se abra para a conclusão da cura, tal como o havia feito antes, e enviar Luz Branca para a parte do corpo que ainda não se encontra completamente bem. O curador encherá essa parte do corpo do sujeito com Luz Branca,

eliminando as sombras que aí se encontravam e que lhe causavam desconforto.

Quando isso for efectuado, o curador poderá informar de novo o sujeito que pode abrir os olhos, e perguntar-lhe se ele se sente igual ou diferente. Este processo poderá repetir-se até que o sintoma seja eliminado totalmente, ou até que se tenha passado algum tempo considerado suficiente a fazê-lo, por forma a tornar claro que essa cura tenha operado já todos os efeitos prováveis por enquanto.

O curador poderá verificar se outras técnicas, como o trabalho com os chacras ou com as formas de pensamento, surtem algum efeito no sentido da eliminação total dos sintomas. Habitualmente, uma combinação de todas estas técnicas resulta quando uma delas por si só depara com alguma resistência.

O curador poderá manter a percepção de que os efeitos positivos continuarão a agir por algum tempo mais, e de que os efeitos completos se manifestarão muito em breve. Afirmamos que uma cura acontece sempre, mesmo quando existe resistência à libertação total e imediata dos sintomas, dado que a comunicação e o reconhecimento dessa resistência podem ser encarados como um passo no sentido da experiência dos efeitos totais da cura.

Quando utilizamos a Luz Branca como primeiros socorros, a posição física do sujeito pouco importa para o curador, e tudo o que conta é o imperativo imediato de encher o sujeito com Luz Branca, por forma a reduzir ou eliminar o sintoma que exige atenção. Sempre que possível, isto pode ser feito tocando no sujeito em qualquer lugar, uma vez que o sentido do tacto fornece já uma sensação de segurança muito necessária e desejada em situações de emergência, sendo igualmente um veículo para a sensação de bem-estar que é proporcionada pela Luz Branca.



Figura 24.5 Enchendo o Corpo

Se o curador não estiver suficientemente próximo do sujeito de maneira a poder tocá-lo, é contudo possível imaginar o sujeito cheio de Luz Branca, criando no curador a percepção de que o sujeito se sente cada vez melhor, e o que tinha sido percebido como um problema se encontra agora completamente resolvido, ou a caminho de o ser, continuando sempre a melhorar.

O curador ao manter essa percepção, de que a forma de pensamento da

cura completa reside no éter, contribui desse modo para a criação daquilo a que apelidamos de realidade física exterior, e contribui de igual modo para uma cura de facto no nível físico.

As nossas percepções criam a nossa realidade.

Mantenha a percepção de que *tudo pode ser curado*.

Cura Com os Chacras e/ou Com as Formas de Pensamento

Na cura clássica, o curador pode recorrer às cores dos chacras para criar um modelo de saúde. Se em determinado chacra o curador vir uma cor diferente daquela que é a sua cor «natural», ele poderá retirar essa cor diferente e substituí-la pela sua própria cor. Quando cada cor estiver no lugar certo (Vermelho no Chakra Vermelho, Laranja no Chakra Laranja, etc.), o curador terá criado a percepção de que a pessoa se encontra num estado de boa saúde.

Quando utiliza as cores dos chacras como um modelo de saúde, o curador pode ou não trabalhar ainda em combinação com as formas de pensamento. Ao trabalhar sem as formas de pensamento, a ideia é que os chacras representam tudo aquilo que está a acontecer na consciência da pessoa, de modo que nada mais é necessário.

Aqueles que preferem trabalhar conjuntamente com formas de pensamento e com chacras, argumentam que lhes é fornecido, desse modo, um nível suplementar de detalhe no que diz respeito ao que ocorre na consciência do sujeito, e que isso lhes fornece uma sensibilidade maior quanto às descrições dos sintomas por parte do sujeito.

Quando as formas de pensamento são utilizadas juntamente com os chacras é, apesar de tudo, a cor própria de cada chacra que determina a condição de bem-estar e, seguidamente, qualquer forma de pensamento que se apresente deverá nessa altura ser removida, independentemente de ser encarada como sendo boa ou má, pela simples razão de que, se ela aí permanecer, a imagem final será diferente do modelo de saúde que utilizamos.

Por vezes, uma forma de pensamento apresentar-se-á ao curador para que este possa, em seguida, comunicar algo ao sujeito, uma vez terminada a cura («Havia anjos no teu Chakra Índigo», ou «Uma pessoa que tu amas estava contigo no Chakra Verde», por exemplo).

O curador trabalha de acordo com a metodologia clássica da cura dos chacras, descrita mais adiante, e caso se lhe apresente alguma forma de pensamento, deverá lidar com cada uma individualmente à medida que a for encontrando, antes de avançar para o chacra seguinte.

Nos casos em que a forma clássica da cura não se afigure prática, tal como em casos de emergência ou nos casos de recurso à cura para

primeiros socorros, o curador, na grande maioria das vezes, poderá optar por trabalhar com a Luz Branca, conforme descrevemos no capítulo anterior, ou então com as formas de pensamento, devido à rapidez e à facilidade com que os sintomas podem assim ser eliminados. O trabalho com formas de pensamento é particularmente eficaz nos casos de dores de cabeça ou outras dores, libertando-as de imediato com a ajuda, por exemplo, de válvulas de pressão, enquanto o trabalho com os chacras fornece mais detalhes acerca das condições do *stress* em partes específicas da consciência do sujeito, mas demora porém um pouco mais de tempo.

Enquanto os primeiros socorros envolvem sobretudo o recurso às formas de pensamento, alturas haverá em que algum trabalho sobre os chacras também deva ser utilizado em situações de primeiros socorros. Se alguém deixou o seu corpo, por exemplo nos casos de uma crise de epilepsia ou de um desmaio, o curador, ao formar prontamente o Chakra Vermelho da pessoa, enviando as raízes para dentro da terra e alimentando de novo o Chakra Vermelho, pode reconduzir a pessoa ao seu corpo com bastante rapidez. Dado que o Chakra Vermelho está associado à relação que a pessoa tem com o seu corpo físico, este procedimento resulta normalmente no rápido regresso da pessoa a si.

Na cura clássica dos chacras, o curador começa da mesma maneira que iniciou a cura com a Luz Branca, certificando-se de que o sujeito está sentado com os pés bem assentes no chão, as mãos descontraídas sobre as pernas e com as palmas viradas para cima, e com os olhos fechados, reflectindo uma atitude interior de abertura e de receptividade.

O curador começa na Posição de Partida Para a Cura, até obter a sensação nas mãos indicando-lhe que sente a energia e que uma cura pode ter lugar. Em seguida, decide que a energia que sente é Luz Branca que irradia das suas mãos.



Figura 25.1 Pleno de Luz Branca

O curador coloca então as suas mãos nos ombros do sujeito, com suavidade, quase sem o tocar, e imagina que o enche rapidamente com Luz Branca. Aquando da cura com a Luz Branca, isto foi feito com a intenção de ver a pessoa curada uma vez plena de Luz Branca, e terá levado porventura entre cinco a 15 minutos, em função daquilo que o curador viu e fez ao longo do processo.

Aqui a intenção difere. O curador tomou a decisão de trabalhar com níveis de detalhe mais amplos que lhe serão facultados graças ao trabalho

com os chacras. Não se pode afirmar que exista uma forma de cura que seja mais efectiva, ou menos do que outra. Cada uma pode ser utilizada para curar seja o que for.

No caso presente, o facto de encher a pessoa com Luz Branca dá ao curador a impressão de estar a penetrar a parte mais profunda da consciência do sujeito, e de que aquilo que ele verá durante a cura será a visão dessa parte mais profunda.

A plenitude de Luz Branca poderá levar apenas um a dois minutos, até que o curador obtenha uma imagem que lhe indique que chegou à parte mais profunda, ao centro da consciência do sujeito. Poderá ser a imagem de um tubo no centro do sujeito, ou ainda uma imagem do sujeito situado nesse lugar. À medida que o sujeito vai sendo preenchido de Luz Branca, podem existir de facto algumas coisas que se podem ir já curando, como sejam a remoção de uma armadura ou a abertura de uma concha.

Quando o sujeito estiver cheio de Luz Branca, o curador toca em seguida nas várias partes do corpo do sujeito que correspondem a cada chakra, sem falar enquanto trabalha, mas observando apenas o que aí se encontra, fazendo o que houver a fazer para criar a percepção de que a cura aconteceu. Novamente devemos salientar que o sujeito ficará curado quer se toque directamente nele, quer não, no entanto aquilo que descrevemos neste momento consiste na cura de contacto, a qual oferece ao sujeito níveis de comunicação e de confiança suplementares.

Em virtude da sensibilidade que a grande maioria das pessoas possui ao ser tocada no seu Chakra Vermelho (localizado, recorde-se, na região do períneo, entre o ânus e os órgãos sexuais), a maioria dos curadores prefere trabalhar na base da coluna vertebral. Se houver um problema sério ao nível do Chakra Vermelho considere tocar a pessoa no local exacto onde ela tem de ser curada, caso contrário, o curador poderá trabalhar da forma como foi descrito acima, na base da coluna vertebral ou com a mão sob o assento da cadeira, directamente sob a zona que requer a cura.

Com as mãos posicionadas no lugar certo, o curador visualiza um fluxo de energia vindo das suas mãos ou dos seus dedos, criando uma bola de energia de um vermelho claro, no local onde sabe encontrar-se o Chakra Vermelho. Se for vista nesse sítio uma outra cor, o curador anota-a mentalmente, mas retira-a, substituindo-a por vermelho. Quaisquer formas de pensamento que surjam são igualmente retiradas.

Quando o Chakra Vermelho se encontrar no seu estado de clareza, o curador pede em seguida ao Chakra Vermelho que este envie raízes através das pernas do sujeito, até aos pés, observando com cuidado para ver o que se passa a esse nível à medida que isso acontece, encorajando as raízes se for caso para isso. O curador pode, nessa altura, mudar de posição, colocando as suas mãos sobre os joelhos do sujeito, e em seguida sobre os pés, imaginado igualmente o cenário que se apresenta sob os pés da pessoa, mudando-o caso seja necessário.



Figura 25.2 Curando o Chakra Vermelho

Quando as raízes tocam na bola de energia no centro da Terra, a reacção deve ser imediata. A nutrição deve começar a fluir imediatamente pelas raízes de forma ascendente, para dentro das pernas do sujeito, e para o Chakra Vermelho. Se isto não acontecer, o curador deverá então encorajar o processo, fazendo aquilo que entenda necessário para que assim aconteça. O diálogo interno com o sujeito poderá facilitar o entendimento, fazendo perguntas, imaginando respostas, e conversando desta forma com as raízes.



Figura 25.3 Raízes até aos Pés

Quando a energia começar a fluir de forma ascendente pelas raízes, o curador poderá de novo colocar a sua mão sobre o Chakra Vermelho, para examinar nessa altura o que aí se passa e para se assegurar de que a energia está a ser captada pelo sujeito.



Figura 25.4 Curando o Chacra Laranja

Naquilo que se refere ao trabalho sobre os chacras que se seguem, o curador trabalha sobre qualquer um dos lados do sujeito, tocando-o com uma das mãos pela frente e com a outra mão tocando atrás. Não faz mal se as costas da cadeira estiverem no caminho, a consciência move-se através de tudo.

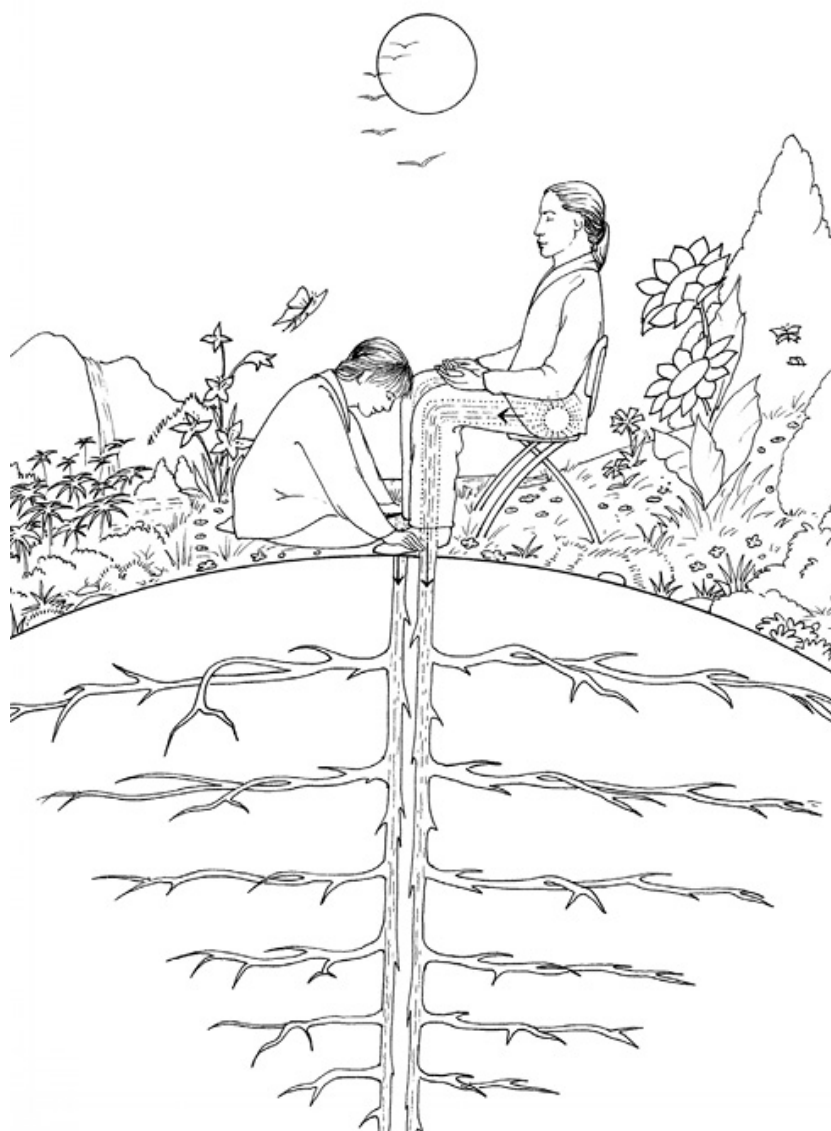


Figura 25.5 Raízes na Terra

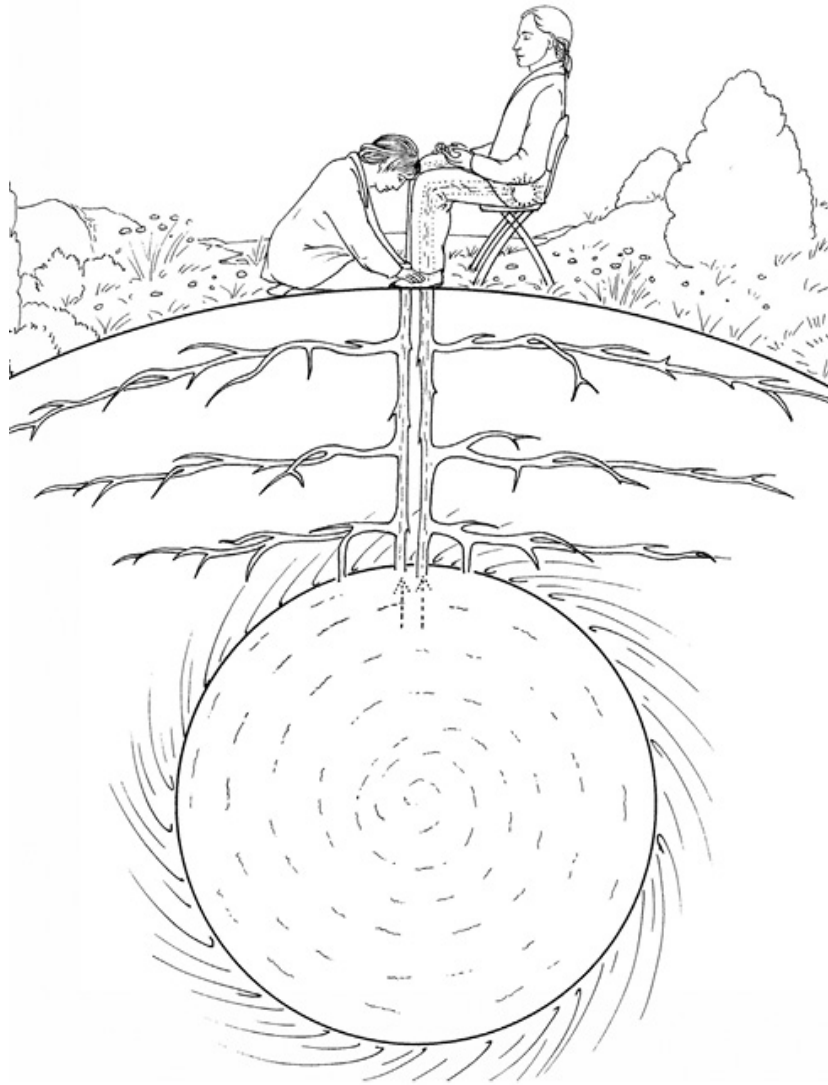


Figura 25.6 Raízes Que Mergulham na Nutrição

Ao nível do Chakra Laranja, o curador imagina um fluxo de energia vindo de cada uma das suas mãos e que cria, no local onde ele sabe que se encontra o Chakra Laranja, uma bola dessa cor. Quaisquer formas de pensamento que sejam encontradas devem ser resolvidas à medida que se apresentem.

Quando o Chakra Laranja se encontrar no seu estado correcto, repete-se então de forma idêntica o processo com o Chakra Amarelo.

Antes de iniciar o trabalho sobre o Chakra Verde, e mantendo sempre uma mão colocada sobre o Chakra Amarelo, o curador coloca a outra mão sobre o Chakra Verde, por forma a poder certificar-se de que existe um canal claro entre os dois chacras, a tal passagem através da membrana a que nos referimos num capítulo anterior.

O curador imagina cada chacra como sendo uma sala e pede ao tecto da sala do Chakra Amarelo que se abra, pedindo o mesmo ao chão da sala do Chakra Verde. Em circunstâncias ideais, os dois abrem-se como dois diafragmas de íris, e ambos os chacras são capazes de se ver um ao outro, nada havendo entre eles a não ser um espaço claro. Se a pessoa estiver na defensiva, as aberturas poderão estar fechadas e o curador terá de as abrir recorrendo a uma chave. (Ver a figura: *Abrindo a Passagem*). Quaisquer outras imagens que não representem espaço desimpedido entre os dois chacras deverão ser alteradas, até que o fluxo de energia entre os dois prossiga de novo livremente.

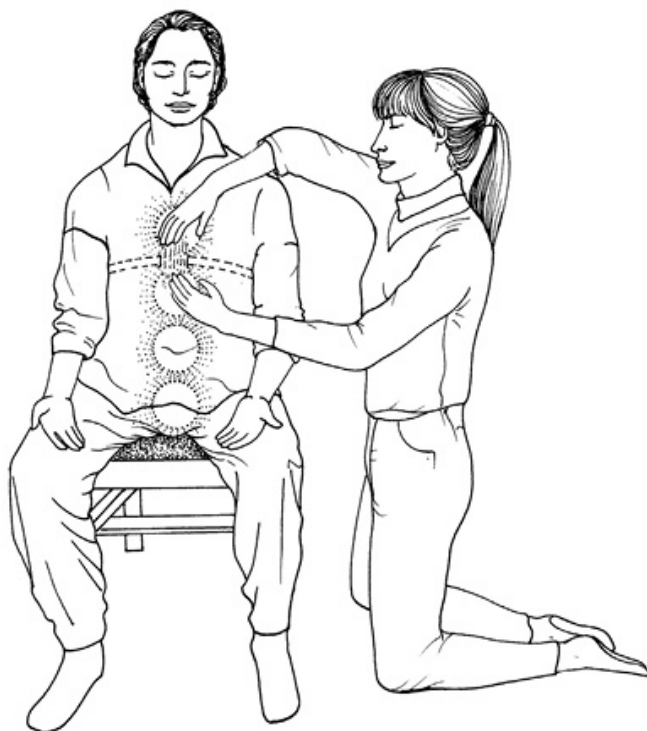


Figura 25.7 Abrindo a Passagem

Quando a membrana se ergue nesse local como uma barreira, o que a pessoa sente ao movimentar a consciência entre o Chakra Amarelo e o Chakra Verde consiste numa resistência que se manifesta sob a forma de ira, tristeza ou qualquer outra emoção que possa representar uma resistência e que não a faça sentir-se bem. Enquanto essa barreira não for removida, cada vez que a pessoa movimentar a sua atenção entre os dois chacras, ela sentirá essa membrana de resistência.



Figura 25.8 Curando o Chakra Verde

Quando existe uma barreira entre dois chakras, sejam eles quais forem, ela representa uma resistência na consciência da pessoa entre essas duas ideias. Neste caso poderá tratar-se de um conflito entre ideias de liberdade e o facto de se estar a viver um relacionamento, ou entre o controlo e a aceitação. A abertura da passagem possibilita ao sujeito movimentar a sua consciência entre os dois chakras e elimina o conflito que tinha existido na sua consciência. Dessa maneira, a pessoa passa a ser capaz de ver a compatibilidade das duas ideias.

Depois de a passagem entre os dois chakras ter sido aberta, procede-se à cura do Chakra Verde, da mesma maneira que se fez com o Chakra Laranja e Amarelo, colocando uma mão na frente e outra atrás, deixando a

energia fluir através das mãos e formando uma bola da cor correcta no lugar onde se encontram os fluxos. Alguns curadores gostam de imaginar verde-esmeralda no seu próprio Chakra Verde e enviam-no em seguida através dos braços para dentro do Chakra Verde do sujeito, observando aquilo que sucede quando o fazem. Isto fornece um sentimento agradável de conexão tanto ao curador como ao sujeito.

Para o Chakra Azul, as mãos devem sempre ser colocadas sobre os ombros, e não na frente ou atrás, por forma a que o sujeito não fique com a sensação de que o estão a querer estrangular. Com uma mão sobre cada um dos ombros, o curador imagina um fluxo de energia que sai de cada uma das suas mãos, formando uma bola azul-celeste no local onde sabem encontrar-se o Chakra Azul. À medida que forem sendo encontradas formas de pensamento, tais como correntes, pesos etc., deverão ser eliminadas.

Após o Chakra Azul estar como deve estar, o curador pede-lhe que envie ramificações através dos braços, colocando-se sobre um dos lados do sujeito, mantendo uma das mãos sobre a parte posterior do Chakra Azul, e tocando com a outra mão na palma da mão do lado em que se encontra. Em seguida, um raio de energia deve ser observado estendendo-se para lá da palma da mão a uma distância considerada razoável (a maioria dos curadores considera uma distância de aproximadamente oito a dez metros como sendo razoável).



Figura 25.9 Curando o Chakra Azul

O mesmo procedimento é repetido no outro lado e deverá haver um ponto onde os dois raios de energia se encontram. Caso não se encontrem, deverão ser «alinhados» até que isso aconteça. Por vezes, no lugar onde os dois raios se encontram poderá surgir uma imagem, e se assim acontecer ela representará um objectivo na consciência do sujeito. Para o sujeito poderá ter bastante importância, enquanto parte da sua cura, vir a saber o que é que aí foi visto, se é que algo se tenha apresentado.

Para o Chakra Índigo, as mãos podem de novo ser colocadas à frente e atrás da cabeça, ao nível da fronte, procedendo-se a cura da mesma forma como decorreu nos casos dos Chacras Laranja, Amarelo e Verde. Alguns curadores gostam de imaginar o Chakra Índigo como uma janela. Eles olham para dentro dessa janela para verem o panorama no interior da sala, e tudo o que se encontra no seu interior deverá ser da cor do índigo, a cor do céu numa noite de luar. Deve ainda ser possível observar o sujeito sentado no centro dessa sala, olhando para o exterior da janela.

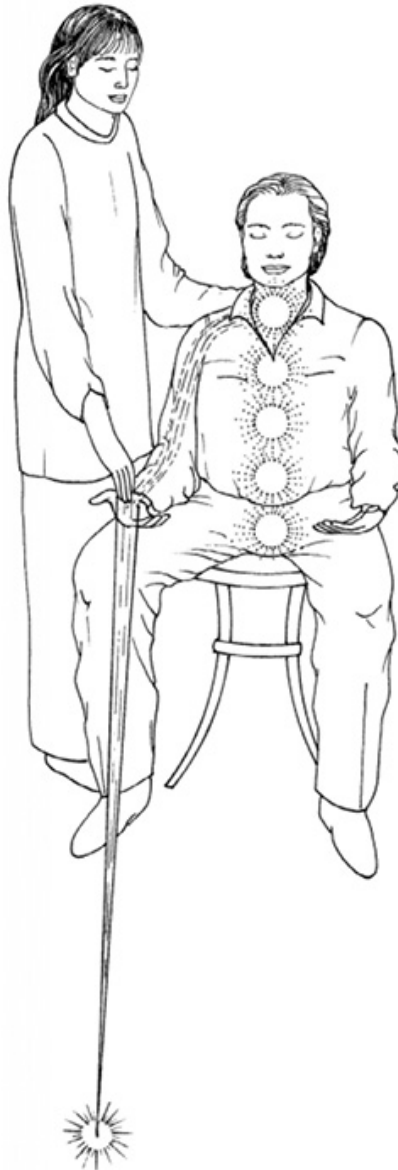


Figura 25.10 Formando o Raio Azul

Por vezes, aquilo que é visto na sala revela o relacionamento que o sujeito possui com o seu lar, com o seu veículo, com o seu corpo físico, bem como o seu relacionamento com a sua espiritualidade. Tudo aquilo que for visto nessa sala deverá ser entendido nesse contexto. Recorde-se de que o Chakra Índigo representa a visão que a pessoa tem de si própria enquanto espírito num corpo, vestindo uma estrutura biológica, mas permanecendo espírito no interior.

A visão para o exterior, através de uma janela aberta, deverá revelar uma noite clara de luar. Qualquer outro cenário que se apresente deverá ser substituído até que esteja em conformidade com o que deve ser. A

vista para o interior através da janela revela a visão que o sujeito tem de si próprio em relação ao seu veículo, enquanto a visão para fora da janela revela a habilidade do sujeito em direccionar a sua visão espiritual para o exterior e em aplicá-la ao que sucede em seu redor.



Figura 25.11 Curando o Chakra Índigo

Para o Chakra Violeta, uma mão é colocada no topo da cabeça do sujeito, tocando-a, e forma-se assim a bola de energia violeta. Em seguida, o curador pede ao Chakra Violeta para se abrir. Em condições ideais, isto acontece com facilidade e assemelha-se a uma flor de lótus que se abre até à sua parte mais profunda. Se isso não acontecer, deverá ser necessário retirar algum elmo ou qualquer outra barreira que aí exista, e deverá reformular-se o pedido para que o chakra se abra. Por fim, e uma vez aberto o chakra, o curador pede à Luz Branca que venha de cima e encha o sujeito, dos pés à cabeça, através do Chakra Violeta, fazendo com que cada chakra, a começar pelo vermelho, brilhe e fique ainda mais claro do que antes à medida que ela vai subindo.



Figura 25.12 Abrindo a Flor de Lótus

Quando o sujeito estiver preenchido e transbordando Luz Branca, tendo cada chacra a brilhar vivamente com clareza na sua própria cor, e livre de quaisquer formas de pensamento, o curador terá criado a percepção de que a cura está completa.

O curador informa por fim o sujeito de que poderá abrir os olhos quando quiser, perguntando-lhe em seguida se ele se sente igual ou diferente. Deverá encorajar-se o sujeito a aperceber-se do que está diferente na sua experiência da sua consciência e do seu corpo, e a fazer uma primeira comunicação de teor positivo acerca das alterações que tenha sentido até ao momento.

Se restarem sintomas que ainda não tenham sido totalmente eliminados, o curador poderá optar por se ocupar de imediato com esses sintomas, ou esperar até que o sujeito tenha recebido o *feedback* em relação ao que se passou até ao momento.

O curador deve acolher o sujeito, a nova consciência, na sua entrada no mundo com um abraço. Deste modo, o sujeito terá uma oportunidade para agradecer ao curador, colocando o seu coração perto do dele, sentindo apenas esse contacto e, do mesmo modo, o curador tem a possibilidade de agradecer ao sujeito pela oportunidade que este lhe deu de ser um veículo para o fluir do amor e da energia através de si para a cura do sujeito.

Uma vez completado o *feedback* e eliminados os sintomas, outro abraço

completa a cura, tanto na consciência do curador como na consciência do sujeito.

Quando o sujeito estiver curado, não há quaisquer trabalhos suplementares a realizar em casa, não há nenhum trabalho a fazer, não é necessário mais nenhum tratamento. O sujeito está capacitado para prosseguir com a sua vida. O curador poderá libertar-se de qualquer responsabilidade de observação ou de protecção do sujeito, insistindo apenas em manter a percepção de que o sujeito está curado e não requer mais nenhuma assistência da sua parte.

Dessa forma, tanto o curador como o sujeito podem viver plenamente a sua liberdade.

Tudo pode ser curado.

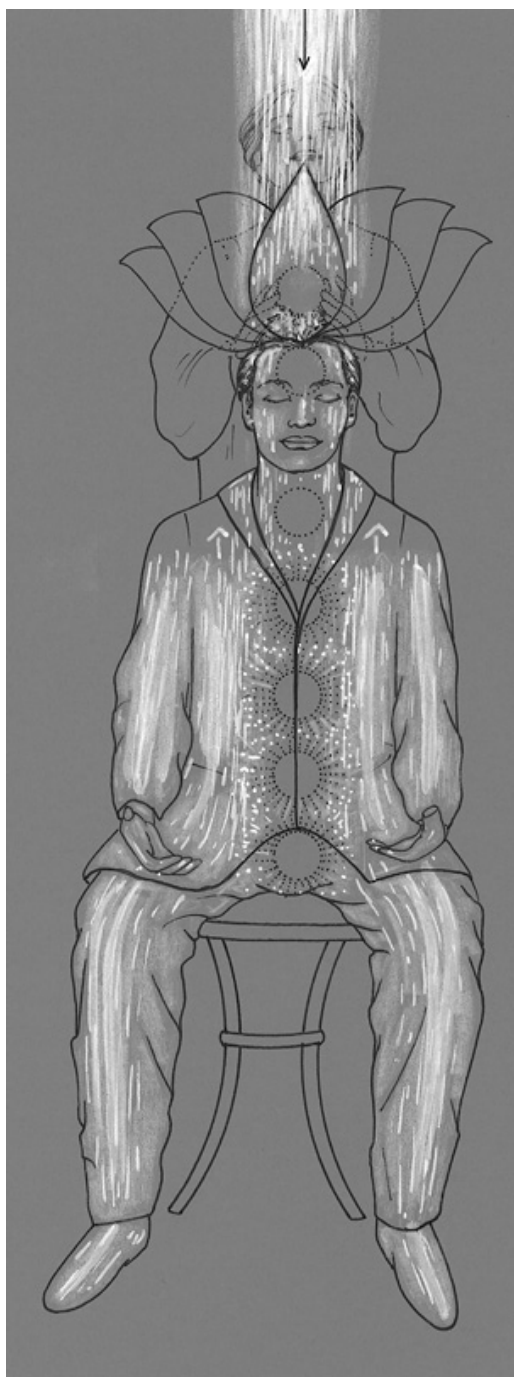


Figura 25.13 Limpeza Cósmica

Cura à Distância

Aquilo que conseguir fazer em pessoa através da cura de contacto, consegue igualmente fazer à distância. O grau de distanciamento pouco importa, e pode oscilar entre escassos milímetros e milhares de quilómetros. Estamos afinal a trabalhar não com um corpo, mas sim com uma consciência, a qual não conhece quaisquer limitações espaciais ou temporais.

Aquilo que vê e cura é sempre a consciência, quer esteja a trabalhar com a Luz Branca, com os chacras ou com as formas de pensamento. Você trabalha com aquilo que o sujeito sente na sua consciência, e a sua orientação dirige-se no sentido de reconduzir a consciência do sujeito à integridade e à saúde. Quando isso acontece, sabemos que o corpo físico pode então regressar a um estado de equilíbrio compatível com a configuração energética criada pela cura.

Se houver alguma razão para não tocar no sujeito, como sejam razões de ordem filosófica ou religiosa, o curador poderá funcionar da mesma maneira como numa cura de contacto, mas sem deixar que as mãos toquem de facto no corpo, trabalhando a uma distância de milímetros ou centímetros deste. Embora tenhamos reconhecido que o contacto físico fornece níveis adicionais de comunicação e tem as suas vantagens, na medida em que proporciona ao sujeito uma sensação acrescida de confiança, temos de reconhecer igualmente que, por vezes, o contacto físico poderá parecer uma intromissão e uma violação dos limites do espaço íntimo do sujeito. Nessa altura deveremos tomar a decisão de que a cura que iremos fazer de maneira diferente terá apesar de tudo uma eficácia a 100%, e que, enquanto curadores, teremos à nossa disposição todas as ferramentas e dimensões de que necessitaremos para podermos criar a cura perfeita. Nessa altura, de facto assim será.

Ainda que trabalhando a uma distância de escassos milímetros ou centímetros, estando o sujeito sentado numa cadeira perto do curador, este será capaz de ver tudo aquilo que veria caso pudesse tocar no sujeito, mas possuindo apenas um sentido de comunicação diferente. Dado que estamos a trabalhar com a consciência, e não com o corpo físico, somos capazes de fazer a mesma coisa quando o sujeito não se encontra ali fisicamente, sentado na cadeira. O curador pode trabalhar com uma

cadeira desprovida de corpo físico, imaginando apenas que o sujeito está sentado, e sentirá e verá as mesmas coisas que sentiria e veria caso o sujeito estivesse de facto ali sentado perto de si, tal como se estivesse a trabalhar a uma distância de poucos centímetros, sem tocar no corpo.

O curador começa na mesma com a Posição de Partida Para a Cura, sentindo a energia nas mãos e decidindo que se trata de Luz Branca, colocando em seguida as mãos por cima da região onde deveriam estar os ombros do sujeito e imaginando que está a preenchê-lo de Luz Branca. O curador continua a ver as mesmas imagens na consciência do sujeito, porque continua, todavia, a ser a consciência com a qual o curador está a trabalhar.

Para otimizar a interação, o curador poderá informar o sujeito do momento em que a cura se processará, para que o sujeito permaneça conscientemente aberto nessa altura para receber a sua cura. Ainda que não o faça, a cura acontece da mesma forma ao nível do éter, e aí permanece até que o sujeito esteja aberto para receber os seus efeitos benéficos, geralmente quando adormece, podendo os efeitos manifestar-se nessa altura.

Naturalmente, para que o sujeito possa em seguida orientar-se com maior facilidade nessa nova consciência na qual poderá vir a sentir a sua integridade é sempre útil e benéfico que o curador forneça ao sujeito um *feedback* completo acerca daquilo que viu, daquilo que fez e do significado que isso teve para ele.

Da mesma maneira como trabalha à distância com a Luz Branca, o curador é capaz de trabalhar igualmente com formas de pensamento e com os chacras, imaginando que o sujeito está sentado na cadeira vazia à sua frente. A princípio poderá parecer-lhe um pouco estranho trabalhar desta maneira, mas assim que o curador sentir a energia em movimento, experimentar ver o sistema energético do sujeito e receber a validação do *feedback* acerca daquilo que viu, reconhecerá que a sua eficácia não é de forma alguma diminuída pela distância. Saberá, então, que pode curar da mesma maneira qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, onde quer que esteja, em qualquer altura.

Alguns curadores, porém, sentem-se mais à vontade com a ajuda de um sujeito suplente sentado na cadeira quando realizam um trabalho sobre uma consciência distante. Quer isto dizer que uma outra pessoa aceita

tomar, na cadeira, o lugar do sujeito que irá ser curado, e nesse caso o sistema energético que será visto pelo curador será o desse sujeito e não o do sujeito suplente.

Em seguida, e ainda que não tenha tido conhecimento algum daquilo que o sujeito precise de curar, o sujeito suplente poderá fornecer ao curador um *feedback* daquilo que ele próprio sentiu durante a cura. Poderá ter sensações no corpo que estejam relacionadas com os sintomas a serem curados, ou poderão ser imagens com as quais o curador se possa identificar em termos daquilo que curou.

Embora tudo isto seja normalmente feito de maneira muito consciente, por vezes ocorre de modo espontâneo, sem o conhecimento do curador, até ao momento em que este reconhece que o sistema energético que tinha estado a ver e com o qual tinha estado a trabalhar não está de todo relacionado com a pessoa que se encontra na cadeira. Tudo aquilo que foi visto estava correcto, ainda que o *feedback* não fizesse qualquer sentido ao sujeito. De certo modo, é como se o sujeito que se encontra na cadeira tivesse concordado «em espírito» em estar ali para que a cura pudesse acontecer, recebendo igualmente benefícios.

Poderá tratar-se, por exemplo, da consciência de alguém ligado à vida do sujeito, a sua mãe ou algum parente que necessitava de uma cura e em relação à qual o sujeito sentira alguma ansiedade. Nesse caso, um dos efeitos da cura à distância, que se operara através do sujeito suplente, poderá ter sido a libertação dessa sua ansiedade. A cura assume muitas formas.

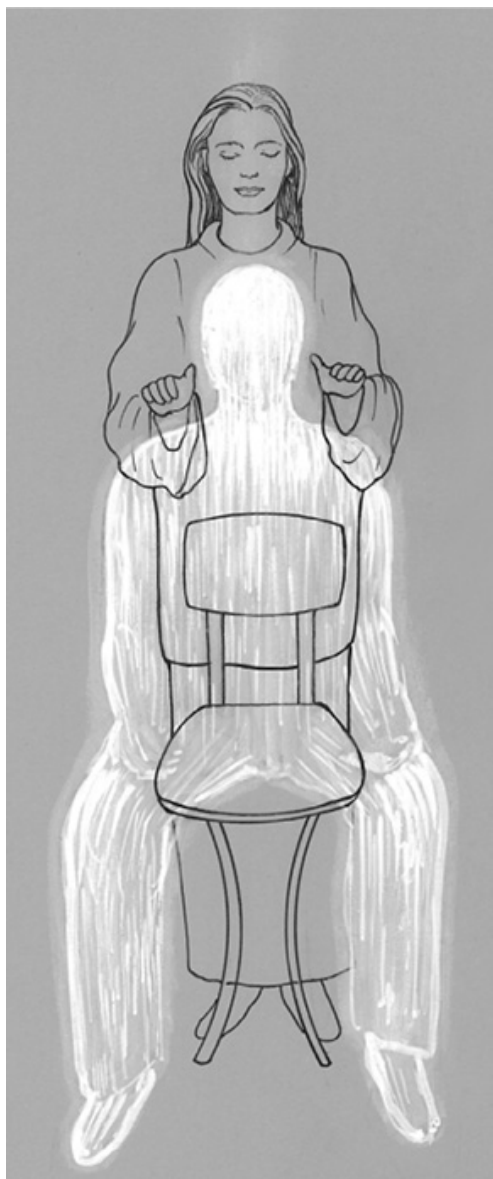


Figura 26.1 Cura à Distância

Dado que todas as curas descritas até ao momento implicam um sentido de ligação entre o curador e o sujeito, podemos afirmar que outras formas de cura são igualmente possíveis desde que se verifique o mesmo sentido de ligação. Dessa forma, através da ligação à consciência de uma pessoa graças à sua voz, transmitida por um telefone, a cura pode acontecer dessa maneira, enquanto se fala com o sujeito. Mesmo num caso desses, o curador poderá trabalhar com Luz Branca, com formas de pensamento e com os chacras, e sentir simultaneamente a consciência do sujeito enquanto trabalha, recebendo de imediato o *feedback* da eficácia daquilo que faz.

Se o sujeito for alguém que o curador conheça ou tenha encontrado no passado, o facto de trabalhar com uma fotografia da pessoa pode, é claro, desencadear o mesmo sentido de ligação, e a cura pode acontecer dessa maneira.

Pode igualmente recorrer-se a uma fotografia para que o curador «encontre» a consciência do sujeito, quando se trata de uma cura à distância com um sujeito totalmente desconhecido do curador, podendo a cura acontecer também desse modo. De facto, se tudo o que for revelado ao curador for apenas o nome da pessoa, e alguma informação a seu respeito, isso poderá ser o suficiente para se localizar a consciência do sujeito com vista a proceder à cura. Essa informação poderá dizer respeito ao sintoma, ou poderá ser a idade do sujeito, ou um qualquer atributo físico.

Então, é como se o curador estivesse a pedir à Consciência Universal que encontre um indivíduo com esse nome e ao qual essas informações se aplicam, e esta, por sua vez, remete-lhe a «morada» do sujeito. À pessoa que forneceu o nome do sujeito, o curador poderá então perguntar outros atributos deste para se certificar de que se trata da pessoa certa. Por exemplo: «Essa pessoa é ruiva? Sim? Muito bem, então podemos começar.»

Há ainda um outro tipo de cura à distância que é geralmente utilizada por curadores que atingiram já um determinado nível de evolução, e que possuem, portanto, um sentido suficientemente bom de quem são. Trata-se da cura por empatia, sendo um requisito prévio para esta forma de cura que se possua um bom conhecimento de si próprio e daquilo que é verdadeiro para si.

Neste tipo de cura, o curador sente-se ligado por um sentimento de empatia ao sujeito, sentindo aquilo que o sujeito sente como se dele próprio se tratasse. É como se estivesse no corpo e na consciência do sujeito sentindo aquilo que este sente.

É óbvio que para que ele possa saber que a consciência que está a sentir não é a sua própria consciência, mas sim a do sujeito, é fundamental que conheça suficientemente bem a sua consciência para saber que aquilo que sente não está de forma alguma ligado a qualquer tensão na sua própria consciência. Se souber que aquilo que sente não faz parte da sua experiência, poderá perguntar a quem é que ela pertence, e poderá

reconhecer a quem é que pertence a consciência que está a vestir nesse momento. Poderá dar por si caminhando ou permanecendo de pé na postura que reconhece como sendo aquela que é típica do sujeito, ou poderá aperceber-se da cara do sujeito sobre a sua própria cara.

O curador sabe, então, que quando está ligado dessa forma ao sujeito, ele próprio sentirá igualmente na sua experiência o momento em que ocorre a libertação dos sintomas, desde que esta seja sentida pelo sujeito.

Da mesma maneira, poderá decidir que, quando ele, curador, libertar da sua própria consciência as tensões que aí residem, o sujeito sentirá, em virtude da ligação que existe entre ambos, a mesma libertação de tensão, no mesmo instante.

É óbvio que a porta permanece aberta a outros tipos de cura à distância, tais como a cura através do olhar, quando esse olhar por parte do curador seja aquele que escolhe ver o sujeito como um todo, e insistindo em manter essa percepção, ou ainda, e funcionando segundo os mesmos moldes, a cura com um mero pensamento.

À medida que for trabalhando cada vez mais nestes domínios da cura, tornar-se-á cada vez mais claro que não existem quaisquer limitações à forma como podemos utilizar as nossas percepções com o objectivo de reconduzirmos os demais à experiência da plenitude. Reconhecerá igualmente que, ao ser capaz de afectar a estrutura biológica através dos seus pensamentos, será capaz de recorrer à sua consciência para modificar tudo aquilo que pretenda no mundo físico.

Outras dimensões da cura tornar-se-ão evidentes. Será capaz de ver as situações que se apresentarão a si para serem curadas, e será capaz de determinar a forma de cura mais adequada consoante o tipo de situação, e de a utilizar.

Será, além do mais, capaz de o fazer onde quer que se encontre no mundo.

Graças a uma prática contínua, por forma a estabelecer confiança nas suas próprias impressões subjectivas (as ferramentas com as quais trabalha na cura), sentir-se-á, em breve, tão à vontade a trabalhar com a cura à distância como com a forma mais simples de cura de contacto.

Tudo pode ser curado.

Você pode curar tudo.

Autocura

Tudo aquilo que é capaz de fazer pelos outros, é capaz de fazer igualmente por si. Afinal, você é um sistema energético idêntico àquele que tem vindo a curar com sucesso nos outros. Tudo se torna possível quando você é capaz de observar o seu próprio corpo da mesma maneira como vê o corpo dos outros, apenas como o veículo para a consciência que reside no interior, mais ainda, como sendo apenas uma parte de um sistema energético.

Idealmente, claro, nunca necessitará de uma cura, caso permaneça em comunicação consigo próprio, sendo sempre você mesmo, compreendendo a sua consciência e a linguagem que ela usa, respondendo-lhe sempre de modo consciente. Ainda que seja verdade que não existam muitos seres sobre o planeta Terra que tenham, até hoje, conseguido esse nível tão avançado de perfeição e de funcionamento ideal, é igualmente verdade que não há qualquer razão para não acreditar que isso possa estar ao seu alcance a qualquer momento que o deseje, incluindo o momento presente, agora.

Se algum sintoma se manifestar em si, poderá começar por ter alguma compaixão por si, reconhecendo que está ainda no processo de aprendizagem e que ainda não terá acabado o trabalho sobre si próprio. Se verificar que o sintoma que necessita de ser curado é uma reincidência de algo que sucedeu no passado, saberá que há algo na sua consciência que terá de ser alterado, para que a mesma situação não ocorra de novo. Saberá igualmente o que terá de ser alterado.

Poderá permitir a si mesmo ser recordado muitas vezes, para se certificar apenas de que assim é, ou poderá optar por captar a mensagem cada vez mais cedo, permanecendo em contacto com o seu sistema direccional interior, a sua intuição.

Poderá igualmente escolher entre ser curado por outra pessoa ou fazer a cura a si mesmo. Faça aquilo que for necessário para se libertar de qualquer sintoma que exista e para que possa regressar a um estado de felicidade e de saúde. É esse o seu estado natural.

A forma da cura tanto poderá ser do tipo primeiros socorros, como poderá assumir a forma de uma meditação de cura.

Ao tratar-se a si próprio, no âmbito de uma cura de primeiros socorros,

será capaz de remover dores de cabeças e outras, da mesma maneira como o faria se estivesse a trabalhar com um outro sujeito. Poderá recorrer às formas de pensamentos, às válvulas de pressão, etc. Deverá optar por ver-se a si próprio como sendo apenas um sistema energético, sem se deixar envolver emocionalmente com o sintoma que estiver a eliminar. Poderá, então, levantar simplesmente o sintoma, ou a dor, e senti-lo partir. Poderá curar cortes e nódoas negras, tocando apenas na zona onde se encontrem, imaginando que a cura se está a processar e observando o processo à medida que os vasos sanguíneos se restabelecem e a carne se regenera, insistindo sempre em vê-los como estando curados, e decidindo que assim é.

Se estiver a eliminar uma dor de cabeça, e a sente a libertar-se da sua consciência, aperceber-se-á de que certos pensamentos também deixam a sua consciência na mesma altura. Será como uma nuvem que se dissipa. Saberá, então, que se tratava de pensamentos que estavam associados ao sintoma e que o tinham criado. Procure não correr atrás desses pensamentos tentando saber o que eles queriam dizer. Observe-os apenas a passarem e sinta a consciência mais clara agora.

Se estiver a viver com um pé em cada realidade, estando por vezes numa bolha e outras vezes noutra, será capaz de ver os efeitos dos seus pensamentos. Verá que quando tem determinado pensamento, sentirá em seguida um determinado sintoma. Quando eliminar o sintoma, sentirá igualmente partir o pensamento que o havia criado, o qual passa a ser substituído por uma outra percepção que é mais clara para si. Passará então a ser capaz de focar a sua atenção naqueles pensamentos e no estado de consciência que sente quando não padece de qualquer sintoma, e manter essa situação como sendo o seu estado habitual de consciência, que reflecte quem você é de verdade e aquilo que para si é verdadeiro.

Se houver algum envolvimento emocional com o sintoma, em virtude de acontecer no interior do *seu* corpo, os efeitos da cura poderão demorar um pouco mais a manifestar-se, mas o processo será em todo o caso muito mais rápido do que se deixasse o sintoma ser tratado apenas no plano da realidade física de causa e efeito.

Quando opta por se curar recorrendo à meditação como forma de cura, ela não interferirá de modo algum com os tratamentos médicos que possa estar a fazer, mas contribuirá para a aceleração desse processo.

Poderá, por exemplo, utilizar a meditação dos chacras que encontrará numa outra secção, mais adiante neste livro. Quando o fizer, procure aperceber-se de que os chacras apenas representam uma parte da sua consciência e que, portanto, quaisquer alterações, que venha a produzir a esse nível, deverão irremediavelmente ser acompanhadas de alterações correspondentes na consciência que sente como sendo a sua.

Quando sabe que tem um sintoma, sabe igualmente que há algum aspecto da sua consciência que não está claro. Por essa razão, quando olhar para o chacra que representa esse aspecto da sua consciência, deverá ser capaz de ver essa falta de clareza aí espelhada de alguma forma, seja enquanto forma de pensamento ou como uma cor diferente daquela que é a cor «natural» do chacra correspondente. Se estiver a sentir algum sintoma físico, mas o chacra lhe parecer perfeitamente normal quando olha para ele, terá de saber que aquilo que vê não está lá na realidade, e terá de ajustar as suas percepções por forma a reconhecer aquilo que para si é verdadeiro.

Quando conseguir ver o que lá está, poderá modificá-lo e o efeito poderá então ser sentido imediatamente. Desta forma, a possibilidade de vir a libertar qualquer sintoma no seu interior é idêntica e processa-se com a mesma rapidez como se estivesse a curar outra pessoa trabalhando sobre os chacras *dela*. É claro que isto requer uma disposição da sua parte para eliminar os aspectos da consciência que haviam criado o sintoma, em benefício de uma experiência de si próprio que reflecta a harmonia e o equilíbrio.

Requer ainda uma disposição para encarar a situação que provocou o sintoma inicialmente, e vê-la de maneira diferente. Desse modo, você aceita a cura e fica a saber aquilo que deve ser diferente a partir de agora.

Caso se sinta mais à vontade operando uma alteração gradual, a meditação tem o efeito de estabelecer um modelo de integridade através da recolocação da cor correcta em cada chacra, permitindo-o aceitar, até um certo grau apenas, as alterações que ocorrem de cada vez que ela é feita. Desse modo, cada vez que fizer uma meditação, as cores que verá no início passarão a estar cada vez mais próximas daquelas que deveriam ser. O processo prosseguirá dessa forma até que sinta a sua integridade e veja as cores naturais dos chacras durante todo o tempo que dura a meditação.

A ideia consiste em se entregar à meditação com a intenção de

permanecer presente durante todo o processo. Se reparar, porém, que em certos momentos da meditação, você é perturbado por pensamentos que o distraem, saberá que terá de dirigir novamente a sua atenção no sentido da concretização da sua intenção inicial, ou seja, de permanecer presente em relação àquilo que está ali a fazer, e que decidiu fazer.

Gradualmente, aperceber-se-á de uma tendência cada vez menor em se deixar distrair, e saberá então que possui um controlo acrescido sobre a sua consciência. Poderá igualmente saber que tem uma relação de maior clareza com os aspectos de consciência representados por esse chacra, e em relação aos quais se tinha distraído no passado.

Eventualmente, será capaz de permanecer totalmente presente no que se refere àquilo que estiver a fazer, e que consiste na sua prioridade principal – a sua cura – e poderá sentir igualmente os aspectos da sua cura criados por esse sucesso.

O facto de se estabelecer um prazo como meta a atingir pode ter os seus benefícios. Poderá ser um espaço de tempo que se considere razoável, podendo ser uma semana ou um mês, por exemplo. Poderá decidir que, passado esse tempo, será capaz de ver onde se encontra e de medir o grau de cura que terá operado em si. A decisão de que se haveria de verificar uma melhoria já foi tomada por si, resta apenas saber o grau dessa melhoria. Uma vez chegado ao termo do prazo que havia estabelecido poderá ter uma ideia aproximada de quando é que o processo ficará completo.

No que se refere à minha experiência pessoal, o tempo que eu decidi ser necessário para a minha cura foi de dois meses, para que pudesse eliminar totalmente o tumor que se desenvolvera na espinal medula, ao nível do pescoço, e por essa razão o grau de melhoria que eu ia verificando orientava-se pelo tempo que eu próprio havia atribuído para a sua conclusão. Por fim, e passados os dois meses, foi necessário que decidisse que o processo se tinha concluído e que tinha chegado a altura de receber o *feedback* por parte das autoridades médicas que me haviam diagnosticado o tumor, no sentido de que ele já não existia.

É óbvio que foi igualmente necessário que promettesse a mim mesmo efectuar quaisquer alterações na minha vida que se afigurassem necessárias para que o sintoma fosse eliminado, e de manter a minha promessa.

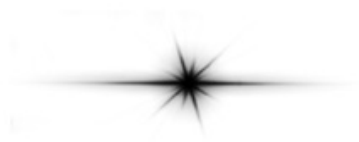
O mesmo se aplica a qualquer pessoa que queira curar um sintoma, ainda que não seja tão grave.

Ponha em prática sobre si próprio os mesmos princípios que são discutidos nos vários capítulos deste livro e que descrevem a cura como um processo de co-criação, tendo conhecimento que, enquanto realiza o processo, você tanto representa o papel de curador como de sujeito.

E observe a cura a acontecer.

Você sabe que tudo pode ser curado.

QUINTA PARTE



Outras Dimensões

O Reflexo

(A Política da Comunicação)

Quando, após a cura, o curador proporciona o *feedback* à pessoa que foi curada (o sujeito), uma certa dinâmica de comunicação torna-se patente. Sabemos já que o curador não deverá impor a sua visão das coisas sobre aquele que está a curar, oferecendo apenas o ponto de vista a partir do interior da sua bolha. O sujeito poderá confirmar que o ponto de vista do curador lhe diz alguma coisa, ou, pelo contrário, que não sente aquilo que lhe foi descrito.

Se o ponto de vista do curador for algo que faça sentido ao sujeito, a comunicação poderá ser aceite e será claro que se terá tratado de uma comunicação válida. Isto é, aquilo que foi sentido e comunicado pelo curador reflectiu-se na experiência do sujeito. O sujeito foi capaz de se identificar com aquilo que lhe foi descrito. Acrescente-se ainda que tanto o receptor da comunicação estava interessado em ouvir o que lhe era dito, como o transmissor da informação o estava em oferecê-la.

Sabemos igualmente que, no caso da pessoa que recebeu a cura não encontrar qualquer sentido naquilo que lhe é transmitido, ou não o tiver sentido, há todo o interesse e utilidade em comunicá-lo ao curador. Neste caso, a experiência do curador a respeito daquilo que foi comunicado *não* se reflectiu na experiência do sujeito. Apesar disso, o receptor da informação estava interessado naquilo que lhe era dito, e o transmissor da informação estava interessado em comunicá-la. A comunicação terá sido aceite apesar de tudo.

Sabemos igualmente que passado algum tempo, a pessoa que foi curada poderá vir, possivelmente, a aperceber-se de que, afinal, tudo aquilo que lhe havia sido transmitido lhe diz alguma coisa. Poderá ser de uma maneira completamente diferente daquela que o curador pensava inicialmente. É necessário que nos recordemos que o curador exprimiu o seu ponto de vista a partir da sua bolha e segundo a cor da mesma. A informação que é fornecida durante o *feedback* deve, contudo, fazer sentido à pessoa que foi curada. A imagem poderá ser a mesma, mas possuir uma interpretação diferente.

Quando a pessoa que foi curada não conseguir obter qualquer sentido daquilo que lhe foi transmitido pelo curador, este deverá então analisar a

natureza das suas próprias percepções. É possível, na realidade, que passado algum tempo o sujeito venha a reconhecer algum sentido naquilo que lhe foi dito, mas também é possível que isso não aconteça. Sabemos já que cada um de nós se encontra envolto por uma bolha, filtro de percepção, e que o interior dessa bolha actua como um espelho. Não seria então possível que o curador estivesse a ver um reflexo de si próprio? Será que aquilo que foi descrito durante a comunicação não fará sentido ao próprio curador? Não teria a comunicação sido baseada num qualquer preconceito ou numa percepção passada? É possível que sim, é possível que não, mas é fundamental que o curador coloque a si próprio todas essas questões.

Se o mesmo curador comunicar sempre o mesmo tipo de informações, de maneira repetida ao longo de curas distintas, esse curador deverá analisar de perto em que medida é que essas informações não farão antes sentido a ele próprio, e se não precisará de escutar os seus próprios conselhos, aplicando à sua vida os conselhos e o *feedback* que tem estado a comunicar aos outros durante as suas curas.

Mesmo nos casos em que a pessoa que foi curada tenha aceite a informação que lhe foi comunicada pelo curador como sendo aplicável a ela, o curador poderá, apesar de tudo, procurar notar os «temas» que se repetem, e perguntar a si próprio se aquela comunicação não lhe diz igualmente respeito e se ela não terá alguma relevância para si.

O curador pode utilizar a cura do sujeito para dar a si próprio o *feedback* em relação à forma como deve conduzir as questões da sua própria vida. Poderá parecer-lhe como se o sujeito tivesse os mesmos problemas que ele, curador, mas os tivesse, talvez, vivido com um factor acrescido de *stress*, sentindo os efeitos desse *stress* possivelmente sob a forma de sintomas mortais.

Nessa situação, o curador será então capaz de se aperceber para onde ele próprio se encaminha, caso não venha a mudar de direcção, e poderá desse modo encontrar por si só uma solução para a sua própria situação. Ele poderá encarar o sujeito com compaixão e conversar com ele como falaria consigo próprio, reconhecendo que o sujeito o ajudou com a sua própria cura. Em seguida, poderá agradecer sinceramente ao sujeito por este lhe ter proporcionado a experiência da cura.

Inclusivamente, nos casos em que as semelhanças entre os sintomas do

sujeito e a vida do curador não sejam evidentes no momento da experiência, o curador poderá contudo notar que tem atraído a si um tipo específico de curas. Terá havido alguma característica que todas estas curas tivessem em comum? Terão elas sido diferentes das curas que outros curadores atraíram a si?

Se existir algum tema comum a todas as curas, o curador deve estar atento a esse facto. Ainda que não se recorde dos *feedback* dessas outras curas, o curador poderá prestar atenção às curas que atrairá no futuro, sabendo que o Universo lhe proporcionará tudo aquilo de que precisa para que possa curar a sua vida ao mesmo tempo que cura a dos outros.

Podemos afirmar que atraímos as pessoas que podem extrair de nós a informação que nós próprios precisamos de ouvir. A fonte de tudo aquilo que precisamos de saber encontra-se, então, na nossa própria consciência.

As nossas percepções são tudo aquilo de que precisamos para obtermos a informação de que necessitamos para podermos gerir as nossas vidas. Deste modo, cada um de nós é o seu próprio guru, o seu próprio mestre e o seu próprio guia. Tudo o que necessitávamos era aprender a decodificar e a compreender aquilo que as nossas percepções nos têm revelado.

Ao vermos as coisas desta maneira, podemos experimentar um verdadeiro sentido de liberdade, assumindo simultaneamente inteira responsabilidade por nós próprios.

Um curador poderá oferecer os seus préstimos àquelas pessoas que aparentem necessitar da sua ajuda, dando-lhes simultaneamente o direito de aceitarem ou de rejeitarem essa ajuda. Se elas optarem por não aceitar a ajuda que lhes é oferecida, o curador poderá procurar analisar as suas próprias percepções em relação a elas com vista a um possível ajustamento, e para se aperceber daquilo que essas percepções lhe podem revelar.

Um curador poderá achar, por exemplo, que outra pessoa precisa de uma cura em virtude de ela não possuir os mesmos valores que ele. Essa pessoa poderá estar zangada nesse momento, mas sentir-se perfeitamente à vontade com isso, ou então a forma que essa pessoa tem de lidar com o dinheiro, com a sexualidade ou com os relacionamentos pode diferir da do curador.

Um curador poderá decidir que a outra pessoa não tem a consciência clara, mas ela poderá não ter a mesma opinião. Se ela não estiver

interessada em aceitar uma cura, ou se não partilhar a percepção de que necessita de uma cura, o curador deverá contemplar a possibilidade de que talvez sejam os seus preconceitos que necessitam de ser curados.

Se for óbvio que a outra pessoa está a sentir os efeitos de um sintoma físico e que necessita portanto de uma cura, mas não a quer por uma qualquer razão, o curador poderá optar por encarar a pessoa com compaixão, sem procurar pressioná-la com a sua oferta. Talvez a cura dessa pessoa tenha de acontecer numa outra ocasião, de uma outra maneira, ou através de um outro curador.

A aplicação desta mesma dinâmica da comunicação no dia-a-dia é muito interessante. Não se trata, afinal, de todos os participantes em determinado evento exprimirem aquilo que sentem e aquilo que para eles é verdadeiro? Quando o respeito mútuo da transacção da cura é aplicado à comunicação entre pessoas, reconhecemos a semelhança nestas dinâmicas.

Quando a comunicação existe, pressupõe-se que ambas as partes têm interesse em comunicar. Quando a percepção que você tem de outra pessoa despertar em si o desejo de lhe contar algo, pergunte a si próprio se a outra pessoa está tão interessada em ouvir o conselho quanto você está em dá-lo. Se a resposta for afirmativa verifica-se um potencial para a comunicação.

Quando a pessoa a quem se dirige a comunicação estiver menos interessada em ouvi-la do que você está em comunicá-la, você terá algo para examinar. Aparentemente, as palavras quererão sair, mas elas não querem ser ouvidas pela outra pessoa.

A quem se destinam elas, então? A si talvez. Mais tarde, com toda a probabilidade, a outra pessoa poderá pedir o *feedback* e será então altura de completar a comunicação que se iniciara entre os dois, e cada um poderá considerar até que ponto a informação que tiver sido comunicada faz sentido para a pessoa.

Enquanto estiver a dirigir palavras a outras pessoas, procure reparar quando está a falar consigo próprio, e desse modo conseguirá igualmente escutar, sabendo que estará prestes a dar a si mesmo um excelente conselho que o irá ajudar a lidar com uma situação que se tem apresentado como sendo um problema. Poderá, inclusivamente, agradecer à outra pessoa por ter sido ela a evocar este seu conselho de si para si próprio.

Se é a si que se destina a informação, recorde-se de que todos têm

direito à sua própria opinião, e de que tudo o que está a ser comunicado não é mais do que isso, uma opinião. A outra pessoa apenas exprime o seu ponto de vista. Se essa comunicação despertar em si uma resistência, talvez tenha que examinar algum aspecto relacionado com essa resistência.

Poderá sempre perguntar a si próprio se aquilo que lhe está a ser comunicado lhe diz alguma coisa ou se é óbvio que a pessoa que está a fazer a comunicação se está a ver ao espelho mágico, falando consigo própria.

Se uma decisão de comunicar com clareza foi tomada, o receptor poderá optar por escutar aquilo que for dito, e se a sua experiência se revelar diferente daquilo que foi comunicado, ele poderá exprimi-lo em seguida.

Quando cada um dos participantes numa comunicação se sente à vontade para exprimir a sua opinião e aquilo que sentiu em relação à comunicação que o outro lhe fez, quaisquer mal-entendidos podem ser esclarecidos, e todas as questões baseadas nesses mal-entendidos podem ser resolvidas. Cada uma das partes conseguirá entender a bolha da outra. Um novo patamar para a comunicação torna-se assim possível a partir do momento em que cada uma das posições tenha sido reconhecida.

Ao utilizar estes mesmos princípios, podemos analisar a natureza das nossas percepções, e aprender com elas, ainda que não tenhamos exteriorizado essas percepções através de uma comunicação verbal com outro ser.

Como já devem saber bem, o filtro das nossas percepções envolve-nos como uma bolha. Tudo aquilo que experimentamos é percebido através desse filtro. Tudo o que percebemos é colorido por esse filtro. Podemos afirmar que, pelo menos durante algum tempo, não vemos as coisas tal como elas são, mas antes como *nós* somos. Projectamos sobre os outros as nossas percepções daquilo que são as suas motivações e aquilo que acreditamos ser o melhor para elas fazerem ou não fazerem.

Quando sentimos alguma resistência em relação a uma pessoa, podemos perguntar quais são as características dessa pessoa. Que tipo de pessoa é que ela é? Que palavras é que poderíamos utilizar para a descrevermos?

Em seguida, podemos perguntar a nós mesmos se essas palavras poderiam ser utilizadas para nos descrevermos, e é muito provável que nos venhamos a sentir embaraços ao descobrir que terão de facto ocorrido

situações em que essas seriam precisamente as palavras que nos descreveriam. Poderemos dizer a nós mesmos que, nessa altura, as nossas motivações eram correctas, e que aquilo que fizemos foi por uma boa causa. Então, temos de reconhecer também que, com toda a probabilidade, a outra pessoa também estará a justificar o seu comportamento com o mesmo tipo de argumento, possuindo igualmente as mesmas motivações.

Passamos assim a ser capazes de encarar os outros como um reflexo de nós próprios, e quando isso acontece, uma grande parte (se não mesmo a totalidade) da resistência desaparece. Onde anteriormente se erguia um muro e uma barreira à comunicação entre as pessoas, existe agora uma porta aberta, e uma possibilidade para a comunicação.

Somos capazes de encarar o próximo com compaixão, e é-nos possível aceitar a sabedoria que acompanha essa compaixão. Teremos então sido capazes de elevar as nossas percepções desde o nível do plexo solar até ao nível do coração. Torna-se mais fácil ver o próximo com aceitação. A resistência desaparece.

Possivelmente teríamos pensado antes que podíamos ser nós a tomar uma decisão sobre aquilo que os outros deveriam fazer de maneira diferente. Porém, e à excepção daquelas acções que ameacem o organismo social no qual funcionamos, a única coisa com que nos devemos interessar enquanto seres livres é com as nossas próprias acções e atitudes. Ao aceitarmos os outros tal como são, permanecemos livres de decidirmos qual será o nosso caminho e aquilo que devemos fazer.

Se aquilo que lhe estamos a descrever neste processo lhe disser alguma coisa, pessoalmente, será fácil para si aperceber-se como se tinha estado a colocar no lugar dos outros, afirmando sempre: «Se fosse eu, faria as coisas de uma maneira diferente.» À luz dos valores pelos quais vive a sua vida, se você fosse realmente essa outra pessoa estaria certamente a fazer algo de errado. Mas aquilo que talvez não tenha considerado é que a outra pessoa talvez possua outros valores que não os seus, e que aquilo que tenha feito à luz dos seus valores pessoais, tenha resultado para ela.

Essa pessoa terá, então, ouvido de si um conselho que seria bom que você mesmo seguisse. Podemos, então, dizer que você esteve a falar consigo mesmo. Mas será que também se escutou?

O mundo está cheio de pessoas que caminham por aí, falando consigo próprias, mas poucas são aquelas que se escutam a si mesmas. Quando

nos tivermos apercebido desse facto, poderemos continuar a caminhar pelo mundo conversando connosco, mas nessa altura escutando também.

Enquanto para a grande maioria das pessoas, funcionando nos níveis habituais de percepção dos três primeiros chacras, este aspecto do reflectir se encontre submerso, bem abaixo do nível da perceptibilidade, ele passa a ser objecto da experiência directa ao ser vivido ao nível do Chakra Verde, o chakra do coração. As outras pessoas passam nessa altura a ser vistas como reflexos de nós próprios, e todos os processos acima descritos tornam-se evidentes de uma maneira directa.

Somos capazes de nos colocarmos no lugar dos outros e de falarmos com eles como se estivéssemos a falar connosco. Graças às realizações que são desencadeadas pela compaixão e pela sabedoria que ela gera, é-nos possível sentir uma maior compaixão no que se refere às nossas percepções do próximo.

Somos capazes de comunicar de uma forma mais livre, e mais fácil, e de usar essa comunicabilidade como um veículo para uma forma de relacionamento mais genuína.

Seremos, então, capazes de amarmos mais. O amor cura.

Tudo pode ser curado.

As Ondas e os Ventos (A Criação e a Co-criação)

Tudo começa na consciência. Na sua consciência.

Do seu ponto de vista, enquanto indivíduo, tudo aquilo que acontece na sua vida e tudo aquilo que acontece no seu corpo começa com algo que acontece na sua consciência. Se olhar para a sua vida passada, para aquelas coisas que lhe aconteceram, reconhecerá que de uma maneira ou de outra esses acontecimentos terão reflectido decisões profundas que havia já tomado. A realidade apenas se manifestou para concretizar essas suas decisões.

É de certo modo como se estivesse a caminhar por um sonho, que tenha estado a responder às suas opções e aos seus desejos mais profundos. Nesse seu sonho, a única consciência envolvida é a sua, e tudo aquilo que o rodeia não é mais do que uma projecção da sua consciência. As outras personagens do seu sonho não passam igualmente de projecções da sua consciência, que representam o seu papel consoante aquilo que você mesmo já decidiu, ou acredita ser verdade.

Enquanto consciência criando o seu sonho, enquanto projector que cria o filme, você é o criador e aceitou ser o realizador, o autor e o espectador em simultâneo. Tudo aquilo que decida será por si representado, e realizado, e você será inclusivamente capaz de fazer a crítica do seu próprio filme e de decidir por si mesmo da sua qualidade, se está perfeito tal como está ou se poderia de alguma maneira ser alterado para melhor. Quando visto a partir deste nível, do ponto de vista do Chakra Violeta, o seu chacra da coroa, você é tudo aquilo que existe.

De um outro ponto de vista, podemos afirmar que tal como você é uma consciência que projecta o seu sonho em seu redor, a sua bolha, a sua esfera de experiência, as outras personagens nesse seu filme fazem precisamente a mesma coisa. Cada uma delas é igualmente uma consciência que projecta a sua própria bolha em seu redor, e de alguma forma, interagindo com outras que fazem a mesma coisa no seio de uma máquina orgânica maravilhosa e complexa, bem lubrificada e funcionando na perfeição.

Cada uma das bolhas interpenetra-se, e no ponto onde elas se encontram, onde, por assim dizer, os guiões e os cenários se sobrepõem,

elas criam um holograma tridimensional a que todos concordámos em apelar de realidade física externa. Sendo assim, os eventos que ocorrem nessa realidade física externa são o resultado de decisões tomadas por cada uma das consciências envolvidas nesses eventos.

É fundamental que nos reconheçamos a nós próprios como criadores, mas igualmente que reconheçamos todas as demais consciências como sendo criadoras de igual modo. A percepção de todos os seres enquanto criadores constitui uma visão do mundo a partir do Chakra Índigo.

Este reconhecimento de si próprio e dos demais enquanto criadores é um passo fundamental na evolução espiritual de cada um. Ao fazê-lo, passamos a ter os meios para explorarmos aspectos específicos da nossa consciência que de outra forma permaneceriam inacessíveis. Como é que seria possível explorar os domínios da comunicação, por exemplo, se não houvesse outros seres para além de nós próprios?

Ao explorarmos a co-criação, podemos ir mais além do que a simples visão subjectiva das coisas, e podemos vir a beneficiar da sabedoria que nos traz essa visão mais ampla, que é a visão de uma consciência de grupo interessada no bem-estar de todos os seus elementos, na visão de um organismo que protege todas as suas partes.

Ao observar os acontecimentos na realidade física, ou seja, aquilo que tem uma tendência para acontecer ou não à sua volta, afigura-se interessante personificar as energias em questão. Quer isto dizer que as caracterizamos tal como se estivéssemos a interagir com uma outra consciência. Essa outra consciência tanto pode ser o nosso espírito, uma pessoa, ou qualquer consciência de grupo que queiramos encarar dessa forma. Neste último caso poderá tratar-se, por exemplo, do espírito de um país ou de uma cidade. Em seguida, podemos perguntar em que consiste aparentemente a natureza da referida interacção. A ideia com que ficamos é de que a consciência de grupo está satisfeita com a interacção que estamos a ter com ela, encorajando-a, ou comunica-nos antes uma mensagem diferente? Qual é a natureza desta visão das coisas a partir do Chakra Índigo?

Quando levamos em consideração a sua consciência apenas, como sendo uma criadora de infinita habilidade, podemos afirmar que, quando você toma uma decisão ou estabelece um objectivo, a concretização desse objectivo existe já algures. Você criou-o através da sua intenção e através

da imagem da concretização do objectivo que colocou na sua consciência, e agora encaminha-se já em direcção a essa concretização.

Podemos igualmente afirmar que os acontecimentos no sonho, no filme ao seu redor, parecem estar a responder à sua intenção, de tal modo que os eventos exteriores se movimentam igualmente no sentido da concretização do seu objectivo, postos em movimento pelas decisões tomadas na sua consciência, como as ondas e os ventos sobre o oceano da realidade co-criada. Você toma decisões, e as coisas acontecem.

Decisão «A» → Manifestação «A»

***Figura 29.1* Decisão de Manifestação**

O que é que acontece, então, quando dois criadores (ambos de habilidade infinita) tomam decisões diferentes? A realidade terá com certeza a tendência para fluir no sentido da concretização das intenções de ambos os criadores.

As duas intenções diferentes poderão ser complementares ou opostas. Se forem complementares, cada um dos criadores estará a reforçar e a consolidar o outro, e aquilo que cada um deles decidiu terá mais hipóteses de vir a acontecer. Os ventos e as ondas serão mais fortes. No caso de uma cura, por exemplo, a manifestação do acordo de intenções resulta na libertação dos sintomas, e isto de uma forma muito mais acelerada do que se tivesse resultado da decisão de uma das consciências apenas, com a sua visão mais limitada.

Quando as intenções não estiverem alinhadas, as coisas acontecem de maneira diferente. A falta de alinhamento tanto pode ser o resultado de uma decisão consciente, como de sentimentos e de reacções. Não nos esqueçamos, cada um de nós é uma consciência única, mas, simultaneamente, cada um de nós é descrito como sendo uma combinação de um corpo, de uma mente e de um espírito.



Figura 29.2

- > Podemos dizer que o corpo representa a realidade física de causa e efeito, e a medida na qual depositamos a nossa fé no que possa vir a acontecer em função das leis da química, da biologia e da física.
- > A mente representa as nossas convicções de base, as nossas ideias, que tanto podem servir para nos limitar, como para nos ajudar a superar os limites impostos pela realidade física.
- > O espírito pode ser utilizado para representar não apenas o espírito e as realidades espirituais, mas também as emoções e as nossas reacções emocionais aos acontecimentos com que nos deparamos.

Tal como explicámos, a realidade manifesta-se de acordo com os nossos objectivos, em virtude das imagens que colocámos na nossa consciência. Pode igualmente manifestar-se em função e de acordo com os nossos medos. Podemos afirmar com segurança que o facto de manter na sua consciência uma imagem daquilo que teme, fará com que ela tenha uma maior probabilidade de vir a acontecer, porque estará a alimentar a energia dessa imagem através da concentração da sua atenção sobre ela, e em virtude de estar colado com os seus medos a essa imagem.

Depois de retirar a cola (o medo), ao considerar a possibilidade de que a imagem possa vir a manifestar-se, a sua reacção emocional a um determinado acontecimento poderá nessa altura ser utilizada para o estimular a manter na sua consciência uma imagem de um evento diferente.

Em vez de manter uma imagem da pessoa amada a partir, por exemplo, poderá insistir em manter na sua consciência a imagem da pessoa amada a permanecer consigo, feliz por estar consigo, alimentando essa manifestação com energia, e se o fizer de uma maneira que satisfaça igualmente as necessidades da pessoa que ama, ela terá a tendência para concordar com a sua imagem.

Ao considerar a co-criação envolvendo pessoas em condições de igualdade, não nos devemos esquecer que são precisos dois para dizer «sim», e que basta apenas um para dizer «não». A co-criação consiste numa realidade acordada, um paradigma de consentimento mútuo.

No que se refere à cura, quando a consideramos como uma manifestação de dois criadores, se o sujeito reçar abandonar as suas velhas ideias, o simples facto de se agarrar a elas reduzirá

consideravelmente a eficácia do curador e a cura terá menos tendência para acontecer. Podemos dizer que, dessa forma, haverá uma resistência à ocorrência da cura.

Claro que, se o curador tiver igualmente alguma ideia limitadora em relação àquilo que ele será capaz de fazer, o mesmo irá acontecer, isto é, verificar-se-á uma resistência à cura.

Essa resistência poderá manifestar-se enquanto tendência para os sintomas não serem eliminados, ou para que se libertem apenas muito lentamente, ou poderá ainda manifestar-se enquanto tendência para que a cura não se produza. Isto é, uma tendência para que o curador não leve o trabalho a seu termo ou para que acontecimentos exteriores se movimentem no sentido de vir a impedir que a cura venha a consumir-se.

Ruídos fortes durante a cura, por exemplo, que possam de alguma maneira desviar a atenção dos participantes, interrompendo desse modo a cura, seriam vistos como um exemplo de resistência na consciência de, pelo menos, um dos participantes. Uma resistência que se manifestaria no universo físico enquanto tendência para que a cura não aconteça. Uma outra manifestação da resistência poderia ser o curador sentir tonturas, sentindo-se incapaz de dar seguimento à cura.

No decorrer da cura, quando o curador tiver alinhado a sua intenção com a intenção do sujeito no sentido de ver este último curado, e se o curador não possuir qualquer outro propósito que não seja essa cura, tudo aquilo que acontece no universo físico durante a cura consiste numa manifestação da consciência do sujeito. Nessa actividade, o sujeito é o centro do universo e é a sua consciência que está a criar o filme. Podemos, portanto, dizer que era a consciência do sujeito que estava a criar os ruídos e mesmo as tonturas do curador, como distrações.

À medida que o curador remove as resistências da consciência do sujeito, aquilo que se manifesta no universo físico passa a estar em equilíbrio com esse novo estado de coisas, passando então a encorajar o processo de cura. Os ruídos cessam. O curador deixa de sentir tonturas. Tudo tende novamente a fluir.

É claro que podemos igualmente dizer que tudo o que acontece durante uma cura resulta da consciência do curador, o qual é responsável por tudo, em última instância, e será esse um ponto de vista perfeitamente válido. Não responde, porém, à questão de saber porque razão um curador que

trabalhe sobre um mesmo sintoma em duas curas distintas, seguidas uma da outra, possa sentir mais facilidade com uma das curas do que com a outra. Se podemos afirmar que o curador utiliza um processo idêntico em ambas as curas, temos de concluir que a diferença verificada nos resultados só pode ser o efeito daquilo que estava a acontecer na consciência do sujeito.

Se surgirem resistências no decorrer da cura, cabe a cada um dos participantes na cura tomar a decisão de afirmar para si o desejo de completar a cura e de remover a resistência. O sujeito poderá fazê-lo ao optar por se abrir mais ainda, e o curador fá-lo ao reafirmar a sua intenção de ver esse ser curado, suspendendo ideias limitadoras, redireccionando a sua atenção, caso seja necessário, para a concretização da actividade que tencionava completar, nomeadamente a cura.

A co-criação da cura é também um exemplo da forma como esses mesmos princípios se aplicam a outros aspectos da nossa experiência. Qual a explicação a dar, por exemplo, quando certas coisas que havia decidido na sua vida tiveram a tendência para se concretizar de maneira diferente daquela que tinha inicialmente concebido?

Por vezes terão corrido melhor do que tinha esperado, outras vezes não tão bem quanto desejaria. Quando as coisas correm melhor do que esperava inicialmente, torna-se claro que uma outra consciência, benévola, está envolvida no sentido de o ajudar. Poderá decidir que essa consciência se apelida Deus, o seu próprio espírito ou o Destino.

Poderá igualmente perguntar a si mesmo quem é que poderia ficar feliz com esses resultados para além de si, e decidir que as ondas e os ventos postos em movimento pela consciência deles vieram reforçar os seus. Todos saíram vencedores. Você pôde contar com uma pequena ajuda dos seus amigos.

Mas o que é que sucede quando a decisão «A» resulta na manifestação «B», que se revela muito aquém daquilo que você havia decidido? Seria o resultado do seu espírito ou de Deus? Estas entidades trabalham claramente a seu favor. Tudo aquilo que é dirigido pelo Espírito é para o seu bem, quer se aperceba disso ou não nesse momento. Pode optar por descobrir o benefício e a justificação para os acontecimentos que ocorreram, ou poderá, por outro lado, decidir que o virá a desvendar posteriormente, quando tiver conhecimento dos efeitos totais desse

acontecimentos.

No caso da manifestação ter sido alguém daquilo que para si representava sucesso, pode olhar em primeiro lugar para o seu íntimo, procurando ver se residiam em si quaisquer convicções limitadoras ou ideias inibidoras que possam explicar o sucedido. Estaria a retrair-se? Afinal, Deus ajuda aqueles que se ajudam a si próprios. Ideias limitadoras podem sempre ser substituídas por outras ideias que encorajem o sucesso, e dessa forma será possível aguardar uma manifestação diferente no futuro.

Caso optemos por encarar o Universo manifestando-se enquanto consciência de grupo, enquanto co-criação, terá interesse repararmos quem é que poderia sentir alguma alegria em ver as coisas acontecerem da forma como aconteceram, quer a partir de uma intenção consciente sua, quer tenha sido em virtude de uma reacção emocional.

Poderíamos dizer que aquilo que se estava a passar na outra consciência provocou ondas e ventos que interferiram com os seus, criando vectores e forças cada vez mais complexos que exerceram uma tendência para que as coisas se movimentassem num sentido diferente daquele que você tinha planeado. Afinal, o outro também é criador.

Se considerarmos que você detém o seu próprio poder, teremos de afirmar também que você se permitiu ser influenciado ou afectado pela consciência da outra pessoa cujos interesses não estavam em sintonia com os seus, e por alguém que queria que acontecesse algo de diferente daquilo que você realmente desejava. Você pode optar entre tornar-se transparente a essas forças, ou desligar-se da outra consciência, ou ainda negociar com a outra consciência para procurar resolver as intenções aparentemente díspares com vista a chegar a uma solução que convenha a ambos.

Caso contrário, não passaria de um jogo de poder, para averiguar qual dos dois conseguiria manter intacta a sua intenção, ou estabelecer no outro a dúvida quanto à validade do seu propósito, enfraquecendo-o. A certeza aumenta as probabilidades da manifestação.

A negociação pode resultar no estabelecimento de novos objectivos que sirvam os interesses de ambas as consciências, e dessa forma pode ter um efeito benéfico no sentido de alinhar as intenções de ambas as partes para se chegar a uma situação com dois vencedores, tal como acontece na cura, que é uma situação que a ambos aprazeria em concordarem. Seria um

pouco como recorrer a um windsurfista para navegar as ondas e os ventos, independentemente da direcção em que este se dirige, para transportá-lo até qualquer destino que deseje.

A navegação das ondas e dos ventos, o surf, requer que se encontre totalmente presente no momento da experiência, consciente e em estado de vigília, tendo pleno conhecimento não apenas daquilo que se passa no seu interior, mas também daquilo que está a acontecer na realidade que se manifesta em seu redor. Esta é a visão a partir do Chakra Azul.

Quando as circunstâncias desse momento parecem querer encorajar uma reacção sua, é como se o filme inteiro parasse de súbito, e a próxima decisão que você toma passa a determinar todos os acontecimentos que se seguem. É como se tivesse ido para o mar com a sua prancha de surf e que a vaga chegou por fim, o momento ideal para agir, o pico, e você agora tem de decidir seguir com a onda ou ficar à espera da próxima.

Este momento não dura para sempre. Se decidir esperar, ou se não tomar qualquer decisão, a onda segue o seu caminho e você ver-se-á forçado a esperar por uma outra oportunidade ideal, se é que haverá outra.

Por vezes a onda era única no seu género, representava a oportunidade única da vida. Se tiver paciência e fé, talvez possa vir outra, possivelmente ainda melhor, um outro pico, e se e quando ela chegar terá nessa altura mais uma oportunidade perfeita para agir.

Quando a vaga chegar, poderá ter uma ideia da sua dimensão ao aperceber-se das possibilidades do seu destino, em função dos objectivos que estabeleceu e das decisões que tomou e verificando se ela é de facto a resposta para esses objectivos e decisões. A qualidade do trajecto dependerá da sua habilidade em permanecer presente, reagindo às condições no momento imediato de experiência, e optando por acompanhar o ritmo daquelas coisas que tendem a acontecer e a transportá-lo na direcção pretendida.

As ondas e os ventos são criados pelo curador e pelo sujeito, e o momento do encontro para a cura cria a oportunidade para que seja tomada a decisão de seguir com essa onda, agora. É um trajecto curto que mais não durará do que breves minutos, mas é um trajecto aliciante, que tem efeitos profundos, capazes de alterar para sempre, num sentido positivo, a vida de uma pessoa, talvez mesmo das duas.

É uma investida positiva. Lance-se nela.

Tudo pode ser curado.

Cura Enquanto Meditação

A meditação consiste num exercício de disciplina interior durante o qual a pessoa focaliza a sua consciência, a sua atenção, de uma certa maneira, com vista a alcançar um efeito benéfico específico.

Haverá quem medite para vir a adquirir uma mente mais tranquila, ou para poder vir a utilizar a consciência como uma ferramenta para atingir determinado objectivo. Há quem o faça para restabelecer no seu corpo a harmonia, para conhecer as diferentes dimensões espirituais do seu próprio ser, para conhecer Deus, para sentir a Consciência Divina, para alcançar a Iluminação, para conhecer e sentir o amor transcendente, a realização, ou ainda para compreender a natureza da realidade física. Há quem recorra a ela para adquirir a mestria da sua consciência ao ser capaz de fixar a atenção sobre um único objecto de meditação, seja ele uma palavra, uma ideia, um símbolo, a sua própria respiração ou absolutamente nada. É claro que outras razões haverão, mas fica aqui com uma ideia.

Qualquer que seja a razão que possa motivar uma pessoa para entrar na via da meditação, e qualquer que seja o resultado pretendido, a mesma coisa pode-se obter ao dar uma cura, com a vantagem de que beneficia igualmente outro ser. Em virtude do seu propósito principal, que consiste em ajudar outra pessoa, há quem considere a cura como a forma mais elevada de meditação, uma vez que nas outras formas o indivíduo apenas se preocupa com os seus próprios benefícios. A cura é, portanto, a meditação com o coração.

Começamos a experiência esvaziando-nos de toda e qualquer consideração pessoal e de todos os propósitos meramente pessoais, tomando a decisão de permanecer totalmente presentes na experiência, vivendo plenamente a função de curador, colocando-nos totalmente à disposição do sujeito. Aquilo que o curador quer para o sujeito é um reflexo daquilo que este quer para si próprio. Ainda que os motivos possam soar algo nobres, não falamos aqui de uma qualquer ética ou moral, mas apenas da razão primacial para tomar parte nessa actividade, da principal força motivadora graças à qual poderá resultar uma maior eficácia.

A cura é feita em consideração a ela própria, e ainda que possam advir em seguida certos benefícios para o curador (poderá sentir orgulho naquilo

que conseguiu fazer, ou terá notado algo acerca da sua própria consciência, ou terá conseguido ultrapassar os limites que se impôs a si próprio, ou recebe dinheiro em troca da sua prestação, etc.), a consideração destes benefícios deve ser secundária face ao propósito principal, que tem que ver com estar ali para ver a outra pessoa curada e com a opção de participar no processo para verificar que isso venha a acontecer.

Na primeira interacção entre curador e sujeito, verifica-se um encontro de dois seres de infinita habilidade, e ainda que um deles possua dotes que o outro possivelmente ainda não tenha aprendido, este não é menos criador do que o primeiro. Um terá utilizado a sua consciência para afectar a sua estrutura biológica de uma certa maneira, desequilibrando-a, e o outro utiliza a sua consciência para provocar um efeito diferente sobre essa mesma estrutura, reparando o prejuízo que havia sido criado. Essa interacção deve reflectir o respeito mútuo que é devido aos dois seres.

Ao escolher entrar na experiência da cura, o curador estabeleceu uma intenção, um objectivo, e terá agora de manter firme a sua atenção sobre esse objectivo e a sua movimentação na sua direcção, ainda que advenham influências perturbadoras que o distraiam, sejam elas devidas a acontecimentos exteriores (ruídos, por exemplo), à autodúvida, ou ainda a pensamentos distractivos acerca do sujeito (ele é feio, ou *sexy*, ou estranho).

Quaisquer pensamentos que afastem a atenção do curador daquilo que ele está a fazer deverá imediatamente ser reconhecido como tratando-se de uma distração, e ser eliminada, reconduzindo de novo a atenção para a actividade que ele se propôs fazer – curar o sujeito. Distrações persistentes deverão ser reconhecidas, porém, e o curador não deverá opor-lhes resistência, para que possa considerar qual é a mensagem em termos da cura que sucede no momento. Estas distrações geralmente desaparecem assim que são reconhecidas, mas mesmo naquelas raras ocasiões em que isso não acontece, elas deixam de ser distrações. Passam simplesmente a estar aí como pano de fundo.

Se surgirem pensamentos que aparentemente nada têm que ver com a cura (o programa de televisão da véspera, ou a discussão de ontem à tarde, ou a renda que terá de pagar amanhã), o curador poderá considerar o que é que eles têm que ver com a pessoa que está a curar. É possível que o

pensamento a respeito do programa de televisão, por exemplo, tenha entrado subitamente na consciência do curador porque tem alguma coisa que ver com o aspecto do sistema energético do sujeito que está a ser curado nessa altura. Enquanto experiência de empatia, os pensamentos na consciência do curador podem ser idênticos àqueles que se processam na consciência do sujeito, sendo accionados em ambos, na experiência que conhecemos pelo nome de empatia, da mesma maneira que um diapasão acciona outro que se encontra na mesma frequência.

É fundamental que o curador exprima todas as suas impressões. A dinâmica do *feedback* possibilitará ao sujeito a oportunidade de exprimir se isso lhe diz alguma coisa ou não.

O curador tem de insistir em ver aquelas características do sujeito que outras pessoas considerariam de uma maneira crítica, como uma má qualidade do sujeito, como sendo algo que ainda não foi curado. Ao retirar da sua consciência críticas e expectativas, o curador guarda apenas percepções de aceitação.

A aceitação é amor.

O amor cura.

Nesta atmosfera de aceitação, o curador é capaz de entrar livremente na consciência do sujeito, e este pode sentir-se à vontade para permitir que isso aconteça, porque não sente a resistência e a separação normalmente provocadas pela crítica e pelas expectativas. Ele sente apenas o desejo sincero do curador em ajudá-lo. Na medida em que a consciência do curador estiver na sua, ele senti-la-á. Afinal, ambas as consciências estão juntas nesta experiência, uma dentro da outra, reciprocamente abertas.

Durante a cura, o curador está aberto a todas as impressões que se lhe apresentam. Por exemplo, ainda que o curador espere ver qualquer coisa, ele sabe que mais importante ainda do que ver apenas aquilo que pensava vir a encontrar será ver o que de facto lá existe. Ainda que o curador tenha decidido já, durante a discussão dos sintomas a curar, quais os chacras que estão envolvidos nesse sintoma e aquilo que poderá vir a ver durante a cura, podem sempre surgir surpresas. É a experiência, e não as ideias, que nos revela aquilo que para nós é verdadeiro.

Uma vez concluída a cura, o curador observa os resultados obtidos.

Quando os resultados são notáveis, mesmo segundo os padrões do curador, ele poderá perguntar-se a si próprio o que terá sido que ele fez de

correcto, e o que levou a que os resultados tenham sido particularmente bons. Poderá ter sido o facto de estar mais presente, ou poderá ter resultado de uma maior confiança no Universo, ou ainda por ter ultrapassado os limites que havia imposto a si próprio, ou se ter aberto para permitir que o amor fluísse. Serão as percepções do curador que lhe revelarão as razões do seu sucesso e lhe farão ver o que é que ele deve fazer em curas futuras, para poder assegurar um nível de sucesso comparável.

Se o curador acreditar em Deus, poderá apontar a cura como prova daquilo que é possível através Dele. Se o curador possuir uma estrutura filosófica diferente, poderá utilizar a cura como testemunho daquilo que ele é pessoalmente capaz de fazer, uma vez eliminadas todas as ideias limitadoras e, portanto, como prova daquilo que todos nós somos capazes de atingir.

Se existiu um observador durante a cura, este poderá ter achado razões diferentes para o sucesso do curador, para além daquelas que o próprio curador possa ter notado. Ele terá visto, através do filtro da sua própria bolha, aquilo que poderá vir a fazer para obter o mesmo nível de sucesso.

O curador poderá perguntar a si próprio o que é que lhe sucederia se agisse durante todo o dia da forma como agiu durante aquela cura bem-sucedida, fazendo as mesmas coisas que sabe serem capazes de produzir efeitos positivos, criando efeitos notáveis, gozando simultaneamente de um estado de consciência muito particular. Poderá perguntar-se igualmente como é que sentiu esse estado de consciência durante a cura, em comparação com aquilo que sente quando se encontra no seu estado «normal».

Durante algum tempo, o curador poderá vir a ter dois estados de consciência com os quais se poderá identificar, a sua consciência de «cura» e a sua consciência «normal», e será capaz de ver as duas, uma ao lado da outra. Caso a consciência de «cura» o faça sentir melhor e lhe transmita uma melhor qualidade de vida, uma vida plena de experiências notáveis que o beneficiam a ele e aos demais e na qual ele se sente melhor, a sua orientação não tardará a espelhar cada vez mais aquilo que o faz sentir melhor.

Agir durante um dia, tal como agiria durante uma cura poderá, no princípio, suceder durante um ou dois dias por semana, apenas, se esses

forem os dias em que a pessoa funciona como curador, e com o passar do tempo talvez mesmo noutros dias em que não tenham sido agendadas curas «formais». Faça-o apenas pela experiência. Faça-o para saber como é um dia vivido através desse ponto de vista.

Naqueles dias em que o curador não se sinta completamente em forma, e que o universo lhe ofereça uma cura na qual possa participar, ele poderá aperceber-se de como se sente muito melhor quando coloca «na prateleira» os seus próprios problemas, disponibilizando-se e estando apenas presente para a cura. Poderá igualmente aperceber-se de como o facto de ter ajudado o sujeito, o ajudou a ele também, ao dar-lhe a oportunidade de oferecer um bom conselho a si próprio, ou ao recordar-lhe algo de que se havia esquecido quando se encontrava preso no seu próprio filme.

Poderá igualmente aperceber-se de como, após a cura, se sente muito melhor do que antes, e de como tudo o que poucos momentos antes havia guardado na prateleira lhe parece agora diferente, não se lhe afigurando tanto como um problema. Durante a cura, o curador também ficou curado, ainda que não tenha ingressado na experiência com isso em mente.

A cura tornou-se, portanto, um método para estimular a evolução, motivando-nos a sentir o amor e a verificar os efeitos que o amor exerce sobre a libertação dos sintomas e o regresso à integridade. Tanto o desejo de curar, como o acto de curar em si são, afinal, expressões do amor. Além disso, o mérito de curar o próximo enquanto forma de autoterapia, ter-se-á tornado já bastante evidente.

A cura passou a ser uma forma de entender a dinâmica da criação e da co-criação, através da exploração da natureza do nosso ser e da forma como nos é possível afectar os acontecimentos no mundo físico exterior. Tudo isto aconteceu sem o recurso a um qualquer guru exterior, nenhum mestre exterior nos ajudou, apenas o curador, decidindo qual o seu comportamento e quais os hábitos pessoais que desejava ter, fazendo aquilo que sentia estar certo, seguindo a sua consciência e vendo através das suas percepções pessoais.

Ao usar a cura como uma professora, a pessoa recebeu igualmente um mapa da sua consciência, e observou o relacionamento que existe entre a sua consciência e o seu corpo. Ela aprendeu a utilizar as ferramentas, graças às quais ela é agora capaz de explorar a sua consciência até aos

seus níveis mais profundos. Ultrapassou já as suas ideias limitadoras, de uma forma que lhe revela como poderá aplicar esses mesmos princípios aos demais aspectos da sua vida.

E afinal, se é capaz de afectar a estrutura biológica com os seus pensamentos, que mais poderá fazer?

Descubra.

Tudo pode ser curado.

A Responsabilidade e a Ajuda a Terceiros

Se aceitou já a ideia de que é totalmente responsável por tudo aquilo que acontece na sua vida, por tudo aquilo que acontece no seu corpo e, portanto, por tudo o que acontece na sua consciência, deverá igualmente ter aceite já a ideia de que ninguém mais se pode responsabilizar por si ou por aquilo que lhe aconteceu na vida.

Você confrontou-se com determinadas condições, e foi apenas você quem decidiu a forma como quis reagir a essas mesmas condições, e foi você apenas quem suportou os efeitos de ter reagido da forma como o fez.

Ao assumir a responsabilidade pela sua própria vida, e ao libertar os outros dessa responsabilidade, é fundamental reconhecer que seja igualmente deixada aos outros a sua responsabilidade por aquilo que lhes acontece nas suas respectivas vidas e nos seus corpos. Tudo o que lhes aconteceu não terá sido mais do que o resultado daquilo que optaram por colocar nas suas consciências, e da forma como escolheram reagir às condições que lhes foram apresentadas nas suas vidas. Desta forma, você deixa de ser responsável pelos outros e por aquilo que estes resolveram fazer com as suas consciências.

Quando se afirma que os pais têm a responsabilidade pelos seus filhos, quer-se com isto dizer que eles concordaram em assumir essa responsabilidade para a segurança e o bem-estar dessas crianças, até ao momento em que a sociedade as considera preparadas para assumirem a responsabilidade por elas próprias. Os pais assumem portanto a responsabilidade de prover um lar, alimentação, uma direcção, e a sensação de bem-estar que porventura consigam dar.

Contudo, inclusivamente neste caso, os pais não podem ser considerados responsáveis pela forma como uma criança opta por reagir ao seu meio envolvente, nem sequer pelas ideias que a criança decide deixar entrar na sua consciência. Como consequência deste facto, a criança cria a sua própria realidade e continua sendo plenamente responsável por tudo aquilo que acontece na sua vida, e no seu corpo, enquanto resultado daquilo que resolveu colocar na sua consciência.

É claro que vislumbramos aqui uma possibilidade de se oferecerem algumas ideias que possam ajudar a criança a interagir de uma maneira mais bem-sucedida com o mundo que a rodeia, ou que a possam ajudar a

libertar-se de um sintoma, mas continua sendo da responsabilidade exclusiva da criança aceitar ou recusar essas ideias, conforme ela bem entender. Ainda que essas ideias tenham sido oferecidas em virtude de um sentido de responsabilidade em fazê-lo, a apresentação só por si dessas ideias já terá satisfeito essa responsabilidade, independentemente da criança as ter aceite ou não.

Há quem sinta um sentido de responsabilidade em partilhar estas ideias e estes serviços com a sociedade na qual se encontra inserido. Aqui, também, o sentido de responsabilidade termina no momento em que essas possibilidades foram apresentadas, independentemente das outras pessoas terem ou não aceite essas ideias ou serviços. Enquanto curadores, sabemos o que se pode fazer com essas ferramentas, e se, por alguma razão, os outros possam sentir uma resistência em vir a aceitar a ajuda que lhes é oferecida, devemos desde já saber que qualquer sentido de responsabilidade deverá ter sido satisfeito, e que, a partir de agora, trata-se da responsabilidade dos outros. Podemos escolher oferecer os nossos serviços onde haja abertura e receptividade a esses serviços, sem perdermos mais tempo e energias a impor estas ideias onde elas nem sequer são bem-vindas.

Alguns de nós preferem oferecer os seus préstimos não tanto movidos pelo sentido de responsabilidade, mas antes enquanto expressão de amor, porque sabemos uma forma de fazer outra pessoa sentir-se melhor, ou inclusivamente como salvar a sua vida através do que lhe é oferecido. Esta expressão de amor não tem a sua génese num qualquer sentido de obrigação de o fazer, nascendo antes de uma escolha consciente com uma motivação interior profunda e um desejo sincero de ver a outra pessoa saudável e feliz.

Afinal, se o amor deve fazer sentido enquanto processo evolutivo, a motivação para a sua expressão tem necessariamente de vir do interior, e não de uma qualquer evasão à culpabilidade.

Ao funcionarmos como curadores, oferecemos implicitamente os nossos préstimos à sociedade na qual nos encontramos inseridos, quer sejamos movidos por um sentido de responsabilidade para com essa sociedade, quer se trate de uma expressão do nosso amor.

Se partir apenas de um sentido de responsabilidade, não será difícil sentirmo-nos responsáveis por todos aqueles no mundo que estejam

doentes, ou que sofram, sentindo por essa razão um profundo pesar por cada pessoa que não se sinta bem. Se o fizermos, porém, estaremos a adicionar os nossos sentimentos de infelicidade ao total da infelicidade do mundo, conseguindo apenas fazer com que o mundo seja ainda mais infeliz.

Para criarmos um mundo que conheça mais felicidade, é fundamental que comecemos por nós próprios, ao fazermos aquilo que é necessário para que sejamos felizes. Assumimos a responsabilidade de nos desenvolvermos enquanto centros de energia positiva que possam vir a ter um efeito positivo sobre o mundo que nos rodeia, pelo simples facto de sermos o mais felizes e o mais positivos que nos seja possível. Uma maneira de o fazermos, claro, consiste em sentir todo o amor que nos seja possível sentir, deixando todo esse amor irradiar, afectando os outros de maneira positiva.

Assim, quando observarmos que os outros beneficiam daquilo que nós fazemos, podemos vê-los com um sentido de compaixão e de compreensão, sabendo que eles criaram essa sua situação em virtude daquilo que têm feito na sua consciência. Ao sermos capazes de fazer alguma coisa por essas pessoas, ficamos contentes por fazê-lo e felizes por vê-las felizes. Fazemo-lo como expressão de amor e, ainda que se trate de um acto responsável, aquilo que nos motiva não é o sentido de responsabilidade, mas sim o amor.

A força motivadora não foi a evasão a um mau sentimento, mas antes um desejo sincero de melhorar a experiência do próximo.

Dessa forma, ter-se-á aprendido a verdadeira lição do amor e ter-se-á alcançado mais um nível na evolução do indivíduo e do nosso planeta.

O amor cura.

Tudo pode ser curado.

O Amor Cura

Quando nos questionamos acerca do significado de tudo, da natureza do universo, da nossa razão de ser, do objectivo da nossa evolução e do porquê de aqui estarmos, é possível que encontremos nas filosofias esotéricas a ideia de que somos todos e cada um de nós deuses e deusas.

Procure imaginar que o é. Ser um deus ou uma deusa pode tornar-se uma experiência muito solitária, quando tudo o que existe somos nós. Ainda que possamos viver a experiência de sermos o criador do universo, contendo tudo no nosso interior, crescendo constantemente e expandindo-nos sem fim, e ainda que possamos amar a nossa própria criação enquanto extensão de nós mesmos, existem certos aspectos da nossa própria consciência que não nos são acessíveis se não considerarmos a co-criação e o relacionamento.

Será possível que sejamos tão chauvinistas ao ponto de acreditarmos que, algures ali fora, não existe possivelmente mais nenhum deus/deusa/tudo-o-que-exista, criando o seu próprio universo à sua volta tal como nós criamos o nosso à nossa volta? Se fosse o caso, como é que poderíamos comunicar?

Enquanto expressão de amor e para pôr um fim à nossa solidão, bem como para explorarmos esses outros aspectos da nossa consciência, concordámos todos em investirmos juntos uma parte de nós próprios num plano de existência que apelidamos de universo físico. Sendo assim, o aspecto essencial do contrato subjacente à criação do universo físico conhece o amor como sua intenção. O amor é, portanto, a «cola» cósmica que mantém tudo em união.

Sendo cada um de nós consciência pura que se manifesta, o propósito dessa nossa manifestação consiste na evolução do nosso ser, a qual tem de englobar como elemento essencial o amor, a percepção das coisas ao nível do Chakra Verde.

A partir deste nível de percepção torna-se claro que todos são motivados pelo amor, reagindo por vezes à percepção de que o amor não se encontra presente. As nações protegem as suas fronteiras enquanto expressão do amor que têm pelos seus habitantes. Outras nações haverá que, movidas igualmente por uma expressão de amor, se agrupam com outras para criarem um sentido de comunidade global.

Quando nascemos, o amor não só é necessário para o nosso bem-estar, como o é também para a nossa sobrevivência. Desprovidas desse sentido de serem amadas e de serem desejadas, existem crianças que escolhem não vir ao mundo ou que nascem com problemas em certas partes do seu sistema energético. Podemos afirmar, com efeito, que todo e qualquer sintoma, e que toda a situação de desequilíbrio que possa ocorrer no sistema energético humano, tem como causa subjacente percepções de carência de amor.

Sabemos que cada sintoma representa tensões na consciência, e que essas tensões representam por sua vez as diferentes maneiras como a pessoa se tem impedido de ser quem realmente é. Isto pode ser devido a uma reacção à percepção de que o amor não está presente, ou de que poderá ser retirado se a pessoa se permitir ser quem ela é realmente, preferindo assim viver à luz das ideias que os outros têm daquilo que ela própria «deveria» fazer. A pessoa, nesse caso, sentirá que não é amada, ou que não é digna de ser amada, ou então evitará ser quem realmente deseja ser, por temer que lhe seja retirado o amor que lhe é dado.

Muitas vezes, representamos nas nossas vidas cenas que mais não são do que repetições de coisas que fizemos anteriormente. As personagens poderão ser diferentes, mas a peça permanece inalterada. Quando isso nos acontece, ficamos atordoados e perguntamo-nos: «Mas porque razão é que eu estou a ver este filme de novo? Porque é que eu estou a reviver esta cena?»

Para encontrarmos uma resposta a essa pergunta temos de regressar ao momento em que essa cena foi representada pela primeira vez. Nessa ocasião, havia algo a respeito da cena que estava incompleto. Faltava um ingrediente. Se esse ingrediente tivesse existido, a cena teria ficado completa e não teria criado uma questão pendente na sua consciência e uma sensação de que algo ficou por concluir.

O ingrediente que falta é sempre o mesmo. Trata-se da percepção de sermos amados. A pergunta na nossa consciência que ficou por responder foi a seguinte: «Como é que isto me pode estar a acontecer se me amam?» Os detalhes poderão ser um pouco diferentes, mas a questão fundamental permanece sempre inalterada, quer o cenário tenha que ver com deserção, ou com percepções erradas, ou com mal-entendidos. «Se me amassem de verdade, isto não estaria a acontecer. Mas está de facto a acontecer.

Portanto, não me amam.»

Enquanto esta questão permanecer na consciência, a pessoa recriará a cena para que possa vir a corrigir a percepção errónea, e adicionar o ingrediente que falta, completando a cena de um modo que a deixe com a percepção e com o entendimento de que o amor estava de facto presente, quer tenha ou não sido percebido.

«Eu não sou amado, porque eu não mereço ser amado», ou «Foi porque fiz algo de errado», ou ainda «Eu não sou suficientemente bom», poderão ter sido algumas das causas para uma percepção errada da situação. Até ao dia em que a pessoa mudar de ideias a sua vida será vivida de uma forma que permita justificar a validade dessas decisões.

Para corrigirmos o problema temos de voltar a adicionar o ingrediente que falta à cena original, completando-a. Poderemos adicionar a percepção de que tínhamos de facto sido amados na altura. Isto poderá ser feito através da reconstituição da cena segundo este ponto de vista («Como não se terá sentido o teu pai ao ter de te deixar, se na verdade te amava?» «Oh, deve ter-se sentido mesmo mal.»), ou então enviando um «radar de amor» para vermos qual a mensagem que nos será devolvida.

Quando se reconstitui a cena, adicionando a percepção de que a pessoa era realmente amada, há algo que anteriormente era sólido que amolece, passando a ser sentido como uma sensação mais suave, e a pessoa passa a ser capaz de voltar a deixar entrar o amor que se tinha negado a si mesma durante tanto tempo. Os sintomas, que tinham surgido com base nessa percepção errada, são igualmente eliminados.

Quando a pessoa em causa sente alguma dificuldade em criar para si própria a percepção de que é amada, o «radar do amor» poderá ajudá-la a ver que o amor está realmente presente. Para utilizá-lo a pessoa imagina-se no interior da sua própria bolha e envia amor para uma outra pessoa que ela vê na bolha *dela*, observando aquilo que acontece à medida que o amor que envia vai chegando à outra. Esta poderá aceitá-lo calmamente, ou poderá manifestar alguma dificuldade em deixá-lo entrar, ou então ficará muito contente por recebê-lo, podendo, após tê-lo recebido, optar por devolvê-lo ao emissor.

A pessoa que envia o amor é assim capaz de ter um sentido de quando o amor que envia está a ser aceite e de quando está a ser devolvido.

Ela consegue vê-lo. Dessa forma, o emissor sabe que o amor está

presente, e sabe-o por experiência. Ainda que seja apenas uma experiência subjectiva, ela poderá validar essa percepção, assim que tiver comunicado ao nível físico com a outra pessoa.

Se for demasiado difícil para a pessoa criar a percepção de que o seu próprio amor está presente, uma cura poderá ajudá-lo.

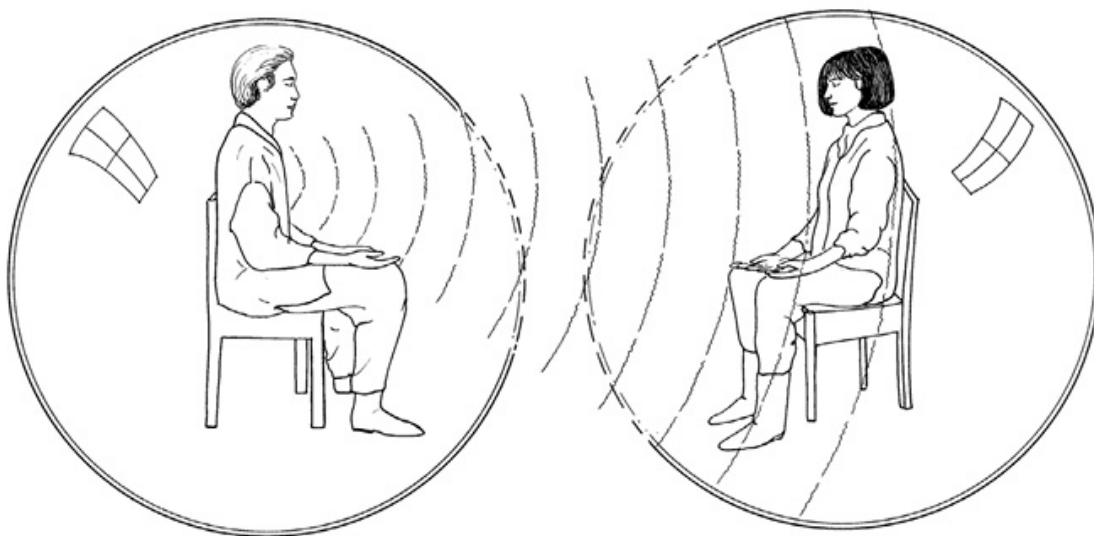


Figura 32.1 Radar do Amor Aceite

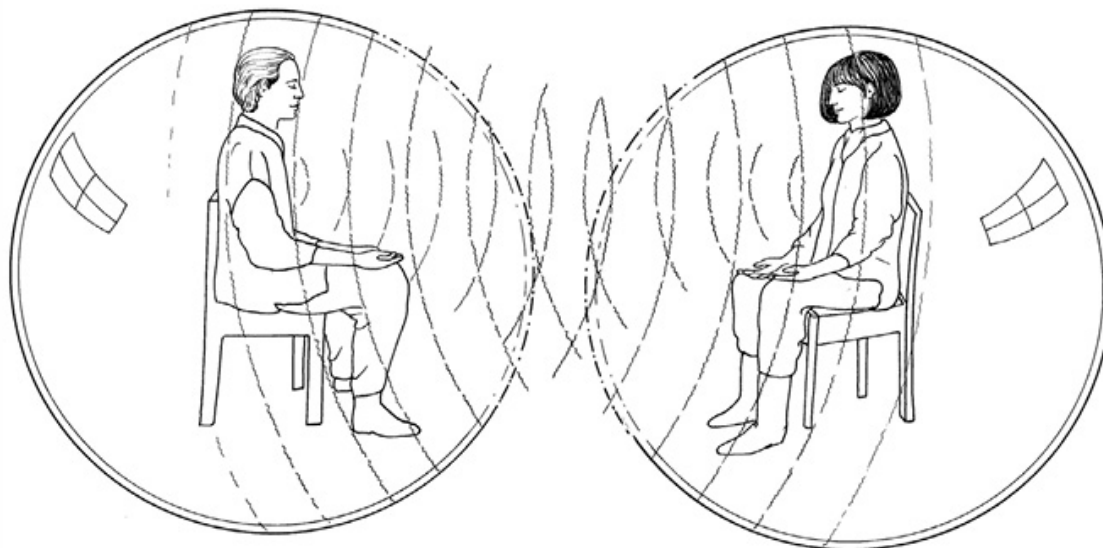


Figura 32.2 Radar do Amor Aceite e Devolvido

Durante essa cura, será importante que o curador não alimente quaisquer críticas ou expectativas em relação à pessoa que está a curar. Aquilo que lhe resta, uma vez removidas essas duas percepções, é a aceitação e o amor incondicional. No seio deste ambiente de aceitação, o sujeito torna-se capaz de permitir que as suas percepções acedam igualmente ao nível do coração, eliminando as percepções erróneas que se encontravam relacionadas com a criação dos sintomas que veio curar. Ele sente o contacto, o amor, e sabe portanto que ele está presente.

Nessa altura a cura pode acontecer. O amor cura.

Tudo pode ser curado.

O Carma e a Cura

Dado que todos somos curadores, coniventes na criação do plano físico, devemos ter igualmente acordado juntos um sistema que mantenha tudo unido, uma qualquer mecânica que reflecta a natureza ilimitada e livre do nosso ser, bem como a natureza da própria consciência.

O nome que atribuímos a essa mecânica é carma. Não se trata de forma alguma de um conjunto de regras que nos é imposto do exterior. É meramente o efeito daquilo que nós próprios fazemos na nossa consciência.

Em primeiro lugar, devemos-nos recordar que a natureza da nossa consciência consiste em deslocar-nos no sentido da concretização das imagens que escolhemos colocar na consciência. Quando temos um objectivo, e quando introduzimos uma imagem desse objectivo na nossa consciência, a sua concretização existe e nós deslocamo-nos na sua direcção.

Podemos dizer que emitimos o nosso pedido à Inteligência Superior, quer a vejamos como sendo algo no nosso interior ou como algo exterior a nós. A Inteligência Superior dar-nos-á em seguida instruções, momento a momento, através do veículo de comunicação a que apelidamos nossa intuição ou nosso instinto. Deste modo, podemos dizer que, no que se refere a fazermos aquilo que nos faz sentir bem, a nossa direcção vem do nosso próprio interior, a cada momento.

Ao mesmo tempo, os acontecimentos no mundo exterior parecem igualmente encaminhar-nos nessa mesma direcção. Esses acontecimentos aparentam ser forças que residem no nosso exterior, mas foram igualmente colocados em movimento pela imagem ou objectivo que havíamos colocado na nossa consciência. Por essa razão, quando certas coisas nos acontecem, que se nos afiguram como sendo dirigidas por forças para além do nosso controlo, ainda que aparentemente em concordância com aquilo que «deveria acontecer», em virtude de uma qualquer ordem ou de um padrão, dizemos que foi kármico. Por vezes utilizamos a palavra «destino» para descrever as tais forças que nos movem dessa forma.

Podemos, então, afirmar que um dos elementos daquilo que conhecemos como carma consiste nessa força que aparenta ser exterior a nós e que nos dirige no sentido da concretização dos nossos objectivos, colocada em

movimento, porém, por aquilo que fizemos na nossa consciência.

Ao dirigirmo-nos no sentido dessa concretização, duas variáveis estão presentes: as nossas acções e as nossas percepções. Ambas, que também são escolha nossa, colocam em movimento certas forças que aparentam ser exteriores a nós.

No que se refere às nossas acções, afirmamos que aquilo que fazemos volta a nós. Isto não acontece devido a um sentido de retribuição divina, mas simplesmente em virtude da mecânica do universo e como uma forma de comunicação. É que existem muitas maneiras de exprimir o amor e, conforme mencionámos anteriormente, a forma como certas pessoas exprimem o seu amor é por vezes interpretada como sendo o oposto daquilo que era pretendido.

Felizmente, existe um protocolo que nos pode ajudar a compreender as preferências e as sensibilidades de cada um. Se quiser que alguém se comporte consigo de uma certa forma poderá, através do seu exemplo, indicar-lhe essa forma. Emita aquilo que pretende ter como retorno. Faça aos outros aquilo que gostaria que lhe fizessem a si, e compreenda que aquilo que os outros estão a fazer consigo é precisamente aquilo que querem que você faça com eles.

É como se uma pessoa lhe dissesse: «Esta é a forma como eu gosto que me exprimam o amor. Se me quiseres exprimir o teu amor, e se esta forma de o exprimires também te agrada, essa é a forma que me agrada a mim.» Ao mesmo tempo, essa pessoa poderá observar as suas acções e entendê-las como uma demonstração da forma como você deseja que o amor lhe seja expresso a si, caso essa forma de expressão lhe agrade a ela.

Em termos do seu relacionamento com o Universo, ou como quer que deseje chamar a heterogeneidade de energias que percepçiona exteriormente a si, queira entender que o Universo apenas lhe devolve, através de outras pessoas ou meios, as energias e acções que tiveram origem em si. Ainda que essas energias sejam percepcionadas como sendo exteriores a si, elas foram postas em movimento pelas suas acções e constituem, por assim dizer, um segundo elemento daquilo a que chamamos carma.

Se lhe parecer que se trata de retribuição divina, considere então as energias que tem estado a emitir para o exterior, porque você agora já sabe qual é a sensação quando elas regressam a si. Em vez de continuar a criar

a mesma série de efeitos, ao insistir em emitir o mesmo tipo de energias, procure antes criar algo de diferente e que ao regressar lhe proporcione uma sensação que o faça sentir-se melhor. Assim, podemos afirmar que o propósito deste aspecto do carma é o entendimento e que assim que a pessoa tiver adquirido essa compreensão, conseguirá libertar-se dos efeitos desse carma.

É claro que os efeitos positivos das suas acções também lhe são devolvidos, na medida em que o Chakra Azul e o Chakra Verde trabalham em sintonia. À medida que percorre o seu caminho, exprimindo aos outros o seu amor, e satisfazendo dessa forma as suas carências sem necessidade de qualquer esforço por parte dessas pessoas, você apercebe-se de que as suas necessidades são igualmente satisfeitas sem qualquer esforço da *sua* parte e também através da expressão do amor por parte dos outros. Desse modo, o amor que você emitiu regressa a si.

No que se refere ao facto das suas percepções criarem carma, estamos a falar da forma como você opta por ver os outros. Todos nós somos criadores, cada um possuindo uma alma e uma consciência que manifesta em seu redor o seu universo. Desta forma, todos somos iguais em absoluto. Todos nós somos detentores do mesmo equipamento na nossa consciência, e ainda que algumas pessoas tenham conseguido manifestar melhor do que outras as suas capacidades, todos sem excepção possuímos o mesmo potencial. Cada um de nós tem o mesmo computador, embora alguns tenham aceite instalar uma programação melhor.

Segundo este ponto de vista, podemos dizer que quando você olha para os feitos de qualquer ser que considere notável ou extraordinário, ele apenas lhe estará a mostrar um aspecto das suas próprias capacidades. Aquilo que um ser consegue fazer, qualquer outro ser o pode fazer. Somos todos iguais e, em termos da nossa evolução, dirigimo-nos no sentido do Chakra Violeta que representa a união. Todos nós nos movimentamos em direcção à união.

Numa estrutura hierarquizada a união não existe, na medida em que ela implica a igualdade absoluta. Para que uma consciência possa entrar perfeitamente noutra, para poder vir a sentir a outra como ela própria, possuindo um sentido de união, ambas as consciências têm de ser iguais em absoluto. Se você encarar alguém como sendo inferior a si, ou superior a si, isso só pode ser uma percepção errada das coisas e terá de ser

corrigida, tendo em vista a sua evolução e a evolução dos demais.

Se considera que alguém é superior a si, tem de compreender que se trata de uma percepção errada das coisas. Ele apenas, e muito simplesmente, o tornou consciente das suas próprias capacidades e forneceu-lhe ferramentas para o seu crescimento, ferramentas essas graças às quais poderá ultrapassar os limites que impôs a si mesmo. Você tem a capacidade para fazer as mesmas coisas que ele fez. Talvez ainda mais e melhor. Se assim o desejar.

Se considerar que uma pessoa é inferior a si, as suas percepções deverão ser ajustadas. Uma maneira de o fazer consiste em «colocar-se no lugar dela». As forças que movem os acontecimentos nesta direcção parecem-lhe estar a vir do exterior, mas foram postos em movimento por aquilo que você estava a fazer na sua consciência. Esta forma de ajustar as suas percepções constitui o terceiro elemento daquilo que conhecemos como carma. É possível ver como também aqui o propósito é o entendimento.

Sendo assim, aquilo que apelidamos de carma conhece três aspectos:

1. Move-nos no sentido da concretização dos nossos objectivos;
2. Remete-nos os efeitos das nossas acções;
3. Ajusta as nossas percepções no sentido de irmos a perceber a igualdade.

Ao encararmos os acontecimentos nas nossas vidas, aquelas coisas que «nos acontecem», como sendo aspectos do carma, passamos a ter ao nosso dispor um meio para entendermos certas coisas que anteriormente não faziam o menor sentido. Passamos a discernir um padrão e uma ordem nesses acontecimentos, e libertamos dessa forma as tensões provocadas pelos mal-entendidos que existiam anteriormente.

Podemos ver que aquilo que conhecemos como carma é simultaneamente algo de muito pessoal e algo de muito impessoal. Na medida em que reflecte aquilo que nós próprios, enquanto indivíduos, optámos por fazer com as nossas consciências individuais, é algo de muito pessoal, mas é impessoal na medida em que funciona da mesma maneira para todos nós.

Podemos ver que cada um de nós está simultaneamente a viver os efeitos de carmas passados e a construir um novo carma, e por vezes torna-se difícil distinguir um do outro.

Uma vez que cada um de nós cria e vive o seu próprio carma, torna-se

claro que a ideia de que poderemos de alguma maneira vir a adquirir para nós o carma de outra pessoa não passa de um reflexo de uma falta de compreensão da natureza da mecânica do carma.

Alguns curadores afirmam que há certos sintomas que não se podem curar porque são kármicos. Esses curadores encontram-se simplesmente à mercê das suas próprias ideias limitadoras, e exportam as suas limitações sob a forma de uma espécie de *boomerang* cósmico. Quanto a nós, acreditamos que tudo pode ser curado. A capacidade para o conseguir reside no interior de cada um de nós.

Do nosso ponto de vista, todos os sintomas são kármicos, porque são o efeito daquilo que o indivíduo fez na sua própria consciência. Mas isto não significa que não possam ser curados. Se o carma de uma pessoa foi ficar doente, também pode vir a ser o seu carma ser curado, como aconteceu comigo.

Se o propósito do carma é o entendimento, isso está em consonância com a nossa descrição do relacionamento que existe entre o corpo e a consciência.

Quando uma pessoa desenvolve um sintoma, o sintoma surge para fornecer uma mensagem ao indivíduo acerca de uma maneira de ser que para ela estava em desequilíbrio. Ela estava a fazer a si própria, em sentido literal, aquilo que tinha feito em sentido figurado.

Ao compreender a mensagem que o corpo lhe enviava, e ao operar as alterações necessárias na sua maneira de ser, o sintoma deixa de ter qualquer razão de ser e pode então ser eliminado. É por esta razão, recorde-se, que é fundamental que, enquanto curadores, comuniquemos ao sujeito a causa interior do sintoma exterior, enquanto aspecto integral da cura.

É igualmente importante que nos recordemos de que a nossa consciência é ilimitada e de que, por natureza, qualquer ideia que nos limite é inválida. Possuímos uma capacidade ilimitada para curar qualquer coisa. Se houver uma ideia que nos dê uma razão para acreditarmos que não temos a capacidade para exercer este importante serviço espiritual, podemos substituí-la por uma outra ideia que nos forneça os meios para ultrapassar este limite que percebíamos.

Sabemos que *tudo pode ser curado*.

Perguntas e Respostas

1. O CURADOR PRECISA DE CONHECER O PROBLEMA PARA QUE A CURA VENHA A ACONTECER?

Graças ao Sistema do Corpo Espelho, o curador é capaz de ver se o sistema energético da pessoa está ou não em equilíbrio. Por essa razão, não é de todo necessário que ele tenha conhecimento do problema antes de observar o sistema energético. Se tiver conhecimento de qual é o problema antes de efectuar a observação, ele poderá focar a sua atenção numa determinada zona. Mas ainda que não tenha qualquer conhecimento prévio, vê-lo-á por certo com toda a probabilidade. Tudo dependerá, claro, da profundidade a que o curador tiver observado.

Não é muito diferente de quando leva o seu carro ao mecânico. Este não precisa de saber de antemão qual é o problema para o conseguir arranjar. O próprio exame do automóvel irá revelar-lhe o que precisa de ser feito.

Muitas vezes, na verdade, existem problemas que são curados que não tinham sequer sido mencionados ao curador, e nos quais o sujeito nem tinha sequer pensado, mas que ele reconhece após o curador os descrever.

Deve ser aqui salientado que os curadores não podem diagnosticar uma doença. Apenas observam o estado de equilíbrio do sistema energético. Poderão observar que em determinado aspecto da consciência existe uma tensão, mas essa tensão poderá manifestar-se nas mais variadas maneiras. Se um curador viu sombras, por exemplo, não seria apropriado que ele afirmasse que essa pessoa tem um cancro.

Da mesma maneira, o curador jamais poderá vir a dizer a uma pessoa que ela deixou de ter um cancro. Apenas poderá comentar que deixou de ver qualquer sinal que o evidenciasse no sistema energético da pessoa. Desse modo, o curador não se intromete nas áreas legalmente reservadas a membros da profissão médica.

2. QUAL É A CAUSA DE DEFEITOS CONGÉNITOS, E O QUE É QUE PRECISAMOS DE SABER PARA OS PODERMOS CURAR?

De acordo com o nosso modelo, tudo tem início na consciência. Esta é uma verdade que se aplica tanto a um bebé, ainda que feto, como a um adulto.

Enquanto adultos, decidimos o modo como reagimos às condições do

nosso meio envolvente e por vezes essas condições podem ser bastante difíceis. Os bebés agem da mesma maneira.

Quando alguém menciona defeitos de nascença, a primeira pergunta a fazer é quando é que o sintoma foi detectado. Acontece muitas vezes que um sintoma, que é descoberto algum tempo após o processo do nascimento, é apesar de tudo descrito como tratando-se de um defeito congénito. Se um sintoma tiver sido descoberto aos dois anos de idade, por exemplo, a pergunta relevante a fazer é: «O que é que estava a acontecer na vida desse ser nessa altura? Com que circunstâncias difíceis se terá ele deparado na ocasião?» É possível que venhamos a descobrir que, na altura em que a criança tinha dois anos, a família assistiu ao nascimento de uma outra criança, ou que os pais decidiram divorciar-se.

Alguém poderá contar-nos que uma criança nasceu prematuramente e que foi colocada numa incubadora durante dois meses, findos os quais se veio a descobrir que era cega. Mas terá sido realmente um defeito de nascença, ou seria possível que a criança tivesse vindo ao mundo com a capacidade de ver, mas tenha em seguida reagido ao facto de ter sido enclausurada num ambiente de isolamento, com pouco ou nenhum contacto, numa altura em que esse contacto lhe era vital?

Um dos aspectos do meio envolvente de um bebé que maior importância tem é a sensação de contacto com os seus pais e o sentimento de ser ou não desejado no mundo.

Um bebé, no estado da Florida, nasceu com um tumor na base da coluna vertebral, numa parte do sistema energético que associamos ao relacionamento com a sua mãe. Quando eu conversei com a mãe, ela explicou-me que, segundo os médicos, o tumor tinha começado a desenvolver-se a partir do sexto mês de gravidez.

Naturalmente, perguntei-lhe o que é que se tinha passado nessa altura da sua vida enquanto futura mãe no sexto mês de gravidez. Ela explicou-me, então, que ela e o marido tinham tido uma discussão terrível. Ele deixou-a sem que desse sinais de que regressaria. Eu perguntei-lhe em seguida como é que ela se sentia em relação a ter o bebé caso ele não voltasse e ela respondeu que não queria ser uma mãe solteira. Se ele não regressasse ela não queria ter o bebé.

Mal ela tomou essa decisão, o tumor começou a crescer no interior da criança. Foi como se ela tivesse consciência de tudo o que tinha

acontecido. A partir do seu ponto de vista, ela começou por ser amada e desejada, passando em seguida a não ser desejada, sem perceber muito bem porquê. Foi como se o bebé estivesse a dizer: «Se tu realmente não me queres, eu também não quero estar aí na verdade.» Os pais acabaram por se reconciliar e por decidir que desejavam a criança. Ao nascer com o tumor, foi-lhe dado 50% de probabilidades de sobrevivência. Foi como se a criança tivesse decidido correr o risco de vir ao mundo, mas não tivesse ainda bem a certeza. Tendo recebido em seguida uma quantidade enorme de amor e de atenção, o tumor acabou por ser curado.

Podemos observar cada um dos participantes no acontecimento que acabámos de descrever, para nos apercebermos da forma como cada um contribuiu para criar essa situação. Assim, podemos verificar que a mãe não desejava ter uma criança na sua vida caso não tivesse um companheiro, e que no momento em que ela tomou essa decisão as circunstâncias começaram a movimentar-se nesse sentido. Podemos obviamente dizer a mesma coisa acerca do pai.

Ainda que a nossa preocupação principal enquanto curadores seja a consciência da pessoa que sente um sintoma físico, para virmos a compreender a forma como ele foi criado, e desse modo o podermos curar, podemos verificar que, por vezes, a consulta feita a outros membros da família mais próximos pode ser de grande utilidade no sentido de se vir a obter informações adicionais que poderão elevar o nível de entendimento.

3. NÃO É VERDADE, PORÉM, QUE POR VEZES OS ACIDENTES SIMPLESMENTE ACONTECEM?

O nosso modelo baseia-se sempre na ideia de que tudo tem início na consciência. Quando alguém cria uma tensão na sua consciência com a decisão que toma em resposta a uma situação, sabemos que essa tensão poderá manifestar-se no nível físico se ela for de intensidade suficiente, ou se a tensão durar um período suficientemente longo. O sintoma, porém, terá de se manifestar de acordo com a realidade física de causa e efeito. É necessário que haja uma causa física.

É sabido que possuímos um sistema direccional interno que apelidamos de intuição ou instinto. Se não dermos ouvidos a este nível, sentiremos cada vez mais emoções desagradáveis à medida que insistirmos em nos dirigir numa certa direcção. Se continuarmos a não escutar os sinais, acabaremos por receber a mensagem no nível de comunicação seguinte

que é o nível do corpo físico. Criamos dessa maneira um sintoma que nos fornece uma mensagem. O sintoma reflecte a ideia de que criamos a nossa própria realidade.

Se é certo que a intuição está sempre certa, podemos-nos perguntar o que terá levado a pessoa a estar em determinado lugar e a determinada altura em que estava prestes a ocorrer um acidente? Se o resultado foi um sintoma, podemos afirmar que o resultado final foi a verdadeira intenção. O acontecimento terá acontecido, nesse caso, para criar o sintoma, por forma a que a pessoa recebesse uma mensagem do seu corpo em relação a algo a que não tinha prestado atenção no nível da intuição e das emoções.

Assim, quando se tiver verificado a necessidade de uma mensagem a nível físico, o espírito terá guiado o indivíduo, através da sua intuição (recentemente ajustada), na direcção de circunstâncias que lhe poderiam vir a proporcionar o sintoma. Se o acidente não tivesse acontecido, o sintoma teria de ser criado de uma outra forma, através de uma doença ou de um nervo comprimido por exemplo.

Os acidentes de grupo são igualmente co-criados. De acordo com as circunstâncias, todas as pessoas envolvidas no acidente haviam tomado a decisão de ali estar, ou tinham sido encaminhadas nessa direcção.

Aqueles indivíduos que, minutos antes do acontecimento, operaram alguma alteração nas suas consciências, contam histórias de terem tido um sexto sentido que os impediu de entrar naquele avião que viria mais tarde a despenhar-se, ou de terem sido impedidos pelas circunstâncias (por terem acordado tarde, ou por perderem o autocarro) de se verem envolvidos nesse acontecimento de grupo que se destinava a ser um desastre. Terá sido uma coincidência, ou apenas sorte? Ou terá havido uma razão?

Não existem acidentes e não há coincidências. Há apenas um padrão e uma ordem no Universo, e a forma como ele se manifesta.

Enquanto certas pessoas preferem permanecer boquiabertas perante os mistérios do Universo, deixando-se impressionar pela ideia de que o homem jamais será capaz de desvendar e de compreender a forma como ele funciona, outras, observando as coisas a partir do nível do Chakra Índigo, podem ver a forma como o mundo físico manifesta cada evento de acordo com cada uma das consciências que participa no mesmo.

É por essa razão que nós afirmamos que ao olharmos para a

manifestação dos eventos no mundo físico, ser-nos-á possível ver aquilo que se terá passado na consciência de cada um dos intervenientes nesses eventos. Ambos se reflectem um ao outro. O mundo físico reflecte a consciência.

4. O QUE É A MORTE? COMO É QUE É MORRER?

A morte é a transformação suprema e acontece à grande maioria das pessoas (contam-se histórias de excepções, tais como o conde de Saint Germain e Babaji). Considerando o seu carácter universal, é realmente admirável que se saiba tão pouco a seu respeito.

Cada um de nós é um espírito que habita um corpo. E ainda que nos tenhamos identificado completamente com este corpo que nos serve apenas de veículo, isso de forma alguma vem afectar a veracidade de que aquilo que somos na realidade é o ser que reside no interior.

A determinada altura deixamos o corpo e a personalidade que havíamos desenvolvido enquanto nele permanecemos, e regressamos ao nível que identificamos como sendo o espírito, que mais não é do que o aspecto mais profundo da nossa consciência. Largamos então certas atitudes, ideias e valores, com os quais nos tínhamos identificado e experimentamos um outro ponto de vista. É este que consideramos mais evoluído.

Mais espiritual. Faz também com que nos sintamos muito melhor.

A maioria das pessoas tem medo porque não entende o processo a que chamamos morte e porque não faz qualquer ideia do que está para lá dela. Elas não têm consciência de que continuarão a sentir alguma coisa.

Normalmente, quando alguém deixa o seu corpo, sente algo que se assemelha à sensação de estar a cair através de um túnel no fundo do qual brilha uma luz. Isto consiste na passagem para fora do corpo e no processo de regresso ao que quer que consideremos como fonte.

Geralmente, somos recebidos no outro lado por um ser qualquer, ou por um grupo de boas-vindas. Estes poderão ser um familiar, um mestre espiritual, ou amigos. Encontram-se aí presentes para a reorientação do espírito recém-chegado. Ainda que a aceitação emocional da morte e o abandonar da personalidade possam ser difíceis para certas pessoas, a passagem através do túnel e a recepção na luz é universalmente descrita como tratando-se de uma experiência transcendental de jubilante beleza.

Enquanto curadores, a nossa tarefa consiste em ajudar a pessoa com

quem estamos a trabalhar relativamente àquilo que ela tenha decidido fazer. Se a um nível profundo essa pessoa não deseja realmente viver mais, a forma adequada de cura poderá ser no sentido de a levar a sentir-se bem com essa sua decisão de deixar o seu corpo, e a ajudá-la a compreender melhor a passagem que deverá empreender. Deste modo, o amor e a ajuda que lhe oferecemos serão realmente incondicionais.

Quando um curador se encontra presente para ajudar a proceder à passagem da morte, ele poderá fazê-lo tanto do exterior, como do interior. Quer isto dizer que poderá optar por dirigir a atenção do sujeito, sem contudo se deixar envolver directamente na experiência, ou poderá, ao invés, estabelecer o contacto com o espírito do sujeito e «acompanhá-lo no seu percurso».

Quando dirige a experiência a partir do exterior, o curador poderá tranquilizar o sujeito em relação à qualidade da experiência, dirigindo a sua atenção no sentido de ir ao encontro da luz e do ser, ou seres, que o acolhem. Ao oferecer desta forma o seu amor e o seu apoio, o curador ajuda a tornar a experiência muito mais fácil e jubilante.

Se tiver decidido acompanhar o sujeito no seu percurso, o curador sentirá a sua consciência ligada à do sujeito. A experiência poderá ser iniciada quer pelo sujeito, quer pelo curador. Neste tipo de experiência, o benefício que acresce à pessoa que efectua a passagem, consiste nela não ter de ficar sozinha durante a experiência. A grande maioria das pessoas efectua a passagem sozinha, e o acompanhamento é um serviço espiritual de valor inestimável que se pode prestar àquelas pessoas que temam a solidão dessa experiência.

No momento em que o sujeito começa a sentir a vertigem inicial da experiência, o curador sente a mesma coisa. É um pouco como cair num buraco negro, ou como um desmaio, com a excepção de que a pessoa continua a ter plena consciência daquilo que lhe está a acontecer.

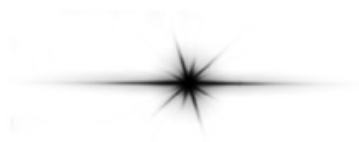
Quando as duas consciências estão ligadas, poderá igualmente ser o curador a dar início à experiência, mergulhando profundamente na sua própria consciência, sem deixar de verificar se a outra pessoa está a reagir de uma maneira que revele que ela está a sentir a mesma coisa. Se o sujeito estiver ligado a máquinas que controlam os seus sinais vitais, o abrandamento desses sinais na máquina será uma indicação de que a pessoa está a reagir da forma como descrevemos.

O curador não tem qualquer necessidade de temer a experiência. Todos aqueles que acompanham sempre regressam em seguida, e a sua evolução espiritual é sujeita igualmente a um aperfeiçoamento. Passam igualmente a ser capazes de recorrer às suas próprias experiências como base para comunicarem aos outros aquilo que realmente acontece durante este processo. Também isso constitui um préstimo.

A cura conhece muitas formas.

Tudo pode ser curado.

SEXTA PARTE



Exercícios

Exercício Básico de Energia (Sentir a Energia)

Estes exercícios destinam-se a demonstrar, através da sua própria experiência, os princípios referidos no presente livro, que são aplicáveis à tecnologia da cura, bem como à sua capacidade para sentir e dirigir a energia para que possa vir a funcionar enquanto curador.

Se bem que estes exercícios possam ser feitos a sós, podem revelar-se ainda mais interessantes quando feitos a dois, lendo-se em voz alta as instruções à medida que ambos as seguem, e discutindo no final o que cada um sentiu. Caso esteja sozinho neste momento, considere desde já voltar a este capítulo posteriormente com um amigo, para vir a ter uma experiência ainda mais interessante.



Figura A.1 Preparação Para Sentir a Energia

Em primeiro lugar, coloque este livro em cima de uma mesa ou inclinado contra algum objecto, de maneira a que possa continuar a lê-lo sem ter de o segurar. Deste modo, conseguirá libertar as suas mãos para que possa seguir as instruções. Se bem que o exercício se torne mais fácil permanecendo sentado, esta não é uma condição necessária, desde que consiga focar a sua atenção sobre as instruções que lhe forem sendo dadas à medida que as vai seguindo.

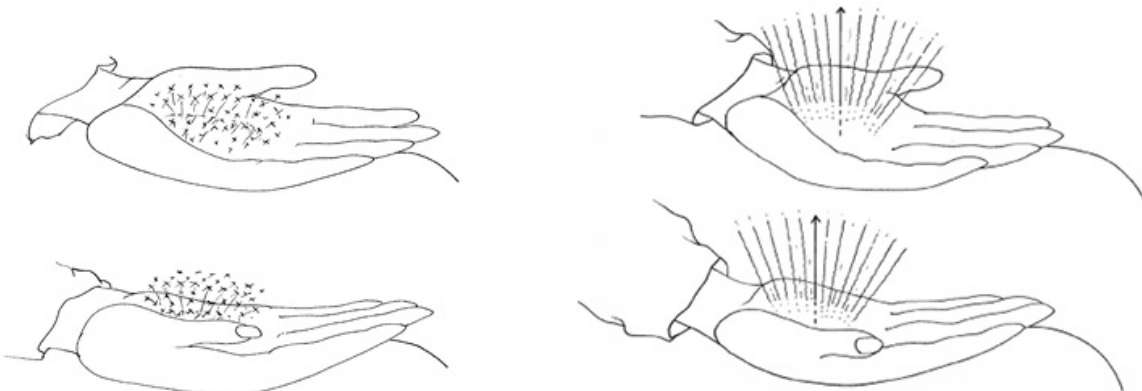


Figura A.2 Vibrações de Energia

Agora, coloque as suas mãos sobre a mesa ou (melhor ainda) sobre as suas pernas, com as palmas das mãos viradas para cima.

Foque a sua atenção sobre as palmas das suas mãos e sobre a superfície da pele das mesmas. Sinta o ar que toca na sua pele. Poderá ter consciência da temperatura do ar, ou do seu movimento, ou ainda da pressão. Passe algum tempo a fazer isto, sentindo-o cada vez mais.

Focando sempre a sua atenção sobre esse ponto, torne-se gradualmente consciente da sua pele ao ser tocada pelo ar. Em breve passará a ter consciência de uma outra sensação, parecida talvez com um formigueiro ou como uma vibração, em todo o caso algo de diferente da sua experiência usual. No princípio poderá ser apenas muito subtil, mas à medida que se concentrar cada vez mais sobre ela irá sentir essa sensação a ficar cada vez mais definida.

Podemos dar um nome a essa sensação. Podemos chamá-la energia. Imagine agora que, algo a que chamamos energia, flui através das suas mãos fazendo vibrar a membrana de pele à medida que passa por ela no seu caminho para o exterior. Consegue imaginar que aquilo que sente neste momento é aquilo que descrevemos? Imagine que aquilo que sente é energia que flui através das suas mãos. Imagine que aquilo que sente são as suas mãos a irradiarem energia. Sinta a energia irradiando das suas mãos.

Mantendo a sensibilidade que tem agora nas suas mãos, coloque-as uma em frente da outra, a uma distância de aproximadamente 45 cm e, lentamente, aproxime-as e afaste-as uma da outra, para trás e para a frente. Repare na forma como a sensação nas suas mãos é diferente quando elas se aproximam e quando se afastam.

Imagine que tem entre as mãos uma bola de energia, e que à medida que aproxima as mãos comprime essa bola um pouco mais, juntando-lhe mais energia e tornando-a cada vez mais densa. É como se estivesse a fazer uma bola de neve, mas trata-se aqui de uma bola de energia. Em breve será capaz de sentir os contornos e a superfície dessa bola de energia, e será capaz de segurar nela, mantendo sempre a sensibilidade nas suas mãos.

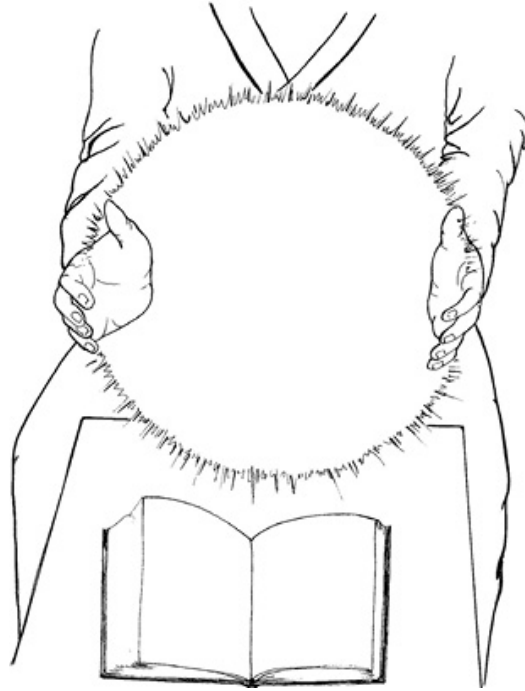


Figura A.3 Segurando a Bola de Energia

Se estiver a trabalhar com outra pessoa, poderão agora virar-se um para o outro, cada um segurando na sua bola de energia, e poderão movimentar as vossas mãos de uma maneira que vos permita sentir a energia um do outro. Mexa uma das suas mãos de maneira que, por exemplo, ela se encontre entre as mãos do seu parceiro, movimentando-a para cima e para baixo no interior do campo de energia dele, reparando nas sensações que sente nas suas mãos quando o faz. O seu parceiro fará a mesma coisa ao mesmo tempo, claro. Passem algum tempo fazendo-o juntos.



Figura A.4 Parceiros Sentindo a Energia

Em seguida, relaxem as mãos e examinem aquilo que acabaram de sentir. Algumas pessoas descrevem esta experiência utilizando as palavras «calor» ou «frio», «electricidade» ou «magnetismo», um «fluxo» ou uma «densidade». Todas estas palavras podem ser reconhecidas como tratando-se de diferentes formas de energia, ou diferentes aspectos de energia, da mesma maneira que diferentes aspectos de energia se libertam de uma lâmpada. Haverá quem os descreva como «luz» outros que dirão que é «calor» e outros ainda que afirmarão tratar-se de um «campo magnético». Todos têm razão. Não passam de aspectos diferentes da energia que ali está presente.

O que quer que tenha sentido, podemos dizer que se trata da sensação que lhe diz que você está a sentir energia. Certas pessoas notam que as sensações que têm, quando sentem a energia de outra pessoa, são diferentes daquelas que têm quando sentem a sua própria energia, se bem que ainda a possam identificar como sendo energia.

Diversas coisas aconteceram durante este exercício. Começou como uma experiência primária, uma experiência sem nome. Em seguida

demos-lhe o nome de energia, e as palavras que utilizámos para descrever a experiência criaram a realidade. Se tivéssemos utilizado outras palavras você teria sentido algo diferente.

Se tivéssemos descrito a experiência como sendo o sangue a passar sob a superfície da sua pele, era isso que teria sentido. Se a tivéssemos descrito com tratando-se das suas mãos a ficarem dormentes, teria sido isso que sentiria. Mas nós descrevemo-la como sendo energia, e foi portanto isso que você sentiu.

As nossas palavras são criativas. Tendo em vista a ideia de que somos nós que criamos a nossa própria realidade, uma das maneiras de o fazer é, justamente, através das palavras que utilizamos para descrevermos as nossas experiências. Afinal, estamos sempre, ao longo do dia, a fazer a experiência de qualquer coisa e a falarmos connosco de uma maneira específica acerca daquilo que sentimos. De entre as percepções que nos é possível ter daquilo que sentimos, escolhemos determinadas palavras para descrevermos a nossa experiência e dessa maneira alimentamos essa percepção com energia, através das nossas palavras. É isso que escolhemos como sendo a nossa realidade.

Tendo conhecimento disto, poderá passar a ter consciência das palavras que utiliza durante o dia e da realidade que cria para si próprio através das mesmas.

As palavras que utiliza para descrever as suas experiências criam a sua realidade.

Durante este exercício que acabou de fazer, podemos dizer que você passou de uma realidade para outra. Passou de uma realidade em que era incapaz de sentir a energia para uma realidade na qual foi capaz de a experimentar. Nessa nova realidade foi possível descrever as suas experiências em termos de energia.

Operámos essa transição em três etapas.

1. *Decida o que será verdade na nova realidade.* Decidimos que iria sentir algo nas suas mãos.
2. *Encoraje a percepção de que se está a passar agora.* Enquanto a primeira etapa lhe foi sugerida por este livro, a segunda teve de partir de si. Aconteceu quando você conseguiu a forma como as palavras lhe faziam sentido. Talvez tenha dito a si mesmo: «Creio estar a sentir qualquer coisa agora. Talvez seja aquilo que o livro descreve. Sim,

agora sinto-o cada vez mais.» Ao fazê-lo você encorajou a percepção de que acontecia *agora*, dando a si próprio razões para acreditar no processo.

3. *Decida que agora é verdade.* Por fim, uma vez chegado à terceira etapa, terá por exemplo decidido: «Agora é verdade. Agora sinto a energia. Agora consigo sentir a energia do meu parceiro. Eu agora estou na nova realidade.»

Se tiver trabalhado com outra pessoa, poderá ter reparado que algo que começou por ser apenas uma experiência subjectiva, passou em seguida a ser igualmente sentido por um outro ser na realidade física, tornando-se numa experiência partilhada, objectiva e real.

A cura funciona igualmente dessa forma. A percepção da cura, que começa por ser uma experiência subjectiva na consciência do curador, pode em seguida ser sentida na realidade física exterior por uma outra pessoa, porque ele sabe que ao fazê-lo isso funciona para ela. Algo é alcançado para ela.

Quando nos preparamos para uma cura, colocamos sempre as mãos na posição que descrevemos, recordando e recriando a sensação da energia nas nossas mãos. Dessa forma, somos capazes de utilizar as mãos da mesma maneira que certas pessoas utilizam aparelhos de *biofeedback* para receberem uma indicação de que se encontram num estado de consciência específico.

Os aparelhos de *biofeedback* funcionam de acordo com a ideia de que as funções biológicas se alteram consoante os estados de consciência. Essas alterações manifestam-se no ritmo da respiração, na taxa de transpiração, na pressão sanguínea, no ritmo cardíaco, etc. Quando as funções biológicas registadas pelo aparelho revelam que a pessoa se encontra no estado de consciência que estava interessada em atingir, a máquina fornece-lhes o *feedback*: poderá ser através de uma campainha que toca, ou de um ponteiro que se mexe, ou uma luz que se acende. O que a máquina está a dizer à pessoa é: «Agora encontras-te no estado de consciência que te interessa.» Aos poucos, a pessoa familiariza-se com esse estado de consciência, não necessitando mais de recorrer à máquina para esta lhe informar que ela lá chegou.

O estado de consciência que porventura se busque com o auxílio do *biofeedback* poderá ser o estado alfa ou teta. Aquilo que nós buscamos,

através do processo que aqui utilizamos, é um estado de consciência no qual sentimos a energia. Dado que curamos com energia, trata-se de um estado de consciência graças ao qual uma cura pode ocorrer.

Enquanto a sensação permanecer nas suas mãos, você estará no estado de consciência perfeito para realizar uma cura com sucesso. Durante a cura, se a sensação parar, deverá igualmente parar e procurar restabelecer a sensação antes de prosseguir com a cura. Será capaz de criar a sensação sempre que o desejar.

Por vezes, a sensação poderá surgir sem que você a tenha procurado, mas mesmo nesses casos quererá dizer a mesma coisa. Quererá dizer que você se encontra num estado de consciência no qual é capaz de funcionar como curador. Pode acontecer que alguém lhe diga, passado pouco tempo, que não se sente bem, e saberá então por que razão a sensação se fez notar. Terá sido para a cura dessa pessoa, caso ela esteja receptiva a isso.

Você poderá oferecer os seus préstimos como curador, deixando que a outra pessoa decida se deseja ou não colaborar consigo no processo de cura. Em caso afirmativo, avance, mas se a resposta for não, não insista.

Dado que iniciamos sempre as curas nesta posição, demos-lhe um nome especial. Chamamo-la a Posição de Partida Para a Cura.

Nunca se esqueça: *tudo pode ser curado.*

Dirigindo a Energia

Crie agora uma vez mais a sensação nas suas mãos, focando simplesmente a sua atenção sobre as sensações na superfície da pele das palmas das suas mãos, recordando-se delas, para as poder recriar de novo.

Desta vez, iremos descrever a mesma experiência através de outras palavras. Imagine que aquilo que sente é energia que flui para dentro das suas mãos, fazendo vibrar a membrana de pele ao entrar. Imagine que as suas mãos são como radares receptores, sensíveis à energia, e que o espaço à sua volta está repleto de energia. Existem ondas de rádio e ondas de televisão, existem raios-x e ondas gama, existe a energia mental, a energia sexual e a energia do amor, há energia de calor, bem como a luz e o som enquanto energia, há ainda energia de cura – um oceano de energia – e você consegue sentir essa energia penetrar nas suas mãos.

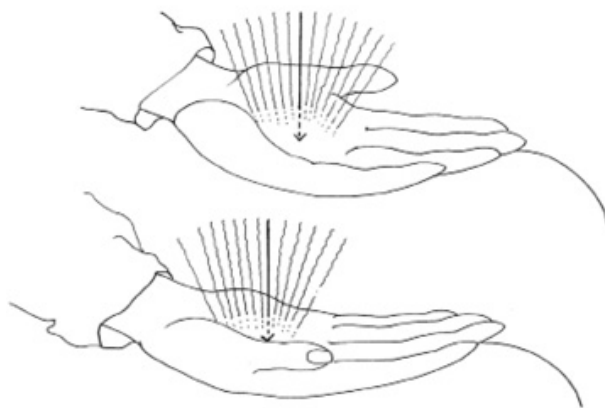


Figura B.1 Energia a Entrar

Sinta agora a energia a viajar através das suas mãos e dos seus braços, até entrar no seu corpo. Sinta a forma como esta energia recarrega as suas pilhas. Sinta-se a ficar pleno de energia. Sinta-se a ficar com maior clareza, ficando mais centrado e mais tudo aquilo que possa imaginar serem os benefícios que lhe possam advir desta energia que entra em si. Passe alguns momentos nesse estado, sentindo-se cheio com esta energia e sentindo por fim a totalidade da superfície do seu corpo a brilhar com esta energia como se fosse uma lâmpada.



Figura B.2 Absorvendo a Energia



Figura B.3 Pleno de Energia

Agora, dirija de novo a sua atenção para as palmas das mãos e para a superfície da pele das mesmas. Desta vez iremos descrever as sensações de maneira diferente. Decida que aquilo que sente neste momento é a sensação das suas mãos que brilham com energia. Sinta de novo a energia a irradiar das suas mãos, tal como no primeiro exercício que fez.

Enquanto sente a energia a irradiar das suas mãos, podemos dar-lhe ainda outro nome. Podemos chamar-lhe Luz Branca. Imagine então que a sensação que sente neste momento é a Luz Branca que irradia das suas mãos, e ser-lhe-á nessa altura mais fácil imaginar o brilho como tratando-se de Luz Branca. Nós curamos com a Luz Branca.

Passe alguns momentos sentindo isso, e em seguida relaxe as mãos e continue a ler.

Quando decidiu que a energia estava a fluir para dentro das suas mãos,

foi capaz de a sentir mexer-se nessa direcção e de sentir os seus efeitos. Quando decidiu que a energia fluía para fora das suas mãos, não só foi capaz de a sentir pessoalmente, como igualmente outra pessoa foi capaz de a experimentar.

Não foi de todo necessário que forçasse a energia para o exterior ou que a aspirasse para dentro de si. Não foi necessário qualquer tipo de esforço. Você teve apenas de decidir em que direcção a energia se movimentaria, e de a sentir em seguida movendo-se nesse sentido, utilizando as três etapas mencionadas no exercício «A» da seguinte maneira:

1. *Decida o que será verdade na nova realidade;*
2. *Encoraje a percepção de que se está a passar agora;*
3. *Decida que agora é verdade.*

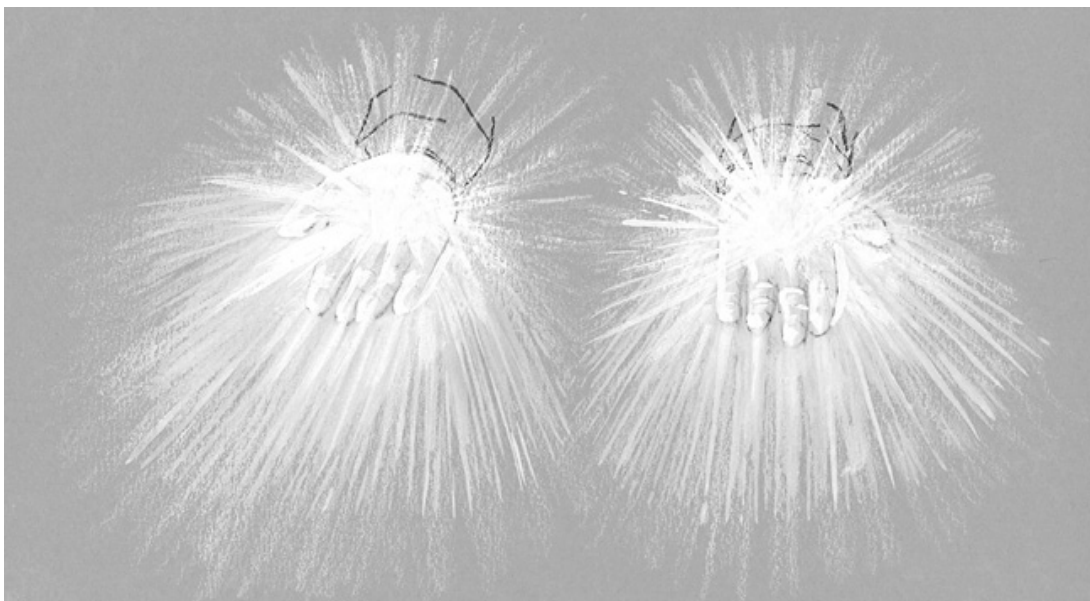


Figura B.4 Mãos Irradiando Luz Branca

Em função daquilo que sentiu até ao momento, terá já ficado a saber que consegue sentir a energia. Sabe-o porque fez a experiência. Terá ficado igualmente a saber que não só consegue detectar a energia, mas que a consegue dirigir, porque fez também essa experiência. Esta energia flui constantemente em si, e você agora tem consciência de que a pode dirigir com a sua consciência. Acreditamos, de facto, que você sempre dirigiu essa energia com a sua consciência.

Somos todos seres de energia, e quando bloqueamos com suficiente intensidade o fluxo dessa energia em nós, o resultado que daí advém é sempre um sintoma de qualquer ordem.

Todos os sintomas podem, portanto, ser descritos como tratando-se meramente de energia bloqueada. Dado que você tem a capacidade para dirigir a energia, você tem igualmente a capacidade para desbloquear a energia onde quer que ela tenha ficado bloqueada, tanto em si como nos outros. Quando o faz, a cura acontece.

Quando encaramos as coisas desta maneira, torna-se claro que *tudo pode ser curado*. Você pode curar qualquer coisa.

Afinal, não houve já um curador muito famoso no passado que afirmou que aquilo que ele era capaz de fazer, você também o era, e talvez ainda melhor? Não acredita que ele tivesse razão?

Tudo pode ser curado.

Vendo a Energia (Auras)

Graças a este exercício, virá a aumentar a subtileza das suas experiências subjectivas, experimentando realidades visuais alternativas. Recorde-se que os sentidos subjectivos, pela sua própria natureza, são subjectivos. Isto é, eles processam-se na sua própria consciência, e você poderá por vezes sentir que os está apenas a imaginar. Se isto é verdade para si, não precisa de invocar aqui a subjectividade da experiência como uma razão para invalidar a experiência.

No mundo científico é-nos ensinado que existem aquelas coisas que são verdadeiras e reais e aquelas outras que são apenas imaginárias. Isto implica que aquilo que é imaginado não é real. No campo dos sentidos subjectivos, porém, reconhecemos perfeitamente que ainda que algo seja apenas imaginado, isso não o torna menos real.

Ao entrar nas realidades visuais alternativas, irá utilizar as três etapas que agora já lhe serão familiares, e que são:

1. *Decida o que será verdade na nova realidade.* (Decida que irá ver algo de diferente.)
2. *Encoraje a percepção de que acontece agora.*
(Dê razões a si próprio para acreditar que a sua experiência lhe mostra que está a acontecer agora. Você está a começar a ver algo a acontecer agora.)
3. *Decida que agora é verdade.*
(Ainda que lhe pareça que esteja apenas a imaginar, decida que agora está já a ver qualquer coisa, e descreva a si próprio a experiência visual que está a ter e como ela se lhe afigura.)

Para começar, com as mãos sobre o colo, próximas uma da outra, mas sem que se toquem, recrie nas suas mãos a sensação que sentiu quando do exercício B ao dirigir a energia. Sinta as suas mãos irradiando energia. Decida que elas irradiam Luz Branca. Faça isso agora, antes de prosseguir.

Em seguida, observará as suas mãos no seu colo ao mesmo tempo que decidirá que elas irradiam Luz Branca e será capaz de imaginar que consegue ver a irradiação. Há quem a defina como as ondas de calor que se libertam do asfalto num dia tórrido de Verão, enquanto outros a vêem como sendo energia branca brilhando, mas decida em todo caso que verá qualquer coisa, e que será capaz de identificar aquilo que vir como sendo a

Luz Branca que irradia das suas mãos. Pode fazê-lo agora.

Se lhe pareceu que os seus olhos lhe estavam a pregar partidas, isso não faz mal. Apenas nos interessa agora uma experiência visual. Qualquer que ela tenha sido, e ainda que pensasse tratar-se de uma ilusão óptica, foi isso que você sentiu e se lhe pedissem agora para desenhar aquilo que viu, você seria capaz de o fazer. Para os nossos propósitos, isso serve-nos perfeitamente.

O passo seguinte poderá ser feito a sós olhando para o espelho, ou então olhando para o parceiro, directamente nos olhos da pessoa que se encontra à sua frente. Se ainda não estiver acostumado a ver a energia, saiba que se torna mais fácil quando a luz da sala onde se encontra for ténue e se houver um fundo uniforme por detrás de si.

Quer esteja a olhar para um parceiro ou para si próprio reflectido no espelho, é preferível que não olhe para a superfície dos olhos, mas para além deles, ou profundamente, para a pessoa que aí se encontra. Mantendo a sua atenção primária focada nesse ponto, permita à sua visão secundária, dita periférica, reparar naquilo que envolve a cara que está perante si.

Recorde-se da experiência visual que fez com as mãos, e procure algo semelhante. Poderá observar alterações na cara à sua frente. Ela poderá assumir outras formas, podendo inclusivamente tornar-se numa outra cara, e este é um fenómeno normal e natural para qualquer pessoa que faça a mesma coisa, expondo dessa forma as mesmas dimensões espirituais. Por enquanto, porém, mantenha apenas a sua atenção sobre a irradiação que consegue ver e que consegue identificar como sendo a aura.

Certas pessoas vêem-na como um brilho ou como uma luz, enquanto outras também conseguem observar umas cores ténues, tipo pastel. As cores que forem vistas podem ser relacionadas com os chacras, e revelam onde a pessoa se encontra a nível da consciência nessa altura. Se estiverem a irradiar verde-esmeralda, por exemplo, poderemos dizer que ela se encontra num estado de consciência relacionado com o Chakra Verde, e por aí adiante.

Faça agora a experiência durante pelo menos um ou dois minutos, tal como descrevemos há pouco, e se estiver a trabalhar com um parceiro comuniquem um ao outro aquilo que tiverem visto. Descobrirão possivelmente que se cada um de vocês tiver visto alguma cor, serão capazes de a relacionarem com aquilo que estava a ser sentido pelo outro

na sua consciência.



Figura C.1 Cara Irradiando Luz Branca

Se não tiverem visto quaisquer cores, descrevam apenas um ao outro aquilo que viram. Poderão repetir esta experiência as vezes que desejarem, mantendo estados de consciência diferentes, por forma a verificarem como a experiência visual se alterará. Por exemplo, você poderá fazer a experiência enquanto imagina que está a irradiar Luz Branca, ou outras cores, ou sentindo a energia no seu coração, ou raiva, ou ainda enquanto pensa de forma analítica, e verifique então as diferentes experiências visuais que lhe serão apresentadas.

Através da prática, será capaz de recriar esta experiência cada vez mais facilmente e sempre que o desejar, e será capaz de recorrer a ela como a mais um nível de comunicação, ao qual tem acesso e que lhe revelará aquilo que está a acontecer na consciência das pessoas que se encontram à sua volta. Ao aperceber-se da forma como os outros são visíveis, tornar-se-á consciente da sua própria visibilidade e deixará de investir tanta energia em fingir ser invisível, e será capaz de deixar de o fazer, apercebendo-se de que era tempo desperdiçado, passando nessa altura a investir a sua energia de uma maneira mais vantajosa.

Tudo pode ser curado

Meditação Sobre os Chacras

Através desta experiência irá dirigir a sua atenção sobre cada um dos chacras, um a um, focando primeiro e apenas as sensações físicas e em seguida fazendo uso da sua capacidade de imaginação, a sua habilidade para criar imagens, procurando ver as cores que aí se encontram. Não existe qualquer diferença entre a imaginação e a visualização, para além do facto de que a maioria das pessoas acredita mais na sua capacidade de imaginar do que na capacidade para visualizar. Elas sabem que até as crianças conseguem imaginar coisas... mas visualizar já é outra história.

Quando lhe for pedido para imaginar certas cores em certos sítios, poderá ter a impressão de ver outras cores que não aquelas que lhe são pedidas. Se isso se verificar, tome nota apenas da cor que viu, diferente daquela que lá deveria estar, elimine-a e substitua-a pela cor correcta. Poderá fazê-lo imaginando que está a fazer incidir luzes dessa cor sobre o chacra, ou que o está a pintar com a cor correcta, ou ainda imaginar um qualquer objecto dessa cor nesse sítio. Por fim acabará por ser capaz de criar uma impressão de que as cores correctas estão nos sítios certos, e de sentir os efeitos que isso terá.

Se tiver a impressão de ver cores diferentes daquelas que lhe são referidas, isso revelar-lhe-á algo acerca daquilo que se está a passar nessa parte da sua consciência. Poderá consultar então o «Guia de Referência da Linguagem das Cores» para perceber o que significam as cores que viu, à luz do nosso modelo de integridade, e a forma como a descrição que encontrará no guia corresponde àquilo que você já suspeitava estar a acontecer na sua consciência.



Figura D.1 Chakra Vermelho Irradiando

Agora, instale-se confortavelmente e faça a seguinte meditação:

Em primeiro lugar, dirija a sua atenção para a região do períneo e para as sensações físicas que aí sente. Sinta qualquer coisa. Decida que aquilo que sente é energia e, em seguida, decida que essa energia é de um vermelho brilhante. Se tiver a impressão de ver uma outra cor, tome nota dela e em seguida elimine-a e torne-a vermelha. Fique com a impressão final de uma bola de energia vermelha, clara e brilhante, no lugar onde sabe encontrar-se o seu Chakra Vermelho. Mantenha a sua atenção nesse lugar, fazendo isso durante alguns momentos.

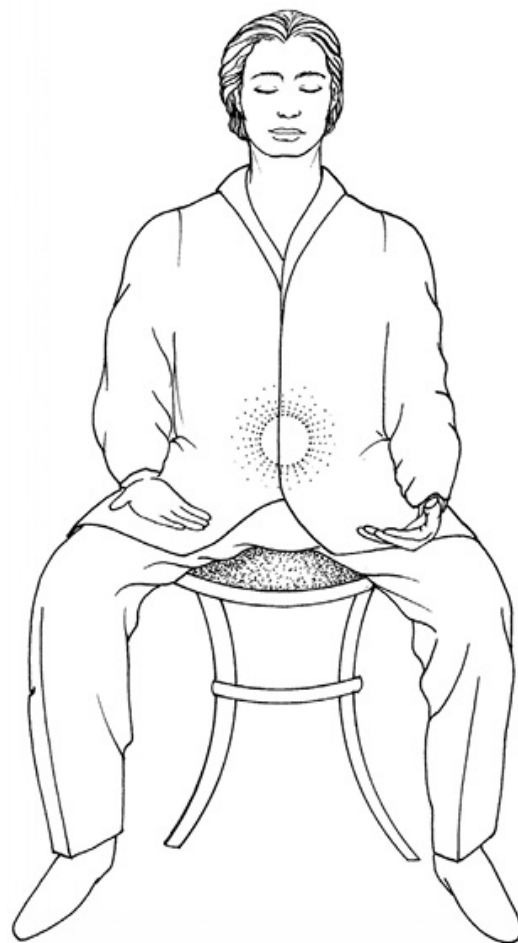


Figura D.2 Chakra Laranja Irradiando

Em seguida, desloque a sua atenção uns dez centímetros para cima, para o meio do abdômen e para as sensações físicas que aí experimenta. Sinta qualquer coisa e decida que aquilo que sente é energia. Em seguida decida que essa energia brilha de uma cor laranja. Se tiver a impressão de ver alguma outra cor, tome nota dela apenas e depois elimine-a, e faça com que ela fique laranja. Por fim, fique com a impressão de uma bola de energia laranja, clara e brilhante, no lugar onde sabe encontrar-se o seu Chakra Laranja e mantenha aí a sua atenção, fazendo isso durante alguns momentos.



Figura D.3 Chakra Amarelo Irradiando

Agora, desloque a sua atenção para a região do seu plexo solar.

Tenha consciência das sensações nesse lugar. Sinta qualquer coisa e decida que aquilo que sente é energia, e que essa energia é amarela. Se tiver a impressão de ver uma cor diferente, tome nota dela apenas e em seguida elimine-a e torne-a amarela. Fique com uma impressão final de uma bola de energia amarela, clara e viva, brilhando no seu Chakra Amarelo, e mantenha essa experiência durante alguns momentos.



Figura D.4 Chakra Verde Irradiando

Desloque agora a sua atenção para o centro do seu tórax, onde você sabe que se encontra o seu Chakra Verde. Torne-se consciente das sensações nesse lugar. Sinta qualquer coisa, e decida que aquilo que sente é energia que brilha verde-esmeralda. Se tiver a impressão de ver uma outra cor, tome nota dela apenas e em seguida elimine-a e torne-a verde-esmeralda. Mantenha presente essa impressão de uma bola de energia verde-esmeralda, clara e brilhante, no seu Chakra Verde durante alguns instantes, sentindo-a.



Figura D.5 Chakra Azul Irradiando

Agora transfira a sua atenção para a base da sua garganta. Tenha consciência das sensações que aí sente. Sinta qualquer coisa no lugar onde sabe encontrar-se o seu Chakra Azul e decida que aquilo que sente é energia, e que ela brilha azul, um azul-celeste. Se tiver a impressão de ver alguma outra cor, tome nota dela apenas e substitua-a. Decida que ela agora é azul-celeste. Mantenha presente o Chakra Azul durante alguns momentos.



Figura D.6 Chakra Índigo Irradiando

Em seguida, foque a sua atenção no centro da fronte. Torne-se consciente das sensações que aí tem, e sinta qualquer coisa no lugar onde sabe encontrar-se o seu Chakra Índigo, decidindo em seguida que aquilo que sente é energia que brilha com a cor índigo, a cor do céu numa noite de luar. Se tiver a impressão de ver qualquer outra cor que não essa, tome nota de qual é apenas e substitua-a. Decida que ela agora é índigo e durante alguns momentos mantenha presente a impressão de uma bola de energia índigo no seu Chakra Índigo.



Figura D.7 Chakra Violeta Irradiando

Agora, desloque a sua atenção para o topo da sua cabeça. Tenha consciência das sensações nesse sítio que reconhece como sendo o lugar onde se encontra o seu Chakra Violeta. Sinta qualquer coisa e decida que aquilo que sente é energia. Em seguida decida que essa energia brilha violeta, a cor da ametista. Se tiver a impressão de ver outra cor, note-a apenas e substitua-a. Torne-a violeta e mantenha presente a impressão final de uma bola de energia violeta, clara e viva, brilhando no seu Chakra Violeta.

Por fim, relaxe simplesmente e repare no estado que experimenta após a meditação comparado com o estado como se sentia antes da experiência. Irá detectar, sem qualquer dúvida, algum aspecto em relação ao qual se sinta melhor de alguma maneira, e compreenderá então os benefícios desta meditação, graças à sua experiência.

Esta meditação não o ajuda apenas a encontrar de novo o seu centro quando precisa de o fazer, mas fornece-lhe igualmente um inventário de tudo o que tinha estado a acontecer na consciência até pouco antes da experiência e um auto-retrato de onde você se encontra neste momento. Após este trabalho sobre si próprio poderá esperar ver agora corrigidas, ou pelo menos até certo ponto melhoradas, quaisquer condições de desequilíbrio que tivessem existido.

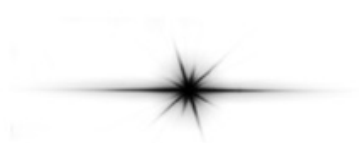
O inventário de onde agora se encontra consiste no resultado da análise das cores que foram vistas nos diversos chacras, à luz do «Guia de Referência da Linguagem das Cores» já referido.

Se apenas viu as cores correctas em áreas que à partida sabia estarem em desequilíbrio, como por exemplo áreas associadas a sintomas específicos que tenha estado a sentir, saberá então que a visão que fazia de si próprio não reflectia a realidade, mas o que desejava que fosse real. É fundamental que a visão que tem de onde se encontra a qualquer momento esteja livre de qualquer espécie de autodecepção, caso contrário deixará de ter ao seu dispor o mecanismo que lhe permite melhorar os aspectos que a parte mais profunda de si sabe estar em desequilíbrio.

Conheça-se a si próprio e saiba o que é verdade para si. Aceite-o.

É esse o ponto de partida para tudo o resto. Lembre-se, *tudo pode ser curado*.

SÉTIMA PARTE



Apêndices

A Linguagem das Cores

Associamos cores específicas a chakras específicos, num modelo que representa a integridade e a saúde e que utilizamos para a cura. Qualquer outra configuração de cores representará, portanto, outra coisa que não a saúde, algo que necessita de ser curado. Existem possibilidades para que se encontrem outras cores num determinado chakra, que não aquela que seja a sua cor natural, e a cor que aí se encontrar revelar-lhe-á algo acerca do estado desse chakra.

As diferentes combinações de cores, que podem ser encontradas num determinado chakra, representam um código, uma linguagem que todos conhecem, embora possam não saber que a conhecem. Poderá dar-se o caso, por exemplo, de que reconheça que a linguagem, que utiliza para descrever a sua relação com uma cor determinada, descreve na realidade a sua relação com os aspectos da sua consciência que são representados pelo chakra que tem como sua cor «natural» essa mesma cor.

Poderá igualmente aperceber-se de que, quando vir uma cor que não a cor natural de um chakra específico, estará a reconhecer uma condição de desequilíbrio de um modo que implica um conhecimento exacto do porquê e do como desse desequilíbrio. Isso quererá dizer que saberá igualmente o que é que tem de ser feito para reconduzir essa parte da sua consciência a um estado de equilíbrio perfeito. O que acaba de ser dito está de acordo com a ideia de que algures, no seu íntimo, sabe já com exactidão onde é que está e aquilo que acontece no seu interior.

Para além das sete cores «naturais» do espectro solar, outras cores poderão aparecer-lhe, e deverão ser interpretadas da seguinte forma:

O preto simboliza algo reprimido.

O branco representa algo que tenha evitado.

O cor-de-rosa é a cor do amor em acção, do amor que é dirigido.

O dourado é a cor dos anjos, bem como a cor que está associada ao curador operando uma cura com nenhum outro propósito que não seja ver o sujeito curado. Trata-se de uma consciência idêntica à consciência angélica, que não conhece igualmente outro propósito pessoal que não seja servir os humanos.

O prateado situa-se na mesma oitava que o dourado e representa o mesmo nível de consciência, possuindo contudo um carácter diferente, na

medida em que os extraterrestres transmitem as mesmas mensagens que os anjos, mas têm acesso a uma camada diferente da população em virtude da sua forma diferente.

Quaisquer outras cores ou combinações de cores deverão ser consideradas nos termos das combinações que elas representam à luz do que acima foi referido. Por exemplo, o cinzento consiste numa combinação do preto e do branco, o castanho é a combinação do verde e do vermelho, etc.

A linguagem das cores é descrita nas páginas seguintes.

Em vez de se concentrar nos pormenores, aconselhamo-lo a adquirir um sentido de como as combinações das cores podem ser usadas, e a ser criativo e flexível na sua interpretação das cores, por forma a descobrir a combinação de palavras que melhor possa «falar com» o indivíduo que sente o sintoma.

Guia de Referência da Linguagem das Cores

O CHACRA VERMELHO

Qualquer outra cor que não o vermelho neste chacra representa aquilo que o indivíduo considera ser a «chave» para aceder à segurança, para se sentir seguro, ou representa ainda uma qualquer consideração no que diz respeito à segurança. (A ideia subjacente é que o indivíduo não deveria precisar de recorrer a nenhuma dessas coisas como uma chave para se sentir em segurança, devendo antes encontrar essa chave em si próprio.) Quando visto noutra chacra, o vermelho representa a insegurança em relação aos atributos desse chacra.

LARANJA NO VERMELHO – Representa a alimentação ou o sexo como uma chave para aceder à segurança.

AMARELO NO VERMELHO – Representa a actividade mental, o poder, o controlo ou a liberdade como chaves para se sentir em segurança.

VERDE NO VERMELHO – Representa o amor ou o relacionamento como chave para se sentir em segurança.

AZUL NO VERMELHO – Representa fome de segurança, ou uma necessidade de receber para se sentir seguro.

ÍNDIGO NO VERMELHO – Representa a espiritualidade como chave para a segurança.

VIOLETA NO VERMELHO – Representa a união como sendo a chave para se sentir em segurança, ou a cor do pai no lugar da mãe, revelando o pai como sendo a energia que nutre. Revela igualmente uma confusão quanto ao papel sexual, entre os atributos considerados femininos e masculinos.

PRETO NO VERMELHO – Representa um medo reprimido, ou questões relacionadas com a segurança que tenham sido reprimidas. Representa, por exemplo, um medo e uma insegurança no que diz respeito ao dinheiro, ao lar ou ao emprego.

BRANCO NO VERMELHO – Representa evitar a segurança ou os aspectos relacionados com ela. Representa, por exemplo, evitar ser nutrido, evitar criar raízes, evitar a mãe.

O CHACRA LARANJA

Qualquer outra cor, que não o laranja, quando vista neste chacra é uma indicação daquilo que o indivíduo considera como sendo a chave para

aceder ao sexo e à alimentação, em vez de simplesmente escutar aquilo que lhe transmite o seu corpo.

O laranja visto noutro chacra aponta para o sexo ou para a alimentação como sendo uma chave para aceder aos atributos do chacra em questão.

VERMELHO NO LARANJA – Indica insegurança em relação ao sexo ou à alimentação.

AMARELO NO LARANJA – Representa o facto de que é a mente que diz ao corpo o que é que este deve ter, em vez de escutar o que este realmente transmite.

VERDE NO LARANJA – Aponta para uma confusão entre o amor e o sexo e para o facto de se estar a interpretar o sexo como amor. A atracção física é interpretada como sendo amor, ou ainda a percepção do amor como a chave para aceder ao sexo.

AZUL NO LARANJA – Indica uma fome de sexo ou de alimentação.

ÍNDIGO NO LARANJA – Representa a espiritualidade como chave para o sexo e para a alimentação.

VIOLETA NO LARANJA – Representa a união como sendo a chave para o sexo e para a alimentação, ou a figura do pai como uma compensação na área do sexo e da alimentação.

PRETO NO LARANJA – Indica repressão a nível das emoções, do sexo ou da alimentação.

BRANCO NO LARANJA – Representa o evitar das emoções, do sexo ou da alimentação.

O CHACRA AMARELO

Qualquer outra cor para além do amarelo, quando observada neste chacra, representa algo que o indivíduo encara como sendo a chave para o poder, o controlo, a liberdade ou a expressão de si próprio.

O amarelo quando visto noutros chacras representa a actividade mental, o poder, o controlo ou a liberdade como um factor que é tido em consideração no tocante aos atributos do chacra onde é visto.

VERMELHO NO AMARELO – Traduz uma insegurança em relação ao poder, ao controlo, à liberdade ou à definição de si próprio.

LARANJA NO AMARELO – Representa o sexo ou a alimentação como uma chave para o poder, controlo, liberdade ou para a definição de si próprio.

VERDE NO AMARELO – Traduz o facto de se definir a si próprio pelo

prisma do relacionamento, em vez daquilo que é verdadeiro para si. Reflete o sentimento de perda no seio de um relacionamento, da liberdade de ser você mesmo. Representa ainda o relacionamento como uma chave para aceder ao poder, ao controlo e à liberdade em vez de vislumbrar essas coisas no seu próprio interior.

AZUL NO AMARELO – Traduz uma fome de poder, de controlo, de liberdade ou de autodefinição.

ÍNDIGO NO AMARELO – Representa a espiritualidade como chave para aceder ao poder, ao controlo, à liberdade e à autodefinição.

VIOLETA NO AMARELO – Representa a união como chave para o poder, o controlo, a liberdade e a definição de si próprio, ou ainda a figura do pai como um factor que é tido em consideração nessas áreas.

PRETO NO AMARELO – Representa uma repressão do poder ou da ira.

BRANCO NO AMARELO – Representa evitar o poder ou a autodefinição.

O CHACRA VERDE

Qualquer outra cor que não o verde observada neste chacra, é uma indicação daquilo que a pessoa encara como sendo a chave para aceder ao amor ou ao relacionamento, ou constitui um factor que é tido em consideração nesta área.

Quando é visto noutra chacra, o verde indica que o amor ou o relacionamento são vistos como factores que são tidos em consideração em relação aos atributos do chacra onde é percepcionado.

VERMELHO NO VERDE – Traduz a insegurança em relação ao amor e aos relacionamentos.

LARANJA NO VERDE – Traduz uma confusão entre o amor e o sexo, em virtude de se encarar o sexo como uma chave para o amor. O indivíduo pensa que se não houver sexo não há amor.

AMARELO NO VERDE – Representa o poder, o controlo e a liberdade como chaves para aceder a um relacionamento ou ao amor, ou como sendo factores que são tidos em consideração nesse campo.

AZUL NO VERDE – Traduz uma fome de amor ou de relacionamento.

ÍNDIGO NO VERDE – Representa a espiritualidade como chave para aceder ao amor e ao relacionamento.

VIOLETA NO VERDE – Representa a união como a chave para aceder ao amor ou ao relacionamento, ou a figura do pai enquanto factor a ter

em consideração nesta área.

PRETO NO VERDE – Representa algo de reprimido no campo dos relacionamentos e das percepções do amor.

BRANCO NO VERDE – Representa o amor ou os relacionamentos evitados.

O CHACRA AZUL

Qualquer outra cor, que seja vista neste chacra para além do azul, representa aquilo que é considerado como sendo a chave para a expressão, em vez da naturalidade da expressão que reside no seu interior. Considerando o Chacra Azul no seu aspecto do receber, qualquer outra cor, que não o azul neste chacra, representa algo que impede a pessoa de ter o que deseja ou constitui uma barreira a que ela permita que as coisas entrem nela.

O azul visto noutra chacra aponta para uma carência em relação àquilo que é representado por esse chacra.

VERMELHO NO AZUL – Revela uma insegurança em relação a receber ou a exprimir alguma coisa.

LARANJA NO AZUL – Representa o sexo ou a nutrição, quer como chaves para a expressão, quer como preocupações que impedem a pessoa de ter algo.

AMARELO NO AZUL – Revela uma actividade mental e a existência de ideias que impedem a pessoa de receber. Uma energia em expansão que interfere com a receptividade.

VERDE NO AZUL – Representa o amor ou o relacionamento como chaves para a expressão, ou o amor sendo expresso de uma forma que impeça a pessoa de receber. Revela o facto de a pessoa dar algo que lhe é querido, enquanto expressão de amor, privando-se a ela própria.

ÍNDIGO NO AZUL – Representa a espiritualidade como chave para a expressão, impedindo a pessoa de receber aquilo que ela não considere como sendo espiritual.

VIOLETA NO AZUL – Representa a união como chave para a expressão, ou a figura do pai (a autoridade) enquanto factor a ter em consideração no campo da expressão, e afectando o processo de receber.

PRETO NO AZUL – Traduz a repressão da expressão do ser.

BRANCO NO AZUL – Traduz o facto de evitar exprimir-se, de evitar a comunicação, de evitar receber.

O CHACRA ÍNDIGO

Qualquer outra cor, que não o Índigo, quando vista neste chacra, aponta para aquilo que a pessoa considera ser a chave para aceder à espiritualidade.

Quando o índigo é observado noutra chacra, representa a espiritualidade como chave para aceder ao aspecto representado pelo chacra em causa.

VERMELHO NO ÍNDIGO – Traduz uma insegurança em relação à espiritualidade, ou uma identificação com o corpo físico, em lugar de uma identificação com o espírito ou com a consciência dentro de um corpo.

LARANJA NO ÍNDIGO – Representa o sexo ou a nutrição como chaves para aceder à espiritualidade.

AMARELO NO ÍNDIGO – Representa a actividade mental enquanto chave para aceder à espiritualidade, ou uma construção mental daquilo que é a espiritualidade em lugar da sua experiência directa. O poder, o controlo e a liberdade como factores a serem tidos em conta na área da espiritualidade.

VERDE NO ÍNDIGO – Representa o amor ou o relacionamento como chave para aceder à espiritualidade.

AZUL NO ÍNDIGO – Revela uma fome de espiritualidade.

VIOLETA NO ÍNDIGO – Representa a união como chave para aceder à espiritualidade, ou uma confusão entre união e espiritualidade, ou ainda a figura do pai enquanto factor a ter em conta na área da espiritualidade.

PRETO NO ÍNDIGO – Representa a repressão da espiritualidade. Aquilo que era profundamente verdadeiro para a pessoa ao nível do seu espírito terá sido reprimido.

BRANCO NO ÍNDIGO – Revela uma espiritualidade evitada. O evitar daquilo que é profundamente verdade para a pessoa, ao nível do seu espírito.

O CHACRA VIOLETA

Qualquer outra cor que não o violeta quando vista neste chacra indica a chave que é considerada para aceder à união ou ao pai. O violeta visto em qualquer outro chacra é uma indicação de que a união ou o pai são um factor que é tido em conta no aspecto de consciência representado pelo chacra onde ele é visto.

Quando visto em todos os chacras, ou na maioria deles, o violeta revela uma pessoa que busca ou vê o pai em toda a parte.

VERMELHO NO VIOLETA – Traduz uma insegurança em relação à união, ou indica a cor da mãe no lugar do pai, e uma confusão entre o desempenho dos papéis femininos e masculinos e das características de ambos.

LARANJA NO VIOLETA – Representa o sexo ou a nutrição como chaves para aceder à união ou ao pai.

AMARELO NO VIOLETA – Transmite a cor do poder, do controlo e da liberdade no lugar do pai ou da autoridade, ou a actividade da mente como chave para aceder à união.

VERDE NO VIOLETA – Representa o amor ou o relacionamento como chaves para aceder à união ou ao pai.

AZUL NO VIOLETA – Traduz uma fome de união, uma fome de direcção, uma fome do pai.

ÍNDIGO NO VIOLETA – Representa a espiritualidade como chave para aceder ao pai ou à união, ou uma confusão entre a união e a espiritualidade.

PRETO NO VIOLETA – Traduz uma repressão da união. A repressão de uma experiência profunda da alma, ou de sentimentos relacionados com a figura do pai ou com a autoridade, e que provoca um sentido de separação.

BRANCO NO VIOLETA – Representa evitar a união, evitar o pai.

Como Utilizar o Quadro de Análise dos Chacras

Alguns curadores acham interessante manter um registo das curas nas quais participaram por forma a poderem fazer uma correlação das correspondências. Isto é, são capazes de ver a correlação que existe entre sintomas específicos e as condições específicas que vêm nos chacras.

Pretende-se que o Quadro de Análise dos Chacras apresentado sirva apenas de exemplo. Poderá fotocopiá-lo do livro e utilizá-lo assim mesmo, ou poderá o leitor desejar criar a sua própria versão, mais adequada, talvez, às suas necessidades ou interesses específicos.

Na versão que aqui se apresenta, encontrará um espaço para escrever o nome da pessoa que está a ser curada e o seu signo astrológico, o nome do sintoma e os seus efeitos (o modo como essa pessoa o sente), bem como os efeitos imediatos e aqueles que (possivelmente) tardem a ocorrer.

No que se refere ao nome do sintoma poderá utilizar-se o termo médico que lhe é atribuído, por exemplo, asma, e quanto aos efeitos desse sintoma específico poder-se-á anotar por exemplo, «dificuldade em respirar». Embora o exemplo pareça óbvio e trivial, os benefícios de tais anotações em relação a sintomas menos usuais serão por demais evidentes.

Um benefício acrescido desta separação nas anotações tem a ver com o rephraseamento do efeito no indivíduo de um modo que reflecte a ideia de que foi ele que o criou (impedindo-se a si próprio de respirar, no caso do exemplo supracitado).

Quanto aos efeitos imediatos da cura, poder-se-ão anotar todos aqueles efeitos que no final da cura eram patentes (por exemplo, 80% da faculdade de respirar foi recuperada, a dor no peito foi eliminada). Quaisquer efeitos adicionais que possam surgir no período que se segue à cura poder-se-ão anotar como constituindo efeitos retardados da cura (respiração completa restabelecida uma semana após a sessão de cura, por exemplo).

À medida que o/a curador/a trabalha, ele/ela poderá anotar no Quadro de Análise dos Chacras aquilo que foi visto enquanto examinava o sistema energético – quais as cores que foram observadas em cada um dos chacras, que formas de pensamento foram vistas e retiradas, quais as condições que foram observadas nas raízes, por exemplo.

Naqueles casos em que a cura possa não ser total e imediata, o curador poderá achar interessante comparar aquilo que viu no sistema energético

do curado em visitas subsequentes, anotando no quadro a condição de estabilidade da cura, em que medida o curado aceitou ou não as alterações. Seria igualmente interessante comparar a forma como reagem os sistemas energéticos de dois curados com os mesmos sintomas específicos.

Será, então, igualmente possível correlacionar observações do sistema energético de curados que tenham tido sintomas não imediatamente identificáveis em termos das suas causas interiores.

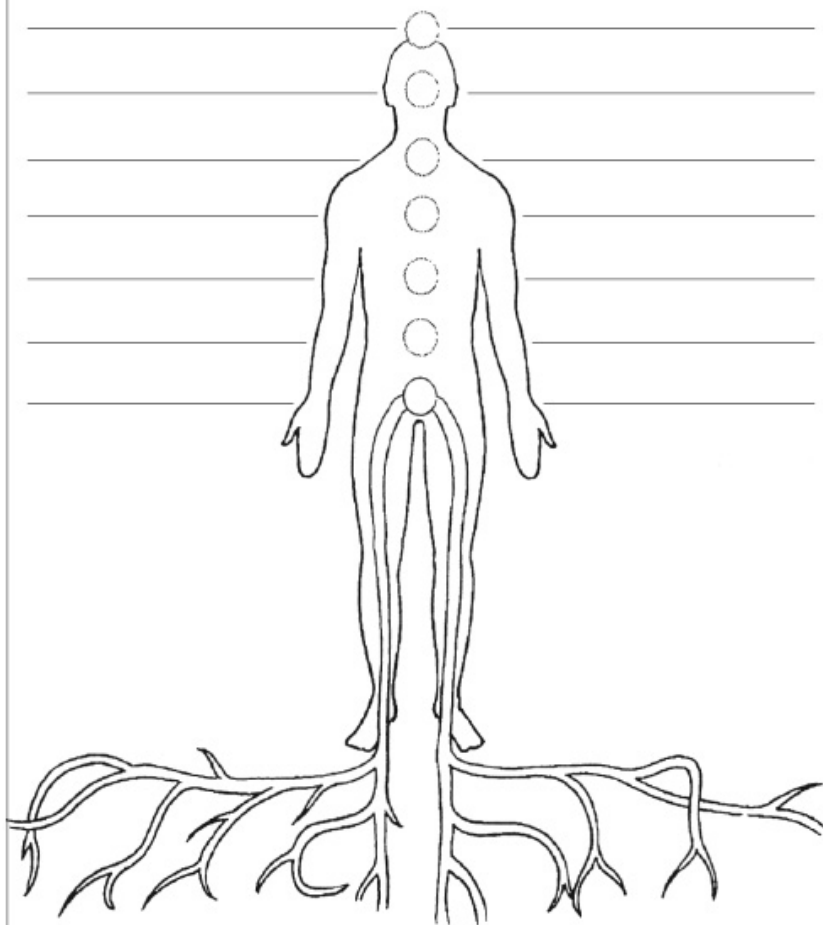
O Quadro de Análise dos Chacras é uma ferramenta excelente para criar uma documentação que pode ser igualmente utilizada no campo de estudos académicos ou a nível profissional e que vise provar que *tudo pode ser curado*.

QUADRO DE ANÁLISE DOS CHACRAS

Nome: _____ Data: _____

Cores vistas

Comentários
(Formas pensamento excluídas)



Terra (condições das raízes): _____

Terra (centro): _____

RELATÓRIO DE ANÁLISE DA CURA

Nome: _____ Data: _____

M/F: _____ Data de nascimento: _____ Signo astrológico: _____

Sintomas: _____

Efeitos dos sintomas: _____

Efeitos da cura, imediatos – segundo a pessoa a ser curada _____

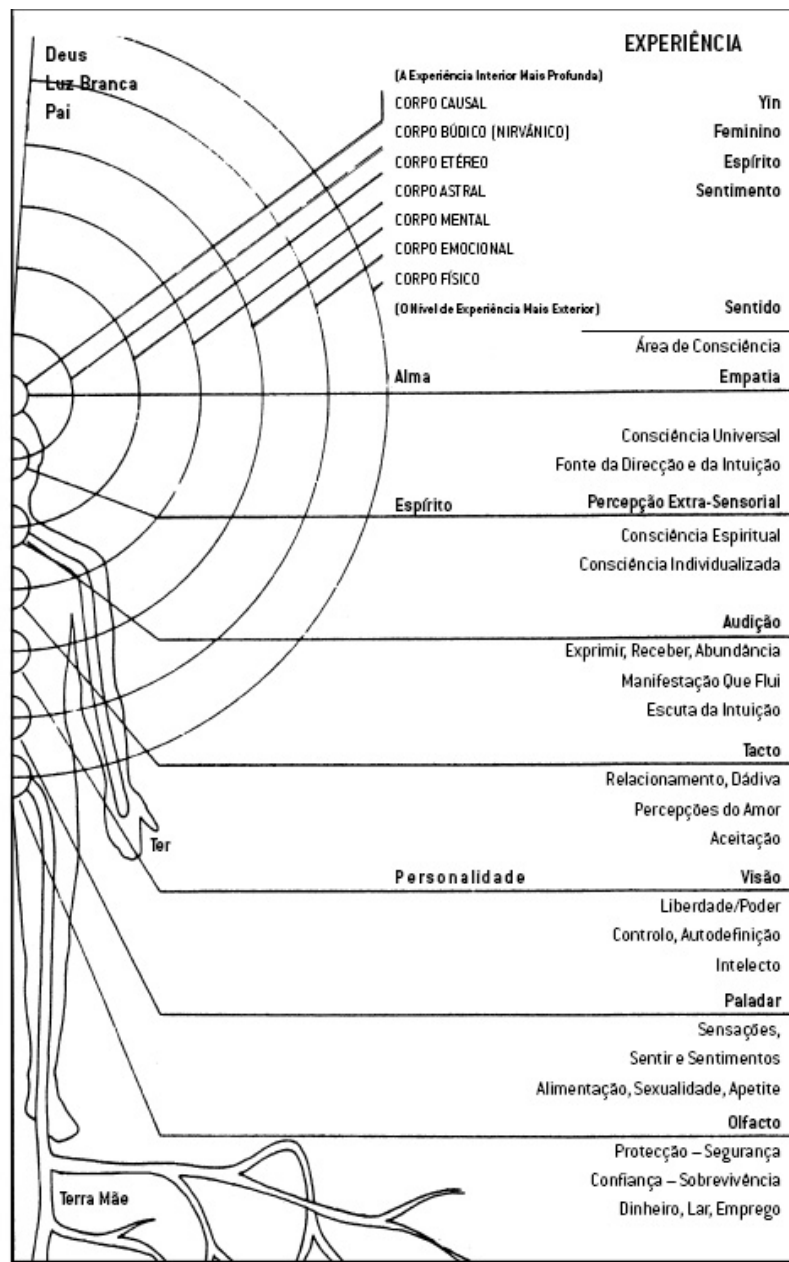
Efeitos da cura, retardados – segundo a pessoa a ser curada _____

Ambiente, comentários _____

Assinatura: _____

QUADRO DE REFERÊNCIA DOS CHACRAS

ESTRUTURA			
Yang			CORPO CAUSAL
Masculino			CORPO BÚDICO (NIRVÂNICO)
Vontade			CORPO ETÉREO
Ação			CORPO ASTRAL
			CORPO MENTAL
			CORPO EMOCIONAL
			CORPO FÍSICO
Vibrações	Nervos	Sistema	
Notas Musicais	Glândulas	Elementos	
Violeta	Cérebro	Sistema Nervoso	
B Si	Pineal	Luz Interior	
Índigo	Plexo Carótico	Crescimento Sistema Endócrino	
A Lá	Pituitária	Som Interior	
Azul	Plexo Cervical	Metabolismo	
G Sol	Tiróide	Éter	
Verde	Plexo Cardíaco	Respiração, Circulação, Sistema Imunológico	
F Fá	Timo	Air	
Amarelo	Plexo Solar	Pele, Músculos, Sistema Digestivo	
E Mi	Pâncreas	Fogo	
Laranja	Plexo Lombar	Reprodução e Assimilação	
D Ré	Gônada	Água	
Vermelho	Plexo Sacro	Esqueleto, Linfa Sistema Excretor	
C Dó	Supra-Renais	Terra	



The Body Mirror System © Martin Brofman 1988. Ilustração e layout: Jergen Heiland